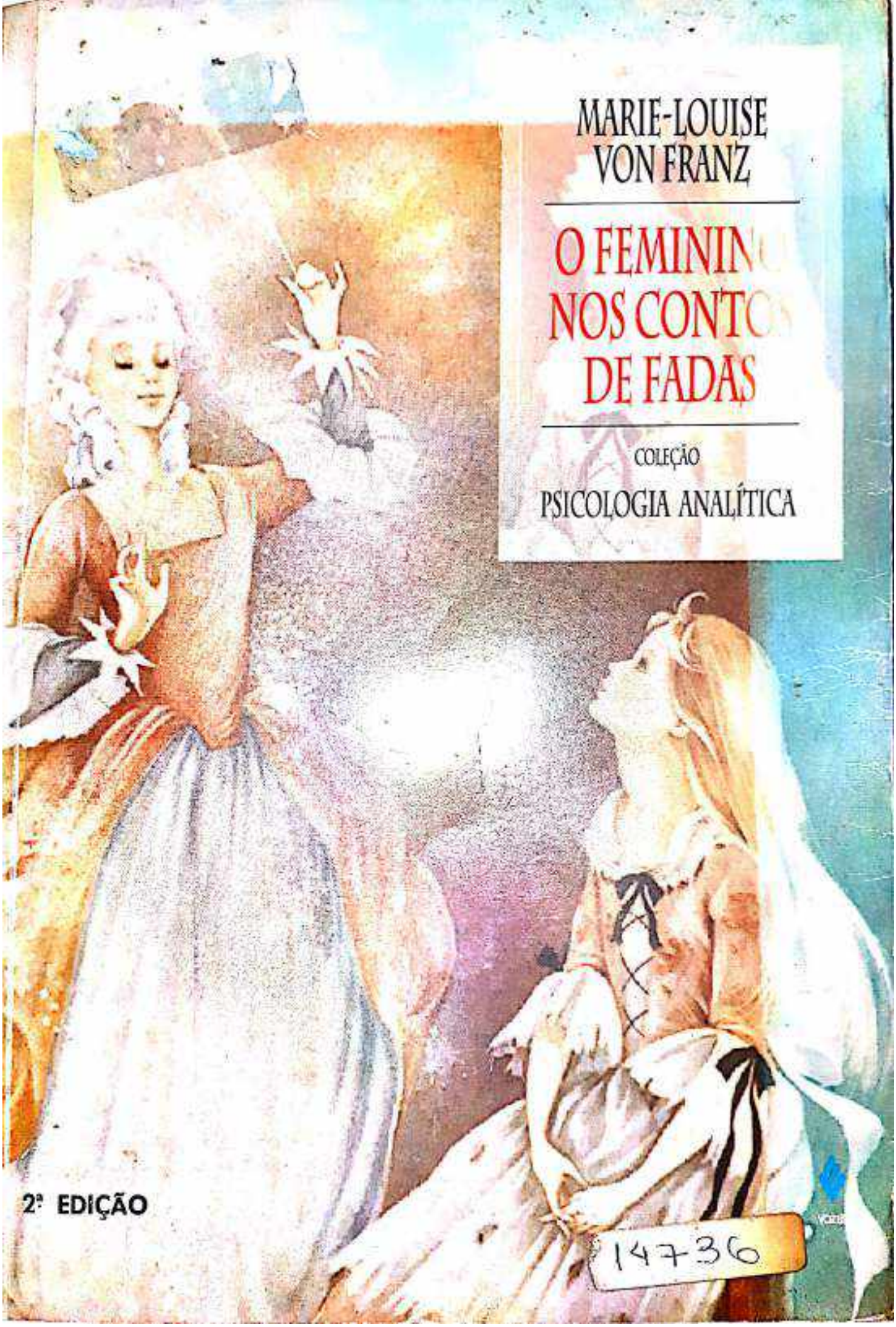

MARIE-LOUISE VON FRANZ

O FEMININ NOS CONTO DE FADAS

COLEÇÃO

PSICOLOGIA ANALÍTICA

2ª EDIÇÃO

14736

Digitalizado com CamScanner

O FEMININO NOS CONTOS DE FADAS

A 1901 N O 2001 S.

VOZES

Digitalizado com CamScanner

Coleção Psicologia Analítica
Coordenadores: Marly Guimarães e Lúcio Azevedo

1. *Suicídio e Alma* – James Hillman
2. *Paranóia* – James Hillman
3. *Imaginação é Realidade* – Roberts Avens
4. *Meditações Pagãs* – Ginette Paris
5. *O Feminino nos Contos de Fadas* – Marie-Louise von Franz
6. *Édipo e Variações* – Karl Kerenyi e James Hillman
7. *Arquétipos de Sedução* – Lúcio Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Franz, Marie-Louise von
O feminino nos contos de fadas / Marie-Louise von Franz ; tradução Regina Grisse de Agostino ; revisão técnica Lúcio Azevedo. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1995 – (Coleção psicologia analítica)

Título original : La Femme dans les contes de fées.
ISBN 85-326-1425-6

1. Contos de fadas 2. Jung, Carl Gustav, 1875-1961
3. Mulheres na literatura I. Azevedo, Lúcio. II. Título. III. Série.

95-1473 CDD-150.1954

Índices para catálogo sistemático:

1. Feminino nos contos de fadas : Psicologia analítica junguiana 150.1954
2. Mulheres nos contos de fadas : Psicologia análitica junguiana 150.1954

Digitalizado com CamScanner

MARIE-LOUISE VON FRANZ

O FEMININO NOS CONTOS DE FADAS

Tradução:
Regina Grisse de Agostino

Revisão literária e técnica:
Lúcio Azevedo

2ª edição

EDITORA VOZES

Petrópolis
2000

Digitalizado com CamScanner

Sumário

Prefácio à Coleção, 7
INTRODUÇÃO, 11
CAPÍTULO I
A Bela Adormecida, 23
CAPÍTULO II
Mãe e Filha, 41
CAPÍTULO III
A Reação da Deusa, 59
CAPÍTULO IV
NeveBranca e RosaVermelha, 81
CAPÍTULO V
A Jovem sem Mãos, 111
CAPÍTULO VI
A Mulher que se transformou em Aranha, 141
CAPÍTULO VII
Os Seis Cisnes, 163
CAPÍTULO VIII
A Bela Wassilissa, 199
CAPÍTULO IX
A Bela Wassilissa (Fim), 239
CONCLUSÃO, 261

Digitalizado com CamScanner

PREFÁCIO À COLEÇÃO

A COLEÇÃO PSICOLOGIA ANALÍTICA, criada pelo INSTITUTO DE PSICOLOGIA ANALÍTICA em conjunto com a EDITORA VOZES, tem como objetivo apresentar aos leitores temas diversos no campo da Filosofia, Psicologia, Literatura, Mitologia, História etc. Temas que possam expandir a Psicologia de Carl Gustav Jung, bem como contribuir para uma maior compreensão da natureza humana.

Destacamos com a realização desta coleção uma série de reflexões e pesquisas desenvolvidas no Instituto desde 1982.

A idéia básica de que o futuro da Psicologia depende de uma ação interdisciplinar sugere um percurso diferente do comumente trilhado pelos meios acadêmicos e profissionais, os quais carecem de uma abordagem mais abrangente do Ser Humano.

Apesar de nos encontrarmos a um século do nascimento da Psicologia Profunda como ciência, podemos afirmar que ainda se conhece muito pouco sobre os intrincados mecanismos e mistérios que envolvem a *Psique*. Ainda tateamos em um grande escuro no que se refere ao seu sentido, significado, essência e manifestações. Tal fato exige por parte dos especialistas em Psicologia uma série de cuidados para não se aterem tenazmente paralisados neste pouco já conhecido, principalmente quando se encontrarem frente a frente com o analisando. A *Psique*, a qual entendemos como Consciente/Inconsciente, Corpo/Mente unificados em processo constante de aprimoramento, não deve ser restringida por conceitos limitados e ultrapassados.

Digitalizado com CamScanner

Atuar na área de Ciências Humanas, mais especificamente em Psicologia, requer por parte do profissional disposição para deparar-se com o novo, o diferente, o inusitado, e não apenas disposição para lidar com o igual, o comum, o trivial. É através das criações do Ser Humano, desde as artesanais até às grandes obras literárias, que podemos formular hipóteses sobre esse universo fabuloso que é a *Psique* e sua propensão inata para a Individuação.

Jung sempre enfatizou em suas obras o quanto a práxis analítica se auto-articula em dois aspectos fundamentais: 1) *O Saber:* que significa o nível de conhecimento do profissional. Conhecimento não restrito aos manuais de Psiquiatria e Psicologia, mas voltado para as mais diversas formas de expressão do comportamento humano manifestadas nas produções artísticas, culturais e científicas. Assim a Psicologia afirma-se mais como ciência, libertando-se da condição arcaica, ora pragmática e obscurantista, ora mística e sensacionalista.

Acreditamos que geralmente aprende-se mais sobre o Ser Humano em romances e pinturas que intuitivamente refletem os seus dramas do que em livros didáticos pautados unicamente em generalizações de técnicas, diagnósticos, prognósticos, limitadores do horizonte humano. 2) *A Personalidade:* ao nível cultural e intelectual do analista, deve-se somar a preocupação com a qualidade de sua personalidade. Em seu livro *A Prática da Psicoterapia*[1] Jung afirma que a diferenciação moral da personalidade é tão importante quanto o conhecimento: "A terapia que não leva em conta a qualidade da personalidade do analista pode, quando muito, ser concebida como uma técnica racional; como método dialético, porém, torna-se impraticável, pois exige que o analista saia do seu anonimato e preste contas de si mesmo, exatamente como faz com o paciente."

Estes dois aspectos constituem o objetivo principal da "Coleção Psicologia Analítica": proporcionar informações valiosas para a atuação clínica e ao mesmo tempo estimular o leitor a dirigir seus olhos para si mesmo, e posteriormente lançá-los para a Natureza e para outros seres humanos.

Como coordenadores da Coleção, idealizamos, a cada livro escolhido e tema apresentado, contribuir para a expansão do legado de Jung e também prestar homenagem ao

1. JUNG, C.G. *A prática da Psicoterapia*. Petrópolis, Vozes, 1988.

Digitalizado com CamScanner

grande sábio que nos proporcionou a gratificante experiência de contemplar e conviver com o maravilhoso universo dos arquétipos.

Aquele que busca uma profunda inteligibilidade sobre dramas e conflitos contemporâneos encontra na Psicologia Analítica uma síntese cultural da escalada humana. Esta perspectiva criada por Jung evoca a história da formação da mente humana, facultando a convicção de que o homem só pode impulsionar-se para o futuro de maneira saudável ao compreender os ecos do passado dentro de si.

Refletindo sobre as aspirações, fantasias, sonhos e manifestações arquetípicas, o analista encontra a história do mundo no analisando, tendo assim um instrumental de trabalho que possibilita levar o analisando a encontrar seu lugar e discernir seu papel na história do mundo.

Complementamos que a vastidão e riqueza da Psicologia Analítica nos faz compartilhar da tocante visão de Fellini:[2] "Jung acompanha-nos à porta do incognoscível e deixa que vejamos e compreendamos por nós próprios.

Os seus pensamentos, as suas idéias, não pretendem tornar-se doutrina, mas sugerir apenas um novo ponto de vista, uma atitude diferente que poderá enriquecer e fazer evoluir nossa personalidade, guiando-nos para um comportamento mais consciente, mais aberto e reconciliando-nos com as partes removidas, frustradas, mortificadas, doentes de nós próprios. Indubitavelmente, Jung é mais congenial, mais amigo, mais nutriente para quem acredita que deve realizar-se na dimensão de uma fantasia criativa. Freud, com as suas teorias, obriga-nos a pensar; Jung, pelo contrário, permite-nos imaginar, sonhar, e parece-nos, ao penetrar no obscuro labirinto do nosso ser, que sentimos a sua presença vigilante e protetora."

Temos que as impressões de Fellini constituem o *leitmotiv* do que esperamos proporcionar aos leitores, através dos livros que compõem esta coleção.

Lúcio Azevedo
Marly Guimarães

2. FELLINI, F. e GRAZZINI, G. Fellini por Fellini. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1985.

Digitalizado com CamScanner

INTRODUÇÃO

Na sua origem, e até por volta do século XVII, os Contos de Fadas se destinavam menos às crianças que à população adulta. Essa situação prolongou-se nos meios rurais onde, até uma época relativamente recente, contadores e contadoras de histórias animavam as tradicionais vigílias. Progressivamente, no entanto, o desenvolvimento da corrente racional e seu corolário, a recusa do irracional, fizeram com que os contos populares fossem vistos apenas como absurdas histórias de velhinhas, que só serviam para distrair as crianças.

Até há pouco tempo, a maioria dos adultos não se exporia ao ridículo de levar os Contos de Fadas a sério. Estes, entretanto, já haviam se tornado objeto tanto de estudos científicos como literários; diversas teorias foram elaboradas sobre o assunto e as coletâneas de Contos multiplicaram-se em diversos países. Não voltarei a essa questão tratada anteriormente[1]. Contentar-me-ei em assinalar o presente ressurgimento do interesse do público por essa forma de literatura popular. Os ensaios de interpretação e as abordagens psicológicas a que deram lugar certamente têm parte nisso, e veremos que a Psicologia de C. G. Jung, em particular, nos permite penetrar seu sentido.

1. Cf. Marie-Louise von Franz, *L'Interprétation des Contes de Fée*, trad. francesa de F. Saint René Taillandier, ed. La Fontaine de Pierre, Paris, 1978, cap. I. (N. T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

dando-lhes nova vida. E assim, nos torna capazes de receber as lições e os efeitos benéficos que, em todas as épocas, coube a essas narrativas transmitir.

Antes de abordar o assunto do presente estudo, especialmente consagrado às *figuras femininas* que aparecem nos Contos de Fadas, questionaremos primeiramente se o sexo da pessoa que conta a história exerce alguma influência sobre ela.

Alguns editores, preocupados com a precisão científica, fornecem indicações sobre seus "informantes". Os contadores de histórias com quem as narrativas foram recolhidas são ou camponeses, pessoas perfeitamente normais, ou velhos estranhos, ou ainda pessoas neuróticas com tendência esquizóide; o que quer que sejam, podem pertencer tanto a um quanto ao outro sexo.

Quanto a mim, penso que a narrativa terá uma tonalidade um pouco diferente na medida em que for relatada por um narrador ou uma narradora. Ilustrarei essa afirmativa com um exemplo: um de meus amigos, professor de desenho, propôs a seus alunos que reprsentassem uma cena de sua escolha do conto de Grimm nº 6: *João, o fiel* (Der treue Johannes). Sabemos que esta história reflete a Psicologia masculina, e que sua única figura feminina é pouco representativa. Tratava-se de uma classe mista. Todos se puseram ao trabalho com igual entusiasmo, mas os meninos escolheram as cenas heróicas e dramáticas que valorizavam as personagens masculinas às quais se identificavam, ao passo que as meninas representaram a personagem feminina, na qual se reconheciam. Pode-se então supor que as versões dos Contos, na forma em que chegaram até nós, sofreram ora uma influência feminina dominante, ora a marca masculina, e que assim certos traços foram sublinhados e outros atenuados, segundo tenham sido relatadas, em último lugar, por um homem ou por uma mulher.

Isso suscita naturalmente uma segunda questão: a personagem feminina de um Conto representa verdadeiramente a mulher, sua situação e sua Psicologia? Com efeito, o fato de uma figura feminina representar o papel nuclear numa narrativa não significa que esta trate da mulher e dos problemas femininos como as mulheres os sentem, porque muitas das histórias que descrevem as aventuras ou os sofrimentos de uma mulher foram contadas por homens;

Digitalizado com CamScanner

são desenvolvimentos e projeções de sua imaginação, que exprimem suas aspirações e suas dificuldades em viver seu próprio pólo feminino e em se relacionar com as mulheres.

Esses problemas se refletem claramente, por exemplo, no tema muito conhecido da esposa abandonada que deve passar por longas provas para reencontrar o esposo. É o caso de Psiqué em busca do Amor, cuja bela história nos é contada por Apuleio em seu romance *O Asno de Ouro*[2]. Nos antigos textos gnósticos aparece a figura de *Sophia*, personificação feminina da sabedoria divina, sobre quem são relatados mitos fabulosos: sendo a filha mais jovem da divindade, ela deseja conhecer o Pai, chamado Abismo; esse desejo temerário a leva a cair na matéria, no sofrimento e nas dificuldades em que é mantida prisioneira, e dos quais não cessa de suplicar que a livrem. Esse tema é também encontrado na tradição judia da Cabala, sob a forma da *Shékhina* perdida. Ora, sabemos que esses textos foram compostos por homens, e que essas figuras saíram da imaginação e do espírito masculinos. Sofhia ou Shékhina são, portanto, aspectos do que Jung denominou a *Anima* do homem. Sabemos que Jung assim designa o que se pode chamar o "pólo feminino" do homem, constituído principalmente pelas qualidades de sensibilidade, imaginação, intuição, etc., que a imagem coletiva do macho "viril" obriga o homem a mais ou menos rejeitar. Esses aspectos dele próprio, mesclados ao impulso instintivo que o impele para o outro sexo, tenderão a manifestar-se em imagens ilusórias, devaneios e sonhos sob a forma de figuras femininas.

Em *Raízes da Consciência*[3], Jung mostra a influência da mãe sobre a formação, no homem, da imagem da mulher, de sua Anima. A primeira experiência que o homem tem da mulher é, normalmente, a da mãe, com tudo o que ela comporta de sensações, emoções e sentimentos mesclados, que permanecem mais ou menos inconscientes. É assim que a mãe marca não só os aspectos "femininos" do filho, mas também a imagem que ele cria da mulher, suas aspi-

2. Este conto é comentado por M.-L. von Franz em *L'Ane d'Or. Interprétation d'un Conte*, adaptação francesa de F. Saint René Taillandier, ed. La Fontaine de Pierre, Paris, 1978, cap. V e VI. (N. T. ed. franc.).

3. Cf. C.G. Jung, *Les Racines de la Conscience*, trad. franc. de Yves Le Lay, ed. Buchet-Chastel, Paris, 1971, p. 77 e seg. (N. T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

rações, exigências, e seus temores face às mulheres. Essa imagem, vaga e mítica, que oscila em sua imaginação e seus desejos entre a deusa e a prostituta, evolui ao contacto das mulheres reais que encontra ou ama. Um dos problemas do homem é aprender a ajustar suas fantasmagorias à realidade e reconhecer em sua parceira um outro indivíduo humano: nada mais, mas também nada menos! É essa fantasmagoria que Mitos, Contos e mesmo sonhos, em que as figuras femininas são, dependendo do caso, Princesa, Bruxa ou Fada boa e maternal, nos dão a conhecer. Da mesma forma, desenvolvem-se na mulher qualidades "viris", imagens, e a espera do parceiro. Jung denominou esse pólo "masculino" da mulher: *Animus*.

Voltando à questão espinhosa que colocamos anteriormente, o que representam as personagens femininas nos Contos de Fadas? Ou, em outros termos, a Princesa nasceu de uma imaginação feminina ou de uma imaginação masculina? Diremos que esses motivos não são assim tão fáceis de demarcar porque, mesmo na realidade, não podemos separar inteiramente as duas: a mulher real exerce uma influência sobre a Anima do homem e, inversamente, a Anima do homem influencia a mulher. Essa questão será esclarecida e sua complexidade posta em relevo se refletirmos sobre as interações que se produzem na realidade entre a Anima de um lado, e a mulher concreta de outro.

A mulher pode ter uma influência educadora e transformante sobre o Eros do homem. Um homem, sobretudo se estiver muito absorvido pelas atividades profissionais ou intelectuais, terá freqüentemente tendência a se mostrar um tanto rude e indiferenciado no campo do sentimento.

Volta para casa, beija distraidamente a esposa, come, mergulha no jornal ou na televisão e vai dormir, esquecendo que deveria se interessar por ela e com ela conversar, mantendo um diálogo verdadeiro. Se têm uma relação sexual, de que poderia ela queixar-se? Não vê a pessoa que sua mulher é, ou suas necessidades, nem o que ela teria para lhe dar. É nesse campo que a atitude da mulher pode ter um efeito transformante. Se for capaz de sustentar seus direitos de ser humano sem cair sob a influência do que Jung denomina um Animus negativo, espírito de recriminação ou de desencorajamento que pioraria a situação, e se têm uma boa relação com o homem com quem vive, poderá

Digitalizado com CamScanner

fazê-lo compreender certos aspectos da Psicologia feminina. Assim como ele sofreu inicialmente a influência da mãe na formação de seu sentimento, as mulheres que encontrará posteriormente representarão um papel importante na edificação de sua Anima e de sua função de Eros.

Mas a mulher, por sua vez, sofre a influência da Anima do homem. Uma mulher que se comporta espontaneamente de determinada maneira, ao observar que o homem que ama, ou por quem está interessada, fica chocado ou perturbado com seu comportamento, porque este fere a imagem que tem da mulher, tenderá a adaptar-se ao que o homem deseja por medo de perdê-lo. Mesmo ainda muito jovem, uma menina compreende logo que se entrar no jogo da Anima do pai sendo meiga e graciosa, obterá dele o que quiser. A "filhinha do papai" afastará a mãe, que exige que ela mantenha as unhas limpas e seja pontual na escola; saberá dizer "papai" num tom tão charmoso que ele se derreterá e cairá em sua armadilha. É assim que a menina começa a tirar partido da Anima do homem, adaptando-lhe o seu comportamento. Isto de certo modo é bom, porque ensina a futura mulher a conhecer as reações masculinas e a entrar com discernimento no jogo do instinto que rege a relação entre os sexos, mas essa atitude comporta um perigo. Adulta, essa "mulher-Anima" adota o papel que lhe sugere ou impõe o homem por quem está interessada em determinado momento, assim como o meio masculino, profissional ou não, em que se insere. Perde sua autonomia e só tem consciência de si mesma enquanto espelho dos desejos de seu parceiro. Torna-se a "mulher-objeto". O homem poderá achá-la maravilhosa, pelo menos durante algum tempo, mas quando ele lhe faltar, se sentirá arrasada, pois sua consciência da própria personalidade depende unicamente daquele que está à sua frente.

Algumas mulheres cedem inteiramente aos caprichos da Anima do homem. Uma conhecida minha tinha pés pequenos e sensíveis; porque o marido gostava de saltos agulha, torturou-se, contra a opinião dos médicos, para lhe agradar. Uma mulher só age assim por medo de perder o amor do homem; quando sente que este só está ligado a ela como encarnação de sua Anima, sente-se obrigada a representar este papel. Mas, neste caso, o marido só a ama como um de seus devaneios, e não como pessoa independente que

Digitalizado com CamScanner

teria, como ele, o direito de manter-se firme sobre os dois pés – apenas um simulacro de sentimento. Se, em lugar de sujeitar-se em silêncio, tivesse recusado gentilmente, talvez ele ter-se-ia apercebido que a mulher existia!

Não importa que essas interações pareçam positivas ou negativas, uma mulher assim é muito afetada pela Anima do homem, o que nos leva, tanto da parte de um como do outro parceiro, a um nível de Consciência muito primitivo, coletivo e indiferenciado, em que não se pode mais distinguir o que pertence à Anima do que é característico da personalidade da mulher. Quando as duas estão assim confundidas, atuam uma sobre a outra, o que é fonte de incessantes conflitos.

Em nossa civilização judaico-cristã, ou seja, numa tradição estritamente patriarcal, não existe a imagem arquetípica da mulher; nas palavras espirituosas de Jung, ela não tem representação no "Parlamento de Cima". O resultado é que de um lado a Anima do homem é negligenciada, e de outro a mulher fica incerta quanto à sua própria essência; não sabe nem o que é, nem o que poderia ser. Só lhe restam duas soluções: regredir a um modelo de comportamento instintivo primitivo e agarrar-se a ele para resistir às pressões que sofre por parte da civilização, ou cair numa atitude de Animus e identificar-se inteiramente a ele, tentando construir uma imagem masculina de si mesma para compensar a incerteza que sente interiormente quanto à sua natureza. É assim que encontramos "a esposa devotada", "a perfeita dona de casa" e "a mãe que sacrifica tudo pelos filhos", o que é bastante meritório se a mulher não tiver perdido aí toda a sua personalidade e não fizer com que seus familiares paguem as frustrações sofridas para realizarem tais proezas. Ou, inversamente, tentarão assemelhar-se aos homens, pondo tudo de si em suas carreiras, em sua ambição, etc., para isso sacrificando toda vida sentimental e individual.

Numa estrutura matriarcal, como no sul da Índia, as mulheres confiam espontaneamente em sua natureza feminina. Têm consciência de sua importância, do fato que possuem traços particulares que as diferenciam dos homens, e de que estes não implicam em nenhuma inferioridade. Têm uma segurança inteiramente natural em suas existências e em seu comportamento humanos.

Digitalizado com CamScanner

Em um nível primitivo e inconsciente, a imagem da mulher e da Anima do homem se confundem mais ou menos numa mesma realidade psicológica; esta vem sofrendo uma lenta transformação no decurso dos séculos. A atual evolução é plausivelmente a soma de milhares de reações individuais que se produziram em particular durante os 3 ou 4 últimos séculos. A amargura sentida por incontáveis mulheres por terem sido rejeitadas ou insuficientemente apreciadas, e por não terem podido fazer viscejar suas riquezas, acabou por desencadear a aparição do movimento de emancipação da mulher no início do século XIX. Tais movimentos de massa, que têm um importante *arrière-plan* psicológico, são o resultado de inúmeras experiências individuais e desenvolvem-se lentamente de maneira subterrânea, antes de explodirem na superfície, de sorte que o problema se coloque enfim de maneira consciente à coletividade. Veremos que essas correntes subterrâneas se refletem entre outros, nos Contos de Fadas.

Devemos, portanto, começar por um paradoxo: as personagens femininas dos Contos não representam nem a Anima nem a mulher, mas as duas. Às vezes uma domina, outras vezes é a outra; estaremos num terreno relativamente seguro se reconhecermos que certos contos tendem mais a representar a mulher concreta, e outros, a Anima, segundo o sexo daquele que imprimiu sua marca na narrativa.

Como jamais podemos afirmar com certeza se é a mulher ou a Anima que está em causa, e porque as duas são indissociáveis, a melhor abordagem será a de tentar interpretar a história segundo as duas hipóteses. Constataremos então que algumas são muito ricas quando interpretadas do ponto de vista da mulher, ao passo que do ponto de vista do homem são menos reveladoras, ou inversamente. É assim que decidi falar inicialmente sobre alguns contos de Grimm que se prestam melhor a uma interpretação do ponto de vista feminino, sem com isso excluir o fato de que concernem igualmente aos problemas da Anima.

Algumas vezes foi dito – erradamente, em minha opinião – que o Mito é a história dos deuses e os Contos de Fadas a dos seres humanos. Essa teoria se choca com o fato de que em certas narrativas folclóricas as personagens têm nomes de deuses mitológicos. Assim, em certas versões de *A Bela Adormecida*, as Fadas têm nomes de deusas, como veremos

Digitalizado com CamScanner

adiante; e, em inúmeras versões, os dois filhos da Heroína recebem os nomes de Sol e Lua, ao passo que em outras, são chamados Aurora e Dia (cf. Perrault). Como a mãe do Sol e da Lua também não é um ser comum, pode-se concluir que a história é uma alegoria que se refere ao mito de Leto dando à luz Apolo e Diana na ilha de Delos. Por outro aspecto, o Sol e a Lua com a mãe é um tema alquímico bem conhecido. Michel Maïer representa, Latona e seus dois filhos com cabeças de Sol e de Lua, no emblema XI de *Atalanta Fugitiva*[4]. Não voltarei agora ao papel relevante dos símbolos alquímicos nos Contos de Fadas, tema tratado anteriormente[5]. Em *A Bela Adormecida*, pode-se observar, entre outras, uma alegoria da Noite dando à luz a Lua ou a Aurora, depois o Sol e o Dia. De um ponto de vista psicológico diremos que, nos Mitos como nos Contos, as personagens são figuras arquetípicas que, à primeira vista, não têm nada a ver com os seres comuns ou com os caracteres descritos pela Psicologia.

Uma ocasião, tratei de uma mulher bastante simples. Filha de um marceneiro, tinha sido criada numa região montanhosa muito primitiva e pobre. Estava próxima da esquizofrenia, se já não era efetivamente esquizofrênica. As vozes que ouvia, suas visões e seus sonhos, produziam um material arquetípico dos mais notáveis. Embora tivesse aprendido a profissão de cabeleireira, a invasão de seus fantasmas a impedia de exercê-la. Trabalhava como faxineira, mas mostrava-se tão brigona e extravagante que só podia trabalhar em fábricas nos horários em que não havia ninguém. Viu-se, por conseguinte, repelida até as fronteiras da sociedade humana. Por outro aspecto, era uma pessoa verdadeiramente religiosa, que se poderia comparar a Thérèse Neumann. Estava de fato tão absorvida por suas visões que não podia adaptar-se ao mundo exterior. Em nossa primeira entrevista, a despeito de seu desejo, não conseguiu, durante os 60 minutos de sessão, entrar em contacto

4. Michel Maïer, *Atalante Fugitive*, trad. franc. de Etienne Perrot, ed. Librairie de Médicis, Paris, 1969, p. 120.

5. Cf. M.-L. von Franz, *L'Interprétation des Conte des Fées*, trad. cit., p. 189-191; *L'Ane d'Or, Interprétation d'un Conte*, trad. cit., p. 226 a 232 e cap. XII: *"La matiére et le Vase Mystique"*; *La Voie de l'Individuation dans les Contes de Fées*, trad. franc. de F. Saint René Taillandier, ed. La Fontaine de Pierre, Paris, 1978; p. 78 e *passim*. (N. T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

comigo. Seu Complexo do Ego era demasiadamente fraco; era-lhe preciso inicialmente habituar-se à minha pessoa e ao lugar onde estávamos. Conseguiu por fim dizer-me que não se podia falar de assuntos como Deus sem preparação. Isso é verdade, porque é preciso um ambiente íntimo e amical para poder compartilhar um segredo de tal importância. Aceitei, portanto, que nos víssemos com menos freqüência, consagrando-lhe, contudo, uma tarde inteira nos dias de encontro. Eu não a recebia no meu consultório: íamos a um albergue onde bebíamos qualquer coisa, ou dávamos um passeio. Durante cerca de 1 hora ou hora e meia, ela não falava nada, ou então dizia tolices, o que era extremamente cansativo. Então, para trazê-la de volta à realidade, olhava para o relógio ou lhe lembrava que estava na minha hora de voltar para casa para o jantar. Ela estremecia e começava subitamente a falar de suas experiências interiores ou me contava um sonho como se fossem ocorrências concretas. Para impedir que mergulhasse novamente em seu mundo puramente arquetípico, e para reforçar sua Consciência, eu lhe dizia: "Sim, mas foi um sonho." Não estando desnorteada ao ponto de não se dar conta disso, ela sempre aquiescia. Mas quando eu observava em seguida que ela não podia mais continuar, ficava perturbada, como um artista quando se interfere em seu trabalho. Com efeito, uma pessoa habitada por uma idéia criadora nascente corre o risco de ser detida e mutilada por uma interrupção e de perder o fio de sua inspiração. A primeira emergência de uma idéia criadora não deve ser perturbada. Não se deveria jamais comentar tais idéias antes que tenham assumido uma forma definida, porque são evanescentes e mais frágeis que recém-nascidos. É por isso que todas as pessoas que criam são muito sensíveis às interrupções. Tendo observado o mesmo fator nessa mulher, guardava meus comentários para o fim, quando pensava que era justo trazê-la um pouco de volta à realidade concreta, seguindo nisso o exemplo dos Contos de Fadas, nos quais freqüentemente um comentário, uma frase, nos expulsa da narrativa, mas somente quando ela chegou ao fim.

Essa pessoa podia, portanto, contar-me histórias arquetípicas as mais incríveis, como se fossem verdadeiras. Temos aí, extraído da realidade, um exemplo da maneira como um Conto de Fadas pode surgir: alguém conta uma história

Digitalizado com CamScanner

dramática de tema clássico que existe sob uma ou outra forma na literatura folclórica e, no final, constata-se que foi um sonho. Nesses casos, dá-se uma completa identificação entre o narrador e sua história; mais tarde, se for repetida, ela se modifica, se completa e se reestrutura, ao passo que os motivos pessoais são deixados de lado.

Os Contos terminam freqüentemente com uma frase do gênero: "E o galo cantou cocorocó, a alvorada chegou, e meu conto acabou." O que significa que chegou o momento de despertar da atmosfera onírica do conto, pois, quando o galo canta, é hora de pular da cama! Existem muitas fórmulas que, sem exceção, constituem uma espécie de "ritos de saída". Elas nos recordam que o Conto se passa num mundo imaginário e que as personagens e os eventos que nele se desenrolam pertencem a um universo que é o domínio do Inconsciente. É um "outro mundo", que contrasta com o da vida e das pessoas comuns. Assim se estabelece espontaneamente um movimento de vai-e-vem entre o Consciente e o Inconsciente.

No Mito e no Conto, as personagens são pouco definidas e esquemáticas; correspondem ao que Lévy-Bruhl denominou "representações coletivas". Como os temas dos Contos emigram, não se pode relacioná-los com uma determinada Consciência coletiva nacional, senão quando se trata de uma versão local bem precisa. Nesse caso contêm uma enormidade de materiais que compensam e contradizem as idéias admitidas pelo Consciente Coletivo do país onde são contados.

A pessoa acima mencionada às vezes me relatava sonhos em que Deus Pai lhe aparecia e lhe falava, e o que dizia correspondia à sua educação cristã. Não havia a menor dificuldade em chamar determinada personagem o Pai, e outra o Espírito Santo. Certa vez, no alto de uma montanha, sentiu ao seu lado a presença de um belo homem, e ouviu que lhe dizia: "É preciso pintar isto de verde, para resgatar você mesma, bem como a humanidade." Ela respondeu que não era capaz de fazê-lo, e a voz retorquiu: "Eu a auxiliarei." Pareceu-lhe que tinha podido fazê-lo e lhe foi permitido descer da montanha; encontrou-se então num hotel, na hora em que estava acordando. Quando perguntei-lhe a quem pertencia a voz, respondeu-me que era do Espírito Santo, e, com efeito, nada se opunha absolutamente a que

Digitalizado com CamScanner

essa presença que havia sentido ao seu lado fosse assimilada à "representação coletiva" do Espírito Santo, o que fez a sonhadora sem hesitar, embora o sonho não o tenha precisado. É evidente que num outro sistema religioso ela teria dado à personagem divina um outro nome.

Se, o que é freqüente, aparece uma figura que não corresponde aos dados coletivos do meio a que pertence o sujeito, e é impossível situá-la em relação a esses dados, ele dirá que ela se assemelha a tal ou tal figura que conhece, ou tentará dar-lhe um nome imaginário. Suponhamos que uma pessoa tenha uma experiência, onírica ou não, com uma figura numinosa que apresente todas as características de uma Deusa mãe, mas que se deleite com extravagâncias e brincadeiras sexuais dignas da Baubo do mito de Deméter. Se a pessoa tiver sido criada na tradição católica, não lhe será possível assimilar essa visão à Virgem, e, como esta é a única representação feminina do numinoso de que dispõe, não a nomeará, ou então inventará um nome, como a "Mãezinha sempre Verde", ou algo assim. Mas esse não é um nome oficial e, em nossa cultura, não adoramos tal deusa. É por isso que as pessoas sonham espontaneamente com figuras de Contos ou de Mitos, ou com Deuses pagãos que correspondem melhor ao conteúdo que procura manifestar-se. O que explica porque os Contos de Fadas, que põem em cena experiências interiores que não coincidem inteiramente com as concepções correntes, dão algumas vezes às suas personagens nomes de deuses, nomes estranhos, ou então não as nomeiam. Mais do que o Mito, o Conto nos esclarece sobre o desenrolar da função compensatória do Inconsciente.

O que o Inconsciente Coletivo procura manifestar, que não é exprimido nas "representações coletivas" conscientes? Os próprios Contos nos fornecem informações de grande valor a esse respeito. Assim, alguns contam histórias abomináveis a propósito de personagens religiosas. Em certas regiões, existem contos em que Jesus se comporta de forma escandalosa: faz com que São Pedro o acompanhe e o engana, de maneira que este é espancado pelo hospedeiro em seu lugar, etc. O ingênuo São Pedro é evidentemente uma vítima perfeita, e o conto destaca o inconveniente de tomar ao pé da letra a candura e a não agressividade do perfeito discípulo do Cristo. Por outro lado,

Digitalizado com CamScanner

um conto tcheco põe em cena um velho fraco sentado numa árvore, pedindo ajuda para descer; no fim da história descobre-se que se trata de nada menos que o próprio Deus. Imaginemos a divindade senil e incapaz de descer de uma árvore! No entanto, o fato de que é uma encantadora jovem que vai ajudá-lo, constitui uma compensação bastante justa para nossas idéias fossilizadas e intelectualizadas, e para nosso abstrato mundo masculino.

A paciente que mencionei, de vez em quando é tomada por terríveis furores contra Deus. Pretende que Ele é insuportável e corre atrás das mulheres, o que a obriga a expulsá-lo de seu quarto. Diz: "Deus, de novo, aproximou-se demais de mim." Acha que é um ser imoral, uma espécie de charlatão enganador, e por sua vez aprendeu a usar de astúcia com Ele. Então Ele a deixa tranquila por algum tempo. Mas que ela conte isso a um padre! Tentou fazê-lo no passado e nenhum quis escutá-la. Não se sente à vontade quando Deus se aproxima dela, e são esses os momentos em que tem visões. Quando Ele se afasta, ela é mais normal e mais próxima da realidade concreta. É assim que os Contos de Fadas exprimem os conteúdos inconscientes, para os quais a mentalidade coletiva não dispõe de uma linguagem.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO I

A BELA ADORMECIDA

O conto que desejo estudar em primeiro lugar é o tão conhecido *A Bela Adormecida*. Os diferentes temas que o compõem podem ser encontrados em grande número de narrativas e Mitos. Assim, o tema das "fadas", de velhas mulheres ou parteiras que exprimem votos por ocasião do nascimento de uma criança está presente em vários romances da Idade Média, como *Huon de Bordeaux*. O tema do despeito de uma das figuras tutelares que teria sido deixado de lado aparece igualmente em textos dessa época, e, como veremos adiante, remonta aos Mitos antigos, assim como o tema do longo sono. Todos esses temas podem ser encontrados por toda a parte, no Oriente como no Ocidente.

Duas narrativas do século XIV, romances alegóricos no estilo da Renascença, apresentam analogias interessantes com nosso conto. Uma delas é uma novela catalã intitulada *Irmão de Alegria e Irmã de Prazer*. A outra é uma passagem do romance francês *Perceforest*. O próprio nome do Herói-cavaleiro lembra o de *Perceval*, o que o relaciona com as lendas do Graal.

No episódio de Perceforest intitulado "L'aventure de Troylus et de Zellandine", as mulheres que vêm se debruçar sobre o berço da princesa têm os nomes de 3 deusas: Lucina, Têmis e Vênus. Esse é um traço significativo, porque aclara um pouco a personagem da mãe arquetípica do

Digitalizado com CamScanner

final da Idade Média, visto que esses nomes designam certos aspectos da Deusa mãe que faltam na figura cristã de Maria. *Lucina* (a Luminosa) era um dos nomes de Juno, e também de Diana, *Têmis* era a Deusa da justiça e da vingança, e Vênus, como sabemos, a Deusa da beleza e do amor, mãe de Eros. Vimos anteriormente que os nomes das crianças, em contos do estilo de *A Bela Adormecida*, Lua e Sol ou Aurora e Dia, remetem igualmente a um *arrière-plan* alegórico e mitológico. O emprego de nomes herdados da Antiguidade Clássica era muito corrente, e podemos encontrar alguns exemplos em narrativas dos séculos XI e XII, mas nelas os papéis atribuídos aos Heróis diferem consideravelmente do que era dito sobre os Deuses originais. Se, de um lado, os Deuses pagãos exprimem conteúdos inconscientes reprimidos pelo monoteísmo, por outro lado, o fato de atribuir nomes de Deuses ou de Deusas às personagens de um conto pode revestir um caráter erudito e histórico, bem ao gosto da Renascença, e apresentar um certo aspecto regressivo. Naquela época, a atitude em relação a esferas tais como o amor e a sexualidade ainda estava impregnada de cultura cristã, tanto que esses jogos em moda nas Artes e na Literatura, dos quais participam os Deuses antigos podem parecer um tanto artificiais.

As narrativas sobre eremitas que dormiam ou permaneceram em êxtase durante 100 anos numa gruta, ou as aventuras relatadas por narrativas antigas e medievais, como a de Epimênides de Cnossos que dormiu 57 anos, ou ainda a dos Adormecidos de Éfeso, que tanto a lenda cristã quanto o Corão relatam, bem como as aventuras contadas por Chrétien de Troyes ou Marie de France a propósito de uma heroína adormecida, demonstram suficientemente a importância e a difusão do tema nuclear de *A Bela Adormecida*.

Uma teoria que foi muito discutida em sua época nos círculos literários e eruditos, dava como fonte desse tema a tragédia de Ésquilo intitulada *Aetnae*. Nessa obra do grande poeta grego, Talia (uma das Deusas da beleza), filha do Deus ferreiro Hefestos, foi, como muitas outras mulheres, amada por Zeus e perseguida pela ciumenta Hera. Para protegê-la, o senhor dos Deuses escondeu Talia nas entranhas de Terra até que ela deu à luz os gêmeos Palicos. Destacava-se, em apoio a essa tese, que na versão italiana do tema da Bela Adormecida, Sole, Luna e Talia, que é um dos episódios do *Pentamerone* de Basile, a heroína tem o nome dessa Deusa.

Digitalizado com CamScanner

Mas poderia igualmente tratar-se de uma simples alusão literária.

O único motivo que parece certo e que ressalta desses exemplos (o presente estudo, que tem por objeto a *interpretação* dos Contos, não é um ensaio literário e histórico, e proponho aos que se interessam pelo assunto, a consulta a obras especializadas)[1] é que o tema nuclear do conto *A Bela Adormecida* parece remontar a uma época muito antiga e ter sido largamente divulgado, o que é confirmado pelo fato de que as diferentes versões que dele conhecemos variam pouco entre si em sua substância. É notável constatar como um Conto de Fadas pode sobreviver vários séculos, quase inalterado. Isso se explica pelo fato de que ele reflete uma estrutura psicológica humana de base e portanto universal. Mesmo quando um conto emigra e se adapta numa certa medida ao país onde ocorre um novo enraizamento, seu tema fundamental permanece intacto, pois ele exprime um processo comum a todos os seres humanos. Razão pela qual, do ponto de vista da Psicologia das profundezas de C. G. Jung, as querelas literárias e as teorias contraditórias a propósito das sobrevivências e das migrações de temas, ainda que interessantes, nos provocam um certo cepticismo; não procuramos acrescer-lhes mais uma hipótese. Para nós, com efeito, é um fato de experiência corrente que esses temas arquetípicos possam surgir a qualquer hora ou lugar, pois nascem espontaneamente dos fantasmas e sonhos dos contemporâneos, não importa seu contexto cultural e étnico ou seu interesse pela literatura folclórica. Pode-se afirmar, num certo sentido, que todo sonho é uma espécie de conto surgido espontaneamente do Inconsciente, que, sob uma forma simbólica, nos conta uma história plena de sentido. Por isso o estudo dos Contos é uma excelente preparação para a compreensão da vida onírica e de seus processos.

1. Em *Les Contes de Grimm, Mythe et Réalité*, Col. Circé, Ed. Lettres modernes, Paris, 1979, Antoine Faivre consagra algumas páginas às "*Exégèses Jungulennes*" nas quais compara as teorias de M.-L. von Franz às de Hedwig von Beit. Ao fazê-lo, ignora a grande parte que coube a M.-L. Franz na elaboração dos 3 volumes de *Symbolik des Märchens* publicados em Berna em 1952, com a assinatura de H. Von Beit. As interpretações de contos que essa obra comporta são de autoria de M.-L. von Franz. Cf. *L'Interprétation des Contes de Fées*, trad. cit., p. 23, e *C.G. Jung, son Mythe en Notre Temps*, ed. Buchet-Chastel, Paris, 1975, p. 153, nota 39. (N. T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

Temas como os da busca e libertação da Princesa, da figura que desaparece ou morre para renascer ou reaparecer, se encontram tanto nos Mitos quanto nos Contos e Lendas, bem como em grande número de sonhos individuais. É suficiente recordarmos o mito de Deméter: a cada inverno ela perde a filha Perséfone que desce aos Infernos onde se reúne ao esposo Plutão, para retornar a cada primavera; como demonstrou Karl Kerényi, trata-se de um mitologema difundido no mundo inteiro, do qual a *Bela Adormecida* é apenas uma versão particular.

Esse conto, sob uma ou outra forma, provavelmente jamais deixou de ser contado em nosos campos por mães, amas de leite e "avós", ainda que tenhamos perdido seus traços durante um longo período. Na Alemanha, a Bela Adormecida despertou desse longo sono graças aos irmãos Grimm que a redescobriram por intermédio de uma mulher de Cassel, que foi uma de suas fontes principais. Publicada em 1812[2], com outros contos que haviam recolhido, a história teve de imediato um sucesso imenso. Escritores e poetas nela se inspiraram, pois se prestava particularmente a representar a Anima do poeta – sua musa – no movimento alternado de sono e despertar próprio da inspiração.

As versões inglesas, intituladas *Briar Rose* (Rosa Silvestre) ou, mais freqüentemente, *Sleeping Beauty*, são em geral traduções ou adaptações do conto de Grimm nº 50: *Dornröschen*, literalmente: *Pequena Rosa Espinhosa*.

Na França, ao contrário, em 1696 Charles Perrault havia publicado uma versão da *Bela Adormecida* no *Mercure Galant*, antes de unir esse conto à sua antologia literária de nossos contos folclóricos, os famosos "Contes de ma Mère l'Oye" (Contos da Mamãe Gansa), publicados com o título de *Histoires ou Contes du Temps Passé*[3], que não cessaram de alimentar, no curso das gerações, a imaginação de

2. *Die Märchen der Brüder Grimm, Kinder- und Hausmärchen*, ed. de bolso: Goldmann, Münich; e J. e W. Grimm, *Les Contes*, trad. franc. de Armel Guerne, ed. Flammarion, Paris, 1967. Edições parciais dos contos de Grimm: Club français du Livre, 1959 e col. "Folio", Gallimard, 1976, escolha de contos prefaciados e traduzidos por Marthe Robert; "Bibliothèque de la Pléiade, 1973, trad. de Y. Delétang-Tardiff; Presses de la Renaissance, 1978, trad. de Myriam Viliker. (N.T. ed. franc.).

3. *Contes de Perrault*, ed, Garnier, Paris, 1967. Esta edição, de Gilbert Rouger, apresenta uma interessante introdução. (N.T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

crianças, jovens e velhos. Transcrevemos aqui o conto de Grimm, mais curto e menos conhecido do público francês que o de Charles Perrault que, como sabemos, não apenas oferece uma versão que prossegue após as núpcias do Príncipe e da Princesa com outras peripécias, mas ainda ornamenta o conto com alusões relativas à Corte do Rei-Sol. Sua versão, numa deliciosa forma literária, é portanto um pouco "enfeitada" no detalhe, embora a conformção do conto tenha sido mantida.

ROSA ESPINHOSA OU A BELA ADORMECIDA

Era uma vez um rei e uma rainha que repetiam dia após dia: *"Se ao menos tivéssemos um filho!" Mas nunca conseguiam. Um dia em que a rainha foi se banhar, uma rã saltou da água, foi em sua direção e disse: "Seu desejo será realizado; em menos de um ano você porá no mundo uma filha."*

O que a rã havia anunciado ocorreu, e a rainha deu à luz uma filha que era tão bonita que o rei, cheio de alegria, decidiu dar uma grande festa. Convidou parentes, e quis também que viessem as mulheres sábias, para que se mostrassem favoráveis e benfazejas para a criança. Elas eram em número de 13 no reino, mas como no palácio só havia 12 pratos de ouro para servir-lhes a refeição, foi preciso deixar uma de lado.

A festa se desenvolveu de maneira esplêndida; no final, as Fadas deram à criança maravilhosos dons: uma, a virtude; outra, a beleza; a terceira, a riqueza; e assim por diante, com tudo o que se pode desejar no mundo. A décima primeira acabara de pronunciar seu voto quando de repente apareceu a décima terceira. Queria desforrar-se por não ter sido convidada. Sem uma saudação, e sem olhar para ninguém, lançou em voz alta essa maldição: "A princesa, quando estiver com 15 anos, se espetará num fuso e cairá morta." E, sem mais palavras, deu meia volta e saiu da sala. Em meio à consternação geral, a décima segunda Fada, que ainda não havia pronunciado seu voto, avançou em direção ao berço; incapaz de anular a maldição, podia, no entanto, atenuar seus efeitos, então disse: "Não é na morte que a princesa vai mergulhar, mas sim num sono profundo que vai durar 100 anos."

Digitalizado com CamScanner

O rei, procurando preservar sua filha querida da má sorte, ordenou que todos os fusos do reino fossem queimados. Os dons das Fadas se realizaram plenamente e a criança tornou-se tão bela, virtuosa, graciosa e inteligente que todos os que a viam não podiam deixar de amá-la.

No dia em que completou 15 anos, o rei e a rainha precisaram se ausentar e a jovem princesa ficou sozinha no castelo. Andou de um lado para o outro, visitando os quartos, as galerias, os salões e os depósitos, ao capricho de sua fantasia. O passeio conduziu-a finalmente a uma velha torre. Subiu os degraus de uma estreita escada em caracol e encontrou-se diante de uma pequena porta. Havia uma velha chave enferrujada na fechadura e, quando ela a fez girar, a porta abriu, e ali, num pequeno cômodo, havia uma velha mulher sentada, com um fuso na mão, ocupada em fiar o linho.

"Bom dia, vovozinha", disse a princesa, "O que está fazendo?" "Estou fiando", disse a velha com um meneio de cabeça. "E esse objeto que dança alegremente, o que é?" disse a jovem, e tomou o fuso desejando fiar também.

Mas mal o tinha tocado a sorte se cumpriu e ela picou o dedo. Logo que sentiu a picada, caiu sobre uma cama que havia ali, mergulhada num sono profundo.

O sono se difundiu pelo castelo inteiro, começando pelo rei e pela rainha que estavam acabando de chegar e ainda se encontravam no salão, onde adormeceram e, com eles, toda a corte. Foi assim que os cavalos adormeceram nas cavalariças, os cães no pátio, os pombos no telhado, as moscas nas paredes; também o fogo deixou de arder na lareira, ficou silencioso e apagou; e o assado no espeto parou de crepitar, e o cozinheiro que ia puxar os cabelos do ajudante por alguma tolice, largou de mão e adormeceu. O vento cessou, e nem uma única folha se mexia nas árvores que cercavam o castelo.

Em torno do castelo uma sebe de espinhos começou a crescer e a cada ano ficava maior e mais espessa, de tal forma que o castelo ficou inteiramente cercado, e depois coberto, a ponto de não mais poder ser visto, nem mesmo o estandarte no alto do telhado. E pouco a pouco, em todo o país circulou a lenda da bela Flor de Espinho adormecida, pois era esse o nome que se havia dado à princesa. Príncipes vieram de quando em quando para forçar uma passagem

Digitalizado com CamScanner

através da sebe e penetrar no castelo, mas era impossível porque os espinhos resistiam como se tivessem mãos e os jovens ficavam presos neles; não conseguindo livrar-se acabavam tendo uma morte miserável.

Depois de muitos anos, um filho de rei passou pelo país e um velho contou-lhe sobre a sebe de espinhos e o castelo que estava por detrás, no qual uma princesa de uma beleza fantástica chamada Flor de Espinho, dormia há 100 anos, assim como o rei, a rainha e a corte inteira. O avô desse príncipe também lhe havia contado que vários filhos de reis tinham vindo e tentado passar através da sebe de espinhos, mas que todos tinham ficado presos nela, morrendo de uma triste morte. O jovem príncipe declarou então: "Eu não tenho medo; quero ir lá e ver a bela Flor de Espinho." Embora o bom velhinho tenha feito de tudo para dissuadi-lo, não escutou os seus conselhos.

Mas os 100 anos haviam justamente se escoado e chegara o dia em que a princesa devia despertar. Quando o príncipe avançou em direção à alta sebe espinhosa, encontrou apenas belas e grandes flores desabrochadas que se afastavam para abrir-lhe passagem, e que se fechavam em seguida, refazendo a sebe. No pátio do castelo, viu os cavalos deitados, e os cães de caça que dormiam; no telhado, pombos, todos com as cabeças sob as asas. E quando entrou no interior do castelo, as moscas dormiam nas paredes; o cozinheiro, em sua cozinha, mantinha o braço estendido como se quisesse alcançar o ajudante, e a criada estava sentada, tendo nas mãos a galinha preta que ia depenar. Penetrou na grande sala, e viu a corte real adormecida, todos deitados aqui e ali; e mais adiante, perto do trono, o rei e a rainha estendidos no chão. Prosseguiu, e tudo estava tão calmo e silencioso que podia escutar sua respiração; por fim subiu na torre e abriu a porta do pequeno quarto onde a bela princesa Flor de Espinho dormia. Deitada ali, estava tão bela que não podia deixar de olhá-la; debruçou-se sobre ela e deu-lhe um beijo.

Sentindo o beijo, Flor de Espinho abriu os olhos, acordou e olhou o príncipe com um olhar terno. Então desceram unidos, o rei também acordou, e em seguida a rainha e toda a corte, e todos se entreolharam assustados. Os cavalos no pátio levantaram e resfolegaram; os cães de caça se ergueram abanando a cauda; os pombos, no telhado, tiraram a

Digitalizado com CamScanner

cabeça de sob a asa, inspecionaram os arredores e levantaram vôo; as moscas recomeçaram a subir ao longo das paredes, o fogo reacendeu na cozinha e, flamejante, voltou a cozinhar, o assado no espeto crepitou novamente, e o cozinheiro deu um bom tapa no ajudante, fazendo-o gritar, enquanto a criada voltava a depenar sua ave.

Foi então celebrado com esplendor o casamento do príncipe com Flor de Espinho, e eles foram felizes para sempre.

Quando nos reportamos às diferentes variantes desse conto, ressalta de sua comparação o tema geral: por ocasião do nascimento ou batismo de uma princesa, um certo número de Fadas é convidado, ao passo que uma delas fica excluída. Essas "fadas" se aproximam das velhas mulheres sábias e cheias de experiência, um pouco feiticeiras e curandeiras, que presidem aos partos. É assim que a palavra que as designa no conto de Grimm, *Weise Frau*, designa tanto as mulheres sábias quanto as parteiras. A "fada" esquecida lança sobre a criança, por despeito, uma sorte que a fará morrer aos 15 anos. Essa maldição é no entanto atenuada por uma Fada benfazeja. O número de Fadas varia segundo os casos: ora são 3 (como as Parcas), ora 7 e 8, ou 12 e 13, o que exclui qualquer teoria definitiva a esse respeito. Na narrativa de Grimm é dito que 12 foram convidadas e a décima terceira excluída, ao passo que em Perrault, 7 são convidadas e a oitava esquecida. Duas podem ser as razões para a omissão de uma das Fadas: ou sua existência foi esquecida por estar há muito tempo retirada numa torre (cf. Perrault), ou então não havia copos, pratos e talheres de ouro em número suficiente para todas (cf. Grimm). Ela fica magoada com essa falta de consideração e amaldiçoa a criança.

Em certas versões, os que tentaram atravessar a sebe, feridos e retidos pelos espinhos, encontram ali uma morte miserável (cf. Grimm). Segundo outras variantes, presos na sebe, eles adormecem, contaminados pela sorte dos moradores do castelo. Na versão alemã, o príncipe que veio libertar a jovem teve simplesmente a sorte de chegar no dia em que o período fatídico de 100 anos havia chegado ao fim; não se trata portanto de uma questão de mérito: a sebe de espinhos torna-se uma sebe de rosas, que se abre diante dele. A versão de Perrault também é desse estilo. Mesmo

Digitalizado com CamScanner

nas narrativas em que o príncipe deve lutar heroicamente para abrir uma passagem, só consegue fazê-lo porque é chegado o momento em que tudo deve despertar novamente. Depois o príncipe se casa com a princesa.

Essa solução é esporadicamente simples e rápida; na maioria dos Contos de Fadas, surge um certo número de provas e dificuldades que o Herói deve vencer. Na Rússia, na França e na Catalunha, por exemplo, existem variantes em que o Príncipe, ao descobrir a Bela, une-se a ela sem despertá-la, abandonando-a em seguida. Ela dá à luz duas crianças e parte em busca de seu pai. Segundo Perrault, o príncipe, depois de ter despertado a princesa, retorna ao reino do pai sem falar nada sobre sua aventura e seu casamento. É somente após a morte do rei seu pai que leva a esposa e os filhos para a corte. Depois parte para a guerra e a ogra sua mãe deseja comer a nora e os netos, Aurora e Dia, que são salvos no último instante pela piedade do intendente encarregado de matá-los. O jovem rei volta na hora certa e a ogra, por despeito se atira no caldeirão cheio de animais venenosos que havia preparado para suas vítimas. O tema clássico da libertação da princesa é, portanto, seguido aqui do tema, não menos característico, da sogra cruel que persegue a mãe e o(s) filho(s). Em todas as versões, um caçador, um intendente ou um cozinheiro os salva, a velha rainha é punida e o jovem casal vive feliz daquele momento em diante. Pode-se pensar que nas variantes desse estilo o jovem príncipe não estava maduro em sua afetividade ou virilidade; a prova da sebe de espinhos fora fácil demais. Ele é incapaz de se afirmar diante do pai, esconde dele o casamento e o nascimento de seus filhos e, quando deve partir para a guerra, é bastante estúpido para confiá-los aos cuidados da mãe ogra. É uma atitude de adolescente ainda enredado nos Complexos parentais, e parece que precisa enfrentar o fogo dos combates para tornar-se enfim um homem capaz de viver feliz no casamento.

Reconhecemos aqui a tendência dos contos a se encadearem, o que é particularmente característico dos contos orientais. Poderia parecer que os narradores tiveram a sensação de que a história original era simples demais e que as situações não podiam se desenrolar tão facilmente: atravessar uma sebe de espinhos ou de rosas silvestres não parecia suficientemente heróico para forjar um caráter, mesmo que esta fosse encantada. Temos aí um exemplo da

Digitalizado com CamScanner

maneira como um conto pode conter uma mescla de temas arquetípicos diferentes. A forma como se combinam entre si segundo os países e as épocas é muito instrutiva. Uma variante pode nos agradar mais do que outra, mas, se as examinarmos de perto, todas tem um sentido. Todas são percorridas por um fio definido e significante, porque nossas fantasias seguem uma direção determinada. Assim, se seguirmos até o fim nossos fantasmas espontâneos, veremos que eles caminham em direção a um objetivo ou à tomada de consciência de algo que devemos considerar. É este o ponto de partida de todas as técnicas do "sonho acordado" e do que Jung denominou "a imaginação ativa"[4]. Se um fantasma nos obseda ou distrai, ao invés de expulsá-lo (ele voltará!) ou de se deixar levar por uma atitude sonhadora preguiçosa, é preferível concentrar nele toda a nossa atenção – sem interferir – e ver para onde ele quer nos levar. É assim que nas narrativas em que o Inconsciente é praticamente libertado de suas invenções, os temas se encontram instintivamente em seu justo lugar, o significativo.

O primeiro motivo encontrado no conto é o do nascimento miraculoso da heroína. É universal a idéia de que a personagem nuclear de um mito ou conto não veio ao mundo da maneira habitual, e de que seu nascimento é miraculoso e cercado de mistério. Assim, em certas versões (cf. Grimm), é uma rã que anuncia à rainha que ela terá um filho. O aspecto irracional do nascimento do Herói ou da Heroína é uma prova de que não se trata de seres humanos, e sim de conteúdos psíquicos. A interpretação dessas figuras coloca um problema particularmente delicado. Por ter debatido esse problema em outra obra[5], não entrarei em detalhes. Limito-me a recordar que não é aconselhável ceder à tentação de aplicar irrefletidamente termos de Psicologia Junguiana às personagens dos Contos, dizendo, por exemplo, que o herói é o Ego, ou o Self, e a princesa, sua Anima. Seria um erro semelhante ao de interpretar um

4. Cf. o artigo de Barbara Hannah, "*L'Imagination Active*", em *C.G. Jung et la Voie des Profondeurs*, obra coletiva dirigida por Étienne Perrot e Francine Saint René Taillandier, 2ª ed. revista, La Fontaine de Pierre, 1980. Da mesma autora, *Rencontres avec l'Âmes*, ed. Jacqueline Renard, 1990. (N.T. ed. franc.).

5. M.-L. von Franz, *L'Interprétation des Contes de Fées*, trad. cit., p. 74 e seg. (N.T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

sonho sem o necessário discernimento. A discriminação é difícil, é uma arte que se adquire pela experiência. Alguém capaz de interpretar milhares de sonhos de outras pessoas, pode eventualmente ficar aturdido ou se enganar quando se trata do próprio sonho; falta-lhe então distanciamento e objetividade. É preciso às vezes pronunciar a si mesmo: "O que você falaria se fosse o sonho de um paciente?" Nosso próprio problema, nossa "equação pessoal" do momento podem colocar-nos na pista errada, de onde a sensação que experimentamos ocasionalmente de que o Inconsciente, como o deus zombeteiro Mercúrio, nos engana e procura nos pregar uma peça.

Recordo-me de uma mulher casada que tivera um flerte inofensivo com um homem, também ele casado. Compreendendo que isso poderia ir mais longe, e porque estimava muito a esposa desse homem, preferiu não vê-lo mais. Sua vida tomou outro rumo e ela esqueceu o caso, que se perdeu sob a superfície do Consciente. Mais tarde, surgiu nela uma imensa necessidade de criar e deu início a um trabalho a que se recusara por muito tempo: pôs-se a escrever, aguardando com interesse qual seria a resposta do Inconsciente. Sonhou então que o casal que havia conhecido se divorciara, e que estava se casando com o homem com quem havia flertado. De início interpretou o sonho literalmente e ficou muito perturbada. Verificou-se em seguida que se tratava de um "casamento interior": estava sendo convidada a desposar suas forças criadoras para dar à luz uma obra pessoal. Se uma mulher permanece voluntariamente inconsciente e recusa um impulso criador, produz-se em seu Inconsciente uma espécie de casamento negativo entre seu Animus e sua Sombra (que ela projetará facilmente em seu casamento ou então no dos vizinhos!). Nesse sonho havia um divórcio entre seu Animus e sua Sombra e, com o cessar dessas operações mentais, ela podia enfim desposar o homem que figurava seu Animus, ou seja, ter uma relação consciente e contínua com suas energias intelectuais e criadoras. Seu ensaio de aventura sentimental seria o primeiro sintoma a demonstrar que havia nela um excedente de Libido que não era utilizado em sua vida de esposa, mãe e dona-de-casa. Em relação à sua decisão de escrever, o sonho havia retomado a situação no ponto em que ela havia parado.

Digitalizado com CamScanner

Também eu questionei inicialmente se o sonho deveria ser interpretado de maneira concreta. Mas ela não sufocava de desejo por esse homem. Nesses casos deve-se verificar se resta alguma emoção a propósito da situação passada que o sonho evoca, o que é difícil de fazer quando se trata de nosso próprio sonho. Ora, para ela estava inteiramente acabado. Perguntei a mim mesma: "O que está provocando essa idéia de divórcio?" Não encontrando motivos para esse desejo, comparei seu sonho aos temas arquetípicos do mesmo gênero que aparecem na Mitologia e na Alquimia e que devem ser estudados, pois fornecem uma base de conhecimento dos processos arcaicos. É assim que existem textos alquímicos que mostram uma mulher raptada por um homem sombrio, ou que desposou um homem que não lhe convinha. A tarefa do Herói consiste então em conquistar sua parceira, separando-a do outro homem. Era este o processo dinâmico que obrava nessa mulher. Por que o Inconsciente escolhe esse gênero de imagens? Porque traduzem fielmente a situação. É evidente que se a energia criadora não se tornar consciente e não for aplicada, seu excedente causará perturbações. Se não explorarmos nossa Libido disponível, morremos de tédio e somos levados a agir de maneira tola, porque a energia não utilizada na tarefa desejada busca um outro curso. Depois de recordar esses elementos, apliquei o sonho à situação verdadeira da sonhadora: na véspera, quando se pusera a escrever, havia tentado "desposar" suas operações mentais; seu Ego consciente se unira a certos élans e processos mentais que provinham do Inconsciente, mas, para fazê-lo, fora-lhe preciso um certo grau de desprendimento em relação à sua Sombra feminina. Com efeito, um trabalho criador é particularmente difícil para uma mulher que sempre tem uma tarefa caseira atrasada para cumprir. Identificar-se inteiramente à imagem coletiva da boa esposa – boa mãe – boa dona-de-casa é uma grande tentação. Se isso vai longe demais, é obra da Sombra: a mulher entra nos esquemas coletivos e não existe mais como indivíduo. Também, para encontrar sua verdadeira personalidade e poder manifestar-se, deve tornar-se consciente desse perigo e se afastar dessa imagem standard de si mesma.

Uma das dificuldades na interpretação tanto dos sonhos quanto dos Contos de Fadas consiste em evitar de considerar as imagens em sua significação literal. Outro erro em

Digitalizado com CamScanner

que incorrem numerosos intérpretes é o de discutir "em torno" do assunto, sem procurar ligá-lo à situação psicológica real que o provocou. Vê-se também com muita freqüência interpretações filosóficas ou literárias que se servem das noções de Jung sem empregar seus termos ou reconhecer a origem das idéias de que se servem. Também não se deve incidir no erro inverso e aplicar imprudentemente noções "junguianas" e conceitos tais como *Animus, Anima, Ego ou Self*, sem refletir sobre sua verdadeira significação. É a armadilha de toda linguagem aceita: corremos o risco de adormecer na sebe de rosas silvestres ou de não sermos senão papagaios. Assim, porque não adquiriram o hábito de refletir por si mesmas, algumas mulheres adoram discutir conceitos que "estão na moda", ou que foram concebidos por um grande homem.

Retornando ao Herói e à Heroína, identificar-se a esse estilo de personagem é tão evidente e espontâneo que é difícil manter uma certa objetividade em relação a elas; nós nos reconhecemos nelas, vivemos suas aventuras imaginárias, mas não nos questionamos sobre o que são ou o que representam. Como em nossos próprios sonhos, carecemos do necessário recuo.

Se considerarmos mais de perto essas personagens, constataremos que não se trata verdadeiramente de seres humanos: a vida interior e subjetiva da jovem não é mencionada; ela nasce de maneira miraculosa, cresce, adormece, desperta e se casa. É um modelo impessoal. Max Lüthi[6] observa que todas as personagens de Contos de Fadas são abstratas. Eu diria que são imagens de processos arquetípicos, aos quais falta o contexto humano, a vida real, individual e objetiva. Assim não se pode dizer que essa abstração feminina representa um Ego. Por outro lado, se compararmos esse tema a mitos tais como o de Perséfone ou de outras personificações da aurora ou do renascimento primaveril da Natureza, deveremos admitir que a jovem reveste certos aspectos divinos, o que nos leva à tentação de identificá-la ao Self. O que seria nela a parte coletiva e a parte individual? Que a princesa não representa uma mu-

6. Max Lüthi, *Die Gabe in Sage und Märchen*, Berne, 1943; cf. M.-L. von Franz, *L'Interprétation des Contes de Fées*, trad. cit., p. 29-30. (N.T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

lher em particular – Marie Dubois ou Anne Dupont – é evidente. Por que, nesse caso, é apresentada como uma pessoa e se comporta como um Ego? E porque o Ego seria inteiramente pessoal?

Se perguntarmos: "O que é você como indivíduo?" a maioria das pessoas mostrará seu corpo. Mas pergunte a você mesmo: "O que é particular à minha pessoa?" O fato de ter um Ego não é uma exceção, é o Complexo mais normal e mais necessário aos seres humanos. Da mesma forma, não há nada de particular no fato de que o Ego representa um papel na adaptação à vida: "Eu faço", "eu decido", "eu vejo", ou "eu penso" são operações comuns a todos. Um faz uma coisa melhor, outro menos bem, mas as funções de adaptação ao real pertencem normalmente a todos. O Ego possui uma proporção tão grande de traços gerais que é difícil identificar os que formam a essência particular de um indivíduo. Só se pode alcançar essa essência e conhecê-la através de uma Análise aprofundada, caminho percorrido por poucos indivíduos. Mas existe um "Ego" arquetípico, ou melhor, uma disposição arquetípica comum a todos, semelhante, que se manifesta de uma maneira ou de outra em cada ser humano.

Qual a relação desse aspecto arquetípico do Ego com o que Jung denomina o Self? Quando lemos os diversos estudos de Fordham sobre as crianças ou os de Frances Wickes[7], ou então *L'Histoire des Origines de l'Inconscient* de Neumann[8], ou se nós temos jovens analisandos, observamos que muitas das neuroses da juventude são o resultado de um retardamento ou de má formação na evolução da consciência do Ego. Quando observamos os processos inconscientes na criança, vemos que existem em seus jogos, sonhos e fantasmas dinamismos que tendem para a formação do Ego e sua maturação. Podemos portanto dizer que o Ego nasce do Inconsciente e que é o Inconsciente que quer o aperfeiçoamento do Ego e não o Ego da criança que o deseja. O élan do Inconsciente está na própria origem da

7. Frances Wickes, *The Inner World of Chidhood*, ed. Conventure. Londres, 1977. *Le Monde Intérieur de l'Enfance*. Trad. em preparação ed. Jacqueline Renard.

8. Erich Neumann, *Ursprungsgeschichte des Bewusstseins*, ed. Rascher, Zürich, 1949. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

perturbação neurótica, na medida em que tenta impelir a criança para um nível de Consciência superior e para a construção de um Complexo do Ego mais sólido. A educação e as técnicas escolares que ensinam a criança a se concentrar ou dominar o cansaço seriam insuficientes sem esse instinto do Inconsciente e seu estímulo evolutivo para a construção do Ego. Esse élan é portanto um traço humano geral, um Arquétipo que emana do Self. Fordham demonstra que os símbolos que aparecem na primeira infância tendem a fortificar a Consciência, ao passo que na segunda parte da vida as situações se invertem, e predomina a audição do Inconsciente.

Durante o período bissexual e indiferenciado da puberdade, os jovens freqüentemente se apaixonam por uma pessoa mais velha que eles e do mesmo sexo. Vistas superficialmente, poderíamos interpretar as figuras dos sonhos e os fantasmas como a representação de tendências homossexuais: ora, se observarmos seus sonhos, constataremos geralmente que o Inconsciente parece suster essa admiração e esse apego. A personagem do irmão mais velho, do professor ou do tio aparece ornada de virtudes mágicas e é apresentada como portadora de salvação ou mestre de sabedoria. Ela é, com efeito, em certos aspectos, uma projeção do Self: a reação natural do jovem admirador é a de desejar assemelhar-se ao objeto de sua admiração. A personagem funciona então como o modelo de um comportamento melhor e mais adulto, o que constitui exatamente o papel dos "heróis" dos Contos. Enquanto o Complexo do Ego ainda está fraco, essa projeção auxilia na construção de um Ego mais adaptado. Considerando esses fatos da experiência, resumiremos afirmando que o Ego tem um aspecto arquetípico e que ele é edificado pelo Self, e que é esse aspecto arquetípico do Ego que o herói ou a heroína dos Contos de Fadas representam.

Para ilustrar o modo de formação do Ego, tomaremos como exemplo os processos de desenvolvimento do ovo de rã. Num certo estágio, vemos aparecer nele uma mancha cinzenta. Se, por meio de um fio, a dividirmos, nascerá, no devido tempo, uma rã de duas cabeças, e se a suprimirmos inteiramente, a rã não terá cabeça. É assim que podemos provar experimentalmente que essa mancha corresponde à parte do plasma que se transformará no encéfalo. Se, ao

Digitalizado com CamScanner

retirarmos essa mancha, deixarmos cair um pouco de ácido clorídrico sobre o plasma restante, o plasma adequado se reconstitui, surge uma nova mancha, uma cabeça se desenvolve e o ovo dá origem a uma rã completa. O processo de formação do Ego é análogo. O Ego pode ser considerado o núcleo do campo da Consciência; criado por este, deve sua existência a uma reação global do sistema psíquico, que é um sistema regulador. Pode-se dizer que o impulso latente para produzir o Ego é um dos aspectos do Herói mitológico. Este possui qualidades que não coincidem com as do Ego realizado, mas que procedem sobretudo da totalidade arquetípica da Psique.

A maioria das dificuldades humanas, inclusive as dissociações neuróticas ou psicóticas, se devem a um Ego que não funciona em harmonia com a totalidade psíquica. Dá-se uma discordância de alguma natureza entre o Ego e a conformação total da Psique. Assim observamos em um certo tipo de esquizofrenia uma enorme produção imaginária oriunda do Inconsciente, ao mesmo tempo que um empobrecimento do Consciente no que concerne o pensamento, e ainda, como observou Breuler, a emoção e a afetividade; a personalidade consciente está em desarmonia com a vitalidade transbordante do Inconsciente, porque a superabundância deste último é vertida num vaso estreito demais. Por isso um dos principais objetivos do tratamento analítico é trabalhar para o alargamento do campo das reações emocionais para que a capacidade e a solidez do Consciente aumente e esteja na medida de acolher os impulsos vindos do Inconsciente. Embora existam diversos tipos de desarmonia, e ainda que nem todas as dissociações neuróticas tenham essa origem, esta é freqüentemente encontrada.

O Complexo do Ego tende particularmente a dissociar-se do resto da Psique e a se comportar de maneira autônoma, até se encontrar em oposição a ela. Por isso uma das tarefas essenciais da espécie humana é conseguir que se elabore um Ego que funcione de maneira sã, isto é, em acordo com a conformação instintiva total do Anthropos. Se por um lado nos distinguimos dos outros animais por termos um forte Complexo do Ego, por outro nosso Consciente mais desenvolvido nos faz correr um perigo contínuo de dissociação.

As narrativas mitológicas em que o Herói ou a Heroína se conduzem de maneira específica constituem uma tenta-

Digitalizado com CamScanner

tiva do Inconsciente para criar um modelo de Complexo do Ego que funcione de maneira adequada. O Herói representa o Complexo do Ego ideal, que permanece em harmonia com as exigências da Psique. É aquele que põe fim à esterilidade de um país e nele restabelece a saúde perfeita, fazendo com que a vida decorra de forma benéfica. Cada conto tem um sentido particular, mas o Herói modelo sempre se comporta segundo seus instintos. Da mesma forma, quando a Heroína vive em concordância com as exigências instintivas completas de sua Psique, representa um modelo de comportamento da personalidade feminina consciente. O Herói e a Heroína nos propõem uma espécie de esboço de correspondência arquetípica entre o Ego e o Self que exige a execução e a realização concreta na vida de cada um. Poderíamos dizer que a totalidade psíquica, ou o que chamamos o Self, é uma possibilidade virtual e latente. Como um ovo, constitui uma massa de possíveis que necessita da vida consciente concreta, com suas tragédias, seus conflitos e suas soluções, para adquirir vida: como a Bela Adormecida, espera o momento de despertar. O Ego é portanto o instrumento graças ao qual as potencialidades psíquicas natas podem tornar-se realidade: se, por exemplo, possuo dons artísticos sem jamais ter consciência disso ou fazer algo para tentar utilizá-los, é como se esses dons não existissem. Em termos mitológicos, o Ego é o herói, o instrumento da encarnação do Self. O Herói e a Heroína dos Contos de Fadas ilustram a forma pela qual esses instrumentos de encarnação deveriam funcionar. O Ego tem um número infinito de funções a preencher, e cada conto ressalta um de seus aspectos, geralmente aquele que, num dado momento esteja faltando na situação coletiva ou constitua uma reivindicação. O Filho de Deus é um exemplo surpreendente desse fato: a figura divina nuclear de nossa civilização é um homem reduzido à impotência, abandonado por todos e pregado na cruz. Condenado ao sofrimento e a uma total passividade; ora, é a ele que o Homem ocidental ativo e voluntarista está convidado a adorar e orar, é sobre ele que precisa meditar.

Podemos considerar a questão sob um outro aspecto, o da variedade infinita dos símbolos. Se chegarmos à conclusão apressada de que certos símbolos representam o Self, poderemos estar certos em relação a um determinado motivo ou sonho, mas não estaremos fazendo uma interpreta-

Digitalizado com CamScanner

ção mitológica e geralmente válida. Mesmo que, tecnicamente falando, isso não seja errado. Uma afirmação tão generalizante é destituída de sentido. Um símbolo do Self não equivale a outro. É portanto necessário precisar nosso pensamento e nos questionarmos sobre as diferenças existentes entre símbolos como a Mandala, o Ovo, o Diamante, a Esfera de ouro, o Tesouro a ser descoberto, a Criança, o Herói ou a Heroína, etc., cada um deles representando um aspecto do Self. A primeira situação que pensamos é que o Herói é um ser humano, ao passo que a esfera e os outros objetos não os são, o que parece uma afirmação banal, mas que é preciso compreender situando-a em seu justo lugar. Se, em certos materiais, a totalidade aparece sob a forma de símbolos impessoais como uma árvore, por exemplo, ou semi-humanos como o Herói, a correspondência se dá em relação a que diferença psicológica? Constatei empiricamente que o primeiro aspecto, o de uma representação material do Self, que simboliza de maneira impessoal a totalidade da Psique, tende a aparecer em momentos de dissociação e de desnorteamento. Assim, as figuras geométricas regulares compensam freqüentemente o fato de que o sujeito se sente "descentrado", perdido em meio a uma situação caótica; nesse caso, um símbolo material abstrato objetiva a experiência interior e leva o sujeito a um desprendimento e uma ordem que ele necessita imperiosamente. Se, por outro lado, uma pessoa se sente como se fosse a única no mundo que teve uma decepção amorosa, viveu uma experiência de luto ou esperou um filho, e não está sabendo como enfrentar a situação, é preciso que aprenda a considerar a vida sob um ângulo menos subjetivo; é então que o Self se mostra a ela sob o aspecto do Herói ou da Heroína que lhe indicam a atitude que deveria ter em semelhantes circunstâncias e o estilo de reação instintiva necessário. Nesses casos, não é suficiente ser desprendido ou filósofo, um comportamento humano específico é imprescindível.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO II

MÃE E FILHA

A *Bela Adormecida*, como vimos, têm sua origem no tema do desaparecimento da filha divina. Trata-se, neste caso, de um sono que se assemelha à morte. No mito de Deméter e Coré, sabemos que Coré, raptada por Plutão, o Deus da morte, desaparece temporariamente deste mundo para retornar à vida terrestre quando do despertar primaveril da Natureza. O tema da filha divina que desaparece para reaparecer tem seu paralelo masculino: o do filho divino que desce ao mundo inferior e que é trazido de volta na primavera, como, por exemplo, Tammuz ou Adonis; temos aí um tema universal. Os eclipses momentâneos da filha divina ou do filho divino têm uma significação quase análoga. A jovem mulher nos moldes de Coré é sempre ligada à figura arquetípica da mãe[1].

Em nosso conto, a jovem é abençoada por um certo número de figuras maternais e amaldiçoada por uma delas; recebe ao mesmo tempo as bençãos e a maldição. No mito de Coré, seu desaparecimento não é obra de sua mãe Deméter. Esta é, no entanto, uma figura dupla e variável: Deusa da fecundidade, assiste as mulheres em trabalho de

1. Cf. C.G. Jung e Karl Kerényi, *Introduction à l'Essence de la Mythologie*, trad. franc. de Henri del Medico, ed. Payot, Paris, 1953. (N.T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

parto e preside ao crescimento do grão de trigo; mas, ao perder a filha, torna-se a divindade da vingança e da infelicidade. Deméter passa assim de um aspecto a outro, segundo a natureza de sua relação com a filha.

No conto *Amor e Psique*[2], a filha divina é duramente perseguida pela futura sogra, Vênus, que, como Ishtar e Atárgatis por exemplo, é uma figura da Grande Mãe. Este conto apresenta uma interessante variante do tema, pois é por ciúmes que Vênus persegue Psique que a superaria em beleza. As pessoas passaram a adorar a filha em lugar da mãe e viam em Psique uma encarnação de Vênus. Mas a Deusa não tolera a existência de uma rival humana. As civilizações ocidentais e mediterrâneas nos oferecem aqui um desenvolvimento interessante desse tipo de conto. Ele nos mostra a ação ambivalente dos Deuses no Inconsciente Coletivo face à sua humanização. Parece que a questão não perdeu nada de sua atualidade. Assim, em *The Lonely Venus*, Erskine trata desse problema. Vênus, a Deusa mãe, age sob o impulso de seus afetos e de suas emoções, sem muita reflexão; assim agindo, suscita uma grande desordem antes de reconhecer que sua única saída seria humanizar-se. Essa tendência a se encarnar, que surgiu nos sistemas religiosos do final do Império Romano, revela-se sobretudo no Cristianismo. Ela se exprime na tradição judaico-cristã sob a forma de uma figura divina paternal ambivalente, de quem procede um filho, que não é um filho mitológico divino, mas um ser humano com uma realidade histórica. A encarnação de Deus no Cristo foi vivida como uma experiência religiosa coletiva de enorme alcance.

Mas, no caso da Deusa mãe antiga, a tendência para a encarnação numa filha humana não se realizou. No plano prático, isso significa que como a imagem da mulher não é reconhecida, ela também não o é. Em parte alguma esse desejo de humanização foi levado a termo ou se traduziu sob a forma de acontecimento religioso e cultural. O próprio culto da Deusa mãe durou pouco e foi reprimido. Quando reapareceu mais tarde com a devoção à Virgem Maria, veio acompanhado de importantes restrições mentais e de precauções visando purificar a Deusa de sua Sombra. Acolhia-

2. Cf. M.-L. von Franz, *L'Ane d'Or, Interpretation d'un Conte*, trad. cit., p. 120 e seg. (N. T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

se novamente a Deusa mãe, mas apenas na medida em que se submetia à aprovação do homem e se comportava "adequadamente". O aspecto Sombra da Deusa mãe antiga ainda não fez sua reaparição em nossa civilização, o que nos coloca diante de uma interrogação, pois é evidente que com ela um elemento importante está ausente.

Se considerarmos o caso dessas antigas Deusas mães que odiavam suas próprias encarnações humanas, veremos que o conflito pode se caracterizar da seguinte maneira: as Deusas são a imagem de uma feminilidade absolutamente irrefletida e só seguem suas reações emotivas elementares. Quando Zeus tinha uma relação amorosa com outra mulher, Hera fazia uma cena terrível e punia a rival; eventualmente castigava também seu filho inocente. Mulheres que somos, devemos admitir que sem o freio imposto pela Consciência faríamos o mesmo, pois é esta a reação instintiva. Mas ao mesmo tempo a Deusa mãe podia revelar-se misericordiosa: acolhia em seu seio todos os que eram pobres, estropiados e infelizes, os amava e deles cuidava. A caridade elementar e incontrolada é um de seus traços característicos, assim como o comportamento sexual desenfreado, como o de Baubo. A Mãe era a grande prostituta que se entregava a qualquer homem desconhecido que encontrava. Havia nela uma fecundidade e uma generosidade infinitas, uma caridade sem restrições, um ciúme e um orgulho sem limites, e assim por diante.

A reação total e monolítica que caracteriza essas Deusas está presente em cada mulher, pois corresponde à sua conformação emotiva e instintiva natural. Se compararmos as Deusas filhas a essas Deusas mães, como aparecem na Mitologia grega, veremos que são idênticas às suas mães (como o Filho é idêntico ao Pai). Entretanto, são habitualmente um pouco mais humanas; são capazes, como Psique, de se sacrificar em lugar de seguir cegamente seus impulsos instintivos, de cumprir sua missão e de conter a vingança, a violência ou a piedade irrefletida. São menos primitivas, menos caóticas, mais reservadas e estáveis, em suma, mais diferenciadas em suas reações.

Essa tendência progressiva inerente à natureza feminina aparece no Inconsciente Coletivo como um esforço para suscitar uma nova forma de feminilidade na mulher, assim como um novo aspecto do Eros e da Anima no homem, o

Digitalizado com CamScanner

que corresponde nele a um sentimento mais estável e nuançado. No Ocidente, o homem precede a mulher no processo de civilização. No sul da Índia, a humanização da mulher e do Eros masculino parece mais avançada do que entre nós; lá, as mulheres têm orgulho de sua feminilidade e a atitude geral em relação ao Eros é mais evoluída. No Ocidente encontramos freqüentemente a brutalidade, a vulgaridade e uma ausência de nuanças no plano dos sentimentos; por outro lado, a diferenciação no plano do intelecto e do Logos é bem maior do que no Oriente. Na Índia, por exemplo, o princípio do Logos é relativamente pouco desenvolvido e ainda permanece marcado por preconceitos medievais.

O rei e a rainha de nosso Conto de Fadas não tinham filhos; então a rã aparece e diz à rainha: "Seu desejo será realizado; em menos de 1 ano você porá no mundo uma filha."

É freqüente que o nascimento do Herói ou da Heroína seja precedido de um longo período de esterilidade; o nascimento intervém então de maneira sobrenatural. Transposto para o plano psicológico, isso significa que um período de atividade particularmente maior do Consciente é muitas vezes preparado por um longo período de completa esterilidade. É perfeitamente normal que uma personalidade criadora, antes de produzir uma nova obra de arte ou descobrir uma idéia científica original, passe por um período de apatia, depressão e espera, quando a vida lhe parece sem interesse. No decurso da Análise de tais pessoas, constatamos (em seus sonhos, por exemplo) que durante esse tempo a energia se acumula no Inconsciente, o que se traduz, no plano consciente, pelo sentimento de depressão e vazio.

Recordo que uma ocasião, sentindo-me sem meios de resolver meus problemas, sonhei que estava olhando uma grande estação de trem em que se procedia a manobras para formar novos trens. Isso mostrava claramente que no Inconsciente a Libido estava voltando ao seu lugar, que as conformações instintivas e energéticas estavam se reajustando. Antes da explosão de um episódio psicótico, também há um período em que tudo torna-se insípido, mas neste caso a Libido, não conseguindo reorganizar-se, vai se acumulando no Inconsciente até jorrar sob a forma de explosão destrutiva.

Digitalizado com CamScanner

Esses períodos de esterilidade aparente demonstram pois que algo de específico está em gestação no Inconsciente. Na versão de nosso conto recolhida pelos Grimm, isso é anunciado pela rã que aparece durante o banho da rainha. Uma interpretação sexual poderia impor-se. A rã é aliás considerada pelo folclore como um animal impuro. Era outrora utilizada para sortilégios amorosos: seus ossos eram usados em amuletos e ela era o primeiro elemento de numerosas prescrições relativas à fecundidade e à sexualidade. Pensamos no membro viril fecundando a rainha, mas, se nos reportarmos ao folclore, ela é nos contos, dependendo do caso, príncipe ou princesa encantados, sendo também com freqüência um animal maternal que socorre as mulheres em trabalho de parto, traz a fecundidade e representa o útero[3]. Em vários países diz-se que o coaxar das rãs na primavera se assemelha ao choro dos recém-nascidos e que esses animais representam as almas ainda não encarnadas de crianças por nascer.

A rã e o sapo são considerados em muitos lugares como animais feiticeiros e o segundo é ainda considerado venenoso. Hildegarde von Bingen, mística medieval e escritora erudita, escreve que, particularmente na primavera, na hora em que a Natureza desperta, o Diabo põe idéias terríveis na cabeça dos homens, porque o Diabo "gosta do coaxar das rãs". Também aí vemos a ligação desse animal com a sexualidade, o desejo sexual, o "humor primaveril" e a exuberância da Natureza. Sendo assim, é evidente que na perspectiva cristã a rã só poderia ser feiticeira e diabólica. Mas, como acabamos de ver, ela também é relacionada ao nascimento das crianças; representa um espírito da Natureza, um impulso vital, e anuncia o fim de um período de esterilidade psicológica.

Jung disse um dia a propósito da rã, que ela parecia ser uma tentativa da Natureza, no nível do animal de sangue frio, para formar o homem, e isto em razão da semelhança notável que existe entre a conformação humana e as pequenas extremidades do animal. Essa idéia de que a rã é um ser humano imperfeito é muito divulgada. Há pessoas que

3. Cf. M.-L. von Franz, *L'Interprétation des Contes de Fées*, trad. cit., p. 121 e seg. A autora desenvolve aí o tema da princesa-rã no conto de Grimm: "Les trois plumes"[As três plumas] (N.T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

chamam as crianças de "sapinho" ou "rãzinha". Criatura aquática, depois semi-aquática, que passa por metamorfoses, a rã representa, em particular nos sonhos, um élan do Inconsciente que tende a tornar-se Consciente. Certos impulsos resistem à tomada de consciência e é preciso de alguma forma, lhes dar uma pequena ajuda; abandonados a si próprios, permaneceriam inconscientes. Outros Complexos, ao contrário, têm um forte impulso energético para aflorar na Consciência e nos forçam de alguma maneira a reconhecer sua existência. A rã representa um desees impulsos que procuram se impor; o único problema é a aceitação do conteúdo assim representado e sua integração na vida real. Quando um paciente sonha com uma rã, sei que só preciso ter uma atitude receptiva; o resto vai por si. Em muitos outros contos, uma figura que possui poderes mágicos vem revelar o que é preciso fazer ou comer para ter um filho, mas aqui nada é exigido, trata-se de um processo natural: a rainha só precisa esperar tricotando o enxoval do bebê!

E assim nasce uma menininha extremamente bela. Por ocasião do batismo da criança, seus pais dão uma grande recepção onde se deflagra um terrível acontecimento. Convida-se um determinado número de Fadas Madrinhas mas uma delas é esquecida, ou deixada de lado. Algumas vezes não é convidada porque não há pratos, talheres e copos de ouro em número suficiente; outras vezes, como no conto de Perrault, porque fazia mais de 50 anos que ela não saía de uma torre e pensava-se que estava morta ou "encantada": levava uma vida por demais introvertida; ou então fora esquecida sem razão precisa. Reaparece inopinadamente e como não podem lhe oferecer louça e talheres de ouro, considera-se pessoalmente insultada. Em conseqüência, amaldiçoa a recém-nascida e a condena a morrer aos 15 anos.

Vimos que o tema do Deus ou, o que é mais freqüente, da Deusa esquecida, é igualmente arquetípico. Quando Agamemnon quis partir para Tróia, o vento lhe faltou para permitir a travessia. Descobriu-se que Ártemis, furiosa porque seu culto estava sendo abandonado, exigia que o chefe dos gregos sacrificasse sua própria filha, Ifigênia, para que ventos favoráveis lhe permitissem navegar. O tema da Deusa ofendida é freqüente porque se trata da mulher ignorada que não suporta a situação. Pode ocorrer, entretanto, que um Deus masculino se vingue por não estar

Digitalizado com CamScanner

recebendo sacrifícios como os outros Deuses. Recordo-me da história de uma menininha que, por ocasião de uma festa de crianças, começou a chorar, primeiro porque os meninos a estavam beliscando, e depois porque não lhe estavam mais dando atenção: entre as duas situações, disse ela, ainda preferia ser beliscada! Temos aí uma reação propriamente feminina, que provavelmente se deve ao fato de que a mentalidade coletiva geralmente tende a lhe conceder menos espaço que ao menino.

O que isso significa no plano psicológico? É evidente que os Deuses representam conteúdos arquetípicos do Inconsciente, isto é, Complexos que todos possuem em si e que não são de nenhuma forma patológicos. Como afirma Jung, os Complexos, como os do Ego e da Sombra, são normais em nossa sociedade. Existem na Psique diferentes núcleos dinâmicos que fazem parte das estruturas normais. Esses arquétipos, por sua força e sua vida parcialmente autônoma, aparecem como figuras numinosas e foram geralmente personificados por Deuses. Isso aparece com muita clareza no caso dos Deuses astrológicos: entre os planetas, Marte representa tudo o que diz respeito à agressividade e à autodefesa, Vênus, o sexo, e assim por diante. Cada Deus corresponde, no plano da imagem e do Mito, a um estilo de comportamento instintivo específico. Dizer que um Deus ou uma Deusa está esquecido ou esquecida, significa que um comportamento psicológico natural está sendo negligenciado ou recalcado. Seja por artifício, seja por estupidez, deixou-se de levá-lo em consideração.

Observa-se, em particular entre as crianças pequenas, que uma nova tendência se manifesta inicialmente de maneira exagerada antes de encontrar progressivamente seu lugar no conjunto da personalidade. É assim que as crianças podem, durante um certo período, passar todo o seu tempo com o cachorro, o trem elétrico ou jogos de armar, ou então lutando, subindo em árvores ou brincando de boneca. Elas atravessam fases em que ficam completamente absorvidas por uma atividade ou um objeto particular, que abandonam de repente por outra coisa; a criança está sempre descobrindo uma nova paixão. Esse comportamento, que parece estar ligado à mania, corresponde ao aparecimento na criança de um novo elemento, o que desequilibra o comportamento no seu todo até que o novo elemento seja "domado" e integrado. O despertar da sexua-

Digitalizado com CamScanner

lidade é, dentre as fases desse nível, uma das mais violentas. Habitualmente sua irrupção submerge e dissocia a personalidade até que um novo equilíbrio possa ser alcançado.

Os Complexos, mesmo normais, não são portanto fenômenos sempre harmoniosos entre os humanos. Eles podem combater entre si e mesmo afastar outros impulsos instintivos. Um Deus esquecido significa que certos aspectos do Consciente Coletivo estão colocados em primeiro plano de tal maneira que outros foram, em sua maioria, lançados no esquecimento. Foi esse o destino da Deusa mãe em nossa civilização.

Talvez tenha sido necessário ao nosso desenvolvimento cultural que o espírito ocidental fosse levado a afastar a Deusa mãe durante um certo tempo, acentuando o desenvolvimento do pólo masculino da Psique. Mas no espírito, os órgãos abandonados se comportam da mesma forma que no corpo. Nossos órgãos físicos reclamam uma certa dose de atenção, e não podemos ignorar com parcialidade suas necessidades. Se deixarmos de lado alguns núcleos vitais, eles provocam o aparecimento de uma doença de todo o sistema. Como a doença de um órgão pode levar a uma deterioração completa da saúde, também um Complexo que não funcione de maneira correta desorganiza o todo da Psique. Vê-se então surgir uma neurose, ou algo pior, e é necessário descobrir o que, ao ter sido negligenciado, está destruindo toda a personalidade. Esta visão pode parecer muito otimista e significar que se tivermos sempre a atitude justa, se oferecermos sacrifícios e dermos atenção a cada um dos "deuses", nada poderá ocorrer e teremos a saúde perfeita.

Mas as diferentes variantes dos Contos de Fadas não confirmam inteiramente tal conclusão: em alguns deles a Madrinha surge simplesmente porque lhe agrada criar aborrecimentos. Pode acontecer que o aparecimento de uma neurose seja simplesmente o surgimento de uma neurose. Seria errôneo dizer que ela se originou numa atitude falsa – ponto de vista por demais freqüente, pelo menos no pano de fundo do Consciente, no mundo dos terapeutas. O aparecimento de uma neurose é às vezes devido a uma atitude unilateral, mas devemos considerar o fato de que a Natureza também pode, espontaneamente,

Digitalizado com CamScanner

provocar deficiências. "Os deuses" podem criar dificuldades sem que o homem seja responsável. No seio da própria Natureza existem insuficiências, imperfeições, dissonâncias e monstruosidades.

Assim, numa versão francesa do conto, a maldosa madrinha se chama Miséria, ela é a divindade da pobreza. Miséria e doença ou qualquer outra calamidade se abatem sobre as pessoas sem que se possa acusar ninguém de carência moral. Nossa cultura está edificada sobre a idéia de um Deus bom e justo; se o Mal aparece, pensamos então que isso ocorreu por nossa culpa, a do velho Adão, de nossos pais ou ainda do recalcamento: algum ser humano é o culpado. Mas podemos igualmente dizer, em muitos casos, que o culpado é Deus – idéia que não nos é habitual, embora o seja em outras civilizações. Mesmo em nossa tradição, Deus pode ficar com um humor terrível, cujos efeitos recaem sobre a humanidade, ou então deixar que o Diabo aja, como acontecia com o Deus do Antigo Testamento. É importante conservar esse traço sempre presente no espírito para que a visão cristã encontre seu contrapeso na da imoralidade na Natureza.

Por que a heroína é vítima de uma sorte tão terrível? Uma das versões nos diz que é simplesmente assim, e outra que a Fada deusa estava encolerizada por ter sido esquecida. Isso reflete uma real incerteza no que concerne a esse problema do Mal. É como as concepções modernas da luz. Uma teoria afirma que a luz é constituída de partículas, a outra que ela é feita de ondas; poderia parecer que uma sendo verdadeira, a outra não poderia sê-lo. Da mesma forma, ou uma neurose é devida a alguma "transgressão" ou recalcamento e pode ser curada por uma mudança de atitude face à vida, ou então é um azar infligido pela Natureza, a "sorte" pode curar. Uma teoria parece excluir a outra embora ambas pareçam justas em muitos casos. Torna-se então necessário cuidar da neurose sob os dois aspectos, ainda que, racionalmente, eles se contradigam.

Na personagem da Fada má, a Deusa mãe aparece como a personificação de sentimentos feridos e acres (o leite materno tornado acre). Ela encarna o orgulho ferido e o rancor. Esse traço pode esclarecer um campo que tem muito a ver com os problemas das mulheres, e é por essa razão que escolhi esse Conto de Fadas para ilustrar este estudo.

Digitalizado com CamScanner

A fonte de muitos males e de muitas dificuldades na vida de uma mulher está em sua dificuldade em integrar e superar as feridas afetivas; os sentimentos feridos provocam por sua vez os ataques negativos do Animus. Em grande número de casos, os sofrimentos da mulher provêm dessa reação arquetípica que consiste em não saber superar uma ferida, um rancor ou o mau humor devidos a uma decepção no campo do sentimento. Essa reação submerge a pessoa que se encontra invadida por uma perturbação emotiva ou um estado de possessão. Quando isso ocorre, é bom perguntar a si mesma: "Em que fui decepcionada ou ferida em meus sentimentos sem ter tido consciência disso?" Na maioria das vezes a origem da perturbação aparece. Se formos capazes de voltar à fonte do mal e ver onde os fatores se deterioraram, o Animus negativo deixará de nos possuir, pois foi ali que ele surgiu. É por isso que quando uma mulher está sob a influência de um Animus negativo, ela sempre se exprime num tom queixoso e ofendido.

Ora, essa possessão pelo Animus exaspera os homens e os põe logo fora de si. O que mais os aterroriza é o tom subjacente de censuras queixosas. Os que têm um certo conhecimento sobre esse ponto ou possuem sentimentos desenvolvidos e um bom instinto, sabem que, no mais das vezes, esta atitude é um apelo disfarçado ao amor. Infelizmente, o efeito produzido é geralmente o inverso do desejado, porque esta atitude da mulher afasta o objeto de seus desejos. O tom de censura traduz ao mesmo tempo o desejo inconfessado de desforrar-se daquele que a feriu. Temos aí um círculo vicioso que faz com que uma discussão degenere em uma cena característica. A feminilidade desconhecida que provoca a animosidade da mulher é uma reação de natureza arquetípica que se reflete nos materiais mitológicos e nos Contos.

É evidente que as mulheres que têm um Complexo maternal negativo são as mais inclinadas a esse gênero de reação, pelo fato de sentirem uma grande necessidade do calor e da atenção que não encontraram como convinha perto de suas mães. Por isso tendem a se mostrar particularmente susceptíveis e têm constantemente a sensação de estarem sendo abandonadas. Quando temos estima suficiente por nós mesmos, não nos sentimos feridos por qualquer motivo. Quando uma jovem é segura de si e um homem a deixa de lado para cortejar uma outra jovem em sua

Digitalizado com CamScanner

presença, ela apenas deplora o mau gosto deste homem; não fica perturbada nem passa a duvidar de si mesma. Mas se o mesmo acontece com uma jovem que carece de auto-confiança e auto-estima, logo surgirá nela um abismo de sentimentos feridos, desânimo e rancor. A mulher que tem um Complexo maternal negativo estará sempre ameaçada por essa amargura, a cada vez que um homem estiver em desacordo com ela ou que outra mulher a desconsiderar. Nesse caso, sua maior dificuldade é a de superar seu ressentimento e sua cólera; ela atiçará a ferida durante anos, a porá de lado para depois exibí-la de novo e de novo – esta mulher responde ao modelo arquetípico da Deusa ultrajada.

Sendo nosso conto uma história coletiva e não pessoal, devemos nos questionar em que ele é característico de nossa civilização. Dito de outra forma, que aspecto da Deusa mãe, isto é, da natureza feminina, foi artificialmente afastado pelo Cristianismo e por nossa sociedade. O que aparece de início, e que tornou-se um problema na época moderna, é seu aspecto sexual. A ordem social considera a sexualidade perigosa e causadora de muitas desordens: ela pode, por exemplo, separar os casais. Nessa perspectiva, deveria ser regulamentada pela lei e só ser autorizada no casamento. É esse o ponto de vista da Igreja Católica Romana, que até sugere que uma total abstinência seria preferível, ou que a relação sexual só deveria ser permitida com o objetivo de procriar, considerando culposo qualquer outro uso da sexualidade. Mas é impossível decidir arbitrariamente como convém dominar um Deus. Foi esse o grande erro cometido no sistema cristão; em conseqüência, o Deus passou a se comportar de maneira autônoma. A legalização da moral sexual nunca foi muito observada: ou as pessoas a respeitaram e tornaram-se neuróticas, ou viveram uma vida dupla, ou então "caíram no pecado" e depois se arrependeram.

Entre certos animais, a monogamia funciona enquanto machos e fêmeas estão em número equivalente. Os babuínos se deslocam em grupos de 20 a 30 e permanecem monogâmicos pelo tempo em que os dois sexos estão igualmente representados. Se, em razão de alguma catástrofe natural, os machos adultos tornam-se menos numerosos, o excedente de fêmeas é repartido entre eles, segundo sua categoria. Mas, em nossa civilização, em que reina a lei da

Digitalizado com CamScanner

monogamia, um certo número de mulheres não têm nenhuma vida sexual, e muitas são as que permanecem sozinhas ou, agora bem menos do que antes, entram para o convento. Estão fora do jogo, ou então são vistas como um perigo para os casais. Ora, ninguém presta atenção nesse fato de ordem natural que deveria ser considerado de frente. Finge-se ignorar uma necessidade arquetípica vital, orgânica, no entanto evidente e que exige ser vivenciada. Em lugar disso, leis são promulgadas e aplicadas com resultados desastrosos: a Deusa é ignorada.

Foi assim que não apenas Vênus, a Deusa da sexualidade, foi desprezada, mas, com ela, algumas das necessidades vitais da mulher. É fato bem conhecido que a castidade causa muito mais problemas nos conventos de mulheres que nos monastérios de homens, a ponto de se ter discutido seriamente a possibilidade de suprimir as Ordens femininas. Parece que nesse campo as mulheres encontram mais dificuldades que os homens, e que para eles é mais fácil violentarem a própria natureza sem sofrerem tantos danos quanto as mulheres. Um homem se deixa levar com mais facilidade pelo élan que o impulsiona para as atividades intelectuais. Também o serviço militar para mulheres coloca um problema, pois elas parecem ter mais dificuldades em aceitar as regras impostas, sua natureza se revolta mais. Sua personalidade precisa evoluir de maneira mais natural e menos unilateral. Temos aí uma necessidade concreta e real que devemos considerar. Se relacionarmos o que acabamos de dizer com os símbolos clássicos do Sol macho e da Lua fêmea, de um ponto de vista ingênuo poderemos dizer que o Sol é digno de confiança: ele nasce com regularidade, enquanto a Lua é caprichosa e de humor cambiante. A cada noite ela aparece um pouco mais tarde e, todos os meses, enfraquece, declina e desaparece antes de renascer. No Egito, entretanto, a Lua era um deus masculino, *Min*, o que provavelmente está ligado ao fato de que o homem arcaico é mutável e irregular em seu comportamento consciente. No entanto a Lua é feminina na maioria das civilizações e em certas línguas, mas não em todas: assim, em alemão, diz-se *die Sonne* (a Sol) e *der Mond* (o Lua).

Nossa heroína é pois vítima da maldição devida à cólera da Deusa e a seus sentimentos feridos. Numa variante, a heroína não é amaldiçoada pela Deusa, mas por um preten-

Digitalizado com CamScanner

dente desagradável que ela repeliu. Mago, ele se vinga lhe lançando uma sorte e a adormece por 100 anos. O evento, portanto, tem lugar mais tarde em sua vida. Trata-se de uma versão mais complexa que introduz o problema do Animus. O infeliz pretendente que amaldiçoa a jovem é uma figura semi-divina e nos traz de volta ao caso da infelicidade imerecida, pois ninguém pode ter a presunção de pretender que ela deveria tê-lo desposado. Embora sua atitude tenha sido justa, ela incorre numa maldição. Também não se pode pretender que esse homem desagradável tenha se aproximado dela para compensar suas qualidades! Uma mulher de brancura excessiva provavelmente atrairá o aspecto contrário e pode acontecer que lhe seja pedido que aceite esse aspecto de Sombra de uma maneira ou de outra, mas o conto não diz que a jovem é boa demais, ele afirma apenas que ela é bela e sedutora. Voltaremos a esse problema a propósito do conto de Grimm: *A Jovem sem Mãos*, no qual a heroína inocente é vendida ao Diabo pelo pai.

Por outro lado, um comportamento instintivo justo pode se chocar com o comportamento coletivo; as neuroses coletivas existem. Um meio, uma família inteira ou uma sociedade podem ser neuróticos; quando aí nasce uma criança que, pela graça de Deus, tem uma natureza sã, em lugar de adaptar-se à neurose coletiva, ela resiste a ela. Tomemos o caso de uma mãe de família que sofre de psicose; segundo as leis de Mendel, ela não terá necessariamente filhos psicóticos, poderá ter um ou vários normais. Mas o filho de uma mãe psicótica lhe será alérgico e reagirá de maneira negativa à doença da mãe. Neste caso, odiar a mãe é uma reação instintiva sã. Temos aí uma tragédia autêntica que se produz a cada vez que a natureza sã se choca com uma conduta neurótica: um comportamento instintivo justo é a causa de uma infelicidade imerecida. É este o assunto de um número infinito de temas heróicos. O que é patológico odeia o que é são, e o que é são tem aversão pelo que é patológico e o odeia igualmente, como ocorre com os animais que atacam o que está doente. Uma criança normal que nasce num meio patológico não poderá sustentar que está com a razão e que os outros estão errados, pois os que a cercam dirão que é ela que está doente, que é neurótica ou psicótica; este é o drama inevitável da vida de muitas crianças, que prossegue em sua vida adulta. Muitas vezes

Digitalizado com CamScanner

é suficiente dizer no decurso de uma Análise: "É você que tinha razão, por que duvida disso?" para que a pessoa volte a ter confiança nela mesma. Às vezes devemos apoiar um ser contra a pressão de toda a sociedade, o que ocorre, por exemplo, no caso de um artista ou de uma pessoa muito introvertida que tudo em nossas coletividades impele à extroversão, à traição de si mesmo.

Num casal, quando um dos cônjuges é neurótico e sofre de recalques, sempre acusa o outro. Quando, por exemplo, é afligido por uma perversão sexual, a recusa do outro a dela participar faz com que o primeiro acuse o segundo de falta de amor ou então de não ser "liberado", o que não deixa de provocar no outro um abatimento. Qual deles é neurótico? Um acusa indefinidamente o outro, e às vezes é muito difícil descobrir o que está ocorrendo.

Recordo-me de um caso em que uma mulher tinha terríveis sintomas histéricos que só apareciam em presença do marido; fora de casa era uma pessoa perfeitamente normal. No decurso da Análise, descobriu-se que o homem era inteiramente devorado por um Complexo materno: no que concernia o sentimento, o amor e a afeição, ele ainda não estava casado. Aos 67 anos (a esposa estava com 62), ainda se perguntava, nas cartas à mãe, se não deveria se divorciar. Quando haviam se tornado avós, o marido ainda não decidira se devia dizer sim ou não à esposa! Esta, cada vez que voltava para casa era tomada de náuseas: tratava-se na realidade de uma reação normal e de um excelente sinal; sua natureza sã "vomitava" um tal ambiente. Naturalmente podemos nos perguntar porque ela havia escolhido desposar um homem assim. Ocorre, porém, que alguns seres caem na infelicidade sem que sejam por isso responsáveis – verdade importante de que devem se recordar particularmente os que tendem a assumir, conscientemente ou não, uma atitude moralizadora a respeito das neuroses ou dos "problemas" dos outros. Na prática, muitas vezes somos levados a dizer a alguém: "Suas reações, consideradas pelos que o rodeiam (e talvez também pelas pessoas que consultou) como sintomas neuróticos, ainda que desagradáveis, são inteiramente normais: sua natureza está apenas se revoltando ou está desencorajada diante de determinadas condições de vida. Não é você que está doente, mas o meio familiar, profissional ou social em que está mergulhado. Trabalharemos para reencontrar suas forças e ver como e

Digitalizado com CamScanner

dente desagradável que ela repeliu. Mago, ele se vinga lhe lançando uma sorte e a adormece por 100 anos. O evento, portanto, tem lugar mais tarde em sua vida. Trata-se de uma versão mais complexa que introduz o problema do Animus. O infeliz pretendente que amaldiçoa a jovem é uma figura semi-divina e nos traz de volta ao caso da infelicidade imerecida, pois ninguém pode ter a presunção de pretender que ela deveria tê-lo desposado. Embora sua atitude tenha sido justa, ela incorre numa maldição. Também não se pode pretender que esse homem desagradável tenha se aproximado dela para compensar suas qualidades! Uma mulher de brancura excessiva provavelmente atrairá o aspecto contrário e pode acontecer que lhe seja pedido que aceite esse aspecto de Sombra de uma maneira ou de outra, mas o conto não diz que a jovem é boa demais, ele afirma apenas que ela é bela e sedutora. Voltaremos a esse problema a propósito do conto de Grimm: *A Jovem sem Mãos*, no qual a heroína inocente é vendida ao Diabo pelo pai.

Por outro lado, um comportamento instintivo justo pode se chocar com o comportamento coletivo; as neuroses coletivas existem. Um meio, uma família inteira ou uma sociedade podem ser neuróticos; quando aí nasce uma criança que, pela graça de Deus, tem uma natureza sã, em lugar de adaptar-se à neurose coletiva, ela resiste a ela. Tomemos o caso de uma mãe de família que sofre de psicose; segundo as leis de Mendel, ela não terá necessariamente filhos psicóticos, poderá ter um ou vários normais. Mas o filho de uma mãe psicótica lhe será alérgico e reagirá de maneira negativa à doença da mãe. Neste caso, odiar a mãe é uma reação instintiva sã. Temos aí uma tragédia autêntica que se produz a cada vez que a natureza sã se choca com uma conduta neurótica: um comportamento instintivo justo é a causa de uma infelicidade imerecida. É este o assunto de um número infinito de temas heróicos. O que é patológico odeia o que é são, e o que é são tem aversão pelo que é patológico e o odeia igualmente, como ocorre com os animais que atacam o que está doente. Uma criança normal que nasce num meio patológico não poderá sustentar que está com a razão e que os outros estão errados, pois os que a cercam dirão que é ela que está doente, que é neurótica ou psicótica; este é o drama inevitável da vida de muitas crianças, que prossegue em sua vida adulta. Muitas vezes

Digitalizado com CamScanner

é suficiente dizer no decurso de uma Análise: "É você que tinha razão, por que duvida disso?" para que a pessoa volte a ter confiança nela mesma. Às vezes devemos apoiar um ser contra a pressão de toda a sociedade, o que ocorre, por exemplo, no caso de um artista ou de uma pessoa muito introvertida que tudo em nossas coletividades impele à extroversão, à traição de si mesmo.

Num casal, quando um dos cônjuges é neurótico e sofre de recalques, sempre acusa o outro. Quando, por exemplo, é afligido por uma perversão sexual, a recusa do outro a dela participar faz com que o primeiro acuse o segundo de falta de amor ou então de não ser "liberado", o que não deixa de provocar no outro um abatimento. Qual deles é neurótico? Um acusa indefinidamente o outro, e às vezes é muito difícil descobrir o que está ocorrendo.

Recordo-me de um caso em que uma mulher tinha terríveis sintomas histéricos que só apareciam em presença do marido; fora de casa era uma pessoa perfeitamente normal. No decurso da Análise, descobriu-se que o homem era inteiramente devorado por um Complexo materno: no que concernia o sentimento, o amor e a afeição, ele ainda não estava casado. Aos 67 anos (a esposa estava com 62), ainda se perguntava, nas cartas à mãe, se não deveria se divorciar. Quando haviam se tornado avós, o marido ainda não decidira se devia dizer sim ou não à esposa! Esta, cada vez que voltava para casa era tomada de náuseas: tratava-se na realidade de uma reação normal e de um excelente sinal; sua natureza sã "vomitava" um tal ambiente. Naturalmente podemos nos perguntar porque ela havia escolhido desposar um homem assim. Ocorre, porém, que alguns seres caem na infelicidade sem que sejam por isso responsáveis – verdade importante de que devem se recordar particularmente os que tendem a assumir, conscientemente ou não, uma atitude moralizadora a respeito das neuroses ou dos "problemas" dos outros. Na prática, muitas vezes somos levados a dizer a alguém: "Suas reações, consideradas pelos que o rodeiam (e talvez também pelas pessoas que consultou) como sintomas neuróticos, ainda que desagradáveis, são inteiramente normais: sua natureza está apenas se revoltando ou está desencorajada diante de determinadas condições de vida. Não é você que está doente, mas o meio familiar, profissional ou social em que está mergulhado. Trabalharemos para reencontrar suas forças e ver como e

Digitalizado com CamScanner

em que medida você pode modificar suas condições de vida". Sabemos que nossa sociedade urbana, técnica e unilateral é, em muitos aspectos, inteiramente esquizofrênica, e que, freqüentemente, não é o indivíduo que está doente, e sim o conjunto de uma civilização que ignora deliberadamente as necessidades mais evidentes e mais naturais da alma humana.

No início do Nazismo, muitos alemães me perguntaram em que eram desequilibrados, pois a repugnância que sentiam pelo movimento e sua incapacidade de a ele aderir os tornavam tão diferentes dos outros que passavam a duvidar de sua própria saúde mental. Os que eram fiéis a seus sentimentos e às suas reações instintivas e que, no sentido mais elevado, permaneciam sãos e no caminho certo, eram tomados pela dúvida e experimentavam uma grande angústia moral: estavam marcados e contaminados, contra a sua vontade, pela crescente psicose coletiva. O homem é, em grande parte, um animal gregário. Estar isolado de seus semelhantes é para ele um fator de angústia. É pois preciso ser muito lúcido e ter uma grande coragem para permanecer firmemente ligado ao que sentimos ser verdadeiro e justo, se isso for oposto à opinião corrente; o isolamento que decorre dessa situação faz com que o ser fique tentado a duvidar de seu próprio julgamento. Temos aí um exemplo de situação em que não apenas a infelicidade, mas a angústia e a dúvida se abatem sobre indivíduos que não são nem culpados nem neurotizados.

Consideremos agora a questão da maldição que pesa sobre um indivíduo inocente sob um ângulo diferente. Muitos contos começam pelo tema do príncipe, do mercador ou de outra personagem que atravessa o mar, ou penetra numa floresta e é parado por um espírito maligno – um cão negro ou o Diabo em pessoa – que só o deixa passar com a promessa de que lhe será dado o primeiro objeto que o viajante encontrar ao voltar para casa. Algumas vezes, como no conto de Grimm que estudaremos adiante, *A Jovem sem Mãos*, é um homem lançado na miséria, a quem o Diabo oferece riquezas com essa mesma condição. O homem, acreditando que se trata de seu cão, ou de algum ser que está pronto a sacrificar, volta para casa; o filho corre em sua direção e ele percebe que o vendeu ao Diabo. Essa criança virá a ser o herói ou a heroína do conto, cuja tarefa principal será a de se libertar sozinho da sorte que sobre ele pesa.

Digitalizado com CamScanner

Neste estilo de conto, o fato de que o rei, o moleiro ou o mercador agem contra a vida, significa que a atitude consciente coletiva foi a pique e que a energia vital não pode mais irrigá-la normalmente. Neste caso, só pode haver renovação através de um diálogo com o princípio oposto e com o que tenha sido recalcado pela mentalidade coletiva e considerado como o Mal (o Diabo), ou qualquer outro fator que até então estava excluído. O Diabo personifica o princípio que entrava o progresso e que procura suprimir qualquer evolução futura (a Criança) e assegurar-se de que a vida continuará nos velhos moldes. No caso do indivíduo, isso corresponderia a uma situação na qual ele se sente preso numa armadilha: não podendo mais prosseguir no mesmo caminho, é forçado a entrar em relação com o Inconsciente de uma forma ou de outra, e a considerar a possibilidade de conduzir sua vida segundo novas normas. Inevitavelmente as condições do Diabo são tão extremas e unilaterais quanto o que existia antes, e ceder-lhe significaria provocar uma inversão dos valores; a tarefa da criança é também a de se libertar superando os opostos.

Jung contava a história de um homem de negócios extremamente correto que havia recebido uma educação cristã e se comportava muito bem em casa com a mulher e os filhos; nunca fumava, não bebia demais nem corria atrás das mulheres. Quando chegou aos 45 ou 50 anos, caiu na clássica neurose das pessoas dessa idade – vieram os maus sonhos e as doenças habituais do alto executivo. No decurso de uma noite em claro, acordou a mulher às 3 horas da manhã batendo na mesa e gritando: "Agora eu cheguei lá! Sou um escroque e um vagabundo!..." Sendo um homem, um homem característico com reações por demais inteiras, caiu a partir deste instante no excesso oposto do que havia até então vivido: dilapidou todos os seus bens e levou uma vida dissoluta até a morte. Viveu uma perfeita enantiodromia. Isso exigia uma certa dose de coragem e não foi nada fácil para a família e para os filhos, que tiveram de submeter-se à Análise. O homem havia sido tomado pelo Diabo, como o rei e o moleiro dos contos, e lhe obedecera durante toda a vida porque não havia sabido encontrar o caminho do meio, que conduz à libertação.

Um Conto de Fadas que começa por uma defrontação com o "Diabo", indica pois a necessidade de uma modifica-

Digitalizado com CamScanner

ção e da reflexão sobre a atitude oposta à que foi seguida até então. Se cotejarmos esse tema com a história da *Bela Adormecida*, veremos que na versão de Grimm uma rã se dirige aos pais que não têm filhos e cujo reino não é fértil há muito tempo. Ao oposto do Diabo, ela não ameaça roubar a criança, mas permite seu nascimento. A tensão não é tão grande quanto no primeiro caso; o Inconsciente propõe a possibilidade de continuar a viver sem que nenhuma condição especial precise ser colocada; ele oferece um novo impulso à atitude consciente que existia. É preciso, entretanto, que estejamos preparados – é o que nos diz a história – para a exigência de um pagamento; as demandas da Sombra se imporão, como fizeram no batismo da princesinha. Então o lado escuro da Natureza aparece para reivindicar seus direitos sobre a criança.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO III

A REAÇÃO DA DEUSA

Vimos que numa versão medieval do conto, as 3 Fadas Madrinhas têm os nomes divinos de *Lucina* (Juno), *Vênus* e *Témis*. Juno era, entre outros motivos, a Deusa que auxilia as mães durante o parto. O nome de Vênus, Deusa do amor e da beleza, fala por si mesmo. Quanto a Témis, a Justiça e a Vingança, é ela que representa o papel da Fada Madrinha má. Encarna um aspecto da Deusa mãe que foi muito esquecido em nossa civilização, mas que existiu em muitas civilizações antigas e primitivsas. Representa um princípio feminino de severidade e de vingança que não coincide com a atitude masculina paralela. Quando evocamos vingança ou punição – sendo a vingança a forma primitiva do castigo – pensamos nas leis estabelecidas, em sua violação e nas penas aplicadas em conformidade com essas leis, pois é esse nosso costume.

Fazer leis e decidir sobre as penas em que incorrem os que não as observam é a maneira masculina de tratar o problema da justiça. Porque nossas leis são baseadas no Código Romano e na mentalidade patriarcal, geralmente vemos a punição como pertencente ao mundo masculino, ao passo que a caridade e a exceção seriam ligadas ao princípio feminino. Na Idade Média, a Virgem Maria era às vezes representada cobrindo os pecadores com seu manto: aqueles que, segundo a lei divina, deveriam ir para o Inferno

Digitalizado com CamScanner

ou para o Purgatório viam, graças a ela, sua sorte atenuada. O fato de que os homens editam leis e tratam dos problemas mundiais e de que cabe às mulheres pedir clemência, segue o velho modelo familiar patriarcal em que o pai castiga e exige trabalho e esforço e a mãe solicita a indulgência; mesmo quando esse princípio não é mais aplicado, permanece, apesar de tudo, como modelo. A justiça e a punição, no mundo masculino, estão ligadas à noção de leis estatísticas, e justiça, para nós, significa que, em se tratando de um mesmo delito, a pena deve ser igual para todos; não há nenhuma exceção, a menos que haja uma regulamentação prevista.

Temos aí uma defesa contra o Mal, mas ela representa uma maneira unilateral de considerar o problema. Se dermos fé aos dados mitológicos, existem igualmente uma justiça e um princípio de punição e de vingança femininos. Poderíamos dizer que a lei, como a concebemos do ponto de vista masculino, está ligada ao princípio do Logos; ela corresponde à idéia fundamental de que é preciso que uma certa ordem reine na família e na sociedade. Para isso, regras são estabelecidas e os que não as respeitam são punidos. É um protesto contra o caos, próprio de uma determinada atitude diante da vida. Mas, segundo os dados mitológicos, existe esse outro princípio feminino de justiça, vingança e castigo. Compararei esse processo ao caráter vingador da Natureza: se, durante anos, uma pessoa come apressadamente, sem se dar o tempo nem mesmo de se sentar, ela será punida por desordens estomacais. Isto não tem nada a ver com nenhuma legislação, é uma conseqüência natural: um comportamento incorreto acarreta a infelicidade e a doença.

Assim, a vingança e a punição não dependem apenas das decisões humanas, mas também das conseqüências naturais. Esse fato é igualmente verdadeiro no plano psicológico. Uma atitude em falso (não necessariamente imoral, mas em desacordo com a Natureza) é punida pela má sorte ou pela neurose, ainda que nenhuma lei ética tenha sido infringida. Na maioria das Mitologias primitivas, existe uma figura feminina divina de natureza análoga à das Deusas gregas *Némesis*, a Vingança, ou *Témis*, a Justiça. Na Cabala judia, a Justiça está colocada à esquerda da árvore das Sefhiroth, isto é, do lado feminino, o que demonstra que,

Digitalizado com CamScanner

segundo o simbolismo hebraico, a justiça é uma qualidade feminina, o que pode nos parecer muito estranho.

A Natureza é dura, severa e cruelmente vingativa. Não há julgamento ou regra, mas simplesmente, traduzida em termos mitológicos, a vingança do aspecto sombrio da Deusa. O autor italiano do século XV que deu à mãe obscura o nome de Têmis, faz alusão à maneira pela qual a Natureza retifica a lei masculina num sentido total e natural. As mulheres tendem a não dar muita importância aos princípios da justiça e da lei, e a reagir instintivamente contra o que lhes desagrada através da maldade, reação que se assemelha à da Natureza (o que não significa que se deva justificar qualquer reação do Animus com base no que acabo de dizer!). A Anima no homem também comporta uma forma de maldade, pois é semelhante a uma mulher primitiva; possui igualmente uma maneira de reagir contra as situações desagradáveis tornando-se literalmente insuportável. Dar livre curso ao humor em lugar de aplicar uma pena refletida e razoável nem sempre é injustificado: em certas situações, mostrar-se simplesmente desagradável é a melhor resposta. A raposa que morde o filhote que atingiu uma certa idade, se conduz da maneira certa; agindo assim, ela o deixa por conta própria e o obriga a assumir sua liberdade. Algumas mães fazem o mesmo e afastam os filhos que se agarram demais a elas; como a mãe animal, elas os mandam passear. Isso corresponde ao espírito de desforra da Natureza em seu aspecto positivo, ainda que, visto do exterior, pareça chocante. Se a mulher está psiquicamente em ordem e funciona de acordo com as leis internas de seu ser, pode permitir-se essa característica de maldade instintiva e feminina sem que se trate do Animus negativo. O animal que quer ser alimentado pela mãe por um tempo demasiadamente longo obtém em contrapartida a mãe má. Mas esse funcionamento da lei feminina não é reconhecido em nossa civilização patriarcal e por isso é considerado imoral. Conheço a mãe de uma menininha de 8 anos que é muito caprichosa e quer que a mãe brinque com ela o tempo todo. Para ter uma tarde de folga, a mãe manda a criança brincar do lado de fora. Mas, no último instante, a criança pede algo sistematicamente. Ela é, por exemplo, suficientemente ardilosa para dizer que fez seus exercícios de aritmética – o que detesta – e pedir à mãe que os verifique. De um ponto de vista convencional, a mãe deveria ajudar a filha no

Digitalizado com CamScanner

trabalho escolar, mas no presente caso, e de um ponto de vista feminino, a mãe está agindo bem, pois trata-se de uma astúcia da menina para que a mãe fique com ela. Aparentemente a criança parece lógica e correta e é necessária uma certa sutileza para decidir quem está com a razão. Aqui se coloca a questão de saber se a mãe deve seguir a motivação interior e mostrar-se desagradável, ou a motivação "superior" que se revela, a longo prazo, prejudicial para ambas. As mulheres que têm um senso do dever excessivamente rígido, têm dificuldades nesses casos; são levadas a se desviarem da reação instintiva e a pensarem que uma boa mãe *deve* auxiliar o filho em seu trabalho escolar. Trata-se de um "deve", e por conseqüência, do ponto de vista feminino, de uma reação do Animus, e ainda que neste caso haja uma intenção benévola, mesmo assim provém do Animus. A reação sã seria a de seguir o instinto e dizer "não" à criança.

O problema é muito sutil, pois tudo o que acabei de expor poderia ser usado para justificar a preguiça, o egoísmo, ou as idéias do Animus contra o instinto real. Precisamos ser sinceros e honestos com nós mesmos para podermos compreender o que o Inconsciente exprime.

A vingança da Natureza está ligada de perto à grave situação criada pelos imensos progressos técnicos e racionais – em particular no campo da Medicina – da civilização ocidental. Esses problemas são a conseqüência da dominação das raças brancas. O mundo está correndo o risco de ter em breve uma superpopulação sem esperança. Antes de decorridos 2 séculos a situação será insolúvel, mas as organizações mundiais se recusam a enxergar o problema de frente. O mesmo ocorre com a exploração desenfreada dos recursos naturais limitados e com a destruição do meio, tão necessários a toda espécie de vida. Os progressos técnicos, a higiene e a luta contra as doenças constituem evidentemente um bem, mas enganar-se a respeito da Sombra terrível dessa atitude unilateralmente boa, provoca situações perigosas. Para enfrentar um problema com eficácia, é preciso pensá-lo em sua totalidade, em outras palavras, saber avaliar as conseqüências nefastas de uma atitude positiva, senão chegamos com o tempo a uma situação pior que a anterior. É possível que a Natureza invente um novo vírus – pois estes são capazes de mutações incríveis – ou então a superpopulação criará um tal estado

Digitalizado com CamScanner

de irritação com a Rússia, os Estados Unidos ou uma outra nação declarará a guerra atômica, a humanidade devendo então ser reduzida de uma maneira ou de outra...

Todos os empreendimentos caridosos bem intencionados são fundados numa *Weltanschauung* e baseados em idéias de inspiração cristã e humanitária que não levam em consideração o lado sombrio da mãe Natureza. Se ignorarmos um Deus (ou uma Deusa), ele se manifestará de forma ainda mais perigosa. Houve um tempo em que, na idéia que se tinha da Natureza, o bom, o generoso e o mal, o obscuro, se equilibravam numa certa medida, mas desde cerca dos séculos XII e XIII, como podemos verificar por exemplo na Mitologia, na Poesia e nos movimentos religiosos, pretende-se que os processos se alinhem numa atitude unilateralmente luminosa e boa. A partir de então, persistiu-se erradamente numa direção que não era mais válida, sem compreender que uma nova evolução se fazia necessária: era preciso uma transformação e também a consciência da existência "do outro lado". Em lugar disso, uma resistência geral produziu-se em toda a Europa; o que havia sido justo transformou-se numa conduta neurótica, e mecanismos de defesa se ergueram contra a situação de massa.

No plano individual, tomemos o caso de uma menina criada num ambiente familiar impregnado de Animus. Ela desenvolverá uma grande independência, assim como muita atividade intelectual – o que é inteiramente justo e, aliás, a única solução de acordo com a situação do momento. Mas, quando a família se desfaz, a filha deixa a casa. Se exagerar sua independência e tornar-se inabordável no plano da sensibilidade, cairá numa atitude neurótica. A postura rígida do Animus, que era um meio de defesa em conformidade com a situação de um dado momento, deveria se atenuar para adaptar-se a seu novo contexto.

A persistência numa atitude ultrapassada, e que não é mais adaptada, leva a situações impossíveis. É trágico o fato de que a conformação do ser humano seja tal que a perseverança se faz necessária para manter o princípio da Consciência, pois é justamente essa obstinação que acarreta a dissociação. A única saída é a posição preconizada por Jung; reconhecermos nossas dificuldades, tentarmos desenvolver uma maior flexibilidade e uma atitude mais aberta no núcleo de nossa própria atitude consciente e

Digitalizado com CamScanner

seguirmos nosso instinto até que tenhamos uma clara mensagem do Inconsciente. A dificuldade é que essa posição pode se confundir com a instabilidade. Existe, com efeito, uma espécie de incapacidade infantil em perseverar numa atitude. Uma pessoa nessa situação muda e hesita, incapaz de seguir uma rota determinada, o que denota uma fraca consciência do Ego. Acontece que nos referimos então à busca do equilíbrio entre os opostos, cara a Jung, para tentarmos justificar uma falta de caráter ou legitimar sua inconstância infantil.

Voltando à nossa história, a Fada Madrinha má amaldiçoa a menina, anunciando que ela morrerá; em Grimm isto deverá acontecer no dia de seus 15 anos, ao passo que Perrault não precisa exatamente o instante. Mas a última Madrinha atenua a maldição: em lugar de morrer, ela dormirá durante 100 anos. Sono e Morte eram na Antiguidade os irmãos divinos *Hipnos e Thanatos*. Pensamos no sono como uma espécie de morte, e por isso, nessa história, um e outro devem ser compreendidos de maneira relativa. Psicologicamente, um conteúdo está "morto" quando está completamente adormecido. Se eu sonho que tal ou tal pessoa está morta, isso significa que o Complexo representado por essa pessoa está totalmente recalcado, de tal forma que não percebo mais sua existência; está morto, deixou de participar de minha vida psíquica. É por isso que, numa psicose, há tantos símbolos de espectros, cemitérios e cadáveres saindo de túmulos; neste caso, isso revela a existência de toda uma vida psicótica dissociada e autônoma que reclamaria uma reintegração. Poderiamos dizer que o lado sombrio da Natureza ameaça, na época da puberdade, separar essa jovem de toda a vida que a rodeia. Trata-se com efeito de um período em que freqüentemente as atitudes neuróticas se manifestam.

No plano coletivo, isso significa que o desenvolvimento de um certo estágio da feminilidade é permitido enquanto permanece no nível infantil da submissão, mas não além. Os elementos femininos que não se enquadram inteiramente em nossa civilização são autorizados durante a infância, mas banidos logo que a menina atinge uma idade em que isso precisa ser levado a sério no mundo adulto. Assim, no carnaval de Basiléia – a famosa Fasnacht – existe um Deus da liberdade sexual, Deus que a civilização cristã não sabe

Digitalizado com CamScanner

como abordar; mas ela não é a única, outras civilizações também tiveram alguns aborrecimentos com ele! Durante essa festa há um relaxamento das regras morais, mas está implícito que isso não deve ser levado a sério e que se trata apenas de brincadeiras infantis. Assim, permitimos que essas coisas existam em nível de jogo, mas como adultos lhes recusamos um lugar em nossas vidas. Dizemos: isto é bom para a criança ou para o carnaval, não passa de uma diversão. Só as permitimos sob a máscara inocente da brincadeira, mas assim que começam a se tornar sérias, as reprimimos.

Um dos melhores exemplos históricos dessa posição é a maneira como os românticos brincaram com a imagem da Anima. Os poetas românticos, os alemães em particular, a descreveram de forma maravilhosa; um exemplo é o de E.T.A. Hoffmann em *Der Goldene Topf* (O pote de Ouro), que foi interpretado por Aniela Jaffé[1]. Essa história atinge realmente o cerne do problema da Anima e mostra suas dificuldades mais profundas, mas as situações correram tão mal que alguns poetas se desligaram do movimento, enquanto outros se converteram ao Catolicismo e outros ainda se suicidaram. A maioria, porém, fez uso de uma astúcia muito conhecida na História da literatura, e que foi denominada "ironia romântica"; no final de uma narrativa maravilhosa, o autor diz repentinamente: "tudo isso não passou de um belo sonho!". Muitos artistas modernos têm a mesma atitude: escrevem sobre os mais sérios assuntos, sempre pretendendo que se trata da "arte pura" ou de um "jogo", para impossibilitar que a idéia seja levada a sério, e aplicada.

Alguns autores, no entanto, empregaram fórmulas análogas com um objetivo diferente. Assim, quando Shakespeare diz:

We are such stuff
As dreams are made on[2].

"Nós somos do mesmo tecido/ de que os sonhos são feitos", podemos pensar que os vê como realidade, ainda que passe essa reflexão ao público de tal forma que este sai

1. Este estudo está incluído na obra de C.G. Jung, *Gestaltungen des Unbewussten*, ed. Rascher, Zürich, 1950.

2. *A Tempestade*, IV ato, cena I, versos 156-57.

Digitalizado com CamScanner

do teatro num humor não muito pensativo, à maneira dos contadores de histórias que terminam suas narrativas com uma fórmula de saída. Não conhecemos nada de Shakespeare que pareça ter-se protegido do público. Mas no que concerne os poetas românticos, sabemos que não aplicavam a si mesmos o que escreviam, pois ignoravam como afrontá-lo. Temiam provavelmente que o problema os destruisse se os considerassem com seriedade, e, com efeito, alguns deles se mataram. O conteúdo devia ser reprimido porque as situações tornavam-se por demais perigosas. Da mesma forma, na Renascença, o problema do paganismo da Antiguidade ressurgiu por inteiro: às vezes preferia-se Vênus à Virgem Maria, mas como isso permaneceu apenas como um prazer de estetas, foi tolerado pela Igreja. O movimento se cristalizou num dado momento, e seus conteúdos psíquicos nunca foram verdadeiramente admitidos conscientemente nem levados em consideração com seriedade, pois teriam feito com que toda a mentalidade cristã fosse repensada.

A última Fada Madrinha transforma a morte em um sono de 100 anos, o que representa um período de repressão muito longo. Com efeito, pode ocorrer, na prática, que os problemas individuais se aplanem, provocando a desagradável sensação de que estão mais adormecidos do que resolvidos. Em geral, a atitude consciente é então de forma a que os problemas não possam emergir, o que faz com que adormeçam, embora sintamos que voltarão. O rei suprimiu todos os fusos da corte, mas, de maneira característica, o único que foi esquecido fere a jovem. É igualmente curioso observar que no dia fatídico de seus 15 anos, em lugar de tomarem conta da filha, os pais estão ausentes. Para um "ato falho", este não é pequeno!

Somos levados a pensar que a velha mulher não é outra senão a Madrinha que vem consumar a maldição. Recordemo-nos de que em algumas versões, como a de Perrault, ela vivia há mais de 50 anos numa torre. Agora assumiu a aparência de uma velha mulher comum, que é tão velha e que vive de maneira tão retirada, que (mais uma vez) foi esquecida. Representa o aspecto sombrio do princípio feminino, a Sombra, o aspecto imperfeito da mãe Natureza negligenciada em nossa civilização e que, bem entendido, se reflete também nas mães pessoais.

Digitalizado com CamScanner

O fuso é, ao mesmo tempo, um símbolo feminino e fálico. Na Alemanha medieval, falava-se do "parentesco de fuso" para designar a família materna. Era também o emblema de Santa Gertrudes, que possuía a maior parte das qualidades das Deusas mães pré-cristãs, tais como Freya, Hulda, Perchta e outras. O fuso é também o símbolo das velhas sábias e das feiticeiras. O linho que ele fia é igualmente ligado às atividades femininas. Ele era geralmente plantado por mulheres, e, em muitos países, as mulheres tinham o hábito de exporem seus órgãos genitais ao linho que estava crescendo, dizendo: "Eu te peço que cresça até onde se encontra meu sexo agora." Semeadura, fiação e tecelagem do linho estão portanto ligadas à essência da vida feminina, com suas implicações de sexualidade e fertilidade.

Carol Baumann recolheu sonhos de mulheres grávidas e os que precederam imediatamente ou se seguiram ao nascimento. Publicou seus resultados sob o título: "Experiências Psicológicas ligadas ao Parto"[3]. Vemos aí que temas de fios e teciduras aparecem com freqüência nesses sonhos[4]. Encontrei recentemente um motivo do mesmo gênero: *Uma futura mãe sonhava que várias mulheres a levavam para um navio, embora reclamasse a presença do marido. Uma mulher assaz positiva apresentou-se então e mostrou-lhe um tecido de seda, explicando-lhe como havia sido feito, com os fios tecidos de maneira a produzirem um efeito ondeado e multicolor. A sonhadora sentiu que ele era muito numinoso. Então duas jovens mulheres, gêmeas, a conduziram pela mão até a parte superior do navio.* Um Complexo mãe negativo fazia com que essa mulher tivesse alguma dificuldade em aceitar ser mãe, assim o Inconsciente lhe propunha um modelo positivo para que reencontrasse sua feminilidade e, com ela, seu instinto maternal.

3. "Psychological Experiences connected with Childbirth", in *Studien zur Analytischen Psychologie C.G. Jungs*, ed. Rascher, Zürich, 1955, v.I, p. 291 e seg.

4. M.-L. von Franz, *L'Interprétation des Contes de Fées*, trad. cit., p. 95-100, sobre o simbolismo do tapete, e Sibyl Birkhäuser, "Le Personnage de la Fileuse dans les Contes de Fées", in *C.G. Jung et la Voie des Profondeurs*, op. cit. (N. T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

O motivo do tecido de cor cintilante composto por grande número de fios está ligado às mutações do imaginário no que concerne a maternidade. O mistério que envolve o fato de dar a vida é fundamentalmente associado à idéia de fiação e tecelagem, atividades femininas complexas que consistem em reunir elementos naturais em determinada ordem. A analogia biológica que se impõe a nosso espírito é a de que toda criança é o resultado da disposição, segundo modelos determinados, dos fatores hereditários de Mendel. Sabemos que todo ser humano é um fator complexo que poderíamos descrever como um pano tecido com todas as unidades ancestrais, tanto biológicas quanto psicológicas, das quais é formado. Segundo Konrad Lorenz, que estudou modelos de comportamento em unidades de ação, constataremos que essas seqüências são transmitidas de acordo com as leis de Mendel.

Cada criança é igualmente feita de uma mescla viva de elementos psicossomáticos que se combinam segundo um determinado modelo para formar um novo ser. O mistério concernente à maneira pela qual uma criança torna-se um todo a partir de modelos psicológicos e psíquicos herdados, é figurada pela tecelagem. Um menino de 4 anos, perguntou um dia à avó: "Quem me uniu?" Para essa obra imensa, a mulher não contribui conscientemente, mas com todo o seu ser, e através de sua substância total, tanto biológica quanto psíquica. Parece que é extremamente importante e mesmo essencial para a criança que os fantasmas da mulher grávida se concentrem desde os primeiros meses na criança. Eu diria que se uma mãe pensa muito na criança que vai nascer, reza e imagina situações a seu respeito, isto é, "fia" e "tece" para ela, essa atividade mental prepara a terra nutritiva onde nascerá. A atenção da mãe, que gira naturalmente em torno do mistério da criança que está por vir, e com ela se deslumbra, influencia seu sentimento a seu respeito e lhe oferece um seio acolhedor.

A mulher que sonhou com o tecido de cores cambiantes exerce uma profissão. Está muito orgulhosa de poder ter seu filho "incidentemente", trabalhando até o fim. Está satisfeita com a sua boa saúde e com a vida que leva, é uma pessoa muito ativa, mas penso que, de certa maneira, está negligenciando interiormente a criança. Por causa de seu Complexo mãe negativo, não sentiu espontaneamente que deveria "tecer" seu filho com a ajuda de sua imaginação e

Digitalizado com CamScanner

de suas esperanças, e por isso o sonho lhe dizia qual deveria ser sua conduta psíquica justa.

Por um aspecto, qualquer pessoa que tricotou, executou uma tecelagem ou um bordado sabe do efeito benéfico que isso pode ter, pois podemos permanecer tranquilos e preguiçar sem nos sentirmos culpados, fiando nossos pensamentos enquanto trabalhamos. Podemos relaxar, soltar a imaginação, e depois nos levantarmos com a sensação de termos feito algo! Esse trabalho também exercita a paciência, o que, para um temperamento "Animus", é muito útil: só as que executaram tais trabalhos conhecem todas as catástrofes que podem ocorrer, como perder uma fileira de pontos justamente quando se está nas diminuições! Trata-se de uma ocupação educativa que, além de tudo, auxilia a natureza feminina a exprimir-se, e é extremamente importante para as mulheres não abandonarem este estilo de trabalho na vida febril de hoje. Mas também podemos abusar, como ocorre com qualquer outra atividade. Conheci um pintor que pretendia que as mulheres tricotam de uma maneira verdadeiramente desesperada, pondo nisso todas as suas penas, decepções e cóleras e, com efeito, muitas mulheres tricotam como se estivessem furiosas! Por ter tido uma mãe assim e experimentado o aspecto negativo desses trabalhos, não permitia que a mulher tricotasse, a despeito do fato de que ela não era assim. Quando tricotar, fiar a lã ou tecer é descrito num conto como negativo, podemos pensar que a mulher está "fiando" alguma intriga. O fantasma do desejo é então tecido como o pano ruim da feiticeira. Se o motivo mitológico do sonho ou do Conto de Fadas liga essa atividade à vida voluntária e consciente, isso indica uma maneira de tramar no plano material, com o auxílio de associações e emoções, atividade interna própria da mulher ou da Anima.

Uma das tarefas da mulher é a de criar uma certa atmosfera à sua volta, pois ela é em grande parte responsável pelo ambiente do lar. Este depende da tonalidade de seu sentimento e de seus fantasmas em relação à sua família. Se uma esposa tem confiança no marido e nos filhos sem com isso superestimá-los, o clima será favorável e os seus desejarão merecer essa confiança. Ter fé na família e alimentar esperanças em relação a ela é um dos papéis da conduta materna, e um convite à resposta. Nada é mais

Digitalizado com CamScanner

difícil para um filho do que sentir que não confiam nele; torna-se então uma criatura miserável. Mas, inversamente, algumas mulheres pensam que o filho é um herói, um gênio, um salvador, um Cristo, ou uma princesa e uma Virgem Maria, o que também o destrói. O fantasma do herói-salvador entre as mães é, com freqüência, a razão profunda da destruição do filho, pois isso o afeta. A mãe deve fiar a justa espécie de fantasma sem superestimar ou subestimar o filho, guardando-o corretamente em seu espírito e em seu coração, de forma que ele possa seguir seu próprio caminho.

Realidades como essas foram por demais ignoradas. Fala-se de Pedagogia, de prevenir os Complexos, ou da idade em que convém tirar as fraldas de uma criança, como se as regras externas primassem. Tendemos a não ver que a imaginação e o sentimento da mãe são o que mais importa. Geralmente as mulheres sabem muito bem que se a criança fica doente é porque a mãe está perturbada. Descobriu-se que, quando a criança ainda está no seio materno, o que ocorre à mãe, assim como seu estado de espírito, podem influenciar seu desenvolvimento. Essas fundações invisíveis têm muita importância na criação da situação vital futura. Naturalmente podemos dizer o mesmo da Anima do pai, cujo Eros negligenciado pode destruir o filho – de forma que o comportamento do pai em relação à futura mãe e ao futuro nascimento é evidentemente primordial.

Na Índia, onde existem fortes tendências matriarcais, a criança é olhada como uma alma reencarnada, e os fios de sua existência são os das gerações. Pensam que todos os seres fazem parte de um mesmo tecido de natureza divina. Assim como os fios da trama passam muitas e muitas vezes, o fio sempre aparecendo e desaparecendo, assim os seres humanos vão e vêm e um fio eterno sempre os atravessa no decurso das reencarnações. Asseguram mesmo ser possível enumerar encarnações sucessivas. Que essa teoria tenha sido construída com base na observação, ou que constitua uma explicação abstrata, é assim que interpretam o fato de que modelos psíquicos se repetem. No Ocidente, nos consideramos de preferência como unidades isoladas, embora falemos, no figurado, da "cadeia das gerações".

Mais tarde, a forma como os fantasmas inconscientes do pai afetam as filhas torna-se evidente quando o homem que não resolve seu problema da Anima transfere suas

Digitalizado com CamScanner

imaginações para as filhas; esperando que elas vivam o que ele não viveu e alimentando em relação a elas desejos incestuosos inconscientes, perturba seu desenvolvimento natural.

Um homem que se casara muito tarde por causa de seu Complexo mãe, transformou, por sua vez, a esposa em mãe. Quando estava com cerca de 50 anos, tornou-se muito instável e teve inúmeros fantasmas sexuais, ainda que, na condição de "perfeito gentleman", não os tenha tornado conscientes. Tinha periodicamente um pesadelo, em que via uma de suas filhas debaixo de um poste, esperando homens como uma prostituta. Todo seu problema de Eros se projetara sobre as filhas. Uma fugiu, levou uma vida desregrada, adoeceu e morreu. A segunda, durante um certo tempo fez o mesmo, e a terceira tornou-se muito pudica. Todas tinham um problema não resolvido concernindo o amor e o sexo, devido à fiação e à tecelagem dos fantasmas da Anima do pai, que nunca assumira e enxergara de frente. Ele os havia legado à geração seguinte e as filhas sofreram as conseqüências.

O fuso, instrumento de uma atividade essencialmente feminina, é também, por sua forma, um objeto de caráter fálico. É aquilo que dá voltas, e em torno do que tudo gira. Platão, no *Timeu*, compara o mundo a um fuso, eixo em torno do qual o Cosmos inteiro efetua suas revoluções. Em muitas narrativas folclóricas reaparece o tema das agulhas ou dos espinhos com que mágicos ou mágicas, feiticeiros ou feiticeiras picam a cabeça, o olho, atrás da orelha, ou o dedo de suas vítimas, provocando o sono ou a morte. Psicologicamente, uma palavra picante pode efetivamente matar. A observação mordaz constitui a agressividade habitual tanto das mulheres quanto da Anima. As mulheres geralmente não batem portas ou praguejam, mas lançam alguma observação sutil, doce e perfurante, é o ferimento da feiticeira que atinge precisamente o ponto fraco do outro.

Existem no espírito natural feminino muitos aspectos positivos. O espírito da mulher tem a vantagem de ser capaz de ver as situações com realismo. Dizia-se que minha bisavó falava aos filhos, sempre que estavam mergulhados num romantismo de adolescentes: "Crianças, vão arrumar a cama!", trazendo-os de volta à realidade. Mas o espírito natural, em sua lucidez, também pode tocar os Complexos

Digitalizado com CamScanner

de forma destrutiva. Esse mau uso é corrente entre as mulheres e é o que ocorre aqui – o aspecto negativo da mãe Natureza ataca a menina e a adormece, enquanto os pais estão "ausentes".

O fuso é particularmente perigoso quando o voltamos contra nós mesmos: como ele não se manifesta no exterior, não pode ser apreendido. Insidiosamente, sem que a vítima se aperceba, ele a destrói. É assim que ouvimos com frequência mulheres dizerem: "Sempre pensei que nunca me casaria", ou então: "Eu era estúpida, por isso nunca tive sucesso em nada na vida." Quando lhes perguntamos: "O que a faz pensar assim?" a resposta é: "Não sei." Esta convicção auto-destrutiva, adquirida na primeira infância, é aceita por natural e, conseqüentemente, nunca é objeto de uma crítica pessoal, ou de uma discussão com alguém, e nem mesmo foi manifestada de uma forma ou de outra, senão por mal-estares e traços de comportamento: apatia, falta de energia e de alegria de viver, fracassos repetidos, etc. Se a própria mãe não reconhece seu valor enquanto mulher, transmitirá involuntariamente essa convicção íntima à sua filhinha. À medida em que ela for crescendo se dará conta de suas inibições, que tomará como lacunas pessoais e, fracassos e julgamentos alheios vindo reforçar a má opinião que tem de si, perderá o pouco de confiança que poderia ter em si mesma. A partir daí, todo desenvolvimento interior, com o que ele comporta de possibilidades criadoras e de auto-realização se apaga, como adormece a princesa depois de ter sido picada.

O que podemos discernir em tais pessoas que chegaram à idade adulta, é que alguma coisa parou nelas. Parece que vivem em letargia e se arrastam sob um astro maléfico, sem que saibamos porque: tudo está estagnado. Em geral não falam sobre isso ao analista porque não têm consciência do que ocorre: se confiar implicaria o reconhecimento do fato de que existe um problema, ou pelo menos de que tenham dúvidas a esse respeito. Por terem sido "enfeitiçadas" numa idade em que não podiam se dar conta, não é por falta de franqueza que se calam: simplesmente não lhes ocorre que possa haver aí uma matéria para discussão, nem que isso possa se modificar. Esse tipo de mulher encontra-se um belo dia num impasse semelhante ao que surge no conto. Segundo este, o impasse é devido a um Complexo mãe, mais

Digitalizado com CamScanner

exatamente ao Animus negativo materno, pois a velha fiandeira é uma espécie de mãe ou de avó, e o fuso representa o Animus (o falo) da mãe.

Recordo-me de um caso particularmente crítico de anorexia. Tratava-se de uma jovem que não digeria nada e quase não se alimentava mais, senão sob a forma de pílulas. Quando veio me consultar, estava semi-morta de inanição, e seu médico acabara concluindo que sua doença devia ser de natureza psíquica. Sua mãe havia sido enfermeira e adotara a postura "cristã" de renúncia e sacrifício que a levava a considerar que sua própria vida não representava nenhum valor e que não devia esperar nada dela – conduta comum a muitas mães de família, enfermeiras, etc. – o que não a havia impedido de conquistar o médico-chefe do hospital. Depois do casamento, esse Animus negativo voltou a manifestar-se; não parava de queixar-se ao marido e aos filhos, declarando a quem quisesse ouví-la que nunca deveria ter fundado um lar para continuar a exercer sua profissão.

Os filhos cresceram portanto nessa atmosfera em que o Animus da mãe lhes fazia saber de manhã à noite que sua própria existência era um erro e que estavam errados em viver. A jovem em questão cedia a tudo que lhe era pedido sem nenhum discernimento pessoal, com a constante preocupação de a todos apaziguar. Temia todo o mundo, sua convicção profunda sendo a de que não tinha o direito de existir e de que devia tentar se fazer perdoar. Toda a sua conduta significava: "Eu lhes peço, não me matem, serei bem comportada e farei tudo o que quiserem." Podemos dizer que havia sido picada pela opinião do Animus materno que se tornara a sua própria. Também ela, era uma "Bela Adormecida".

Quando veio me consultar pela primeira vez, tive a sensação curiosa de que me haviam dado um sonífero e que eu ia adormecer. Estou acostumada a me deixar levar por tais fantasmas quando recebo de um paciente impressões desse gênero. No presente caso, tinha vontade de me levantar e meter a cabeça debaixo da torneira de água fria. A atmosfera estava calma (demais), pois ela estava em minhas mãos como um patinho: nunca me contradizia e não me resistia de nenhuma forma. Por outro aspecto, me era simpática e me interessava, mas mesmo assim sentia em

Digitalizado com CamScanner

sua presença essa sonolência que exprimia de fato sua própria situação: ainda não havia despertado para o fato de que tinha o direito de existir. Durante vários anos, o trabalho consistiu principalmente em mostrar-lhe, em cada ocorrência de sua vida, como se tinha deixado levar e como havia sempre cedido aos outros passivamente; voltávamos sempre a isso. Havia caído num tal abismo de miséria que encontrava-se completamente incapaz de alimentar-se, pois comer e digerir significa assumir, reagir, e pressupõe um mínimo de agressividade; ora, ela não tinha nenhuma reação face ao que a cercava.

Se o pensarmos agora no plano coletivo, que é o do conto, esse tema do sono da princesa nos leva ao fato de que certos fatores da vida psíquica feminina foram recalcados por uma censura inconsciente. Em nossa civilização, um dos pressupostos mais divulgados – mais relegado ao segundo plano do espírito que verdadeiramente inconsciente – é a relação tradicional estabelecida entre o Bem, a Atividade, o Espírito e o Homem de um lado, e o Mal, a Passividade, a Matéria e a Mulher do outro lado. Na narrativa bíblica, Adão denuncia Eva a Deus como sendo responsável pela falta, pois havia escutado o Diabo. Essa identificação do Mal e do problema que a mulher representa para o homem reaparece sem cessar, e os homens que sofrem de um Complexo mãe negativo pensam freqüentemente assim. Sendo nossa civilização em grande parte patriarcal, essas idéias se encontram na base de muitas posições e atitudes, tanto sociais quanto individuais.

É assim que um padre católico que ocupava uma elevada posição hierárquica, disse-me uma vez: "Por que sempre há problemas com as mulheres?" Sua observação tinha sido provocada pelo fato de que mais uma vez uma de suas penitentes havia tentado seduzi-lo no confessionário, comportando-se de maneira revoltante; era o gênero de mulher que sai em seguida contando por toda a parte que foi o padre (ou o analista!) que procurou seduzi-la, mesmo que não seja verdade. Os padres usam o hábito, o que proclama seu desejo de não se envolverem com o sexo e as mulheres. Esse fato é sentido como um desafio por algumas mulheres que, a partir daí, desejam seduzi-los e despertar sua virilidade. Mas, do ponto de vista do padre, é evidentemente exasperante estar sempre rodeado por mulheres histéricas. O

Digitalizado com CamScanner

amor está geralmente ausente desse tipo de reação, trata-se mais de um impulso de Poder. Diante disso, o santo homem exclama: "Meu Deus, essa mulheres!", mas o que ele não vê é que ao usar esse hábito pertencente à uma ordem patriarcal (à frente da qual se encontra um Papa sem equivalente feminino a seu lado), ele mesmo constitui uma espécie de declaração de guerra contra o elemento feminino. 3 mulheres que haviam se comportado de forma provocante em semelhantes circunstâncias tinham sonhos que falavam claramente que deveria haver sacerdotisas, o que demonstra que se sentiam insultadas.

Em muitas culturas tradicionais os dois sexos estão representados nas cerimônias religiosas, e as mulheres podem alcançar uma posição elevada. No que diz respeito à Igreja Católica, seu ponto de vista não é tão radical na prática quanto o é na teoria, visto que muitas mulheres, graças à força de sua personalidade, puderam assumir nela o papel de guia espiritual. As superioras de monastérios e algumas mulheres eremitas eram sem dúvida uma espécie de sacerdotisas, ainda que não tivessem nem esse título nem os poderes sacerdotais. Teresa d'Ávila, por exemplo, que exerceu uma forte influência, teve de submeter-se durante toda a vida a seus confessores e superiores, tanto regulares quanto seculares. Suas cartas e seus escritos contém protestos de humildade segundo os quais, ainda que sendo uma pobre mulher ignorante (!) toma a liberdade de dar sua opinião sobre as experiências de vida interior e mesmo – cúmulo do mau gosto – admite saber latim.

A situação de base era e permanece, portanto, fundamentalmente patriarcal. Assim as mulheres que não se dão ao trabalho de refletir sobre suas condições sociológicas, e as que nem têm consciência disso, a assumem e são afetadas por um sentimento de inferioridade que as torna amargas e irritáveis, e que compensam mostrando-se desagradáveis para chamar a atenção. Se não conseguimos ser normalmente reconhecidos como indivíduos, se não atraímos o interesse de outrem, desencadeamos a cólera para nos fazermos notar a qualquer preço; na realidade, trata-se de uma tentativa legítima mas desajeitada (porque antecipadamente destinada ao fracasso) para reclamar o direito à existência.

Retornando ao nosso conto, depois de decorridos os 100 anos, a sebe espinhosa que defende a entrada do castelo se

Digitalizado com CamScanner

abre e, em certas versões, começa a produzir rosas magníficas. A rosa com seus espinhos, diz um autor medieval, pertence a Vênus e simboliza o amor, pois não há amor sem sofrimento. Os Antigos diziam igualmente: "*Ubi mel, ibi fel*", onde há mel também há fel. Podemos ligar os espinhos das rosas a esses terríveis golpes involuntários com que as pessoas que se amam se atingem mutuamente; temos mesmo a expressão: "briga de amor". Essas trocas de golpes de espada, que consistem em atacar os pontos mais vulneráveis, são, na realidade, lutas entre Animus e Anima: será exatamente no lugar em que o sentimento do homem está mais incerto e mais sensível que a mulher enfiará a ponta de seu Animus negativo, ao passo que é onde a mulher tem mais necessidade de ser aceita, compreendida e encorajada que o homem derramará o veneno de sua Anima assassina.

A presença de tais espinhos ou de seu equivalente indica geralmente nos sonhos uma susceptibilidade exasperada, sempre acompanhada de agressividade. A pessoa sofre, mas, ao se defender contra seu próprio sofrimento, fere os outros. Se recebo um paciente ou uma paciente muito susceptível, sei que receberei muitas alfinetadas desagradáveis e que é prudente revestir uma armadura protetora. As pessoas geralmente se orgulham dessa sensibilidade, sem se darem conta de que ela lhes serve para tiranizar outrem: uma palavra pouco amável provocará dramas durante meses, e não se pode abrir a boca com medo de feri-las; fazem cenas sobre tudo, ficam amuadas e se sentem atacadas a todo propósito em seu maravilhoso sentimento.

Se esse gênero de atitude traduz o sofrimento de um ser prisioneiro de si mesmo, também esconde geralmente um Complexo de dominação assaz comum que aparece em sonho nas figuras de Sombra. Essa conduta infantil diante da vida é utilizada freqüentemente por essas pessoas para a manipulação dos que as rodeiam. Quando se trata de uma mulher, o que seria normalmente amor, torna-se uma sebe de espinhos onde qualquer homem, ao nela se aventurar, é de tal forma picado e arranhado que só lhe resta o recuo. Não é possível para um homem aproximar-se de uma mulher que é susceptível ao ponto de sentir-se ulcerada pela menor observação: é complicado demais para ele, e, ou ele desiste, ou seu amor morre transpassado como os pretendentes do conto.

Digitalizado com CamScanner

Observamos anteriormente que a solução da narrativa é estranha, pois aparentemente ela não comporta nem mérito a alcançar, nem prova dramática a cumprir. Ao final de 100 anos, a situação se resolve sozinha. Nada em particular é pedido ao príncipe, a não ser que tenha a coragem de empreender por sua vez a aventura e, sobretudo, que saiba agir no momento propício. Ora, sabemos que quem age assim é um ser que alcançou uma certa maturidade psicológica. Aquele que pesa seus atos e seus móbeis ou que, espontaneamente, faz o que é preciso no momento justo, alcançou um certo grau de unidade, equilíbrio e verdade interior. Como diria Jung, alcançou seu núcleo e age sob o impulso do Self, em harmonia (em Sincronicidade) com os eventos, tanto internos quanto externos. Poderíamos também dizer, na linguagem da velha sabedoria chinesa, que está maduro para a "atividade não operante", o *wou-wei*, e que ele empreende sua aventura na "Inocência"[5]. Dito de outra forma, ele não força a sebe de espinhos por decisão do Ego, mas espera sentir que o momento chegou e que do mais profundo de si mesmo salta um impulso para fazê-lo.

Podemos tirar várias lições dessa passagem do conto, e a primeira é que o problema da susceptibilidade precisa ser tratado com muita paciência e mesmo uma certa passividade. Se tentamos abrir à força uma passagem, mostrando à pessoa em questão que se trata, de fato, de Poder, arriscamo-nos a ser arremessados nos espinhos, onde ficamos presos, e a relação se dilacera. Aconteceu-me perder o contacto em casos assim, porque a pessoa saiu de minha casa profundamente ferida por eu ter ousado tocar nesse problema ardente e revelado uma tendência à dominação no que era, em sua opinião, uma delicadeza de alma muito rara. A única coisa a fazer em tais casos, é esperar que o sujeito se encontre de tal forma isolado em seu Complexo de poder que se reconheça vencido. Constatamos com efeito que, na perspectiva coletiva que é a sua, uma tal passividade constitui a moral de muitos Contos de Fadas.

Nas situações que dependem do princípio feminino (quer se trate da Anima no homem ou da feminilidade na mulher),

5. *I Ching, Le Livre des Transformations*, trad. cit. Hexagramme 25: *Wou Wang* (N.T. ed. franc.).

Digitalizado com CamScanner

o tempo é um elemento essencial; nada mais pode auxiliar, e toda interferência seria prejudicial. Tomemos por exemplo o caso da Anima: certos homens que têm um Complexo mãe positivo oferecem o estilo do celibatário esteta e poeta, de alma delicada como uma flor. Essa fragilidade lhes impede de ter a menor idéia de como agir para sairem de si mesmos e cortejar uma mulher. São prisioneiros de sua própria sensibilidade e temem que ela venha a ser ferida. Se o impulso vital não os forçar, permanecerão por muito tempo distante das mulheres. Ora, pode ocorrer que, por volta dos 30 ou 40 anos, esses homens ultrapassem esse estágio de forma repentina, sem causa aparente, e que, sem participação terapêutica, iniciem uma relação com uma mulher e venham a ter um casamento feliz. Parece que durante muito tempo algo amadureceu neles, que a necessária energia foi se acumulando e que, tendo esperado por longo tempo, recuperam o tempo perdido. Uma Análise não seria muito útil nesse caso e a melhor medida a tomar face a esse estilo de celibatário é, talvez, dispensá-lo, assegurando-lhe que está razoável e também aconselhá-lo a esperar o dia em que encontrará a mulher que lhe convém. Por outro lado, pode ocorrer que essa pessoa tenha outros problemas ou que uma necessidade de Individuação está se esboçando nela, caso em que a Análise poderá auxiliar a acelerar o processo de maturação, sem no entanto insistir sobre a extroversão ou sobre a relação com as mulheres, até que a sebe de espinhos se abra sozinha, o que os sonhos e as circunstâncias não deixarão de indicar. Como esses homens são habitualmente muito introvertidos, uma eventual terapia deverá antes de mais nada respeitar seu ritmo interior. Um dos principais papéis do terapeuta será o de encorajar o paciente a aceitar sua própria sensibilidade e a aparente lentidão de seu desenvolvimento vital e manter-se assim, apesar das críticas de seus parentes e da pressão da coletividade. Aceitarmos o fato de "não sermos como os outros" e no entanto continuarmos em nosso caminho como sentimos que é certo, exige certamente uma grande retidão e muita coragem moral.

Recordo-me de uma amiga, mais velha do que eu, que havia sofrido a tirania da madrasta e da irmã mais velha, que havia desejado substituir a mãe. A pobre mulher, que era de natureza muito delicada e sensível, cedia a tudo que lhe era pedido. Não sendo rica, teve uma profissão em que

Digitalizado com CamScanner

teve êxito. A única situação que se observava é que ela era um pouco entediante, quando havia a sensação de que poderia não sê-lo. Com a idade de 43 anos, saiu repentinamente de seu torpor, casou-se, teve um filho e tornou-se uma mulher viva e interessante: os 100 anos haviam passado e o Príncipe Encantado a havia despertado. Do ponto de vista individual, a história da *Bela Adormecida* é pois a de uma mulher que têm um Complexo mãe negativo ou de um homem em quem a Anima adormeceu sob a influência desse mesmo Complexo.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO IV

NEVEBRANCA E ROSAVERMELHA

Examinaremos agora uma narrativa em que a situação é inversa; trata-se do conto de Grimm nº 161: *Schneeweisschen und Rosenrot* (Branca como Neve e Rosavermelha), em que a situação inicial é uma relação feliz com a mãe.

NEVEBRANCA E ROSAVERMELHA

Era uma vez uma pobre viúva que vivia sozinha num casebre, e que possuía duas roseiras num pequeno jardim em frente à casa. Uma dava rosas brancas, e a outra rosas vermelhas. Tinha também duas menininhas que se pareciam com as duas roseiras; uma se chamava Nevebranca, e a outra, Rosavermelha. Eram as menininhas mais comportadas do mundo, obedientes e ativas, piedosas e de bom coração; a única diferença entre elas é que Nevebranca era ainda mais doce e calma que Rosavermelha. Rosavermelha gostava de correr pelos prados ou campos para colher flores ou capturar borboletas. Nevebranca preferia ficar perto da mãe, auxiliava-a na arrumação da casa ou lia para ela quando não havia nenhum trabalho a fazer. As duas meninas gostavam tanto uma da outra que estavam sempre de mãos dadas quando iam passear, e quando Nevebranca dizia à irmã: "Nós nunca nos separaremos", Rosavermelha respondia: "Nunca, enquanto vivermos." A mãe acrescenta-

Digitalizado com CamScanner

va então: "Tudo o que uma tiver, deverá ser compartilhado com a outra." Freqüentemente iam sozinhas ao bosque procurar frutos vermelhos. Nenhum animal lhes fazia mal e todos se aproximavam delas sem medo; a lebre vinha recolher a folha de couve em suas mãos, o cabrito montês pastava e o cervo saltava à sua volta, enquanto que, nas árvores, os pássaros cantavam para elas tudo o que sabiam. Nunca lhes ocorrera a menor desventura e, quando eram surpreendidas pela noite na floresta, preparavam uma cama de musgo e dormiam uma ao lado da outra até de manhã. A mãe sabia disso e não se preocupava com elas. Uma vez em que haviam passado a noite na floresta, ao serem despertadas pela aurora ficaram surpresas ao verem, sentado ao seu lado, um belo menino com uma veste de uma brancura ofuscante. Ele levantou-se e, depois de tê-las olhado com simpatia, afastou-se sem uma palavra e desapareceu na floresta. Elas se deram conta então que haviam dormido bem perto de um precipício onde teriam inevitavelmente caído se tivessem dado alguns passos a mais. A mãe lhes disse que deviam ter visto o Anjo que vela sobre as crianças comportadas.

Era um prazer ver a pequena casa da mãe, de tanto que elas a mantinham limpa: Rosavermelha cuidava da casa durante o verão, e não deixava de trazer para a mãe, todos os dias antes que despertasse, um buquê de flores frescas contendo uma rosa de cada roseira. No inverno era Nevebranca que se levantava para acender o fogo e pendurar o caldeirão na cremalheira; era um caldeirão de cobre amarelo, que brilhava como ouro, de tão limpo e polido. E à noite, quando nevava, a mãe dizia: "Nevebranca, vá colocar a tranca." Elas se instalavam perto do fogo, a mãe colocava os óculos e lia em voz alta um grosso livro; as meninas escutavam, fiando na roca. Um cordeirinho se aquecia, deitado a seus pés, e atrás delas uma pomba dormia num poleiro, com a cabeça debaixo da asa.

Uma noite em que estavam assim tranquilamente diante da lareira, alguém bateu na porta de repente. "Vá abrir depressa, Rosavermelha, deve ser algum viajante atrasado que vai pedir abrigo." Rosavermelha correu e tirou a tranca, pensando que se tratava de um pobre homem. Mas era um urso que meteu a grande cabeça entre a porta e o batente. Rosavermelha recuou, gritando, o cordeirinho se pôs a balir, a pomba a bater as asas, e Nevebranca foi se refugiar

Digitalizado com CamScanner

depressa atrás da cama da mãe. O urso começou a falar e disse: "Não tenham medo, não lhes farei mal. Estou semi-enregelado e queria apenas me aquecer um pouco em sua casa." "Pobre urso", disse a mãe, "venha para perto do fogo, mas tome cuidado para não chamuscar a sua pele"; e chamou: "Nevebranca, Rosavermelha, voltem. O urso não lhes fará mal: ele só tem boas intenções." Elas se aproximaram, o cordeirinho e a pomba também foram se chegando pouco a pouco, esquecendo o medo inicial. E o urso disse: "Crianças, tirem um pouco da neve que está no meu pêlo." Elas tomaram a vassoura e livraram o seu pêlo de toda a neve; ele estendeu-se diante do fogo, grunhindo de contentamento e bem-estar. Pouco depois, se sentindo seguras, começaram a brincar com o hóspede grandão. Despenteavam seu pêlo com as mãos, punham os pezinhos em suas costas, faziam com que rolasse de um lado para o outro, ou, segurando um galho de aveleira, o fustigavam e, quando ele grunhia, riam muito. O urso as deixava fazer o que quisessem, mas quando iam longe demais, exclamava: "Poupem a minha vida, crianças. Nevebranca, Rosavermelha, vocês estão cansando seu noivo." Quando chegou a hora de dormir, a mãe disse ao urso: "Você pode muito bem ficar e dormir em frente à lareira; estará ao abrigo do frio e do mau tempo." Ao clarear, as crianças abriram a tranca e o deixaram sair; trotando na neve, ele penetrou na floresta. E desde esse dia, toda noite à mesma hora, o urso voltava e se deitava perto do fogo, deixando que as crianças se divertissem com ele o quanto quisessem. Todos ficaram tão acostumados à sua presença na pequena casa que a tranca nunca mais foi colocada antes da volta do escuro compadre.

Com a volta da primavera, quando tudo voltou a ser verde, o urso disse numa manhã a Nevebranca: "Está na hora de eu ir embora, e não poderei voltar durante o verão." "Mas para onde você está indo assim?" perguntou Nevebranca. "Para a floresta, onde preciso proteger meus tesouros contra os anões maus. No inverno, quando a terra está gelada, eles precisam ficar debaixo dela. Mas agora que o Sol a degelou e aqueceu, eles a atravessam, sobem à superfície e revistam tudo para roubar. O que cai nas suas mãos e é levado para suas covas, dificilmente volta a ver a luz do dia." Nevebranca sentiu muita tristeza com essa partida. Quando abriu a porta, o urso, ao sair apressadamente, esfolou a pele na tranca, Nevebranca pensou ter visto algo brilhando como se fosse ouro, mas não teve certeza. O urso

Digitalizado com CamScanner

afastou-se depressa e logo desapareceu entre as árvores da floresta.

Pouco tempo depois, a mãe mandou que as meninas fossem colher gravetos na floresta. Encontraram uma grande árvore derrubada no chão, e perto do tronco, viram que alguma coisa saltitava no mato, sem que pudessem distinguir muito bem o que seria. Aproximando-se, constataram que se tratava de um anão de rosto envelhecido e enrugado, com uma barba branca como a neve, do comprimento de um côvado, e cuja extremidade estava presa numa fenda do tronco. Ele puxava, saltava e se debatia de um lado para o outro como um cachorrinho preso numa corda, sem saber o que fazer. Fixando as menininhas com seus olhos cor de brasa, gritou: "O que estão fazendo plantadas aí? Não podem vir me ajudar?" "O que você fez, homenzinho?" perguntou Rosavermelha. "Sua boboca estúpida e curiosa, eu queria fazer uma fenda nessa árvore para preparar lenha miúda para minha cozinha. As achas grandes não nos convêm, só servem para queimar os pequenos pratos que preparamos, porque não engulimos um monte de comida como vocês, povo de glutões grosseiros. Eu tinha enfiado bem a minha cunha e tudo ia dar certo, mas essa maldita madeira era lisa demais: a cunha saltou de repente e a árvore se fechou tão depressa que não tive tempo de tirar minha bela barba branca. Agora ela está presa e não posso sair daqui. E vocês riem, suas branquelas tolas! Bah! Como são feias!" As meninas se esforçaram mas não conseguiram soltar a barba que estava firmemente presa. "Eu vou correndo buscar ajuda.", disse Rosavermelha. "Sua cabeça-dura – gritou o anão – ir buscar ainda mais gente, quando vocês duas estão sendo demais! É só nisso que você consegue pensar?" "Não fique nervoso, sei o que podemos fazer.", disse-lhe Nevebranca. Tirou uma tesourinha do bolso e cortou a ponta da barba. Logo que ficou livre, o anão segurou o saco que tinha ficado no meio das raízes da árvore, e que estava cheio de ouro, levantou-o e partiu, resmungando: "Gente ignorante! Cortar um pedaço de minha barba altiva. Que o Cuco lhes pague de volta!" Com essas palavras, pôs o saco às costas e foi embora sem um olhar para as meninas.

Alguns dias mais tarde, Nevebranca e Rosavermelha foram pescar. Quando chegaram perto da água, viram uma espécie de grande gafanhoto que dava saltos em direção à água como se quisesse mergulhar. Aproximaram-se e reco-

Digitalizado com CamScanner

nheceram o anão. "Para onde está querendo ir?" perguntou-lhe Rosavermelha. "Está querendo se atirar na água?" "Não sou louco a esse ponto, – exclamou o anão, – não está vendo que é este peixe infeliz que está me puxando?" O pequeno ser estava sentado ali para pescar e, por infelicidade, o vento havia embaraçado sua barba na linha; quando um grande peixe mordeu o anzol, a fraca criatura não tivera forças suficientes para puxá-lo; o peixe tinha ganho e estava puxando o anão, e embora este se agarrasse aos tufos de mato e aos caniços, isto não estava lhe servindo de nada. Estava sendo arrastado pelos movimentos do peixe e corria o perigo de cair na água. As meninas chegaram a tempo e se esforçaram para separar a barba do fio mas não conseguiram, pois estavam inextricavelmente mesclados. Só lhes restou tomar a tesourinha e cortar um pedaço da barba. Quando ele percebeu o que tinham feito, gritou furioso: "Isso são modos, suas sapas, de massacrar assim a cara das pessoas? Não satisfeitas de terem cortado a ponta da minha barba, agora tiraram a melhor parte. Não ousarei mais aparecer na frente dos meus. Desejo que corram até perderem as solas dos sapatos!" Depois levantou o saco de pérolas que estava perto dos caniços e, sem mais uma palavra, desapareceu atrás de uma pedra.

Algum tempo depois, precisando de linha e agulha, laços e fitas, a mãe mandou as filhas à cidade. O caminho atravessava uma charneca semeada aqui e ali de rochedos. As crianças viram um grande pássaro que planava no céu acima delas, dando voltas e baixando progressivamente; de repente desceu e desapareceu atrás de um rochedo, bem perto de onde estavam. Logo depois, ouviram um grito de aflição. Acorreram e viram, aterrorizadas, que a águia tinha agarrado seu velho conhecido, o anão, e se preparava para levá-lo. Compadecidas, as meninas seguraram o homenzinho e o puxaram tanto para o seu lado que a águia largou a presa. Logo que se recompôs do medo, o anão gritou enfurecido: "Não podiam me tratar com mais cuidado? Puxaram tanto a minha fina roupa, que ela está em trapos, toda rasgada, suas desajeitadas." Retomando seu saco de pedras preciosas, esgueirou-se sob o rochedo para dentro de sua caverna.

Habituadas à sua ingratidão, as meninas prosseguiram em seu caminho e foram à cidade fazer compras. Na volta, quando passaram de novo pela charneca, surpreenderam o

Digitalizado com CamScanner

anão que havia espalhado num lugar bem limpo o conteúdo do saco de pedras preciosas, pensando que ninguém mais passaria por ali àquela hora. O Sol poente iluminava as pedras brilhantes que cintilavam com todas as suas cores, de tal forma que as crianças pararam para admirá-las. "O que estão fazendo aí de boca aberta?", gritou o anão, e seu rosto cinzento ficou vermelho de raiva. Ainda as insultava quando se ouviu um forte grunhido: um urso negro saiu da floresta trotando. Apavorado, o anão pôs-se a correr, mas não conseguiu alcançar o buraco: o urso rapidamente estava em cima dele. Desvairado, suplicou: "Senhor urso, me poupe. Eu lhe darei todos os meus tesouros. Veja as belas pedras preciosas que tenho aqui. Não tire a minha vida. De que lhe serviria uma pequena criatura magrela como eu? Nem sentiria o meu gosto entre os seus dentes! Olhe para essas duas garotas. Elas serão bons bocados, rechonchudas como jovens codornas, coma-as!" O urso não deu ouvidos ao que ele dizia; deu um pontapé na criatura má, que não se mexeu mais.

As meninas estavam fugindo, quando o urso as chamou: "Nevebranca, Rosavermelha! Não tenham medo. Esperem, eu vou com vocês." Reconhecendo a sua voz, pararam; quando o urso se aproximou delas, a pele de urso caiu e ali estava um belo homem inteiramente vestido de ouro. "Sou o filho de um rei, – ele disse – fui enfeitiçado por esse maldito anão que havia roubado o meu tesouro e estava condenado a correr os bosques sob a forma de um urso selvagem até que fosse libertado por sua morte. Agora ele recebeu a punição que merecia.

"Nevebranca lhe foi dada em casamento, Rosavermelha casou-se com seu irmão e os dois casais partilharam os grandes tesouros que o anão havia amontoado em seu antro. A velha mãe ainda viveu muitos e felizes anos em paz ao lado das filhas. Levou as duas roseiras que, colocadas diante de sua janela, davam todos os anos as mais belas rosas brancas e as mais belas rosas vermelhas.

O início da história descreve uma situação característica: o Éden da relação mãe-filha, o paraíso inocente da infância. Tudo aí é harmonioso, mas é talvez exageradamente belo! Por outro lado, só há 3 personagens; a situação é incompleta, pois, do ponto de vista da média estatística,

Digitalizado com CamScanner

sabemos que o número habitual da totalidade é o 4. O elemento masculino está inteiramente ausente; não há pai, pois o marido morreu, nem irmão. Esta atmosfera puramente feminina é descrita como ideal e, enquanto as meninas são crianças, não é grave. Apenas as menininhas não são mais bebês, e levam uma vida tão isolada que nunca vêem homens; encontram-se à margem da vida. Com o urso aparece o 4º masculino.

Se estendermos esse tema à situação histórica e cultural de nossas sociedades ocidentais, poderemos dizer que os universos masculino e feminino não mantêm entre si uma relação justa, tanto no plano humano como no plano do espírito. Uma das maneiras pelas quais o mundo feminino procura defender-se e instaurar seu direito próprio consiste em criar para si paraísos femininos. Observamos isso nas associações ou clubes, onde as mulheres se reúnem para falarem de seus interesses e preocupações, julgados anódinos pelo mundo masculino, ignorando ou excluindo o mundo do homem. Vê-se o mesmo fator em certas famílias em que mãe e filha se unem numa causa comum e jogam seu próprio jogo, fazendo pouco caso do pai ou dos irmãos; declaram que os homens não têm lugar na cozinha, etc., e os tratam como bebês ou imbecis. Da mesma forma que os homens possuem, de sua parte, associações destinadas a reforçar seu amor próprio, assim como seu papel na sociedade, também as mulheres necessitam dispor de algum motivo análogo – não há nenhuma razão para que não seja assim – que lhes permita afirmar sua feminilidade face a si mesmas, lhes forneça um quadro para tomarem consciência do que as diferencia dos homens e satisfaça suas necessidades particulares.

Em numerosas etnias chamadas "primitivas", os jovens são iniciados nas sociedades secretas de homens, e as jovens nas sociedades de mulheres. Os jovens são instruídos em certas artes tradicionalmente masculinas, como falar no conselho, usar armas, caçar, etc., ao passo que as jovens aprendem tecelagem, cerâmica, cultura e outras atividades femininas, assim como a maneira de se comportar como mulher adulta segundo as normas de seu quadro cultural, e também a magia amorosa.

Quanto ao urso, a Mitologia grega fazia dele um animal da Deusa mãe, e os autores medievais o associavam à

Digitalizado com CamScanner

Virgem Maria. *Arctos*, a constelação da Grande Ursa, é designada em grego (como em francês) pelo artigo feminino. Havia na Grécia um culto da deusa Ártemis de Brauron, que possuía a forma de uma ursa. Meninas de boa família eram consagradas, entre 12 e 16 anos, a seu serviço. Eram confiadas à Deusa na idade em que as jovens são tão difíceis de manter em casa quanto os rapazes. Durante esse período, comportavam-se como meninos gorados: não tomavam banho, não se cuidavam e se exprimiam de forma grosseira; eram chamadas as "ursinhas". Essas sociedades tinham a tarefa de reforçar suas personalidades, protegendo sua formação. Fazendo-as entrar mais tarde na vida, providas de uma certa maturidade, obtida com toda segurança sob a proteção oferecida pela terrível pele de urso, permitia-se que sua personalidade se afirmasse e se desenvolvesse sem se chocar cedo demais com o problema da sexualidade. Isso evitava que se lançassem na vida amorosa e na maternidade prematuras e ficassem velhas e desgastadas antes do tempo. Neste último caso, a evolução mental é freada ou contida porque a substância vital se esgota.

São particularmente as jovens dotadas de uma natureza delicada que tendem a se esconder assim sob uma pele de urso. Por muito tempo ensinei meninos e meninas dessa idade, e observei que as meninas vestidas com peles de urso eram muito mais vivas e tinham maior interesse pelos estudos; suas notas caíam vertiginosamente logo que se tornavam vaidosas e começavam a sair com os meninos, passando a se interessar mais por esse aspecto de suas vidas. As que tardavam mais em despertar para a sexualidade tinham mais chance de desenvolverem suas personalidades e seu espírito do que as que se emancipavam cedo demais.

O fato de mulheres ou adolescentes se unirem e formarem uma barragem contra o princípio masculino nem sempre é negativo, pois essa atitude pode consolidar sua feminilidade e permitir que os dois sexos se encontrem mais tarde num nível mais elevado. Não se deve esquecer que entre os sexos existe não apenas uma atração instintiva, mas também uma oposição autêntica, e que eles nunca deixaram de constituir, um para o outro, uma ameaça – as mulheres tentando atrair os homens para suas maneiras femininas, e *vice versa*. É a trama de uma tensão necessária

Digitalizado com CamScanner

e perfeitamente normal, sendo a alteridade a causa mesma da atração mútua dos sexos.

Em nossa sociedade, podemos geralmente observar que, mais do que os homens, as mulheres são ligadas aos vizinhos e aos acontecimentos familiares, tais como: casamentos, nascimentos, mortes, e às suas relações de ordem pessoal. Elas tendem a criar liames com os que vivem ao seu redor, enquanto que os homens são mais levados a interessar-se pelo que se passa do lado de fora, preparando-se para afrontá-lo. É o que exprime a antiga filosofia chinesa; lemos, no 20º hexagrama do I Ching[1], que "A contemplação através da fresta da janela" é "vantajosa para a perseverança de uma mulher", ao passo que "para um homem... um tal modo de contemplação subjetivo e limitado é naturalmente prejudicial." Dito de outra forma, o fato de olhar as situações de perto, de maneira íntima, é louvável para uma mulher, pois é este seu modo natural de percepção. O homem, ao contrário, será levado a alimentar interesses mais abstratos e a enxergar as situações sob um ângulo mais coletivo. A China conhecia a mesma repartição de núcleos de interesse entre os sexos que nossa cultura.

Essa é portanto a disposição que parece natural e que nossa tradição encorajou, pelo menos até nossa época. É por isso que, para realizar-se de maneira equilibrada em sua totalidade, uma mulher deve desenvolver seu Animus, suas qualidades intelectuais e "viris", ao passo que o homem tem necessidade de desenvolver sua Anima, suas qualidades "femininas" e seu Eros; ele deve aprender a levar em conta as relações individuais e concretas e a não se perder em seu mundo racional e abstrato.

O princípio masculino e o princípio feminino estão destinados a se completar e fecundar reciprocamente. A um mundo puramente feminino, tal como é descrito no início de nosso conto, faltaria amplidão de horizonte. Sem o contacto com o princípio masculino, seria por demais estreito e subjetivo. Pensemos na atmosfera que resulta da reunião de muitas mulheres, como nas escolas para meninas, onde, durante os recreios, elas se reúnem para discutir apaixonadamente a gravata do professor; ou então no am-

1. *I Ching, Le Livre des Transformations*, trad. cit. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

biente de certos clubes femininos. Mas os colégios para meninos, clubes esportivos, casernas ou jantares de antigos colegas apresentam geralmente defeitos análogos. O conto descreve assim uma situação feminina – inocente e encantadora à sua maneira – em que o outro aspecto está faltando.

A mulher que tem um Complexo mãe positivo tende a confiar em si mesma, o que é um benefício, mas também a identificar-se com a mãe: ela será em relação ao marido e aos filhos, como era a mãe com os seus: cozinhará e arrumará a casa como ela fazia. Freqüentemente terá também os mesmos interesses. É evidente que essa situação apresenta perigos e inconvenientes, mas o conto nos mostra como os fatores podem evoluir: uma noite de inverno, o urso, o 4º elemento, se apresenta, e com ele se delineia um desenvolvimento normal. Examinaremos de mais perto o simbolismo do urso, desta vez em seu aspecto masculino; como ele aparece, no conto, à mãe e às menininhas.

No passado, não era raro que as pessoas pudessem ver uma carcaça de urso pendurada no gancho do açougue. Ora, este despojo apresenta o aspecto grosseiro de uma silhueta humana. Isto, assim como o fato de que o urso se ergue e caminha de bom grado com suas patas traseiras, pode ter sido suficiente para acarretar a projeção, muito difundida, segundo a qual os ursos são seres humanos. Encontra-se por toda a parte no folclore contos nos quais esse animal é um Príncipe Encantado ou um homem enfeitiçado e condenado a errar pelo mundo nessa pele de animal.

Sabemos que entre os adeptos de Wotan existiam os *Berserks* (*Ber* = *Bãr* = urso; *Serk* = pele ou camisa). "Tornar-se berserk" era considerado um dom hereditário, e contava-se, por exemplo, que, por ocasião de uma batalha, o senhor, sentado em seu castelo, de repente começava a bocejar assustadoramente e caía num sono profundo como a morte. No mesmo instante, um urso aparecia no campo de batalha e massacrava todos os inimigos. Logo que o urso desaparecia, o senhor despertava extenuado porque, tornada "berserk", sua alma, encarnada no urso, havia lutado. Atribuía-se a esses ursos fantasmas grandes proezas guerreiras, e o que provava que se tratava do senhor, era o fato de que se o animal havia sido ferido na pata direita durante

Digitalizado com CamScanner

o combate, o homem, ao despertar, tinha um ferimento em sua mão direita!

Nos antigos países germânicos, esse fenômeno era tido como um autêntico talento, transmitido de pai para filho em certas famílias. Foi somente mais tarde que se modificou a opinião sobre esse assunto, de maneira que a faculdade de tornar-se "berserk" passou a ter um sentido ambíguo e a designar a capacidade de entrar em grandes furores, confinando com a experiência religiosa extática. Razão pela qual em nossos dias muitas pessoas temem ceder a seus acessos de cólera. Quando estamos encolerizados, somos possuídos pela plenitude da vida; temos o sentimento de sermos invencíveis e de estarmos em unidade com nosso objetivo; a dúvida ou a incerteza são afastadas. Podemos nos exaltar até experimentar o sentimento de estarmos inteira e magnificamente plenos de energia e calor vitais, e poderemos dizer em seguida: "Eu lhes disse umas verdades!" Despertar depois e ter de pagar a conta é evidentemente menos satisfatório; não nos sentimos muito divinos, mas, ao contrário, um tanto estúpidos. É apenas quando estão encolerizados que sabemos realmente o que os outros pensam de nós, e é somente nessas ocasiões que damos livre curso a nossas opiniões íntimas, se bem que sua manifestação possa ultrapassar então a verdade.

Esse sentimento de plenitude e poder que se apossa de um ser presa de um afeto violento corresponde, em linguagem mitológica (que é também a do Inconsciente e dos sonhos), à possessão de um deus. Ora, ser possuído por um deus significa identificar-se a ele, sentir-se sobre-humano, e nada é mais perigoso para um ser humano do que perder o sentido de seus limites e da sua pessoa individual. Os gregos diziam que "Os Deuses tornam loucos aqueles que desejam destruir". A cólera divina é temível; é suficiente pensarmos no Deus bíblico destruindo quase toda a vida sob o dilúvio, ou no comportamento de Ares durante a guerra de Tróia. A loucura destrutiva das deusas não é menor: na Índia, Kali podia massacrar alguns milhares de pessoas nos campos de batalha e beber seu sangue, e Hathor, no Egito, precipitava-se no deserto, matando e devorando todos os seres vivos que encontrava até que a acalmassem com cerveja: uma vez embriagada, voltava a ser pacífica.

Digitalizado com CamScanner

Em nossa linguagem psicológica, os deuses da Mitologia são Arquétipos, e os Arquétipos têm simultaneamente um aspecto psíquico, que tende a se traduzir em imagens, e um aspecto instintivo. Eles têm por base uma estrutura instintual: o fundamento biológico do Arquétipo da mãe é a maternidade, o da conjunção, a sexualidade, etc. Por isso podemos ligar cada deus a um campo biológico instintivo, sendo o primeiro aspecto psíquico do segundo. Inversamente podemos afirmar que a todo dinamismo instintual corresponde uma imagem, ou um conjunto de imagens e um comportamento específicos. Ora, no mundo animal, a autodefesa, a agressão e o medo dominam toda uma parte da vida e, no que nos diz respeito, não estamos isentos disso. Os deuses são pois representações de Complexos gerais, e Ares-Marte é a imagem, na Cultura Clássica, do instinto de agressividade e de autodefesa, tal como existem na Natureza.

Cada Deus arquetípico representa uma carga dinâmica e explosiva relativamente autônoma, logo, incontrolada, e, nesse estágio, incontrolável; também os Deuses estão sempre um pouco abaixo ou aquém do objetivo em relação ao nível humano. Os próprios gregos se mostravam chocados com o fato de seus Deuses se comportarem de maneira tão bárbara, arcaica e animalesca, o que os Estóicos tentaram, com o auxílio de argumentos filosóficos, explicar. A Deusa mãe e os outros Deuses provocam formidáveis desprendimentos de energia lá onde o dinamismo da vida se manifesta da forma mais intensa e mais fantástica. Irrompendo no Consciente, que tende sempre a se tornar demasiadamente estreito, estático e petrificado, eles lhe trazem a torrente da vida, mas à maneira de águas revoltas.

Renunciar a um afeto é tão difícil quanto renunciar a qualquer sintoma neurótico. Um afeto violento nos eleva acima de nós mesmos e nos dá um sentimento de Poder; assim, muitas pessoas são como que apaixonadas por seus acessos de cólera e repugnam em se desfazerem deles para tornarem-se mais sóbrias e razoáveis. Uma questão de ordem ética se coloca então: existem situações em que é justo ceder à cólera? A resposta está intimamente ligada à visão de mundo mais profundamente ancorada em cada um de nós. Assim, do ponto de vista cristão, essa atitude não é geralmente considerada lícita, pois o discípulo do Cristo deve ser caridoso em qualquer circunstância, pagar o mal

Digitalizado com CamScanner

com o bem e, ao receber uma bofetada, estender a outra face. No entanto o cristianismo habitualmente admite o direito à "legítima defesa". No plano coletivo, a idéia de "cólera santa" foi igualmente aceita, como podemos observar em relação às Cruzadas, ou quando se tratava da "defesa da fé". Quando um povo se encontra injustamente atacado, admite-se que se levante para defender-se. Sobretudo quando se trata de combater um mal coletivo como o Nazismo, o direito à indignação e à "cólera santa" é evidente. Porém a cólera, mesmo justificada, pode levar a excessos e servir de pretexto e desculpa para abusos e injustiças dos mais desumanos.

No plano individual, temos direito a uma certa autodefesa e há casos em que falar alto e claro, bater na mesa é a única maneira de interromper uma situação emotiva que cresce e se dilata por si. Voltamos sempre a essa questão: *quem* é aquele que se encoleriza? Se for um indivíduo habitualmente equilibrado e benévolo que busca a verdade interior, sua cólera será, de um modo geral, proporcional à causa e se produzirá na hora certa. O direito de defender-se e nossa resposta ao problema ético que o instinto de agressividade suscita são na realidade o fruto de nossa filosofia de vida e de nossas convicções íntimas. Essa escolha depende, em última instância, da idéia que fazemos (conscientemente ou não) de Deus. Se Deus, a nossos olhos, é só bondade, a escolha é clara; se, ao contrário, aceitamos tanto sua face sombria quanto sua face luminosa, a agressividade, a "negrura" se revestirão igualmente de um sentido e deduziremos que nos é permitido utilizar, segundo o instinto, nossas unhas e dentes em caso de ataque injusto dirigido contra nós mesmos ou contra outra pessoa.

Ilustrando nosso propósito com um exemplo de conflito de ordem psicológica, tomemos o caso de um jovem bem educado e "perfeito" que faz de tudo para se conduzir de forma razoável. Chegará a hora em que declarará que é adulto, que deseja sair com uma jovem de sua escolha e ter seu próprio apartamento. Mas eis que a mãe não aceita os fatos, mesmo quando o filho acaba por sugerir-lhe que vá consultar seu analista – sugestão que ela, naturalmente, não aceita. Tentará por todos os meios retê-lo, preferindo destruí-lo a permitir que se liberte. Não estaria ele, a partir de então, no direito de resistir, mesmo quando ela censura sua crueldade? Para todo observador externo e objetivo, é

Digitalizado com CamScanner

evidente que, para ele, trata-se de uma questão de vida ou morte e que, se não há meio de agir de outra forma, tem o direito de mostrar-se rude na luta que terá de sustentar, mesmo que não seja necessário que se torne um *berserk* e aja como um urso envaidecido. Entretanto, no núcleo mais profundo de sua personalidade, algo se erguerá, pois o afrontamento não poderá – e não deverá – ser evitado. Se os indivíduos não têm a convicção íntima de seu direito à vida e se não conseguimos despertá-la; torna-se muito difícil auxiliá-los através da Análise. Existe, portanto, algo como o direito à autodefesa e à contra-ofensiva quando se trata de evitar de ser derrubado pelo Animus ou pela Anima negativos, ou qualquer outro mal que nos ronde; aquele que é incapaz disso, está realmente doente.

Moisés não teve outro meio de libertar Israel da escravidão senão invocar do Céu as sete pragas sobre o Egito e, quando expulsou os mercadores do templo, Cristo entregou-se a um afeto, e o sentimento que a narrativa evangélica traduz é o de que esse afeto interveio de maneira justa. Cristo não foi "doce como um cordeiro" tanto quanto se pretendeu; outros textos o confirmam, como quando ele declara ter trazido "a espada e não a paz", ou que o pecado contra o Espírito não tem perdão.

Um mundo em que não se admite nada de rude não corresponde à realidade da vida, e é aqui que tocamos num problema caracteristicamente feminino. Quanto mais uma mulher é feminina, menos seu Animus é agressivo e mais a vida tende a passar por cima dela. Todos conhecem provavelmente pelo menos uma dessas doces jovens que sempre fizeram o que desejavam papai e mamãe e que nunca se casaram. Cuidam dos pais até a morte a depois passam a se ocupar dos filhos dos outros. Se tentam casar, toda a família se opõe, não podendo passar sem elas.

A mulher desse tipo, toda feita de bondade e feminilidade, se deixa matar, massacrar, e é despojada pela existência. As condições da vida moderna fazem com que esses casos sejam cada vez menos frequentes, mas outrora eles eram numerosos. Existia, em Berlim, a expressão: A tia "é só um pulo" (*Einsprung*) – a tia sempre pronta a acorrer. Constituía, em quase todas as famílias, uma espécie de instituição a quem bastava telefonar quando alguém ficava doente, e cujo papel consistia em manter-se pronta para

Digitalizado com CamScanner

atender ao menor apelo. Era a solteirona de quem (sempre a olhando do alto) todo o mundo esperava favores, usando e abusando de seus serviços.

Se não é justo para uma mulher copiar o homem, é igualmente malsão que ela seja, por demais unilaretalmente feminina, pois corre o risco de ficar à margem da vida e ser incapaz de enfrentá-la. É por isso que esse mundo materno, em que tudo é tão amável e macio e onde as rosas não têm espinhos, precisa muito de um urso! Ele chega na rudeza do inverno. Possui uma bondade natural e mostra-se doce com as meninas, mas, quando captura o anão, não hesita em matá-lo com um pontapé. Sem ser inutilmente agressivo, ao atingir o fim de sua prova, sabe o momento exato em que deve passar à ação e terminar, uma vez por todas, com uma situação absurda. A curva da história situa-se no momento em que o urso, tomado por uma justa cólera, suprime o anão, em relação ao qual as meninas se haviam mostrado sentimentais demais.

Trata-se nem mais nem menos, nesse conto, do problema da integração do aspecto masculino, das qualidades viris, ao mundo feminino. A dificuldade consiste em fazê-lo de maneira justa, sem ir longe demais, o que significaria cair no extremo oposto e assumir não as qualidades, mas os defeitos masculinos. Assim, uma mulher que desperta depois de ter sido por demais passiva, doce e "feminina", corre o risco, quando seu outro lado se revela, de mostrar-se subitamente agressiva demais por compensação. Isso ocorre porque ninguém consegue atingir o centro de um alvo da primeira vez, a não ser que tenha treinado antes: a princípio ficamos muito longe do objetivo. O que explica os exageros característicos que sucedem a cada vez que a falta de agressividade ou uma adaptação insuficiente passam a ser substituídas por explosões afetivas e outras atitudes desagradáveis. É como a abertura de uma barragem: o que ficou por longo tempo retido, recalcado, começa a precipitar-se com violência antes de acalmar-se e encontrar seu curso normal. A atitude justa consiste em evitar cair de um excesso no outro e, de mulher doce demais e sem personalidade, transformar-se numa espécie de homem caricatural, que se impõe, age pretenciosamente, tornando-se ainda superintelectual e excessivamente ambiciosa. Permanecer mulher ao integrar seu Animus, as qualidades viris que

Digitalizado com CamScanner

cada ser humano possui, é uma arte tão difícil quanto, para o homem, integrar sua Anima.

O urso representa aqui uma reação equilibrada: ele não está habitualmente nem de mau humor, nem encolerizado, enquanto que o anão se excita o tempo todo, até ficar num estado de irritação constante. O urso simplesmente mata seu inimigo mortal quando a ocasião se apresenta, o que é o oposto da fraqueza vingativa e exasperante manifestada pelo anão.

Na mulher, essas figuras representam duas formas diferentes de Animus: um deles, reagindo contínua e inoportunamente, é irritado e irritante, provocando por toda a parte e a todo propósito perpétuas querelas. Essas disputas surgem da menor fagulha, à maneira de um incêndio: a voz se eleva ou, ao contrário, o tom abaixa, e todo o mundo é afetado. Por outro lado, o anão se entrega a toda uma série de atos estúpidos: prende a barba na fenda de uma árvore, depois deixa que ela se embarace na linha da pesca. Se essa criatura, que é considerada como sendo muito jeitosa, não sabe fender uma árvore sem nela prender a longa barba, ou pegar um peixe sem ficar presa na linha, tem o que merece; de minha parte, teria sorrido e partido, deixando que se soltasse sozinha!

Com o anão, dispomos de uma excelente imagem do caráter aborrecido e irritante que o Animus pode tomar. Seu comportamento reflete a forma pela qual uma mulher, adulta e inteligente em outros aspectos, pode às vezes enredar-se em brigas e discussões tolas. O Animus irritado (como também a Anima nas mesmas circunstâncias) perde todo o senso de humor; mostra-se ingrato e fica sedento de Poder. Aos olhos do anão, é evidente que as duas adolescentes *devem* tirá-lo das dificuldades, o que não o impede de insultá-las logo depois. Constitui um dos traços clássicos do Animus negativo o de tudo exigir a partir da convicção inconfessada de que tudo lhe é devido, e de que está no seu direito ao impor a outrem sua necessidade de auxílio. Essa conduta reivindicativa é, como afirmamos, compensadora de uma atitude por demais tolerante. Num primeiro tempo, o excesso é inevitável, e podemos dizer que era necessário que surgisse esse anão, pois uma mulher não pode encontrar o Príncipe – o Animus positivo e a boa relação com o homem – sem ter passado por esse estágio intermediário.

Digitalizado com CamScanner

Para integrar o Animus, é preciso ter consciência de sua existência, deixando, de início, que ele se manifeste no exterior, ainda que, por ter estado por longo tempo rebaixado e recalcado, comece a se mostrar de maneira pouco simpática. Foi assim que as primeiras mulheres que lutaram pelo direito ao voto, foram obrigadas a adotar provisoriamente um comportamento excessivo: eram hiper-masculinas e muito egoístas em suas reivindicações. Como observamos, não se atinge o bom equilíbrio instintivo da primeira vez, mas apenas através de contornos e da adoção, inicialmente, de uma atitude super-compensadora.

Se observarmos o papel dos anões nos Contos, observaremos que eles são, na maioria das vezes, positivos: trabalham nas minas e armazenam tesouros, são excelentes artesões. Joalheiros, fabricam taças de ouro e outros objetos preciosos, sendo ainda hábeis tecelões e conhecedores de inúmeras artes úteis. Em um outro conto, crianças abençoadas pelo fato de terem nascido num domingo, vão à colina dos anões de quem recebem capuchos capazes de tornar invisível quem os coloca, ou então fios de seda invisíveis que permitem dominar até mesmo dragões. Um dos célebres anões da Mitologia germânica tem por nome *Allwis*: Sabe-tudo. Na Mitologia grega e cretense, os Cabiros, companheiros da Grande Mãe, também são ferreiros e artesãos. Os anões são pois, em geral, personagens extremamente positivas; fálicos, têm relação com os impulsos criadores originários do Inconsciente; assim, só muito excepcionalmente os contos os mostram como destruidores. Se no conto nº 55 relatado pelos Grimm, *Rumpelstilzchen* (de *Rumpel*: barulhento e *Stilzchen*: pernalta), o anão desse nome tenta por duas vezes raptar a criança da filha do moleiro, ele também a auxilia, num primeiro tempo, a fiar fios de ouro a partir de pedacinhos de palha: é apenas num segundo tempo que desenvolve de repente seu aspecto negativo, o que faz com que seja suprimido. Os anões estão em estreita relação com o mundo feminino, o que ressalta do fato de que figuram com mais frequência nos sonhos das mulheres do que nos dos homens. Representam, na maior parte das vezes, a primeira intuição criadora vinda do Inconsciente e ainda semi-escondida no seio da Natureza.

Se um anão que, por definição, é hábil, se revela tão desajeitado quanto o do conto, ele é sua própria negação,

Digitalizado com CamScanner

não deveria existir. Representa o estado de contradição com si mesmo e a irritação provocada pela criação não vivida. Quando esse gênero de Animus se apossa do espírito de uma mulher, significa geralmente que ela possui dons criadores que ainda não conseguiu pôr em ação. O excesso de Libido criadora que não é utilizado com critério, transforma-se em sentimento de frustração e em mau humor, cria complicações e pode ter um papel prejudicial. Se uma mulher é habitada por um tal estado de espírito, não tem consciência dele e não compreende o que o motiva, corre o risco de exercer um efeito destruidor sobre os que a cercam. O remédio está em alguma atividade criadora; é possível que essa pessoa diga que em sua adolescência desejava exercer atividades como escrever, ser pintora, fazer cerâmica, ou então dedicar-se a determinados estudos, ou qualquer outro motivo; também pode ocorrer que seus sonhos sugiram uma direção a seguir, e ela poderá, numa certa medida, pôr-se a exercer o talento que ficara enterrado até então; assim, o anão poderá tomar posse de seus direitos, realizando aquilo para o qual é dotado. Não se trata forçosamente de dons excepcionais, mas simplesmente de compreender o que o Inconsciente quer realizar. Se o Consciente da mulher não vai então em auxílio de seu Animus, permitindo-lhe que se exprima, este busca seu próprio caminho, interfere em sua vida e cria problemas. Ele exige sua parte de existência e aceder à sua demanda equivale a reconhecer as demandas do Inconsciente.

Numa representação matriarcal como a do início do conto, o urso macho figura evidentemente um aspecto do Animus que se opõe ao anão. Se, num contexto masculino e patriarcal, ele representa o estado *berserk* e a cólera fria, no contexto feminino, que é o do conto, representa o instinto viril agressivo corretamente vivido: ele sabe por que razão está agindo e o faz sem as hesitações ou a fraqueza devidas à incerteza. Quando, numa dada situação, sentimos que a conduta agressiva é justa, não há a menor necessidade de gritar: a cólera se transforma, a calma se instaura, e agimos sem pressa supérflua – a cólera foi integrada. Transposto para o plano psicológico, isto significa que uma atitude mais adulta e mais adaptada amadureceu nas jovens, e que elas saberão daí em diante conduzir suas vidas com suficiente segurança e confiança em si próprias para poderem viscejar; ao terem seus humores infantis e negativos destruídos

Digitalizado com CamScanner

por uma sã reação instintiva, serão capazes de encontrar o Príncipe.

O conto *Nevebranca e Rosavermelha* contém outros temas dignos de interesse. O primeiro é o da piedade mal compreendida: as adolescentes têm pena do anão, mas assim se prejudicam, afetando também o futuro esposo de uma delas. Esse tema encontra-se igualmente em outros motivos. Apuleio relata, em seu romance *O Asno de Ouro*, que antes que Psique descesse ao mundo dos mortos, lhe foi dito que veria um velho nadando nas águas do Estige, implorando por socorro, e que deveria permanecer firme e seguir seu caminho. As mulheres freqüentemente caem num excesso de compaixão, pois um dos aspectos do Arquétipo do instinto materno é o de provocar a emoção na mulher e levá-la à piedade diante do espetáculo de todo ser abandonado, em dificuldade, condenado ou desamparado. Mas sabemos que toda virtude, levada ao excesso torna-se contrária ao instinto e pode transformar-se em seu oposto; daí vermos incessantemente casos em que a piedade mal compreendida conduz mulheres a se destruírem inconscientemente.

Em meu trabalho de analista, muitas vezes ocorreu que, no momento em que havia conseguido enfim encostar um paciente na parede, alguém me telefonava para dizer: "Tenha um pouco de piedade." E era preciso que respondesse: "Não, nada de piedade!", pois a piedade pode ter um efeito completamente negativo, mantendo uma pessoa num estado infantilizado. As mulheres devem controlar seus instintos maternais naturais e cultivar uma certa objetividade e um certo desprendimento que lhes permita ver onde reside na realidade o benefício do outro.

Um dos casos mais freqüentes, fonte de numerosas projeções, é aquele em que uma mulher tem um marido ou amante de tipo análogo ao do anão, isto é, um homem que, sofrendo de um Complexo materno negativo, é neurótico, suicidomaníaco ou sádico. A cada vez que a mulher, não suportando mais a situação, quer dizer-lhe a verdade e romper, é invadida pela piedade por essa pobre criatura desamparada, e não consegue decidir-se a abandoná-la, mesmo que seus sonhos confirmem que deve fazê-lo e que as pessoas lhe digam: "Mande-o embora!" Percebemos geralmente que essa mulher faz uma projeção de Animus

Digitalizado com CamScanner

negativo sobre o homem. Mesmo que não houvesse nenhum homem ao seu lado para torturá-la, ela o encontraria em seu interior: quando está só, seu Animus sádico a convence de que está definitivamente solitária, de que não serve para nada e de que nunca conseguirá nada. Assim, esse casal retomará a relação, pois é menos angustiante ter este outro do lado de fora do que em si mesmo, e, enquanto o problema interno não estiver resolvido, não haverá saída exterior possível.

A piedade que derramamos sobre o outro significa na realidade que nos comprazemos em nosso próprio ponto fraco; nos repugna tomar consciência de que uma tal personagem nos habita, que é necessário pôr fim a essa situação interior, e o problema é deturpado. Essa má piedade é pouco encontrada entre os homens, ainda que possa também existir entre eles.

Nos Contos de Fadas, muitas vezes a Heroína cai nesse erro, dando livre curso às forças destrutivas. Há aspectos da sociedade e das criaturas que são completamente podres e que é preciso eliminar, mas uma mulher assim agarra-se ao que está irremediavelmente perdido e, de certa forma, extrai disso alguma vantagem. Isso ocorre com freqüência em casos como o da mulher mártir de um alcoólatra.

Conheci uma família em que havia muitos filhos. O pai e o avô eram ambos alcoólatras inveterados, e os filhos, com uma única exceção, tornaram-se também alcoólatras. "A exceção" tinha uma mulher exigente que, da primeira vez em que entrou bêbado em casa, lhe disse que se isso tornasse a ocorrer, ela se divorciaria. Ora, foi a única que libertou o marido da tendência familiar destrutiva; os outros tinham mulheres mais doces, de melhor caráter, mas que possuíam esse tipo ruim de piedade que as levou a contribuir para a ruína de seus próprios maridos. Alguns tipos maternais chocam o falso ovo de porcelana e não desistem de esperar que dele nasça uma Fênix, mas o que surge é uma enorme podridão. Há um momento crucial no Processo de Individuação da mulher, em que deve libertar-se dessa piedade sem discernimento.

O anão é um ladrão que se apoderou dos tesouros do urso. Esse estilo de Animus destrutivo se apossa das possibilidades e das riquezas do Animus positivo. Algumas mulheres adoram mimar os homens jovens – esses gênios incompreendidos – a quem oferecem o amor materno que

Digitalizado com CamScanner

nunca receberam. Uma mulher de 50 anos, que vivia sozinha, iniciou uma relação com um jovem de 20 anos, cuja adolescência tinha sido difícil; roubara dinheiro e falsificara cheques. Cheia de piedade por ele, em razão de sua juventude miserável, acolheu-o em sua casa e deu-lhe um emprego em sua própria empresa onde, não satisfeito em roubá-la, ele acumulou dívidas em seu nome. Mas isto não foi suficiente para abrir os olhos desta mulher; não recorreu à justiça, cobriu seus delitos e perdoou-lhe quando chorou em seu regaço, assegurando-lhe que estava envergonhado pelo que havia feito. Depois, trouxe para a casa dela uma jovem com quem passou a viver e começou a pôr arsênico na comida de sua benfeitora.

Temos aí um exemplo surpreendente de compaixão mal direcionada, que chega à mais completa estupidez. Em outros aspectos, tratava-se de uma pessoa muito inteligente, mas era aquele estilo de mulher sozinha que não sabe o que fazer com seus sentimentos maternais e os derrama sobre criaturas como o referido jovem. Neste caso, as riquezas do Animus positivo e a capacidade de compreensão que esta mulher poderia ter utilizado com discernimento, se tivesse sido mais lúcida, foram desperdiçadas. O conto nos mostra que uma piedade assim vem de uma convivência com o Animus negativo que se encontra no próprio sujeito. Podemos supor, com efeito, que essa mulher que dilapidava sua fortuna em benefício de um escroque e assassino, tinha um Animus da mesma espécie que o dele. Vistas do exterior, essas pessoas parecem tão concretas que é preciso realizar um verdadeiro trabalho de detetive para descobrir nelas a personagem em questão. A única maneira de obrigá-las a revelar-se é atacar diretamente o problema, dizendo por exemplo: "Ponha-o para fora." É interessante ver então como, nesse momento crucial, a pessoa começa a fazer rodeios e mentir: o escroque que está nela aparece. Ele se revela na forma sutil com que ela engana a si própria. Na verdade é impossível que uma mulher normal viva ao lado de um homem sem que seja invadida por suspeitas, mas ela procura fechar os olhos: seu próprio Animus-escroque se recusa a ouvir os avisos e as indicações que o Inconsciente lhe dá. É altamente simbólico que tenha sido um homem que tentou envenenar lentamente essa mulher: as falsas idéias do Animus são especialistas na arte de fornecer pequenas doses diárias de veneno. No curso da Análise de um caso como este, cedo ou tarde chega o instante em que

Digitalizado com CamScanner

a pessoa fica acuada e acaba reconhecendo que está mentindo para si mesma e que não está ouvindo os avisos interiores.

Também os ladrões podem ter um sentido diferente. Assim, no romance de Apuleio, *O Asno de Ouro*, que nós comentamos anteriormente, os ladrões e os malfeitores que se apossam do asno Lucius representam uma Sombra que vem compensar a atitude excessivamente intelectual e esteta de Lucius. O autor tinha uma atitude por demais idealista devida a um Complexo materno positivo. A tais homens falta a agressividade instintiva e primitiva; adolescentes eternos, possuem uma virilidade ctoniana, mas ela é inconsciente, recalcada e autônoma; por isso são cruéis e destruidores para as mulheres. Mas se conseguem transformar isso em firmeza, essas forças passarão a ser construtivas. Prisioneiro dos bandidos, Lucius é dominado por sua Sombra ctoniana.

A maioria dos homens que têm um Complexo materno positivo são preguiçosos, pois a mãe é o seio e é também o símbolo da matéria; e a matéria é inércia. A mãe positiva é como um grande leito de plumas que retém o homem prisioneiro de seu conforto. Criança, não é bem sucedido na escola e não se constrói pelo esforço, pelo trabalho e pelo estudo; adulto, mostra-se incapaz de fazer face à luta pela existência e de ganhar sua vida. Em conseqüência, veremos nascer nele uma tendência a tornar-se um escroque e a pedir à sua companheira, ou à sua companhia de seguros, que paguem por ele.

O ladrão é um homem que possui o instinto positivo que consiste em procurar obter o que deseja, o que faz parte de uma atitude sã, pois desejar algo é natural e normal; isso nos permite viver e nos torna capazes de fruir da existência. Mas o desvio no ato de roubar é que se trata de uma estratégia infantil, sugerida pela preguiça; essa atitude desonesta provém da incapacidade de trabalhar e economizar dinheiro para obter o que se deseja. Por isso a Sombra-ladrão é em parte positiva e em parte negativa; positiva pelo desejo de viver e negativa pelo baixo nível de sua realização.

Encontram-se nessa categoria todos os neuróticos que, trapaceando, sem esforço ou trabalho efetivos, chegam a uma condição elevada. É assim que há ladrões e bandidos até no governo, onde altas posições são obtidas através da

Digitalizado com CamScanner

intriga ou do nepotismo. No caso da mulher pode existir, *mutatis mutandis*, um processo semelhante: o Animus pode desejar obter o que deseja por uma estratégia pouco recomendável. Assim, a mulher que quase foi envenenada desejava escapar da solidão e encontrar alguém sobre quem pudesse derramar seus sentimentos maternais. Se tivesse expulsado o intrigante, teria se confrontado com seu problema e acabaria por encontrar um caminho que lhe permitisse obter legitimamente o que buscava. Mas isso lhe teria exigido um esforço de sentimento e pensamento ao qual se recusava.

Toda situação obscura em que caímos é um convite à uma iniciação. Ser iniciado numa coisa significa nela entrar. A primeira etapa consiste geralmente em aceitar uma situação penosa, o que tem um aspecto duvidoso ou negativo: nos deixamos segurar, ou somos "possuídos" por algo. Os Xamãs dizem que sua vocação aparece no decurso de uma crise, durante a qual caem no poder dos demônios; aquele que consegue sair das trevas torna-se Xamã, e o que permanece seu prisioneiro é um doente mental. Podemos considerar que toda doença psíquica é uma iniciação em potencial e que as piores situações que podem nos ocorrer são a ocasião de uma iniciação, pois elas nos mergulham num lugar que nos é próprio, do qual devemos aprender a sair.

Por que o anão mau torna-se prisioneiro de sua barba? A barba aparece em muitos Contos de Fadas. Conhecemos a história, de que Perrault nos deu uma versão, do *Barba Azul*, esse grande matador de mulheres, representante do Animus negativo assassino, ou a de Grimm nº 52: *O Rei Barba-de-Tordo (König Drosselbart)*, que mostra a transformação de um Animus negativo em Animus positivo. Um terceiro aspecto é ilustrado por um outro conto de Grimm, o de nº 196, intitulado: *O Velho Cricrac (Oll Rinkrank)*. Para impedir que a filha se casasse, ele construiu uma montanha de vidro que todo pretendente deveria escalar. Todos os que tentaram fazê-lo desapareceram. Chegou então um príncipe a quem a princesa decidiu auxiliar; unidos vão à montanha de vidro, mas é a princesa que cai e desaparece. Nessa montanha vive um demônio Rinkrank, o velho Cavaleiro Vermelho. Obriga a princesa a chamá-lo de marido, e a chama de mulher. Fica perto dela durante o dia, sai à noite para roubar e volta carregado de sacos de pérolas. Depois

Digitalizado com CamScanner

de um certo tempo, a princesa não suporta mais essa situação: na hora em que ele, ao chegar, põe a cabeça para dentro pela janela aberta, agarra sua barba e lhe diz que só o soltará se prometer que a deixará partir, o que ele é obrigado a fazer, e a princesa desposa seu príncipe.

O que representa então a barba? Os pêlos que crescem em diferentes partes de nosso corpo são uma recordação de nossa natureza animal; são restos da pelagem que perdemos, e que todos os outros mamíferos ainda possuem. Em muitas culturas, barbear-se ou se depilar significa afastar-se da condição animal. O pêlo evoca pois a idéia de algo primitivo e instintivo, mas sua significação é diferente segundo a parte do corpo em que ele cresce. Assim, os cabelos são a representação de pensamentos e fantasmas involuntários e inconscientes, porque saem de nossas cabeças.

Existe uma tribo africana em que a iniciação de um jovem antes que possa casar-se consiste não apenas em ser circuncidado e instruído nos assuntos da tribo, mas também em criar sua própria cabeleira. Para isso, deve ir sozinho para a selva e compor uma cabeleira feita de inúmeras trancinhas, nas quais introduz raminhos e conchinhas. Durante a noite, para não estragá-la, mantém a nuca apoiada. Enquanto esse edifício, esse templo formado por seus cabelos não estiver pronto, considera-se que não chegou à maturidade espiritual, pois não soube elaborar seu próprio ponto de vista. Sua tarefa consiste em exprimir sob uma forma simbólica a totalidade de seu ser e, enquanto não for capaz disso, é julgado inapto a ter uma mulher.

Pode-se dizer que Dalila castrou Sansão ao cortar-lhe os cabelos, pois foi exatamente isto que ela fez. Mas em que nível? Agindo assim, Dalila destruiu a alma de Sansão, ou seja, sua criatividade, seus pensamentos, suas idéias: foi psicologicamente que ela o castrou. Uma mulher pode tornar um homem totalmente estúpido, a ponto de fazer com que perca todo poder criador. Por isso, no tempo da Cavalaria Medieval, não era permitido a um Cavaleiro o "*verliegen*", o "estragar-se, ficando na cama por muito tempo". Se ele renunciava completamente a seus altos feitos e a seu combate de homem para ficar no castelo com sua dama, ela havia se apoderado dele. Tornado prisioneiro de sua bem-amada, renunciava a seu ideal, à sua tarefa e a seu progresso espiritual. Foi o que aconteceu com Sansão, e foi dessa forma que perdeu sua virilidade.

Digitalizado com CamScanner

Mas o que a barba representa mais particularmente? Trata-se de uma excrescência involuntária que cresce ao redor da boca. Pode ocorrer que pensamentos e palavras brotem de nossas bocas sem que tenham sido verdadeiramente pensados – eles se formam como que por si mesmos. O verbalismo automático e nervoso é um sintoma neurótico típico de nossa civilização hiperintelectualizada, e que se encontra particularmente entre as mulheres (embora não exclusivamente). A elocução incessante prolonga-se interminavelmente sem que nada de interessante seja dito. A torrente de palavras, inteiramente autônoma e inconsciente, cria enormes dificuldades. A linguagem se presta a isso e a estrutura gramatical de uma língua é um convite ao automatismo; se começamos uma frase de uma determinada maneira, somos levados a terminá-la estruturalmente. Uma ocasião, um professor francês chamou minha atenção para o fato de que a clareza da língua francesa representa um perigo, pois ela tende a fazer com que as palavras se agenciem por si próprias – as frases começam e terminam segundo um esquema clássico.

Isso ocorreu comigo. Ainda estudante, vi um dia uma mulher de certa idade estender a mão de maneira triste a um jovem estudante que parecia embaraçado. Disse a mim mesma que estava provavelmente assistindo ao fim de uma relação amorosa. Não conhecia nenhum dos dois. Posteriormente cursei algumas matérias com ela, e começamos a conversar. Um dia, tomando uma xícara de café em sua companhia, falei sobre um projeto de construção. Com o nariz na xícara, ela me disse: "Você constrói?" – (*Vous construisez?*) e "Aquilo" replicou em mim: "E você destrói!" – (*Et vous demolissez!*) Ela havia começado uma frase e eu não tinha feito senão terminá-la. Perguntou-me por que lhe dera essa resposta e expliquei-lhe que não havia tido nenhuma intenção particular, que a frase ficara em suspenso e que eu só a tinha terminado. Mas ela insistiu tanto, dizendo que eu estaria certamente pensando em algo em particular, que acabei lhe confiando a impressão que tivera quando da cena que havia testemunhado involuntariamente, o que a levou a me perguntar se eu era vidente: essa ruptura havia sido o grande drama de sua vida. Fiquei aborrecida comigo mesma por ter falado de forma tão irrefletida.

Digitalizado com CamScanner

A barba do Animus são os pensamentos que são exprimidos involuntariamente. Conhecemos a história contada por Jung sobre o marido que sofria com as cenas da mulher, sem nunca poder convencê-la de que havia efetivamente pronunciado as palavras incriminatórias. Um dia, o marido gravou uma dessas cenas sem que ela percebesse, e, numa hora favorável, fez com que ouvisse a gravação. A despeito do fato de que estava ouvindo sua própria voz, ela sustentou que nunca havia pronunciado aquelas palavras. "Aquilo" havia falado, as coisas se disseram por conta própria sem que ela tivesse consciência disso.

A barba do demônio ou do anão representa, nos Contos de Fadas, esse aspecto verborrágico do Animus. É preciso segurá-la com firmeza e dizer: "Só lhe soltarei com essa ou aquela condição", e ainda se questionar sobre quem estava falando, se não éramos nós. É nesse gênero de palavras irrefletidas que podemos facilmente capturar o Animus em flagrante delito. O anão se enreda nela: cai em sua própria armadilha e, além disso, dá mostras de um apego e de uma vaidade narcisistas e inteiramente infantis por esse atributo que é um estorvo. Não podemos deixar de pensar nas palavras do grande poeta persa Attar:

Oh tu que, como a cabra, não te envergonhas de tua barba, também não deves envergonhar-te de raspá-la. Enquanto tiveres uma alma concupiscente e um demônio em teus calcanhares, o orgulho do Faraó e de Aman será tua herança... Toma portanto esse Faraó pela barba e segura-o firme; combatam bravamente, um agarrado à barba do outro. Põe o pé no caminho espiritual e renuncia à tua barba. Até quando te ocuparás dela?... Aquele que caminha com inteligência na via da religião negligencia a sua barba. Dá mais atenção a ti mesmo que à tua barba...[2].

A barba, neste caso, é sinal de idade, experiência e sabedoria, mas ai daquele que tira orgulho desses fatores! Quando o Animus parte assim por um mau caminho, acaba geralmente se contradizendo: cai em sua própria torrente de pensamentos inconscientes; por isso, o que as meninas deveriam ter feito é deixar que o anão se arranjasse com sua

2. Farid Uddin Attar, *Mantic Uttair ou Le Langage des Oiseaux*, trad. fr. de M. Garcin de Tassy, nouvelle édition, Editions Aujourd'hui, 1976. p. 163. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

famosa barba. Os homens presos pela sua Anima (seríamos tentados a dizer: pelo Animus de sua Anima), são igualmente capazes de sustentar os raciocínios mais absurdos, e de se contradizerem, sem que se apercebam disso.

Quando nos surpreendemos a nos desmentir, devemos parar para tomar distância e nos perguntarmos o que estamos verdadeiramente desejando exprimir. Mas, em lugar disso, as meninas soltam o anão, o que lhe permite continuar a prejudicar os outros, até que o urso o mate, isto é, até que o Animus suscite na mulher uma reação emocional positiva. As mulheres habitualmente acabam se cansando de seu próprio Animus negativo e procuram livrar-se dele.

No final da história, o urso desposa Nevebranca, e seu irmão se casa com Rosavermelha. A história termina, pois, com o tema do casamento quaternário que, como sabemos, é um símbolo da totalidade. Remeto-me aqui ao estudo de C. G. Jung sobre a Transferência[3] , ao longo do qual esse tema é desenvolvido. Forma-se, portanto, agora, uma dimensão bem diferente daquela do início da história. Tínhamos duas personagens masculinas: o anão e o urso. Se o anão não fosse uma criatura tão má, uma das meninas teria podido desposá-lo, enquanto a outra desposaria o urso. Em lugar de metamorfosear-se, o primeiro é morto e substituído de repente pelo irmão do urso. Podemos nos perguntar se esse irmão não seria de alguma forma o anão que, através da morte, teria sofrido uma transformação.

Quando alguém morre num sonho, isso indica que essa pessoa não representa mais de maneira válida o conteúdo inconsciente que nela se encarnava. Mas a energia psíquica que estava investida sob essa forma não se perderá; reaparecerá em outro nível. Com efeito, muitas são as pessoas que sonham com a morte de um aspecto de sua Sombra que, infelizmente, ainda está bem vivo e reaparece em seguida sob outras formas. Se alguém consegue colocar a energia transformada em um nível mais evoluído, a personagem não preenche mais a mesma função, ou então desaparece. Parece que a transformação teve lugar na narrativa,

3. Cf. C.G. Jung, *La Psychologie du Transfert*, trad. fr. d'Etienne Perrot, Albin Michel, Paris, 1980, capítulo 2, "Le Roi et la Reine", p. 69-97. Cf. também M.-L. von Franz, *L'Ane d'Or. Interprétation d'un Conte*, trad. cit., p. 108. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

pois o anão desaparecido é logo substituído pelo irmão do urso que não havia sido mencionado até então, e as duas meninas encontram cada uma seu esposo.

A mãe é a quinta personagem, a matriz com a qual se constrói a totalidade. Até um certo ponto, a totalidade ainda está na vasa, no seio da natureza. Uma possibilidade instintiva de progresso formou-se no Inconsciente. Quando alguém sonha com uma solução positiva em harmonia com o instinto, uma tal possibilidade de progresso é constelada. Como no I Ching[4], essa pessoa caçava num lugar onde não havia caça; ou então, pode-se dizer que pescava numa água morta, agora envenenada. O sonho positivo mostra em que direção o sonhador deve ir pescar e indica que ali o peixe está à sua disposição. Mas, evidentemente, resta sempre a distância entre a taça e os lábios – entre o sonho positivo e a solução integrada, vivida. Há entretanto uma esperança de progresso quando sabemos para onde devemos nos dirigir e onde se encontram as energias. Houve a tomada de consciência, mas a transformação deve ainda ser assimilada, integrada e encarnada na vida. Os intuitivos, em particular, que vivem sempre à frente de si próprios, param no sonho positivo, felizes, imaginando que a batalha está ganha.

Segundo o conto de Grimm nº 187, *A Lebre e o Ouriço (Der Hase und der Igel)*, um ouriço disputava uma corrida com uma lebre. Colocou sua mulher, que era sua réplica exata, na linha de chegada, e, a cada vez que a lebre terminava um percurso, ela estava ali, e lhe dizia: "Eu ganhei!" Finalmente a lebre morreu de exaustão. O intuitivo coloca um pouco de sua intuição na chegada da corrida. Desposa geralmente uma pessoa de Tipo sensação, mais lenta, e se essa pessoa lhe diz um dia: "Tomei consciência de alguma coisa, observei isso ou aquilo", o intuitivo lhe responde: "Eu lhe disse isso há 5 anos!", ou "Eu sempre disse isso!", o que provavelmente é verdadeiro, fazendo com que o outro perca todos os seus meios. Mas o intuitivo deveria ser mais cuidadoso, pois está sempre no lugar da mulher do ouriço, e toma sua intuição por uma realização.

Por que o anão deixou que sua barba se prendesse no tronco da árvore e na linha de pesca? À primeira vista,

4. *I Ching*, hexagramme 32, *Hong*: La durée, trad. cit., p. 158. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

parece tratar-se de pura estupidez, mas mesmo pequenos detalhes deste gênero são plenos de sentido. Observei com freqüência que as mulheres que se iniciam no trabalho do espírito, na universidade por exemplo, têm um Animus inclinado a confundir o instrumento de trabalho intelectual com seu objetivo. Isso é próprio de um Animus insuficientemente fortalecido. Tais mulheres decoram bibliografias, léxicos, regras gramaticais ou técnicas, estabelecem fichários, etc., e são inteiramente tragadas por essas atividades. É como se, num primeiro tempo, não fossem capazes de ultrapassar o nível da preparação. Conheço o caso de uma mulher que durante 45 anos reuniu indicações concernentes aos tijolos encontrados em escavações, indicações que permitiram determinar a camada ou a idade desses tijolos. Devemos-lhe uma importante contribuição arqueológica; no entanto, ela foi incapaz de ultrapassar o aspecto puramente técnico da pesquisa, e a totalidade de sua atividade intelectual foi aí absorvida.

Qualquer que seja o assunto estudado, instrumentos de trabalho se fazem necessários. Mas para que o estudo tenha um sentido, é preciso que exerça sobre o espírito um efeito vivificante. Também os homens podem cair nessa armadilha. O erudito que se contenta em colecionar materiais recolhidos por outros, aquele que escreve sobre o Esoterismo ou a Alquimia sem jamais ir verificar por si mesmo, fazem parte desse tipo. No final do século XIX, em particular, os sábios alemães se ativeram a esse gênero de trabalho, e foram realizados estudos preliminares aos estudos preliminares. O grande pianista Paderewski contava a seguinte história: Um dia organizou-se um concurso; cada concorrente deveria escrever um livro sobre o elefante. Um francês foi ao zoológico e escreveu um livrinho chamado *O Elefante Apaixonado*. Depois de ter absorvido uma boa quantidade de vodka, um russo escreveu um livro intitulado *O Elefante existe de Fato?* Um americano publicou uma outra repleta de algarismos e fotografias, chamada *Elefantes Maiores e Melhores*. O alemão não se deu ao trabalho de olhar um elefante, mas pesquisou em todas as bibliotecas e produziu uma obra em 10 volumes intitulada *Observações Preliminares Introdutórias ao Estudo do Elefante*.

Os espíritos insuficientemente desenvolvidos caem nessa armadilha, quer se trate de mulheres cujo Animus não está suficientemente formado, ou de homens que não têm

Digitalizado com CamScanner

consciência de sua Anima. Quando o espírito começa a despertar, ele geralmente atravessa essa fase e precisa tomar consciência de que um esforço suplementar lhe é exigido para que se torne realmente criador. Por terem tradicionalmente, o espírito geralmente menos adestrado e menos instruído que os homens, as mulheres caem freqüentemente nesse erro característico que as priva de sua originalidade e faz delas úteis auxiliares para os homens. São boas secretárias ao lado de homens criadores, organizam os documentos que o homem utiliza mas, se permanecerem reduzidas a esse papel secundário, nunca serão elas mesmas criadoras.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO V

A JOVEM SEM MÃOS

A dificuldade da mulher em assumir seus próprios dons criativos se reflete no grande número de versões, existentes em todas as línguas, da história do pai que vende sua própria filha a um Espírito do mal. Este tema é bastante difundido e são várias as razões apresentadas nos Contos. Na versão de Grimm nº 31, *Das Mädchen ohne Hände*, que iremos estudar, a jovem é vendida ao Diabo pelo pai, que lhe amputa as mãos. É interessante observar que, segundo as narrativas folclóricas, estar privado das mãos é uma infelicidade que só atinge as Heroínas. Eis o conto:

A JOVEM SEM MÃOS

Um moleiro que havia pouco a pouco caído na miséria não possuía nada mais senão seu moinho e uma grande macieira que ficava atrás da construção. Um dia em que o moleiro foi à floresta pegar lenha, encontrou um velho que nunca tinha visto, e que lhe disse: "Para que se extenuar cortando lenha? Eu posso torná-lo rico se me prometer o que está atrás do seu moinho." O moleiro, que pensou que só poderia ser a macieira, respondeu: "Está combinado", e assinou um compromisso que o estrangeiro recebeu com um sorriso sarcástico, dizendo: "Daqui a 3 anos, voltarei para levar o que me pertence." E foi embora.

Digitalizado com CamScanner

Quando o moleiro estava voltando para casa, a mulher veio ao seu encontro e disse: "Quero que você me explique, moleiro, de onde nos veio essa súbita riqueza em casa. De repente baús e armários ficaram repletos, sem que ninguém tivesse vindo trazer o que quer que seja; não consigo compreender como isso aconteceu." Ele respondeu: "Essas coisas vieram de um desconhecido que encontrei na floresta e que me prometeu grandes riquezas; em troca, eu me comprometi por escrito a ceder-lhe o que está atrás do moinho. Podemos muito bem dar a grande macieira em troca de tudo isso." "Ai, meu homem, – exclamou a mulher apavorada – era o Diabo, e não se tratava da macieira, mas de nossa filha que estava atrás do moinho varrendo o quintal."

A filha do moleiro, uma menina bela e piedosa, viveu esses 3 anos no temor de Deus, sem cometer pecado. Esgotado o prazo e chegado o dia em que o Diabo deveria levá-la, banhou-se e, inteiramente purificada, traçou um círculo de giz ao seu redor. O Diabo apareceu bem cedo mas não pôde aproximar-se. Furioso, ordenou ao moleiro: "Prive-a de água para que ela não possa se lavar; senão não tenho nenhum poder sobre ela." Temeroso, o moleiro obedeceu. Na manhã seguinte o Diabo voltou, mas a jovem havia chorado tanto sobre as mãos, que elas estavam puras. Ainda sem poder aproximar-se, disse, cheio de raiva, ao moleiro: "Corte-lhes as mãos, senão não posso nada contra ela." O moleiro, aterrorizado, respondeu: "Como posso cortar as mãos de minha própria filha?" O Maldoso o ameaçou, dizendo: "Se não o fizer, me pertencerá e o levarei." O pai teve medo e prometeu obedecer. Aproximou-se da filha e disse: "Minha filha, se eu não cortar as suas mãos, o Diabo me levará; como tinha medo, prometi-lhe que o faria. Auxilie-me na minha infelicidade, e perdoe-me o mal que lhe faço!" "Caro pai, – ela respondeu – faça o que quiser comigo; sou sua filha." Estendeu as duas mãos e deixou que ele as cortasse. Quando o Diabo voltou pela terceira vez, ela havia chorado tanto e por tanto tempo sobre os punhos cortados que eles estavam perfeitamente puros. O Diabo teve de renunciar, perdendo todo direito sobre ela.

O moleiro disse então à filha: "Graças a você ganhei tantos bens, que poderei mantê-la no maior luxo por toda a vida." Ela respondeu-lhe: "Eu não poderia ficar aqui. Quero ir embora; pessoas caridosas me darão o necessário." Fez com que amarrassem seus braços mutilados às costas e

Digitalizado com CamScanner

partiu ao amanhecer; caminhou o dia inteiro sem parar até a noite. Chegou então perto de um jardim real onde viu, à claridade do luar, árvores cobertas de belos frutos. Mas não podia entrar, porque estava cercado de água. Como havia caminhado o dia inteiro sem comer nada e estava faminta, pensou: "Ah, se eu pudesse entrar nesse jardim e comer dessas frutas! Caso contrário, morrerei de inanição." Ajoelhou-se, invocou o Senhor Deus e rezou. De repente apareceu um Anjo que manobrou uma comporta, de maneira que a água se escoou e o fosso secou, permitindo a sua passagem. Entrou então no jardim, acompanhada pelo Anjo, chegou a uma árvore coberta de magníficas peras, todas contadas. Com a boca, pegou uma pera e a comeu para amenizar a fome, mas não mais do que uma. Foi vista pelo jardineiro que, ao perceber o Anjo ao seu lado, teve medo; pensando que a jovem fosse um Espírito, calou-se, não ousando chamá-la ou dirigir-lhe a palavra. Depois de comer a pera, aplacada a fome, foi esconder-se sob as folhagens. O rei, a quem o jardim pertencia, foi lá na manhã seguinte; ao contar as frutas, percebeu que estava faltando uma pera. Perguntou ao jardineiro o que tinha acontecido, pois não a encontrava nem na árvore nem caída no chão. O jardineiro respondeu-lhe: "Na noite passada, um Espírito esteve aqui; porque não tinha mãos, tirou a pera da árvore com a boca." "Como o Espírito pôde passar pela água – perguntou o rei – e para onde foi depois de ter comido a pera?" O jardineiro respondeu: "Alguém que veio do Céu, numa veste branca como a neve, fechou a comporta e deteve a água para que o Espírito pudesse atravessar o fosso. E como só poderia ser um Anjo, tive medo e não disse nada. Quando o Espírito acabou de comer a pera, foi embora." O rei disse então: "Se as coisas aconteceram como está dizendo, passarei a próxima noite velando com você."

Quando escureceu, o rei desceu ao jardim acompanhado de um Padre, que deveria dirigir-se ao Espírito. Os três se instalaram debaixo da árvore e ficaram à espreita. Por volta da meia noite, a jovem saiu de seu esconderijo, foi até a árvore, tomou outra pera com a boca e a comeu; ao seu lado estava o Anjo, com sua veste branca. O Padre aproximou-se e disse: "Você é de Deus ou desse mundo? Um Espírito ou um ser humano?" Ele respondeu: "Não sou um Espírito, mas um pobre ser humano abandonado por todos, menos por Deus." O rei disse então: "Se você foi abandonada pelo

Digitalizado com CamScanner

mundo inteiro, eu não a abandonarei." Levou-a para o castelo real e, como era bela e piedosa, a amou de todo o seu coração. Mandou que lhe fizessem mãos de prata e a tomou por esposa.

No final de um ano, o rei partiu para a guerra; recomendou a jovem esposa à sua mãe, dizendo: "Na hora do parto fique ao seu lado e cuide bem dela; escreva-me logo em seguida." A jovem rainha pôs no mundo um belo menino e a mãe escreveu imediatamente ao rei, comunicando-lhe a boa notícia. Mas o mensageiro parou no caminho à beira de um riacho e, fatigado pela longa etapa, adormeceu. Veio então o Diabo, que não desistira de prejudicar a piedosa rainha; substituiu a mensagem por outra carta, que dizia que a rainha dera à luz um gnomo. Quando o rei recebeu a carta ficou muito assustado e sentiu uma grande dor, mas escreveu em resposta que cuidassem bem da rainha e a velassem até a sua volta. O mensageiro partiu com a missiva do rei, parou para descansar no mesmo lugar e, mais uma vez, adormeceu. O Diabo voltou e colocou em seu bolso uma outra carta, que dizia que a rainha e a criança deveriam ser mortas. A velha mãe ficou aterrorizada ao ler essa mensagem; acreditando nela, escreveu outra carta ao rei. Mas teve a mesma resposta porque o Diabo sempre substituía a carta verdadeira por outra; a última acrescentava mesmo que a língua e os olhos da jovem rainha deveriam ser conservados como prova.

A velha mãe, chorando sobre o sangue inocente que devia derramar, ordenou que trouxessem uma corça na calada da noite, fez com que lhe cortassem a língua e arrancassem os olhos, guardando-os em seguida. Depois, disse à jovem rainha: "Não posso mandar matá-la, como ordenou o rei; mas não pode continuar aqui por mais tempo: vá embora com seu filho por este vasto mundo e não volte mais." Prendeu a criança nas costas da infeliz mulher, que partiu chorando. Quando chegou numa grande floresta, pôs-se de joelhos para orar a Deus; apareceu então um Anjo do Senhor que a conduziu até uma pequena casa, onde estava escrito: "Aqui, todos podem alojar-se livremente." Da casa surgiu uma jovem virgem, branca como a neve, que lhe disse: "Seja benvinda, Senhora Rainha", e a fez entrar. Desamarrando a criança das costas da rainha, deixou que mamasse no seio da mãe, e a colocou em seguida numa bela caminha, anteriormente preparada. A infeliz mulher perguntou-lhe então:

Digitalizado com CamScanner

"Como sabia que eu era rainha?" A virgem branca respondeu: "Sou um Anjo enviado por Deus para cuidar de você e de seu filhinho." Por 7 anos a rainha ficou naquela casa, onde foi muito bem tratada. Pela graça de Deus, e em virtude de sua grande piedade, suas mãos cortadas se restauraram.

Quando o rei voltou enfim da guerra e chegou em casa, sua primeira preocupação foi a de ver a mulher e o filho. A velha mãe se pôs a chorar e disse: "Homem mau, como pôde me escrever para que tirasse a vida dessas duas almas inocentes?" Mostrou-lhe as cartas que o Diabo havia falsificado, e acrescentou: "Fiz o que mandou", mostrando-lhe, como prova, a língua e os olhos. O rei pôs-se então a chorar tão amargamente sua pobre mulher e seu jovem filho, que a mãe se compadeceu e disse: "Console-se, ela ainda está viva. Ordenei que matassem uma corça em segredo, para dela tirar as provas exigidas; quanto à sua mulher, amarrei a criança em suas costas e a enviei por este vasto mundo, fazendo com que prometesse que nunca mais voltaria aqui, por causa de sua cólera contra ela." O rei disse então: "Quero partir e ir até onde se estende o azul do Céu, sem comer ou beber, até que tenha encontrado minha querida mulher e meu filho, se ainda não morreram num acidente ou foram vítimas da fome."

O rei percorreu o mundo durante 7 anos, procurando-os em todas as fendas de rochedos e cavernas; não os encontrando, pensou que haviam morrido de esgotamento. Durante todo esse tempo não comeu nem bebeu, mas Deus o susteve. Enfim, entrou numa grande floresta onde encontrou a pequena casa com a placa que dizia: "Aqui, todos podem alojar-se livremente." A virgem branca saiu, tomou-o pela mão, fez com que entrasse, e disse: "Seja benvindo, Senhor Rei." Depois, perguntou-lhe de onde vinha. Ele respondeu: "Vai fazer 7 anos que erro em busca de minha mulher e de seu filho, mas não os encontro em parte alguma." O Anjo ofereceu-lhe o que beber e comer, mas ele recusou, desejando apenas descansar um pouco. Deitou-se para dormir, cobrindo o rosto com um lenço.

O Anjo entrou então no quarto onde estava a rainha com o filho, que ela se habituara a chamar de Rico-em-Dores, e lhe disse: "Venha com seu filho, seu marido está aqui." Ela foi até onde ele estava deitado, e o lenço caiu no chão. Disse ao filho: "Rico-em-Dores, pegue o lenço de seu pai e cubra o

Digitalizado com CamScanner

seu rosto." A criança recolheu o lenço e o recolocou sobre o rosto do rei. Este havia ouvido tudo em seu sono e fez com que o lenço caísse novamente. Impaciente, o menino disse à mãe: "Minha mãe querida, como posso cobrir o rosto de meu pai, se não tenho pai neste mundo? Quando aprendi a oração "Pai nosso que estás nos Céus", você me disse que meu pai estava no Céu e que era o bom Deus – como eu poderia conhecer um homem tão selvagem? Este não é meu pai." Ouvindo isso, o rei levantou-se e perguntou à jovem mulher quem era ela. Ela respondeu: "Sou sua mulher, e este é seu filho Rico-em-Dores." Vendo suas mãos vivas, ele disse: "Minha esposa tinha mãos de prata", ao que ela respondeu: "Minhas mãos naturais foram recompostas novamente pela graça de Deus"; o Anjo foi então ao quarto vizinho, de onde voltou com as duas mãos de prata para mostrar ao rei. Este viu então que se tratava na verdade de sua querida mulher e de seu filho amado; abraçou-os com alegria e lhes disse: "Uma pesada pedra foi retirada de meu coração." O Anjo de Deus lhes serviu uma última refeição juntos, e eles voltaram para casa, para perto da velha mãe. Houve por toda a parte uma grande alegria: o rei e a rainha celebraram suas núpcias pela segunda vez e viveram felizes até o fim de seus dias abençoados.

A personagem folclórica do moleiro é muito ambivalente. De um ponto de vista ingênuo, o do camponês, moer o trigo não é um verdadeiro trabalho. O moleiro é o único camponês que não trabalha: possui a astúcia de fazer com que a água e o vento trabalhem por ele. A palavra grega *mêchanê*, que deu "mecânica", significa artifício. Outrora o grão era moído por animais ou escravos que giravam sem fim uma mó de pedra, o que representava um trabalho terrivelmente penoso. A utilização da energia hidráulica ou eólica foi uma das primeiras invenções humanas.

O folclore contém inumeráveis histórias em que um rico moleiro explora os laboriosos camponeses da vizinhança: é ele que decide os preços da compra do grão e da venda da farinha e, esperto o bastante para explorar o camponês de espírito primitivo, o conflito entre eles é permanente. É o objeto bem achado de uma projeção que faz dele um Espírito mau e um associado do Diabo.

Mas o moinho é também uma invenção bastante engenhosa que, ao utilizar-se das energias naturais, é ao mesmo

Digitalizado com CamScanner

tempo criadora e hábil; além disso, a roda tem a forma de Mandala. O moleiro, por sua inteligência, sabe tornar o trigo comestível. Por isso é ainda uma espécie de Hermes-Mercúrio e pertence à mesma família mitológica desse último. Assim, o moleiro também aparece com freqüência no folclore num papel benfazejo; estoca farinha de trigo na época de abundância e distribui as reservas em período de escassez. É o protetor da região. Pode-se portanto dizer que possui a qualidade mercurial da Consciência humana que pode ser empregada tanto para o bem quanto para o mal. Mas, em nossa narrativa, ele se encontra praticamente sem recursos, e é por isso que vende algo ao Diabo; pode-se dizer que está então próximo de sua Sombra. Ainda que aja em parte inocentemente, nesse momento de dificuldade um pouco de si cai nas mãos do Demônio. Essa situação traduz o mau uso que podemos fazer da Consciência intelectual e o abuso ético de capacidades que não fazem parte do campo da ética; num momento de dificuldade, toda pessoa inteligente corre o risco de sucumbir a esse tipo de tentação. Quando estamos em dificuldade, e somos honestos, reconhecemos estar precisando de ajuda; mas se somos desonestos, apelamos para outros meios; a inteligência, esta qualidade superior da Consciência, é então empregada para fins ilegítimos.

Não tenciono comentar aqui a degradação moral resultante do uso imoderado da tecnologia em nossa civilização. O cerne do problema está no abuso que consiste em sair de uma dificuldade por um artifício consciente. O que perdemos nessa transação é nossa alma; imitamos o moleiro que, pensando que não está sacrificando senão um pedacinho da Natureza, "senão" sua grande macieira, perde a filha. Assim, quando decidimos a construção de uma nova grande central hidráulica nos Alpes, achamos que estamos sacrificando apenas algumas árvores e alguns campos. Não temos suficiente consciência de nossa inconseqüência face à natureza, e vendemos nossas almas ao Diabo, perdendo nessa transação um certo número de recursos psicológicos. Na cidade, a vista é sempre a mesma: a luz elétrica, os carros, as casas; falta-nos momentos revigorantes de realidade – a impressão misteriosa de uma sombria noite chuvosa, a beleza de uma paisagem ao luar, um riacho de águas claras que corre sob os salgueiros e onde matamos a sede – a representação sempre cambiante da natureza numa paisagem preservada.

Digitalizado com CamScanner

Não podemos mais compartilhar das experiências emotivas de nossos ancestrais, que foram uma das constituintes do homem desde sua origem; a Lua cheia, o sopro do vento nas árvores nos conduzem ao Instinto e à vida inconsciente de sempre. Há aí toda uma diversidade de emoções que enriquecem nossas vidas e nos ligam às nossas forças ancestrais. A tecnologia industrial nos roubou tudo isso, e não perceberemos que somos perdedores enquanto não voltarmos atrás. Por isso precisamos nos retemperar na Natureza, pelo menos uma vez por ano. Algumas pessoas são conscientes o bastante para ficar emocionadas e aborrecidas com a "morte da macieira", mas não é isso o pior; o pior, está ligado à perda da árvore que abatemos, é a conseqüente destruição de toda a vida da Psique que lhe corresponde – das experiências que pertencem à ação mesma da Natureza em nós.

Do ponto de vista do moleiro, a filha representa uma parte de sua Anima – a parte de sua vida afetiva e emotiva – que ele vende às forças do mal ao renunciar à árvore, e que cai nas mãos do Diabo. Visto do ponto de vista feminino, é o quadro de uma mulher que, em razão de uma constelação específica de seu Complexo paterno, cai na maior infelicidade, vítima da atitude do pai. O que significa o fato do pai vender a própria filha ao Diabo por estar sem recursos? Se um moleiro se encontra em dificuldades, isso pode significar que numa catástrofe coletiva geral, em uma conduta inteiramente anti-social, ele procure salvar a própria pele em detrimento dos outros, ou então que, caso seu problema seja individual, algo não está certo no moinho: está cobrando demais pela farinha, não é um bom operário, ou qualquer outro motivo do gênero. No segundo caso, ele deveria se perguntar porque o moinho e os negócios vão mal, por que é o único que está sofrendo, do que é culpado ou que leis da vida transgrediu. No conto, parece que se trata da segunda hipótese e que seu problema é pessoal. Simbolicamente falando, as posições intelectuais do espírito humano tendem a esgotar-se; se recorremos durante muito tempo a um certo aspecto da Consciência, caímos na rotina. A Consciência necessita de duração, de regularidade, mas não de monotonia, que pode degenerar em hábito, o que significa a perda da alma.

É assim que o moleiro, que acaba não exercendo mais a sua função, poderia ser um professor, um homem de negó-

Digitalizado com CamScanner

cios, um médico, um arquiteto ou quem quer que seja, fazendo mau uso de suas capacidades: a Função superior é gasta pela rotina; em lugar de moer a farinha, ele só rumina. No caso da mulher, poderia ser uma enfermeira ou uma mãe que se transformou em um autônomo de sorriso cristalizado que traz a sopa e cuida, mas cuja eficácia é apenas habilidade e técnica. Ela coloca uma máscara, debaixo da qual morre de tédio, que é uma doença devida ao abuso de seu Sentimento extrovertido. Portanto, não é só o Pensamento que tende a esgotar-se, mas toda função ou atividade mental que não está sendo irrigada pela vida. Então aparece o momento diabólico em que o moleiro, em lugar de encarar de frente sua pobreza e descobrir a importância da macieira ou de qualquer coisa análoga, deseja prosseguir no mesmo caminho; assim agindo, vende sua própria alma e a da filha. Faz a má escolha. Era preciso ser mais maleável e corajoso, ser capaz de ver e assumir o fato de que a situação está evoluindo para uma crise, e então questionar: quais são as outras possibilidades que a vida oferece? Se, em lugar disso, persistimos em continuar no mesmo caminho, vendemos ao Diabo nossos próprios recursos psicológicos. Quando um homem se comporta dessa forma, sua Anima e seu Eros degeneram; se tem uma filha, ela vai crescer perto de um pai que tem sucesso em seus negócios, no campo científico, ou em qualquer outra coisa, mas não tem coração. Do ponto de vista afetivo, negligencia a filha. Não se dá ao trabalho de falar, brincar ou flertar um pouco com ela, o que deveria fazer até um certo ponto; suas atividades, entretanto, lhe tiram o tempo e a vontade de fazê-lo.

A filha não foi alimentada pela função de Eros, o Sentimento de seu pai. O conto nos mostra que a filha que não se satisfaz no plano afetivo, corre o risco de que um Animus demoníaco, um intelectualismo destruidor, sob uma ou outra forma, se aposse dela. Será ou muito ambiciosa ou muito fria, e tomará o lugar do pai, reproduzindo seu comportamento, conduzida por um Animus eficaz e calculista. Nossa heroína reage a essa herança de forma característica: ao ter consciência do terrível perigo, prefere a mutilação à perda de sua liberdade interior; e mais: sabe que deve deixar os pais.

Lembro-me de um exemplo que ilustra essa situação. O pai desta mulher era um homem de negócios muito pode-

Digitalizado com CamScanner

roso, empreendedor e ativo no campo da Política; era porém de gelo, não tendo vida conjugal ou amor pelos filhos. Comportava-se em casa como um touro ou uma nuvem ameaçadora e carregada de chuva; sem relação humana, seu Eros estava completamente degenerado. Depois de sua morte, a filha consagrou-se a diversas atividades intelectuais; dedicou-se à Arte e à Filosofia. Mas a cada vez que abordava um campo que fazia parte de uma atividade dita masculina, seu comportamento atingia o frenesi. Em Filosofia devorava livros, como se fosse uma máquina: estava literalmente possuída pelo Diabo. Quando tentou tocar um instrumento, apaixonou-se pelo professor de piano: estudava dia e noite e ele, sadicamente, a induzia a isso. Perdeu todos os amigos, afastou-se de todos os conhecidos; entretanto, como era mais ou menos normal em outros aspectos, sendo ainda sensível e inteligente, tomou consciência do que estava ocorrendo e compreendeu que tudo que fazia na realidade era de forma destrutiva; em conseqüência, desistiu de qualquer outra tentativa, cantonou-se em sua ocupações caseiras e tornou-se pouco a pouco completamente passiva. Precisava escolher entre conservar suas mãos e cair nas do Diabo, ou renunciar a qualquer atividade intelectual e assim perder as mãos. Até os 40 anos, permaneceu nessa passividade. Agia como alguém que passasse a vida empoleirado numa árvore porque havia um monstro esperando embaixo: se descesse, seria presa do Demônio. Num caso assim, antes de pedir à pessoa que desça, devemos perguntar-lhe *por que* ela está lá. É possível que a solução que a espera embaixo seja difícil demais. No conto, a jovem escolhe um caminho de sacrifício heróico, que consiste em manter-se afastada do Diabo renunciando a participar da vida exterior, de preferência a cair em suas mãos.

A partir do texto do conto, podemos ver claramente que as dificuldades da jovem provêm de seu Complexo paterno. O pai, num determinado momento da vida, traiu seu próprio Inconsciente; para ter sucesso na vida profissional e social, ou para se sair bem de alguma dificuldade, vendeu sua alma (o aspecto inconsciente de seu Eros) ao Diabo. Em conseqüência, a filha tornou-se vítima da Sombra do pai; sofre porque ele, em lugar de resolver corretamente seu próprio problema, esquivou-se do conflito. A filha está portanto ameaçada por um Animus temível: sempre que procura exercer alguma atividade no campo intelectual ou que tenta afirmar-se como pessoa autônoma, corre o risco de ser

Digitalizado com CamScanner

possuída por seu próprio Animus negativo, ou por um acesso de desejo de Poder, tornando-se tão fria, impiedosa e brutal quanto o pai. Só lhe resta manter-se afastada da vida do espírito.

É o que faz nossa heroína: chora tanto que o Diabo não consegue aproximar-se. Protege-se do perigo por uma atitude simples: as lágrimas que a lavam; mas o Diabo insiste, e o próprio pai deve cortar-lhe as mãos. Fica então mutilada e incapaz de exercer qualquer atividade, da mesma forma que a mulher que tentou tocar piano ou escrever se viu possuída a ponto de não poder continuar.

O Animus não integrado é uma espécie de homem primitivo, assim como a Anima não integrada é uma espécie de mulher primitiva que faz demais, e depois fica prostrada. Nas civilizações arcaicas, as pessoas não se consagram às atividades de maneira regular. Há períodos em que se põem a trabalhar, caçar ou combater ardorosamente, despendendo uma energia enorme, mas em seguida entram numa espécie de torpor por algum tempo. O ritmo natural do ser humano, como o do animal, é irregular, e o Animus, de maneira geral, tende a assumir o mesmo comportamento. Isso é consideravelmente agravado nas situações em que existe um poderoso Complexo paterno.

A jovem, ao deixar a casa paterna, chega a um jardim real. Tem tanta fome que deseja comer algumas peras que estão ali. O jardineiro percebe que não se trata de uma ladra comum, pois um Anjo a acompanha para protegê-la. Conta ao rei o que viu. Este descobre a jovem, a desposa e a presenteia com mãos de prata.

Vimos que o pai pensou que havia vendido uma macieira ao Diabo. Temos aqui o símbolo da Árvore.[1] Esta imagem arquetípica toma um sentido particular quando está relacionada com a Psicologia masculina. Existem Contos de Fadas em que o rei possui um jardim magnífico que produz maçãs de ouro; ao perceber que um pássaro de ouro leva uma todos os dias, envia os filhos à sua procura.[2] O tema

1. Sobre o simbolismo da Árvore, cf. C.G. Jung, *Les Racines de la Conscience*, trad. cit., Livro VI. (N.T. franc.)

2. Cf. "Le prince Hassan Pacha", conto do Turquestão, comentado em M.-L. von Franz, *La Voie de l'Individuation dans les Contes de Fées*, trad. cit., p. 213 e seg. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

do rei que tem um jardim pleno de frutos raros que são roubados por poderes invisíveis é muito freqüente. Em geral, como afirma Jung em *Mysterium Conjunctionis*, no capítulo consagrado ao Rei e à Rainha[3], o Rei representa a dominante do Consciente Coletivo; sendo assim, ele é também habitualmente um símbolo do Self em seu aspecto relativamente acessível, porque reconhecido pela sociedade onde o Conto tomou forma.

Ora, tais representações correm sempre o risco de não mais exprimir a totalidade do Self, mas apenas um ou outro de seus aspectos, assim como a Consciência individual está sempre ameaçada de não poder mais traduzir de maneira adequada a situação psicológica da pessoa em sua totalidade: a vida é tão rica e se transforma de maneira tão contínua, que a Consciência precisaria ter uma grande maleabilidade para poder exprimir tudo o que nela se passa. Entretanto, raramente a Consciência é capaz dessa atitude ideal, tendendo sempre a ser demasiado estreita, ou a permanecer por muito tempo num mesmo caminho; esta é uma das razões pelas quais precisamos que os sonhos venham nos informar das novas condições de vida, tanto interiores quanto exteriores. O indivíduo, como a Consciência coletiva, tem constante necessidade de adaptação. Podemos observar que as lendas e a Mitologia costumam nos apresentar com mais freqüência reis impotentes, doentes, incapazes ou decadentes, do que resplandescentes de saúde; é o que acontece com o Rei-pescador do Graal. Isso resulta do fato de que eles simbolizam a inadequação da atitude coletiva, para a qual o Mito ou o Conto tentam propor uma solução.

Do ponto de vista da Psicologia individual, o Diabo ladrão é a personificação de um conteúdo inconsciente que escapa da Libido para a Consciência. Quando estamos deprimidos, nos levantamos pela manhã de mau humor, e tudo parece entediante e insípido, algo está roubando nossa energia. O homem primitivo que acorda neste estado, diz que alguém roubou a sua força ou uma de suas almas; vai então visitar o curandeiro para reencontrá-las e evita qualquer atividade antes que tudo esteja em ordem novamente. Essa perda de vitalidade e de interesse indica que a vida

3. C.G. Jung, *Mysterium Conjunctionis*, trad. franc. d' Etienne Perrot. Paris, Albin Michel, 1980-82. Tome 2, chap. I. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

retirou-se momentaneamente do campo da Consciência, o que se deve geralmente ao fato de que um Complexo instalou-se no Inconsciente e está atraindo para si toda a energia. No plano consciente somos invadidos pelo tédio e por um sentimento de cansaço, ao passo que o conteúdo dos sonhos fica mais rico: uma torrente de vida acumula-se no Inconsciente, sem que possamos alcançá-la. Quando a face feminina do Self ou a Anima recalcada começam a atrair a energia da Consciência coletiva ou passam a perturbá-la, essa situação traduz-se no Inconsciente Coletivo por uma espécie de surda oposição, de inércia, que procuram indiretamente forçar o homem a mudar de atitude. Quando, por seu lado, uma mulher não consegue evoluir como deveria, tem a reação natural e típica de mostrar-se desagradável e rabugenta e de estragar o prazer do homem, sempre dizendo "não". Faz com que a atmosfera se torne irrespirável para ele, mas por detrás de sua passividade intratável se esconde a intenção semiconsciente de levar o homem a se transformar.

Jung citava com freqüência o mito Hopi, onde é dito que originariamente os Índios viviam nas camadas profundas da terra. A cada vez que um nível ficava superpovoado, as mulheres tornavam a situação tão intolerável que os homens eram forçados a encontrar um meio de alcançar a camada superior, de tal forma que as mulheres, que por si nada faziam, com seu mau humor acabaram forçando os homens Hopis a aceder em pouco a pouco ao mundo da Consciência. Ocorre algo análogo quando uma mulher começa a ser exigente no plano afetivo. Sobretudo se não recebeu atenção suficiente em sua juventude, é tomada por uma espécie de fome psicológica, de demanda, em relação ao homem. Isso pode se transformar numa atitude infantil; se, entretanto, permanecer em limites razoáveis, pode vir a tornar-se benéfico para a relação, pois no campo do Eros a preguiça está sempre à espreita do homem. Se a mulher se abstém de qualquer reivindicação, ele pode muito bem se deixar levar, achando que deve ocupar-se de coisas mais importantes. Mas se a mulher lhe lembrar de vez em quando que precisa de uma certa dose de atenção, de solicitude e de trocas, sua atitude terá um efeito positivo na Anima do homem, o que ele reconhecerá, se estiver atento. É assim que a jovem, ao roubar as frutas no jardim, não apenas se alimenta, como atrai a atenção do rei.

Digitalizado com CamScanner

Vemos geralmente as maçãs como um símbolo masculino, e as peras como um símbolo feminino. Podemos observar aqui uma estranha analogia com o jardim do Éden, onde Eva foi levada a tomar a fruta e comer dela antes de estendê-la a Adão; aqui não foi o Anjo, e sim o Diabo que a ofereceu. Essa inversão se explica por uma mudança que se operou no decurso do tempo. Com efeito, no Gênesis a maçã representa o conhecimento do Bem e do Mal, que tornaria os homens semelhantes a Deus; roubar e comer a fruta seria entrar no campo da totalidade divina. É o pecado de Prometeu, o desejar ultrapassar a Inconsciência natural do Paraíso. O pecado está em querer tornar-se consciente e intervir no curso natural do mundo, o que ofende a Natureza ou, no caso do Gênesis, o Criador. Mais tarde, porém, os Padres da Igreja, ulteriores ao Apóstolo Paulo, começaram a enxergar esse mito de maneira um pouco diferente: se Eva não tivesse comido a fruta e não a tivesse dado a Adão, o homem não teria caído no pecado, não seria expulso do Paraíso e Deus não teria encarnado; Cristo não teria nascido, não viveria como homem e não seria crucificado. E como, do ponto de vista cristão, foi esse o dom mais precioso da graça divina, esse pecado foi uma *felix culpa* – um pecado bem aventurado – uma falta de conseqüências positivas.

Na lenda medieval do santo Graal, Perceval não ousa violar o tabu que guarda a entrada do conhecimento. Omite as questões concernentes ao Graal ou ao ferimento do rei porque lhe fora dito que interrogar é uma infantilidade. Na lenda ele é comparado a Adão, e freqüentemente é chamado de terceiro Adão, por oposição ao primeiro e ao segundo Adão, o Cristo. O pecado de Perceval consiste em nada perguntar, ao passo que o do primeiro Adão foi o de aventurar-se no campo do conhecimento, experimentando a fruta. Isso reflete uma lenta evolução da conduta em relação à Consciência: parece que na atualidade, se acreditarmos particularmente nos materiais oníricos, o não tornar-se consciente é um pecado, enquanto que nas origens é a Consciência que representava um pecado. Entretanto, embora sob uma forma um pouco diferente, encontramos em nossos dias essa mesma apreensão nas pessoas que, a propósito da Psicologia em profundidade ou da Análise, pretendem que não se deveria mexer nessas coisas e que não se deve agitar as águas que dormem, temendo o despertar de monstros. Afirmam que é suficiente seguir o bom senso e obedecer à regra geral, e que é inútil saber mais e

Digitalizado com CamScanner

ter uma atitude pessoal em relação a essas situações. Mas sabemos que recusar a Consciência também significa pecar contra a Natureza. Se uma pessoa vive aquém de suas possibilidades, ou pretende conhecê-las menos do que deveria, veremos que nela surgirão sentimentos de culpabilidade ou outros sintomas neuróticos. Estamos, portanto, ainda hoje, face ao paradoxo de que tanto tornar-se consciente quanto permanecer inconsciente constitui pecado. Visto que não podemos mais viver num estado de inocência edênica, não nos resta senão determinar nossa posição, decidindo qual é o pecado que preferimos. A vivência porém, nos demonstra que um é regressivo e leva à estagnação, ao passo que o outro caminha no sentido da vida. São os sonhos e as circunstâncias vitais que mostram a cada um em que medida faz parte de sua natureza tornar-se mais consciente.

Em nosso conto, é certo que o roubo cometido no jardim real produz um resultado positivo, pois chama a atenção do monarca para a jovem com quem se casa, e a quem presenteia com mãos de prata. Estas, sem terem o valor das que ela terá mais tarde, lhes permitem ser parcialmente válida. Posteriormente ela dá à luz uma criança, mas, segundo um esquema clássio, enquanto o rei está no campo de batalha, a carta que lhe anuncia o acontecimento cai nas mãos do Maldoso, assim como a resposta do rei, de tal forma que a rainha e seu filho são expulsos para a floresta. As narrativas variam: na maioria das vezes, não é o Diabo que subtiliza a carta, e sim a cruel sogra, levada pelo ciúme. Aqui, a sogra da jovem rainha não é má. Ela tenta salvar a vida da mãe e do filho e censura o rei por sua suposta crueldade. O que é interessante porque reflete uma evolução: o princípio do Mal (o Diabo), não é identificado à mulher. É distinto dos seres humanos, que se contenta em influenciar.

Vimos que a heroína representa o caso da mulher obrigada a viver de maneira completamente passiva e exclusivamente feminina, porque está ameaçada de cair num estado patológico quando age de outra forma. Mas a solução que consiste em escapar do Diabo mantendo-se afastada da vida não pode ser senão uma solução temporária. Cedo ou tarde a vida reclamará seus direitos, o problema ressurgirá e, com freqüência, como neste caso, após o casamento. Assim, muitas jovens renunciam a estudar e a cultivar o espírito porque sentem, e às vezes estão certas, que fazê-lo

Digitalizado com CamScanner

seria cair no poder de seu Animus, o que as impediria de casar-se. Mas se uma delas funda um lar sem ter apaziguado sua sede de cultura, o problema reaparecerá. Ao casar-se ela fugiu da possessão pelo Animus, mas a necessidade secreta de desenvolver o outro aspecto de si mesma permanece, e ela pode entrar então num estado de agitação insatisfeita, de revolta ou de depressão. O Diabo reaparece pois e, desta vez, vem perturbar a vida conjugal e familiar.

É assim que o Complexo paterno da heroína se choca com o Complexo materno do rei, o que cria dificuldades. Ela está condenada à passividade e à solidão, à inatividade social, se deseja escapar do Diabo. Se uma mulher assim se casar com um homem que possui um Complexo materno, sua mãe ou então sua sogra tomará as rédeas da situação. Sendo a jovem mãe passiva e, sobretudo, negativa, incapaz de tomar um partido bem definido, a sogra intervirá e decidirá, por exemplo, o que deverá ser feito para o Natal, e o que o bebê está precisando. A jovem mulher não pode opor-se a este estado de fato, porque a sogra preenche um vazio. Em condições normais, uma mulher jovem é capaz de defender-se da mulher mais velha, mas se precisa ao mesmo tempo proteger seu domínio interior secreto, não terá a energia e a possibilidade de defender-se externamente. Todas as vezes que a mulher é forçada a uma grande passividade para escapar do demônio que a persegue, torna-se uma espécie de mártir: o fato mesmo de se deixar levar, sua profunda solidão e falta de exigências, induz os outros a dela abusarem. O Diabo é então atraído do exterior. Mas a situação que assim se cria tem um sentido, porque, a menos que seja perseguida, isto é, acuada para encontrar recursos em si própria, esta mulher jamais encontrará suas mãos vivas; conservará suas mãos artificiais até o fim de seus dias. Tal é o tema tratado ao longo do conto.

Interpretado no plano do sujeito, e do ponto de vista da mulher, o rei, não mais considerado como o marido, mas como uma figura interior de Animus, representa uma dominante coletiva de valor positivo. A mulher adota as idéias em curso sobre a religião, o dever, a conduta pessoal e regula sua vida a partir de normas aceitas por todos. Isso significa substituir uma atitude psíquica espontânea por uma atitude artificial; ela cumpre o que é justo por dever e porque é assim que se faz. Tem um comportamento normal, mas desprovido de sentimento. É isso que as mãos artifi-

Digitalizado com CamScanner

ciais significam. O fato de serem de prata, metal lunar, mostraria que essas idéias ambientes são ainda assim adaptadas à sua natureza feminina, mesmo que ainda não sejam naturais e individualizadas. Nela, o Eros positivo vivo não pode encarnar-se totalmente. Vemos isso, por exemplo, nas mulheres feridas por um Complexo materno negativo ou uma imagem paterna nefasta. Têm muita dificuldade em criar seus filhos, pois suas reações espontâneas face a eles são insuficientes, ou mesmo inexistentes. Os filhos as perturbam ou cansam, porque não possuem instinto materno positivo e energia disponível suficientes para poderem aceitar o trabalho e a rotina cotidianos que consistem em trocar as fraldas do bebê, suportar o barulho dos mais velhos e manter a casa em ordem.

De um certo ponto de vista, as crianças são uma provação terrível, mas uma mulher dotada de instinto materno e de condições de vida normais, pode suportá-las. Quando fica esgotada eleva a voz, mas não passa disso, e assim não prejudica o calor da relação materna. Mas quando uma mulher sofre de um Complexo paterno ou materno negativo não assumido, ele tomará uma forma destrutiva que a levará a ultrapassar limites. Ou então compensará a ausência de espontaneidade pela atitude da "mãe perfeita", que suporta todas as irritações que os filhos lhe causam. Mas a oposição que nela existe não é menos forte por ser inconsciente e, ao acumular-se, poderá levá-la a afastar-se do filho sem razão, o que equivale a um crime inconsciente, e representa algo ainda mais terrível. Essas mães não conseguem confessar a si mesmas que, num certo sentido, odeiam os filhos. Em lugar disso, compensam lendo livros de Pedagogia e tentando ser tão perfeitas quanto possível. Na falta de espontaneidade, recorrem às receitas, às normas coletivas ou às teorias psicanalíticas.

Essa situação não tem conseqüências apenas no campo da educação dos filhos. Todas as vezes que uma mulher possui um Animus destrutivo não integrado, todas as atividades relacionadas ao Eros, em seu contacto com o marido e com as outras pessoas, serão realizadas de maneira artificial. O que não pode dar pelo sentimento, realiza através da força de vontade: quando a espontaneidade é insuficiente para produzir a ação instintiva, as mãos artificiais devem substituir as que foram amputadas. A regra coletiva toma o lugar do instinto. Essas pessoas freqüente-

Digitalizado com CamScanner

mente têm consciência de que há nelas uma zona morta, maldita. E a busca inquieta prossegue, como se o Diabo estivesse se agitando por detrás, não querendo deixá-las em paz.

Em nosso conto, o Diabo intervém novamente e cria mal-entendidos entre o rei e a rainha, de tal maneira que esta é acusada de ter posto no mundo uma criança-gnomo. É expulsa para a floresta e encontra refúgio numa cabana solitária, sob a proteção de um Anjo. Rechaçada, em meio à Natureza vê-se forçada a relacionar-se com seu Animus positivo em lugar de conformar-se às regras coletivas. Precisa mergulhar nas profundezas de si mesma. Em lugar da floresta, poderia perfeitamente ser o deserto, uma ilha no oceano, ou o cimo de uma montanha. Encontra-se isolada no silêncio de uma região virgem, o que significa que deve retirar-se até o fundo de sua própria solidão. É este o momento em que uma mulher compreenderá que, ainda que tenha um marido e filhos, ou uma profissão, não está verdadeiramente viva. Por serem muito dependentes dos relacionamentos e por os desejarem intensamente, a maioria das mulheres têm dificuldade em confessar a si mesmas a que ponto estão sós, e em aceitar o fato. Retirar-se na floresta significaria aceitar conscientemente a solidão e enfrentá-la. O espaço virgem é a parte da Psique que permaneceu intocada, sem contacto com as atividades e as idéias cristalizadas; passar algum tempo ali, seria retirar-se não apenas da vista e das opiniões do Animus, mas de todo impulso em obedecer cegamente ao que a vida social parece exigir. Viver na floresta corresponde, psicologicamente, a mergulhar no mais profundo de seu ser interior individual para, livre de toda convenção, poder descobri-lo. A vida vegetativa é uma vida espontânea que traz a cura para uma mulher destruída pelo Animus ou pelo Complexo materno negativos, pois permite que sua verdadeira natureza surja e se manifeste.

Em várias histórias, mulheres são perseguidas, não pelo Diabo, mas por suas sogras, de tal maneira que a segunda parte desses contos alude ao mesmo tempo ao Complexo materno negativo e ao Complexo-pai, associado ao Diabo. Em todos os casos a jovem está condenada à passividade e deve reencontrar a parte de sua alma que permaneceu intocada. Na prática, se perguntarmos a uma mulher o que

Digitalizado com CamScanner

faria se pudesse libertar-se de todas as obrigações da vida exterior, ela responderia, desesperada, que não sabe: sente-se capaz apenas de sentar-se na beira da cama para chorar. Podemos perguntar-lhe se não gostaria de conversar com alguém, ouvir música, entrar em contacto com os amigos, ter uma atividade, mas nada a atrai. Se considerarmos as coisas sob um outro ângulo, podemos dizer que retornar a essa camada primitiva significa que não se pode viver no nível ordinário que é o dos outros seres humanos, e que se trata por conseguinte de uma regressão. De um ponto de vista externo, é assim que parece, mas na realidade as energias psíquicas retiraram-se da vida exterior para se reorganizar e restaurar. Não se trata nem de uma diminuição de vida, nem de infantilismo, e sim de interiorização. A floresta é o lugar onde as situações começam a mudar para a heroína, e a revivescer; trata-se, portanto, de uma regressão criadora em que ela terá a experiência da realidade divina, da qual sairá não só curada, mas incomparavelmente enriquecida.

A jovem encontra o Anjo na floresta. Quando alguém atinge o ponto zero em que a vida não significa mais nada, deve então, diz o Conto de Fadas, retornar completamente à Natureza. De acordo com minha experiência, no mais das vezes é o que convém fazer. É comum ouvirmos sobretudo mulheres dizendo que só conseguem fruir um pouco da vida, evitando ficar arrasadas com suas dificuldades, quando dão longos passeios solitários pelos bosques, ou se sentam ao Sol. Esta é uma tendência sadia, pois, em tais casos, parece que somente a Natureza, com sua beleza e sua essência virgens, tem o poder de curar. As mulheres têm comumente uma relação positiva profunda com a Natureza; também o contacto com os animais pode ser muito benéfico. Um animal caseiro pode ter mais valor em tais momentos do que qualquer outro fator, porque sua simplicidade e seu apego fiel são doces para os ferimentos que elas trazem em si. O animal possui a totalidade inocente e espontânea que lhes falta. A relação com um ser humano é difícil e exige esforço de diferenciação, enquanto que a relação com o animal é simples; se nela colocarmos sentimento, certamente nos auxiliará a reencontrar a ternura perdida. É assim que em muitas narrativas podemos ver animais que se transformam em amigos de eremitas, os alimentam e protegem.

Digitalizado com CamScanner

Pensei de início que o Anjo havia sido integrado à história posteriormente, mas parece que nesse gênero de contos existe sempre um elemento dessa ordem. Em países onde não há essa crença, o Anjo pode ser substituído, por exemplo, por um pássaro mensageiro de Deus.[4] Há um conto em que um velho se revela como sendo o próprio Deus, que veio para ajudar a infeliz. A intervenção divina parece, portanto, ser parte integrante da história e, por conseguinte, é significativa. Deus intervém em pessoa, ou por intermédio de um mensageiro. Na prática, isso significa que só uma experiência religiosa direta pode tirar essa mulher das dificuldades: a solidão e a introversão profunda em que está mergulhada e que, de um ponto de vista externo e superficial, poderiam ser interpretadas em termos de regressão e doença mental, são, de fato, a condição de um encontro com a verdade interior, figurada pelo Anjo. Podemos dizer que é esta a experiência característica do eremita.

Na Idade Média havia muitos eremitas; na Suíça eram chamados Irmãos e Irmãs dos bosques. As pessoas que não desejavam viver uma vida monástica, se retiravam sozinhas na floresta para buscarem a comunhão com a Natureza e as condições favoráveis a uma profunda introversão. Os Irmãos e as Irmãs dos bosques eram por vezes personalidades notáveis, levadas pelo destino espiritual a renunciar à vida ativa durante um certo tempo e a isolar-se para experimentar a relação interior pessoal com Deus. Isso não é muito diferente do que faz o jovem das tribos polares, da África ou de qualquer outro lugar, quando busca na solidão a experiência religiosa pessoal e imediata que fará dele um Xamã ou um Homem-medicina. O conto nos mostra que esta mulher só poderá curar sua profunda dissociação e a ferida que a faz sofrer se for capaz de transcendê-las. As normas coletivas não lhe servem de nada nesse caso, pois a conduziriam a uma "normalidade" mediana que, não correspondendo à sua natureza, lhe seria prejudicial. Para ela, viver segundo as convenções seria dissociador, porque não poderá encontrar seu equilíbrio senão em um nível

4. Assim, em certos textos do Islã, o papagaio ou o rouxinol são símbolos do Profeta. Cf. M.-L. von Franz, *La Voie de l'Individuation dans les Contes de Fées*, trad. cit., p. 112. Esta obra reúne um certo número de contos em que o pássaro tem um importante papel. Ver em particular a conclusão: "Le Symbolisme de l'Oiseau." (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

profundo e mais individuado. No seu caso, a verdadeira regressão seria o adaptar-se a uma suposta normalidade. Querer, a qualquer preço, adaptar a uma normalidade mediana pode levar à doença mental. É por isso que a heroína deve necessariamente deixar a sociedade até que tenha encontrado sua própria verdade. É somente quando esta estiver assegurada que poderá retornar à vida exterior sem correr o risco de perder sua identidade.

Tudo se passa como se a cura nascesse do Inconsciente quando, no mais profundo da solidão e da tristeza, ela se volta inteiramente para ele; é neste instante supremo que suas mãos lhe são devolvidas: "suas mãos voltaram a crescer como eram antes", diz o conto. As outras versões são às vezes mais detalhadas, mas falam sempre de uma cura natural, sem intervenção especial. Em diversas variantes, as mãos são curadas quando a jovem enlaça uma árvore com os braços, isto é, sob o efeito de um processo de crescimento interior natural. (Reencontramos aqui a árvore que o pai estava pronto a sacrificar). Sabemos que a árvore é um dos símbolos do Processo de Individuação. Na busca do Herói, o ato heróico ou o sofrimento excepcional são condições do Processo, mas às vezes o problema se resolve igualmente sem que nada de particular tenha sido realizado.

Existe na Psique um processo natural de crescimento, maturação e transformação. Para alguém que se esforça em se comportar segundo as normas, esperar, deixar acontecer, é, muitas vezes, o que pode haver de mais difícil. Embora seja um processo natural de desenvolvimento, o Processo de Individuação vem sempre acompanhado de uma série de atos conscientes. A árvore representa apenas o aspecto natural e espontâneo do Processo. E com efeito existem situações em que a paciência e a não intervenção são a condição da cura.

Uma variante russa fornece uma versão notável da maneira como as mãos são curadas. A jovem erra pela região com a criança nos braços e chega a uma fonte; deseja beber, mas tem medo de que a criança caia na água. Esta começa a subir lentamente, e ela está com tanta sede que se inclina, a criança escorrega e cai efetivamente na água. Em seu desespero, a mãe põe-se a chorar e a andar de um lado para o outro ao longo do riacho, quando encontra um

Digitalizado com CamScanner

velho que lhe diz: "Tire a criança!" Ao que ela responde: "Não tenho mãos!" O velho repete! "Tire a criança!" Ela mergulha então os braços na água e, de repente, mãos de carne crescem nas extremidades de seus braços, o que lhe permite segurar o filho. Na hora em que está prestes a perder o filho, que é tudo que lhe resta e o único ser que ama, cura-se para salvá-lo.

Muitas vezes constatei que as mulheres passivas não são capazes nem mesmo de se decidirem a iniciar uma Análise, pelo esforço que isso representa; preferem continuar mergulhadas em seu desespero e nada fazer. Mas quando se trata de salvar um filho, quando um filho ou uma filha passam a sofrer de neurose, a mãe, que sem esse fato teria afundado inteiramente na depressão, é impulsionada a ocupar-se de seu próprio problema. Algumas vezes uma atividade ou um interesse podem ter o mesmo valor que um filho, e salvá-la. Conheci uma mulher sozinha que não se interessava por nada além de tocar piano. Mas ao sofrer de neurite do braço, viu-se como que "não tendo mais mãos", e teve de renunciar ao instrumento; aquilo que representava seu filho interior, sua única alegria na vida, lhe estava sendo arrebatado, o que a decidiu a iniciar uma Análise e resolver seu problema.

Assim, no conto russo, a mulher é, de início, incapaz de salvar do afogamento o filho que ama. É preciso que um mensageiro de Deus intervenha e lhe diga: "Tente então!" Seu estado de mutilação e de incapacidade torna necessária a intervenção divina, e isto, segundo minha experiência, é verdadeiro. Tudo o que podemos fazer nestes casos é auxiliar essas pessoas a terem a melhor atitude possível, mas só um milagre pode curar a ferida e fazer com que a mulher seja capaz de estender os braços quando as águas da vida estão levando a sua cura.

Jung dizia que as mulheres que sofrem de um Complexo materno negativo, da mesma forma que as criaturas muito introvertidas, perdem freqüentemente, pelo menos em aparência, a primeira parte de suas vidas; elas a atravessam como em sonho. Para elas a existência é uma fonte constante de sofrimento e irritação. Mas quando conseguem ultrapassar essa dificuldade, descobrem na segunda metade da existência toda a espontaneidade e a juventude que lhe haviam faltado até então. Ainda que uma parte da vida

Digitalizado com CamScanner

tenha sido exteriormente perdida, a vida interior e o sentido foram preservados. É esta ao mesmo tempo a tragédia e a aventura dessas mulheres. Não podemos escapar ao nosso destino, é necessário aceitar todas as suas penas e sofrimentos, até que um dia venha a solução infinitamente simples. *Mutatis Mutandis*, o problema é análogo para os homens cuja Anima foi ferida pelo Animus materno. Pode ocorrer que um homem seja incapaz de fazer brotar nele uma autêntica reação masculina ctoniana, e de ser espontaneamente viril. Ele se comportará exteriormente segundo o que considera ser o modelo masculino, sem que o sinta interiormente. A autêntica virilidade é algo tão simples que os que não a possuem não podem compreendê-la.

Retornando ao ponto de vista da mulher, aquela que viveu uma experiência semelhante à do conto foi privada dessa fase de vida exterior, que a mulher que possui um Complexo mãe positivo pôde aproveitar. Mas esta permanecerá inconsciente de certos processos psíquicos. Em contrapartida, a outra que, em muitos casos, teve de dar a volta ao mundo para encontrar a vida, descobrirá suas riquezas e sua significação total, sagrada. Para ela, o simples fato de viver é uma experiência de iluminação. Terá plena consciência do que faz, o que é o preço de seus sofrimentos. Assim pensava Jung, quando dizia: "Uma parte da vida ficou perdida, mas seu sentido foi preservado."

O rei parte em busca da mulher, mas não a reconhece. Então, cobrindo o rosto com um lenço, deita para dormir. A mulher, que o Anjo prevenira da presença do marido, pede a "*Rico-em-Dores*" que segure o lenço que caiu e cubra de novo o rosto do pai. O rei reconhece a sua voz e eles se reencontram. Se pensarmos na situação desse casal, veremos que ela significa que após uma crise na vida conjugal, violenta a ponto da mulher precisar retirar-se temporariamente, a relação natural pode se restabelecer depois de sua cura. Se o rei representa igualmente, como é bastante provável, o princípio dominante da mentalidade coletiva, o sentido é de que esta mulher pode doravante consagrar-se a suas atividades humanas e ocupar um lugar normal e adaptado na sociedade; toda estranheza que a mantinha afastada desapareceu: ela pode daqui para a frente comportar-se de forma espontânea e natural, tendo reencontrado a alegria de viver.

Digitalizado com CamScanner

O menino se chama "*Schmerzenreich*", que significa "Rico-em-Dores". É o fruto de uma mulher que, ao atravessar a experiência completa do sofrimento, nele adquiriu serenidade e sabedoria. Tendo passado por grandes provas, tem uma maturidade que lhe permite, com naturalidade, ajudar outrem. As pessoas a procurarão espontaneamente, pois se reconhecerão nela e sentirão que pode compreender seu sofrimento. A partir desse momento, o Processo pode prosseguir com a condição de que estejamos prontos a aceitar novas provas. Um viajante perguntou um dia a um Xamã siberiano se, após a iniciação, podia-se continuar a progredir. Ele respondeu afirmativamente, se a cada etapa estivermos prontos a pagar o preço de sofrimentos. Os sofrimentos obrigam a progredir e ativam os processos interiores. Uma mulher que viveu uma experiência análoga à do conto sabe mais sobre isso do que as que não viveram uma situação assim; não apenas poderá auxiliar os outros, como terá mais capacidade e possibilidade criadora.

Os símbolos do Rei e do Sol são muito ligados, como por exemplo no simbolismo solar do Faraó do Egito, ou no título de "Rei-Sol". O rei é aqui a representação terrestre do princípio solar. Em geral o Sol tem um sentido positivo, ele traz luz e calor, mas, em certos casos, é considerado negativo, pois pode consumir, como o "Demônio do meio-dia" da Bíblia. Nos climas quentes ele destrói a vegetação, fazendo evaporar a umidade. Assim, entre os gregos os raios do sol são vistos, nessa ocasião, como as flechas mortíferas de Apolo, cujo nome é interpretado como "destruidor" (do verbo *apollumi*: destruir). Da mesma forma pode-se dizer que a luz da Consciência racional, quando não temperada pelo sentimento, é demasiadamente intensa e mata. Queima todos os processos arquetípicos misteriosos que não têm acesso ao campo da Consciência coletiva. Toda pessoa que se encontra no caminho da Individuação descobrirá a necessidade de guardar para si mesma certas experiências, em particular no campo do amor e do sagrado, que não podem ser contadas a ninguém, algumas vezes nem mesmo ao analista. Às vezes ficamos sabendo sem querer do segredo de alguém e sentimos a que ponto é imperioso conduzir-se como se ignorássemos. Há motivos sobre os quais não devemos nos questionar, e que é preciso deixar na penumbra para não violá-las, fazê-las murchar e morrer. Como a borboleta no casulo, certos aspectos secretos da alma só

Digitalizado com CamScanner

podem se desenvolver na obscuridade. O Sol claro demais da Consciência mata a vida. É assim que, na Mitologia, Fadas ou Trolls, mesmo benfazejos, ficam petrificados quando atingidos por um raio de Sol: não podem viver senão na penumbra.

Se aplicarmos o conto ao caso de um homem, ele nos diz que, para reencontrar o liame com sua Anima, ele deve cobrir o rosto e manter-se afastado do princípio da Consciência coletiva. Somente ao fechar os olhos para o mundo exterior e, provavelmente, ao refrear sua tendência a ser o senhor, poderá enfim unir-se à sua Anima e reencontrar a esposa. Se aplicarmos o conto ao caso da mulher e de seu Animus, o gesto do rei que esconde o rosto significa que ela deve afastar as idéias religiosas e os princípios morais coletivos, ficando livre para reagir segundo sua própria verdade. Dando-lhe mãos de prata, o Consciente Coletivo permitiu-lhe que acedesse a um estilo de vida semi-espontâneo, semi-fictício, e que encontramos o mínimo de adaptação necessária. Isso significa que aqui os princípios do comportamento não são verdadeiramente negativos, porque não conduzem para além dos limites. Essas leis, benéficas em certa medida, não devem ser postas em causa, senão com tato e discernimento, pois fornecem a essa mulher uma regra de conduta e uma ordenação moral que a protegem e impedem que se sinta só e desnorteada. Esse lenço é uma bela imagem que significa que, neste caso, os valores coletivos devem ser protegidos do Sol da Consciência demasiado crítica e árida.

Um traço característico do Animus é o de ter estatisticamente razão, o que explica por que sucumbimos ao seu atrativo; mas, sobretudo quando é negativo, a infelicidade faz com que não tenha razão na presente situação. Se, por exemplo, dissermos a uma mulher solitária que deveria voltar-se ainda mais para dentro de si mesma, mergulhar na solidão para nela colher as suas forças, ela responderá que necessita de relações, de distrações, e que a introversão só agravaria as coisas, pois vive isolada demais. No plano abstrato e racional, isso é absolutamente correto, entretanto, não se aplica a esta determinada situação psíquica. O que é habitualmente verdadeiro, torna-se falso na circunstância, em seu caso individual. Mas não se deve dizer ao Animus que está enganado, porque ele sabe que, de certa forma, tem razão. Deve-se dizer: "Sim, é verdade, mas neste momento preciso a situação não é como você pensa."

Digitalizado com CamScanner

No conto, o rei e a rainha se reconhecem, se reencontram e a história acaba bem. A mulher descobriu uma relação justa com seu Animus, tornado uma energia mental e uma força espiritual positiva.

O lenço com que o rei cobre o rosto, pode também significar que, mesmo quando o que uma mulher tem a dizer tem grande valor, pode acontecer que tenha de guardar suas opiniões para si ou só exprimi-las com tato e discrição. Uma pessoa que não pára de dar conselhos é exasperante. Quando o rei deixa que o lenço escorregue, a rainha pede a Rico-em-Dores que o reponha. O Animus positivo sabe o momento exato em que é preciso recorrer ao silêncio e à ocultação. Por ocasião desse encontro, o rei e a rainha estão em harmonia de sentimento e de atitude. É a união dos opostos. A dolorosa e mutilante passividade, que era figurada pela perda das mãos, transformou-se em uma discrição consciente, aspecto positivo da privação anterior.

O símbolo do véu está presente em quase todas as religiões e corresponde ao fato de que as experiências mais profundas não apenas devem permanecer secretas, como de fato assim permanecem, por sua própria natureza inexprimível. Convém acrescentar que a pessoa que sabe mais isso do que as outras, e que não é modesta e discreta, torna-se insuportável e passa a ser rejeitada, o que é perfeitamente normal, pois ninguém gosta de receber lições. Numa discussão, por exemplo, cada um pensa estar com a razão; uma testemunha experiente não toma partido, pois sabe que se trata de um problema de Sombra, e que cada um projeta a sua sobre o adversário. O espectador será então acusado de covardia, e pode acontecer que seja o caso, mas uma pessoa que vê mais além do que os protagonistas estará impossibilitada de intervir e deverá estar pronta a aceitar o fato de ser mal julgada. Na vida coletiva, esse posicionamento pode, com efeito, passar por falta de caráter e incapacidade de lutar pela justiça, sem que nenhuma explicação seja possível, pois qualquer tentativa nesse sentido só serviria para suscitar ainda maior agressividade contra a pessoa: é preciso recorrer ao véu. O Processo de Individuação impõe uma certa discrição e às vezes é preferível enfrentar um julgamento injusto do que agir de maneira inoportuna.

O eremita suiço São Nicolas de Flue teve as mais incríveis experiências interiores. Vivendo no isolamento, as

Digitalizado com CamScanner

guardava para si, ainda que de tempos em tempos, recebesse a visita de teólogos, que desejavam interrogá-lo. Como não era apenas sábio e santo, mas também um camponês muito esperto, quando percebia que os visitantes não tinham idéia do que eram as verdadeiras experiências espirituais, dizia-lhes que, sendo um pobre homem ilustre, ficaria feliz se *eles* pudessem socorrê-lo em sua ignorância: se saía bem da situação, jogando um véu sobre sua vida interior. Possuía o equilíbrio instintivo que sabe que é inútil dizer o que as pessoas não podem alcançar. Pode-se até mesmo ferir certos espíritos expondo-lhes motivos para os quais não estão preparados e aos quais não estão destinados. Assim o analista deve interpretar os sonhos com prudência, de sorte que essa interpretação seja acessível e não ultrapasse a compreensão e a capacidade de integração do paciente. Por outro lado, diante de um sonho ou de uma experiência muito numinosa, o silêncio e o respeito são, muitas vezes, a atitude justa.

Uma ocasião, estudei o caso de uma pessoa que ouvia vozes. Era originária de um meio bastante primitivo e trabalhava como cozinheira. Religiosa e praticante, agora as vozes lhe diziam que estava proibida de comungar. Pediram-me que a analisasse; do ponto de vista médico, estava completamente louca. Percebi que mesmo quando eu utilizava a linguagem mais simples, ela não podia me compreender; assim, a recomendei a um exorcista de Einsiedeln[5], e desde então, ela está indo muito bem! No seu caso, era justo tratar a voz como uma experiência exterior, à maneira dos Xamãs. Um iniciante entusiasta poderia pretender analisar uma pessoa assim, o que seria uma conduta irresponsável que equivaleria a arrancá-la de seu meio natural.

Há pessoas que pertencem à Idade Média e mesmo à Pré-História, e que seria perigoso desenraizar quando não há índices precisos de que alguma coisa nelas está pedindo para ir mais além; agir de outra forma seria destrutivo. Encontrei em Küsnacht um homem que pertencia à Idade

5. Einsiedeln (Cantão de Schwyz) foi a pátria de Paracelso. Seu célebre ministério beneditino, em estilo barroco austríaco, é um centro cultural. Ele abriga uma imagem da Virgem Maria, padroeira da Suíça Católica, sendo assim um importante centro de peregrinação. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

da Pedra. Tinha ido comprar ferramentas, machados, serras, etc., e disse ao comerciante que estava construindo uma casa no bosque, que não teria nem eletricidade. Quando revi este homem, ele me disse: "Você está deixando a civilização, e faz muito bem. É o que fiz há muito tempo. Trabalho três ou quatro meses por ano, depois vou para uma das mais altas montanhas dos Alpes, compro presunto e vinho, subo ainda mais e construo uma espécie de ninho de pedra e madeira nos rochedos. Então eu me dispo e, se não houver ninguém por perto, saio nu pelas geleiras em busca de cristais. Todos aqueles – acrescentou – que vão à Igreja ficam doentes. É necessário escutar as plantas e as pedras, pois Deus habita nelas; tudo o mais é bobagem. Tenho 65 anos e nunca tive sequer um resfriado em toda a minha vida." Tratava-se de uma espécie de "Abominável homem das neves" que soubera encontrar seu próprio equilíbrio, e não de alguém saindo de uma Análise!

Vimos que no conto *A Jovem sem Mãos*, a heroína só fica curada porque aceita afastar-se da vida coletiva e permanecer sozinha no bosque. É um tema muito freqüente, e me parece corresponder de maneira característica a um dos problemas da Psicologia feminina. Do exterior, esse afastamento pode parecer um período de completa estagnação, quando na realidade, como veremos mais adiante, trata-se de um tempo de iniciação que permite a reparação de uma profunda dissociação psíquica, com a resolução dos problemas; além disso, a personalidade se enriquece graças às experiências interiores profundas. Esse tema contrasta com a busca ativa do Herói masculino que deve com freqüência ir ao Além para abater o dragão, encontrar o tesouro ou conquistar a Princesa. Normalmente é preciso que ele faça uma longa viagem e realize um alto feito, em lugar de simplesmente afastar-se da vida ativa. Parece, portanto, haver aí uma diferença característica entre os caminhos dos princípios masculino e feminino, sendo a segunda mais passiva, mais contemplativa. O que evidentemente tem relação com as divergências entre Animus e Anima. Na Psicologia masculina, podemos falar que a Anima leva o indivíduo a se enredar na vida e seus problemas, o põe em relação com instintos e impulsos, e o confronta assim com um problema ético. Mas a Anima nunca coloca diretamente para o homem o problema de sua *Weltanschauung*; ela o coloca de preferência, e de maneira indireta, numa situação

Digitalizado com CamScanner

exterior tal, que ele se vê obrigado a reconsiderar toda a sua atitude face à vida. No que se refere à mulher, logo que ela entra em contacto com o Inconsciente, é mais diretamente confrontada com a Filosofia da vida e com o problema do Mal, porque são concernentes ao Animus as idéias gerais e os conceitos. Logo que empreende a viagem ao interior de si mesma, vê-se face ao problema espiritual.

A jovem do conto é confrontada com um problema religioso profundo, porque deve relacionar-se inicialmente com o Diabo, e depois com o Anjo. No início da história o Maldoso tenta apoderar-se dela, mas é sob a proteção do Anjo que consegue se libertar. Encontra, portanto, a divindade em seus dois aspectos, o obscuro e o luminoso, sendo o Anjo o mensageiro de Deus, ou o próprio Deus, como no conto russo a que nos referimos.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO VI

A MULHER QUE SE TRANSFORMOU EM ARANHA

O conto esquimó que me proponho a examinar agora também reflete a confrontação com as forças do Bem e do Mal, o que prova que não se trata de um problema característico de nossa civilização. O confronto se produz assim que começamos a nos comunicar com o Inconsciente. O conto, cuja versão resumida apresentamos a seguir, foi recolhido por Knud Rasmussen.

A MULHER QUE SE TRANSFORMOU EM ARANHA

Era uma vez um homem e uma mulher que só tinham uma filha, e que teriam sido muito felizes se ela não tivesse tanto desdém pelos homens. O pai queria que se casasse. Como era bonita, muitos pretentendes se apresentavam por conta própria, mas além disso o pai também convidava os rapazes para que fossem à sua casa e pudessem assim conhecer a filha; nada disso porém adiantava. Qualquer alusão a esse assunto a deixava de mau humor, e sempre que chegava algum pretendente se afastava.

Digitalizado com CamScanner

O pai disse-lhe um dia que não convidava os rapazes para contrariá-la ou entristecê-la, mas que ela devia pensar que era filha única e que logo sua mãe e ele estariam velhos. Quando ele próprio não pudesse mais alimentar e vestir sua família, quem os ajudaria na velhice se não tinham genro?

Essas palavras entristeceram muito a jovem, que saiu para caminhar na vasta planície ondulada. De repente surgiu da terra uma cabeça, uma cabeça sem corpo, cujo rosto era o de um belo rapaz. Ele sorriu para a jovem e disse: "Você não quer um marido, mas mesmo assim eu vim procurá-la; é preciso que saiba que sou originário de uma grande e poderosa raça."

Pela primeira vez na vida, a jovem se sentia feliz na companhia de um homem; ao anoitecer, segurou a cabeça e, envolvendo-a cuidadosamente em seu manto de pele, levou-a para casa. Entrou sem fazer barulho e, pondo a cabeça ao lado da cama, deitou-se e começou a conversar alegremente com o estranho, de quem estava gostando porque não se parecia com os outros homens. Quando o pai acordou e ouviu murmúrios e ruídos vindos da cama da filha, não compreendeu o que estava acontecendo. Ao perceber que a mesma coisa se produzia nas noites seguintes, alegrou-se, pensando que tinha enfim um genro e um caçador em casa. A partir de então, a filha estava sempre alegre e feliz, e quase não saía da cama.

Entretanto o pai e a mãe estavam muito intrigados porque nunca tinham visto o genro. Num dia em que a filha tinha saído, o pai afastou a pele que cobria o seu leito para ver quem estava passando a noite com ela. Ao descobrir uma cabeça sem corpo ficou furioso. Segurou um espeto e o enfiou no olho do jovem, lançando a seguir a cabeça no monte de lixo que havia do lado de fora, enquanto gritava: "Não me serve de nada um genro sem corpo, incapaz de caçar para nós quando estivermos velhos!".

A cabeça começou a rolar, foi rolando, rolando, e por fim desapareceu no mar, deixando um rastro de sangue.

Na noite seguinte, o pai e a mãe escutaram o choro e os soluços da filha: pela manhã, ela lhes perguntou onde estava o seu marido e o pai respondeu que eles não se importavam nem um pouco com um genro assim. "Suas palavras são

Digitalizado com CamScanner

estúpidas e vocês se comportaram de maneira insensata – respondeu a jovem – porque ele era um homem capaz e não um ser humano comum; não ficarei mais aqui com vocês."

A jovem seguiu o rastro de sangue até o mar. Quis mergulhar nas ondas, mas elas estavam duras como se fossem de madeira. Partiu então à procura de um lemingo branco que se supunha ter caído do Céu e que era tido como sendo dotado de poderes mágicos. Quando conseguiu agarrá-lo, jogou-o no mar e logo as ondas se afastaram, abrindo uma passagem.

Ela tomou esse caminho e desceu até o fundo do mar. Percebendo ao longe uma pequena casa, correu em sua direção e, ao aproximar-se, viu, pela janela, um casal de velhos com o filho. Este, deitado numa cama, havia recentemente perdido um olho. A jovem o chamou: "Estou aqui, vem!" Mas o rapaz respondeu que não queria mais ficar em sua companhia por causa do que os seus pais haviam feito. Apesar da pobre jovem ter afirmado que abandonara a casa dos pais e que nunca mais voltaria para lá, ele respondeu que não queria mais nada com ela.

Arrasada e sem saber o que estava fazendo, ela correu ao redor da casa, no sentido em que o Sol se desloca no Céu. Viu então dois caminhos: o primeiro, na sua frente, levava direto à Terra, enquanto que o outro subia para o Céu. Escolheu o segundo; quando o homem percebeu o que ela estava fazendo, gritou-lhe que estava tomando o mau caminho e que deveria voltar porque se subisse em direção ao Céu, nunca mais poderia retornar. "Pouco importa – respondeu a jovem – pois você não quer mais viver comigo!".

O rapaz arrependeu-se então do que havia dito e suplicou-lhe que voltasse, mas ela continuou subindo cada vez mais, até que desapareceu de sua vista.

Prosseguiu no seu caminho e, sem saber como, acabou chegando diante de um objeto que parecia uma tampa de panela com um buraco no meio. Não sabia como poderia escalar o objeto para chegar à abertura, mas, afinal, reuniu do toda a sua coragem, saltou, agarrou a borda e se jogou no buraco, reencontrando então o ar, um céu e uma terra. Num dos lados havia um lago; foi em sua direção e sentou-se na margem, pensando que morreria ali e só retornaria como

Digitalizado com CamScanner

cinzas. Não queria pensar em mais nada porque a vida já não tinha sentido para ela. De repente ouviu um ruído de remos que vinha do lago; erguendo os olhos, viu um homem num caiaque. Tudo o que ele possuía – caiaque, remos e arpão – era feito de cobre brilhante. A jovem permaneceu sentada, imóvel, mal ousando respirar, acreditando que não seria vista em meio às plantas onde se escondera.

O homem se pôs a cantar:
Um seio de mulher tenta
Um caiaque
Que atravessa o lago cintilante
Para acariciar a doçura de sua face.

Quando estava terminando o canto, o homem levantou um braço bem alto na direção do Céu, abaixando o outro na direção do lago; a jovem percebeu então que a parte superior de seu corpo estava nua, e que sua capa de pele estava agora no braço daquele homem estranho.

Quando, ao cantar pela segunda vez a mesma quadra, o homem levantou um braço e abaixou o outro, o restante das roupas da jovem saíram voando e foram pousar sobre o braço que estava erguido. Ela ficou ali, nua e envergonhada; quando o homem voltou a cantar a mesma canção, perdeu os sentidos. Ao voltar a si, viu-se sentada ao seu lado no caiaque. Ele a levou bem longe, remando com seus remos de cobre que, molhados, cintilavam no ar. Não se dirigiram a palavra até chegarem a uma aldeia. Na entrada da aldeia havia uma grande casa e, atrás dela, uma outra menor; o homem lhe disse então, com uma voz severa: "Vá para a casa grande, mas nunca entre na pequena." A jovem fez o que lhe havia dito; entrou na casa grande e o homem afastou-se em seu caiaque. A atmosfera da casa, onde não havia alma viva, era lúgubre. A moça estava ali há pouco tempo quando uma mulher baixinha, vestida com roupas extraordinárias, feitas de tripas de morsa, chegou correndo e lhe disse que fosse se esconder na outra casa, senão o homem que a havia trazido a mataria. Ela obedeceu. Ao entrar na outra casa, viu, sentada numa cama, uma menininha que vivia com aquela mulher.

Desde que fugira para longe do homem que amava, a moça não sabia mais o que pensar e às vezes achava que já havia morrido; no entanto, ouvia o que aquelas pessoas

Digitalizado com CamScanner

diziam, e as via circulando pela casa. A mulher sussurrou-lhe ao ouvido que desta vez estava salva, mas que o homem que a havia trazido não era um homem comum e que ninguém era capaz de resistir-lhe; disse ainda que quando ele voltasse, certamente ficaria muito aborrecido por não encontrá-la em sua casa. Afirmou que poderia contar com seu auxílio e deu à jovem um recipiente com água, onde havia 4 pedacinhos de pele de baleia. Disse-lhe que quando o homem estranho chegasse, deveria esconder-se na entrada da casa e atirar o conteúdo do recipiente em seu rosto, pois ela havia lançado um encantamento sobre essas coisas, tornando-as poderosas.

Pouco depois chegou o homem em seu caiaque. Sentando-se na beira do mar, gritou para a jovem que ficasse tranqüila, que não lhe faria mal, e que, de qualquer forma, ela não poderia escapar de sua vista. Chegou voando como um pássaro e deu 4 voltas em torno da sua casa; dirigindo-se depois para a casa pequena, pegou sua flecha de caçar pássaros e gritou-lhe que não pretendia matá-la.

A jovem, que estava escondida num canto da entrada, atirou os pedaços de pele de baleia em seu rosto. No mesmo instante, o homem ficou prostrado e perdeu toda a sua força; as duas outras mulheres entraram então na casa. O homem, que a mulher baixinha vestida de pele tornara inofensivo por algum tempo graças à sua magia, era o Espírito da Lua em pessoa. Ele é, com efeito, imprevisível e pode tornar-se perigoso; mas, ao mesmo tempo que ele toma, ele também dá, e deve-se oferecer-lhe sacrifícios para beneficiar das riquezas que ele detém.

As duas mulheres subiram ao sótão, onde brincavam muitas renas, e viram num canto um grande barril de água, tão grande quanto um lago, no qual baleias, morsas e focas nadavam em todas as direções.

No centro da peça havia, no chão, uma omoplata da baleia. As mulheres a afastaram e descobriram uma abertura que dava acesso à Terra, através da qual podia-se ver as casas dos humanos. Podia-se vê-los com nitidez e também ouvi-los pedindo o que necessitavam: alguns pediam carne de baleia, e outros, uma vida longa, pois o Espírito da Lua é tão poderoso que está em seu poder conceder tudo isso.

A jovem viu os diversos países da Terra e percebeu ao longe Tikéra, a maior aldeia que conhecia. Viu ali numerosos

Digitalizado com CamScanner

barcos de mulheres e multidões que punham água em pequenos recipientes para lançá-la na direção da Lua nova a fim de obter uma boa pesca. Tudo aquilo parecia um sonho. Ela não podia compreender como chegara àquele universo que só conhecia através das histórias contadas pelos mais velhos. Talvez isso se devesse ao fato de que a mulher baixinha vestida de pele havia mergulhado o Espírito da Lua na inconsciência. Porque é por ocasião da Lua nova, quando o Espírito da Lua está enfraquecido, que os homens lhe oferecem sacrifícios e exprimem seus votos; em seguida a Lua volta a ficar cheia e resplandece com o brilho do cobre.

A jovem sabia agora o que fazer para implorar à Lua uma boa pesca. Algumas pessoas empregavam fórmulas mágicas tão fortes que a água que lançavam subia até a casa do Espírito da Lua. Na Terra seus recipientes eram pequenos, mas ali, graças às palavras mágicas, ficavam enormes e continham uma água fresca e pura. Os sacrifícios eram oferecidos aos animais marinhos que sofrem com a sede. Ora uma baleia, ora uma morsa ou uma foca eram colocadas em seus recipientes quando estes atingiam a casa da Lua. Isso significava que a prece do homem tinha sido ouvida e que aceito o seu sacrifício, ele faria uma boa pesca. Em contrapartida, os recipientes que não se afastavam muito da terra, permanecendo perto das casas dos homens, pertenciam aos que não tinham sorte e não encontravam caça.

Lembrando do prazer que uma boa pesca pode proporcionar, a jovem sentiu saudade de casa, ela que, pouco tempo antes, só pensava em morrer.

A velha mulher vestida de pele e sua pequena companheira ficaram tristes por ela e quiseram ajudá-la a descer novamente para a Terra. Teceram uma corda feita de nervos, que foram enrolando à medida que teciam. Logo que ficou pronta, a velha mulher disse: "Feche os olhos e vá descendo. Mas, no exato momento em que tocar a terra, abra imediatamente os olhos, senão nunca voltará a ser humana."

A jovem prendeu com firmeza uma das pontas da corda no Céu e começou a descer. Pensava que isso levaria muito tempo, mas sentiu o solo sob os seus pés antes do que imaginava; como não abriu os olhos com a presteza necessária, foi transformada em aranha. É dela que provêm todas as aranhas do mundo; todas descendem da jovem que desceu do Céu até a Terra por meio de uma corda de nervos trançados.

Digitalizado com CamScanner

A heroína desta história, que comentei brevemente em outro contexto[1], é fora do comum, pois recusa o destino habitual das mulheres, que é o de casar-se, ao atingirem uma idade determinada, para que a vida da tribo se perpetue. O conto acaba mal, o que é freqüente nas narrativas arcaicas, mas não muito mais do que nos de nossa civilização. Infringir um tabu ou desejar algo fora do comum é sentido nos Contos como negativo, sendo normal que tais narrativas tenham um desenlace desagradável. Uma história africana conta que uma jovem apaixonou-se por um homem de outra tribo, o que era contrário às leis de seu clã; tendo-o desposado, teve um trágico destino: o homem, que possuía um touro mágico, foi morto, o mesmo acontecendo com ela. Desenlace característico das narrativas em que alguém deseja algo contrário às regras habituais da coletividade.

Encontramos, no entanto, a idéia oposta em certos contos de fadas como, por exemplo, em *Amor e Psique*[2] e no conto de Grimm n°88. *A Cotovia que Salta e que Canta (Das singende springende Lõveneckerchen)*, cujo tema geral pode ser assim resumido: *um pai anuncia às 3 filhas que vai viajar e pergunta o que gostariam que lhes trouxesse. Duas delas desejam jóias, mas a terceira quer uma "cotovia-leão", que se revela como sendo um esposo animal, uma espécie de Espírito-esposo, perto de quem, depois de muitas tribulações, ela encontra uma grande felicidade.*

Neste conto, o extraordinário desejo da jovem, após uma longa aventura e complicações diversas, leva a uma união bem sucedida com o esposo maravilhoso, e tudo termina de maneira feliz, ao passo que no conto esquimó o voto extraordinário leva à catástrofe: a jovem não abre os olhos na hora certa e este simples erro é determinante. A história poderia ter terminado de outra forma. É lícito pensar que, se ela tivesse aberto os olhos a tempo, graças à sua experiência

1. M.-L. von Franz, *L'Interprétation des Contes des Fées*, trad. cit., p. 216-220. Aqui o conto é relacionado às variantes do mesmo tema. (N. T. ed. franc.)

2. Apuleio, *L'Ane d'Or*, Livro IV, XXVIII ao Livro VI, XXV; trad. franc. de Pierre Grimal, Gallimard, Paris, 1975; e *Les Métamorphoses*, ed. crítica de D.S. Robertson, trad. franc. de Paul Valette, Les Belles Lettres, Paris, 1972. Vimos que M.-L. von Franz consagrou uma obra ao romance de Apuleio; cf. Introdução do presente volume, nota 2. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

pessoal e ao seu conhecimento dos mistérios do Outro-lado, teria podido aclarar a sua tribo. Seria para esta a que "sabe", a iniciada que descobriu o que se passa no Inconsciente. A falta, que consiste em não abrir os olhos com a necessária rapidez no retorno à terra, é suficiente para dar à história um desenlace negativo. Psicologicamente, isto significa que se a Consciência é demasiado fraca, a experiência do Inconsciente, em lugar de ser enriquecedora, torna-se negativa.

O grande problema que devemos ter sempre presente em todo trabalho analítico é o de sabermos se o Consciente do paciente, a substância de sua personalidade (que é um fator que sentimos, mas que é impossível de definir) são suficientemente fortes para suportar o choque do Inconsciente. Algumas pessoas vivem esperiências extraordinárias no campo do Inconsciente Coletivo, mas, em virtude de uma certa debilidade de reação, não retiram delas nenhum benefício. Assim, no caso dos esquizofrênicos, as mais notáveis imagens não levam a resultado algum. No momento crucial em que o material deveria ser conscientemente integrado, tudo vai a pique. Lembro-me de uma camponesa mexico-polonesa que estava internada no Nappa Valley State Hospital. Era uma pessoa de meia idade, de aparência agradável. O Inconsciente lhe fornecia os mais incríveis elementos arquetípicos e, contrariamente à maioria dos esquizofrênicos, ficava contente em ter a oportunidade de falar sobre isso. A cada vez que a via, punha-se imediatamente a me descrever Deus e o Cristo, tais como lhe haviam aparecido quando estivera na Lua e vira o firmamento. Contava essas coisas com muitos detalhes, mas era como se estivesse ausente; como uma aranha, enrolava seu fio, percorrendo-o de cima para baixo e de baixo para cima, sem que se sentisse concernida. Em casos como este, tem-se a sensação de estar diante do vazio, ou no ar: os elementos são surpreendentes e interessantes, mas é como se não houvesse nenhum sujeito por detrás.

A mulher-aranha diz à heroína que conserve os olhos fechados até o momento de tocar a terra. A viagem não é muito longa e provavelmente não foi o medo que fez com que mantivesse os olhos fechados. Antes, esse gênero de pessoa não deseja encarar de frente a necessidade de retorno à realidade, pois pode representar uma grande queda o ver-se

Digitalizado com CamScanner

bruscamente no real cotidiano depois de ter sido a esposa do Deus da Lua. Pode-se preferir permanecer "na Lua"!

Conheci o caso de um pobre homem que tinha uma mãe prostituta e um pai alcoólatra; precisou ser hospitalizado por perturbações mentais, ficando inicialmente com os doentes mais graves. O médico que o tratava conseguiu que melhorasse a ponto de poder trabalhar na agricultura e passar para o pavilhão dos pacientes menos graves. Mas quando o médico começou a fazer alusões bastante discretas à possibilidade de um retorno à vida social, o homem lhe disse: "Oh, não, doutor, o senhor não me terá!" E deu um jeito de voltar para a enfermaria dos casos mais sérios, mais louco do que nunca. Não queria abrir os olhos e voltar para essa Terra onde tinha vivido uma vida extremamente miserável. Depois de sua grande experiência do Outro-lado, não desejava voltar a ser "normal".

É esta, com freqüência, a razão pela qual as pessoas não desejam curar-se; essa recusa compreende uma certa dose de escolha consciente. O retorno à miséria cotidiana é um substituto pobre demais para os esponsais com um Espírito, ou, como aqui, com o Deus da Lua. No conto há ainda uma espécie de incapacidade ou preguiça. de igual modo, a mulher hospitalizada me dava a sensação de que não era retida pelo medo: gostava de limpar o assoalho do hospital, onde tinha bastante liberdade e trabalhava muito bem. Também não creio que lhe faltasse humildade para querer retornar à sua vida modesta; penso que muito provavelmente se encontrava adormecida. Tinha o olhar de um coelho que dorme com os olhos abertos, o que correspondia inteiramente à sensação que provocava. No hospital todos gostavam dela. A qualquer momento podiam pedir-lhe que contasse uma história; ela enrolava então um longo fio arquetípico, e depois ia embora: era uma flandeira de fantasmas, uma aranha que não abria os olhos para o mundo.

Os "Espíritos-cabeças" são, para as tribos circumpolares, personagens que vivem nas profundezas do mar. Os Árabes e certas tribos africanas também acreditam na existência desses Espíritos que são encontrados no deserto, onde rolam para se locomoverem. São geralmente considerados seres perigosos, mágicos. Constituem uma raça poderosa que vive embaixo da terra, ou no ar; supostamente encarnam os espíritos dos mortos, cuja essência pura está

Digitalizado com CamScanner

contida na cabeça. São chamados ora "crânios", ora "cabeças".

Uma jovem se apega portanto a um Espírito assim, em lugar de apegar-se a um ser humano, e fica muito feliz com ele. Temos aí a ilustração maravilhosa do que chamamos, de maneira seca e técnica, "a possessão pelo Animus", fórmula abstrata que significa que a mulher que desposou uma "cabeça" é inacessível, intangível no plano humano, pois mantém um diálogo incessante com esse elemento espiritual autônomo. Esse diálogo pode, em determinados momentos, ser inteiramente positivo e constituir um verdadeiro e insubstituível ensinamento interior. Ele só é negativo quando "roda em círculos" e não encontra uma saída para a vida.

Se pudéssemos nos observar nesse estado de possessão pelo Animus, constataríamos, como o faríamos em relação a outra pessoa, que mantemos incansavelmente uma conversação interior, uma reflexão, debatendo motivos que estamos na impossibilidade de confiar a outrem. Não podemos censurar uma mulher por estar neste estado, pois ele é inteiramente involuntário e não existe para ela nenhum "ponto de Arquimedes", de onde poderia observar o fenômeno. Só uma testemunha exterior pode atentar para o fato de que seu espírito está ausente. Ela própria está de tal forma absorvida que não se apercebe disso. O Animus e a corrente incessante de opiniões e raciocínios que ele provoca estão maravilhosamente bem representados por essa imagem da cabeça autônoma.

No conto, é o pai que ouve o "marido". Uma possessão pelo Animus é com efeito particularmente irritante para o homem; ele não pode suportar a presença desse processo interior numa mulher. Isso pode ser observado na vida corrente quando, por exemplo, uma menina começa a pensar por si mesma. O pai sente que o Animus da filha está crescendo e, tendo execrado esse mesmo processo na mãe, na mulher ou em outras mulheres, procura esmagá-lo. É uma tragédia tão velha quanto o mundo, o fato de que as atividades intelectuais nascentes entre as meninas são feridas ou condenadas ao fracasso pela reação paterna. Muitas mulheres ficam seriamente mutiladas espiritual e intelectualmente porque o pai, num momento crucial, decretou que não eram capazes. Uma mulher de 50 anos disse-me que aos 10 anos havia desejado aprender grego e

Digitalizado com CamScanner

o pai lhe respondeu que não seria capaz de fazê-lo. Ficou intelectualmente mutilada durante toda a vida por ter renunciado aos estudos que desejava empreender, o que a deixou inteiramente sem confiança em si própria. Um pai nunca deveria desencorajar a filha dessa maneira, pois essa atitude tem um efeito desastroso sobre seu desenvolvimento intelectual e afetivo; não é assim que se livra alguém da possessão pelo Animus.

Na ocasião em que o Animus e a Anima surgem, e ainda se encontram *in statu nascendi*, eles não são nem evoluídos nem sedutores. Quando os meninos chegam à puberdade, época em que o Eros começa a manifestar-se e causar problemas, não querem mais estudar, se opõe a tudo que lhes é falado, ficam desagradáveis e se arrastam de um lado para o outro, mal vestidos, com o rosto coberto de acne. Têm uma imaginação mórbida, ficam submersos no sentimentalismo, nas reações físicas, nos fantasmas, sobretudo os sexuais, e se mostram totalmente vagos e estúpidos. Assim são os primórdios da heterossexualidade e o primeiro despertar da Anima! Ao conhecê-los melhor, descobrimos que esses meninos escrevem poemas terrivelmente sentimentais para as meninas: é um período em que suas mães e irmãs, através de reflexões irônicas, podem ferir ou destruir alguma coisa neles, assim como o pai em relação às filhas. Deve-se ignorar discretamente esses fenômenos e fechar os olhos para esse processo de formação; a evolução da Anima no menino, e do Animus na menina, passa necessariamente por certas etapas. Quando ele surge, é intransigente e extravagante; aparentemente os pais de nossa cultura não são os únicos a se irritar com isso; o mesmo acontece com os pais esquimós.

Nossa heroína quer entrar no mar, quer penetrar nas águas do Inconsciente Coletivo, mas é rejeitada. Isso é uma conseqüência de sua própria ferida, porque, como no caso da mulher a quem o pai havia dito que era incapaz de aprender grego, "Aquilo" nela se recusa a conhecer mais. O Animus criador é tão sensível nesse estágio nascente que posteriormente não é mais possível reencontrar o entusiasmo da adolescência. A jovem precisa escolher entre dois caminhos; renuncia ao que lhe conduziria de volta à Terra e sobe, por despeito, rumo ao Céu, apesar do aviso do Espírito. Conhecendo o perigo, é verdadeiramente responsável por sua escolha. "Pouco importa para onde vou, pois você não quer mais viver comigo!" – é o que diz. Frase que

Digitalizado com CamScanner

lembra o ditado alemão: "É bem feito para o meu pai se estou com os pés gelados e fico doente!"

Outros contos, assim como diversos materiais arquetípicos, mostram que a tendência de uma menina em desposar uma cabeça deve-se geralmente ao seu Complexo paterno. A história não o precisa, mas a reação brutal do pai face ao Espírito-cabeça amado pela filha confirma essa hipótese. O Animus da mãe também pode ser responsável, mas a situação assume então uma forma ligeiramente diferente, como em *Branca de Neve*, em que a madrasta (a mãe negativa e seu Animus) obriga a menina a ir viver na floresta, que se transforma para ela num lugar de incubação. Como *A Bela Adormecida*, ela ali adormece, fechada num caixão de vidro. Quando uma mulher é expulsa da vida ativa, isto pode ser obra tanto da Anima do pai quanto do Animus da mãe. Mas por que sempre fazemos com que a culpa recaia sobre os pais? Com efeito, desde os primórdios da humanidade o homem traz para o mundo uma certa proporção de Inconsciente negativo: esta herança é transmitida de geração em geração, e possivelmente sempre está assim. Talvez isso faça parte da condição humana. Por outro lado, sofremos não apenas a influência de nossos pais visíveis, mas também de seu Inconsciente, normalmente e em todas as latitudes. É uma maneira bastante racional e causal de pensar, a que leva a pretender sempre que o responsável por um problema é o Édipo, a Anima do pai ou da mãe, ou então qualquer outro motivo. Todo o mundo nasce de pais imperfeitos que têm uma atitude consciente e inconsciente ambivalente. De fato sabemos que quando os pais estão em comunicação com o Inconsciente, é menor e mais saudável a pressão que exercem sobre os filhos, mas também sabemos que nenhum ser humano pode escapar inteiramente à influência do Inconsciente dos pais. A razão pela qual uma menina é mais afetada pela Anima do pai e uma outra pelo Animus da mãe, está em parte ligada, em minha opinião, às disposições fundamentais da criança. Numa delas se desenvolverá um forte Complexo materno, ao passo que na outra ele será mais fraco. O problema é complicado, mas, de uma maneira geral, podemos constatar que a mulher que na juventude foi mais fascinada pela imagem do pai do que pela imagem da mãe está mais sujeita a ser cortada da vida.

Na prática, é útil assinalar que quem deseja empreender uma Análise deve abandonar o ponto de vista causal siste-

Digitalizado com CamScanner

mático corrente e fatalista, segundo o qual não se pode remediar um problema herdado dos pais, o que constitui uma atitude absolutamente infantil. A única solução verdadeira é a de assumirmos a responsabilidade pelo que somos e fazermos o necessário esforço para partir a corrente da maldição que se prolonga de geração em geração. Essa situação é exprimida pelos sonhos: uma pessoa chamada a "resgatar" (reparar) os erros do pai ou da mãe, sonhará por exemplo que se tiver sucesso naquilo em que o pai ou a mãe fracassaram quebrará a sorte nefasta, o que traduz mitologicamente o fato de que poderá assim liberar-se de seus próprios Complexos parentais.

Conheci um homem que nunca se opusera aos humores da mãe e que depois passou para a dominação da mulher, a quem tudo permitia a fim de viver em paz, numa atmosfera agradável. Seu filho teve muita dificuldade em afirmar sua virilidade, mas acabou sendo forçado a fazê-lo. Ao casar-se com uma moça com um Animus muito poderoso, a situação parental repetiu-se porque, desde o primeiro mês de casamento, ela só fazia o que queria. Ele sonhou diversas vezes que precisava resgatar o pai falecido, agindo em relação à mulher da maneira oposta à do pai. Era-lhe mostrado que lhe cabia a responsabilidade de não perpetuar esse Complexo, evitando assim que seu próprio filho o herdasse por sua vez. Devia interromper a transmissão da maldição ancestral, fato que o Inconsciente exprimia às avessas, ordenando-lhe que resgatasse seus ancestrais. Aquele que é chamado a tornar-se consciente deve trabalhar para romper o que o budismo denomina "a cadeia das causas".

Não tenho por hábito enviar a meus pacientes contas que não correspondam ao montante real de suas sessões; uma ocasião, porém, tive uma cliente que sempre havia sido fraudada pela mãe e, acreditem ou não, enviei a essa mulher, por engano, uma conta que ultrapassava nitidamente o que ela me devia! Quando não estamos suficientemente conscientes de nossa própria Sombra e dos Complexos parentais de um paciente, somos levados a representar o papel do pai ou da mãe e corremos o risco de cair em armadilhas; pessoas assim nos forçam a um comportamento semelhante ao modelo que trazem em si e que é tão coletivo que às vezes é difícil percebê-lo. Toda pessoa em Análise tenta inconscientemente fazer com que o analista entre em seu modelo ancestral. Assim também é pos-

Digitalizado com CamScanner

sível que as disposições dos filhos provoquem as reações dos pais. A concepção moderna de uma simples relação causal e linear não corresponde a uma justa avaliação dos fatos, mas tem sua origem numa superstição característica de nossa civilização.

A heroína sobe ao Céu passando por uma abertura, um vazio. A imagem do vazio central que permite a passagem de um mundo para o outro pode ser encontrada em todos os caminhos místicos. É uma descrição típica entre os esquimós que pensam que o Céu, onde reina o Espírito da Lua, é o reflexo da Terra. Esse Deus é uma figura do Animus; ele difere do Espírito-cabeça que vive no mar porque não é o espírito individual de um morto, e sim o deus da tribo, reconhecido por todos, um deus a quem se roga sorte na caça ou na pesca. Nessas regiões onde a sobrevivência depende do sucesso nestas atividades, ele é o Deus da fecundidade, o dispensador de alimento. Isso é interessante porque se não estudamos os Mitos em detalhe, tendemos a pensar que o princípio divino masculino está sempre relacionado com o domínio do espírito, e a deusa-mãe com a abundância das colheitas, a fecundidade dos animais, etc. Para muitas tribos esquimós, é, com efeito, uma divindade feminina que dispensa o alimento; Sedna, por exemplo, que vive no fundo do mar e vela pela reprodução dos animais marinhos, deve ser visitada pelo Xamãs que livram sua cabeleira dos piolhos ou curam as suas feridas, após o que a abundância de caça e a sorte retornam. Aqui, ao contrário, é um Deus masculino que exerce essa função. Por isso devemos evitar toda interpretação sistemática. Na época dos romanos, a Lua era uma divindade hermafrodita. No norte da África existia um Deus lunar ictifálico. Assim, no Egito, o deus lunar Min era representado com um enorme sexo em ereção; era o Deus da fecundidade e seu animal era o touro.

Se nem sempre a Lua é feminina, ela é de qualquer modo uma divindade da Natureza e da fecundidade. A idéia de fecundidade pode, portanto, ser atribuída tanto a um princípio masculino quanto a um princípio feminino. Em muitas mitologias como as da China e da Polinésia, como na maioria dos mitos indianos que falam de "Nossa mãe a Terra" e de "Nosso pai o Céu", a terra é feminina e o princípio celeste masculino. Mas no Egito dava-se o inverso: Geb, o

Digitalizado com CamScanner

princípio terrestre, é uma divindade masculina, e Nut, a deusa do Céu, feminina. A questão é então a seguinte: em que a civilização egípcia diferia da maioria das outras? O que nos surpreende é o concretismo das idéias. Como quase todos os povos, os egípicios acreditavam na imortalidade do homem, mas poucos traduziram essa idéia por uma conservação tão completa do corpo quanto a mumificação. Assegurava-se a imortalidade imortalizando o corpo; o que em muitas outras civilizações constitui uma realidade espiritual, representava entre eles, algo concreto, a ponto de surpreender até mesmo os antigos gregos. Também seus Deuses deviam passar por processos de renovação: as estátuas eram transportadas até o Nilo, onde eram lavadas e ungidas. Tudo o que pertence habitualmente ao mundo da alma ou do espírito era por eles considerado como fazendo parte do domínio da terra. Essa inversão psicológica significa que os estados da alma, as emoções e os sentimentos têm uma conotação espiritual, ao passo que o que normalmente faz parte do mental é sentido como concreto.

A que tipo de atitude em relação à vida corresponde um princípio de fecundidade que seria masculino em lugar de feminino? Para um caçador ativo, a floresta ou o mar são imagens da esposa; ele ali penetra e toma o que necessita. É certo que precisa também de magia e sorte, mas sua conduta é primeiramente a do herói empreendedor e aventureiro. Trata a Natureza por "você", como se estivesse falando com uma mulher. Em conseqüência, a Natureza é sentida como sendo irracional e astuciosa, cruel e inconsciente, é amada ou odiada como uma mulher; a fecundidade, ou a dispensadora do alimento, é, neste caso, uma Deusa. O homem cuja atitude afetiva é introvertida, aquele que não é levado a agir, ou para quem isso não é o essencial, viverá a Natureza como um princípio de vida ativo masculino e se sentirá beneficiário de seus dons. Entre os esquimós, isso talvez esteja relacionado com a extrema dureza das condições de sobrevivência, que depende, poderíamos assim dizer, da benevolência dos elementos, aos quais o homem está quase totalmente entregue: os fortes ventos, as tempestades de neve, a noite polar, o frio, a presença ou a ausência de caça não são situações que ele pode controlar. Nessa tribo os homens rogam à Lua elevando em sua direção recipientes com água, que são um símbolo feminino, e nos quais o deus colocará ou não os animais, a seu

Digitalizado com CamScanner

bel-prazer; assim eles imploram sua clemência e generosidade. O fato de saírem para pescar em seus caiaques munidos de arpões não é sentido como ativo: é a misteriosa Natureza que lhes *envia* os animais, os peixes, as focas e as renas. Porque a caça ou a pesca dependem da presença ou ausência dos animais, o papel do caçador é sentido como passivo. O caçador se sente como uma esposa em face de uma Natureza viril. Da mesma forma, quando uma mulher sonha com o Deus da Lua, seu sonho traduz uma atitude passiva em relação ao inconsciente. Este é por ela sentido como um fenômeno ativo que a afeta, e do qual tudo espera.

O conto precisa que o Deus da Lua não pode ser vencido senão pela magia da mulher-aranha, e nos dá a perceber que isso se produz regularmente e que esta mulher é a grande força sob a qual a lua decresce. A heroína entra pois no jogo dos opostos, o Deus lunar e a aranha, o masculino e o feminino. No conto a aranha é benévola, ao passo que o Espírito da Lua é uma espécie de Deus criador, de humor mutável. A mulher-aranha é, neste contexto, um símbolo do Self, por ser positiva e ter mais poder que a Lua. Mas, a despeito de sua ajuda contra o Animus destruidor, espécie de Barba Azul, a heroína não consegue reencontrar a terra. O tema do despertar, dos olhos que devem se abrir, pode ser encontrado em muitos contos; ele é particularmente freqüente entre as civilizações primitivas, nas quais uma parte da vida se desenrola numa espécie de letargia. Mas não devemos jamais esquecer que isso não é uma questão de raça ou cultura e que podemos encontrar em nossas populações indivíduos que estão nesse caso. Precisamos afastar da Análise as pessoas incapazes de dialogar com o Inconsciente, para quem qualquer contacto com ele seria destrutivo. Analistas ainda iniciantes incorrem algumas vezes no grave erro de assumir tais casos, como observamos anteriormente; essas pessoas (assim como os esquizofrênicos) podem trazer elementos arquetípicos fabulosos. É necessário observar o sujeito para ver *quem* está trazendo esses sonhos e essas visões, e se ele tem a menor possibilidade de uma integração, ainda que parcial, dos elementos considerados. A impossibilidade de engajar uma pessoa no caminho do Processo de Individuação revela-se, entre outros aspectos, nos pequenos detalhes dos sonhos; por isso devemos interpretá-los com o maior cuidado. Em nosso conto há dois detalhes desse tipo: primeiro a jovem escolhe

Digitalizado com CamScanner

o mau caminho, insistindo em seu despeito em relação à cabeça; posteriormente abre os olhos tarde demais.

Em seu livro *Le Chamanisme*[3], Mircea Eliade relata que os Xamãs das tribos circumpolares passam por experiências iniciáticas muito semelhantes às que foram aqui descritas. O Xamã sobe "ao céu" com a ajuda de uma corda; de lá observa os seres e os ritos e é iniciado ao mundo dos espíritos, depois do que desce da mesma forma de volta à terra. A partir de então carrega sempre a corda consigo, como signo de sua ligação com o Outro-lado. Esse esquema clássico de iniciação xamânica malogra em nosso conto. Os esquimós asseguram que os loucos, os possuídos e os Xamãs são seres da mesma espécie, e que só os últimos foram capazes de se libertar. A possessão, a doença mental e o estado de Xamã estariam muito próximos. Entretanto, erro ainda mais grave do que o de tratar de uma pessoa incapaz de evoluir é o de alarmar-se com os materiais arquetípicos vividos pelo sujeito em seus sonhos e suas visões, vendo neles uma esquizofrenia. Podemos encontrar nos sonhos e nas visões de uma pessoa inteiramente normal elementos oníricos tais como a subida ao Céu, o encontro do espírito-aranha ou do Deus Lua, os quatro pedaços de pele, etc. Conheci sonhos iniciáticos em que o mar inundava todo o país, em que os túmulos se abriam e os corpos, rolando de um lado para o outro, reviviam, o que poderia ser tomado como um sinal de psicose quando, na realidade, essas pessoas estavam apenas momentaneamente submersas pelo Inconsciente Coletivo. A cura e a transformação profunda de um ser exigem freqüentemente que ele passe por tais crises, por tais iniciações. Quando se trata de uma psicose, ela transparece na pobreza de reações do sujeito face às imagens do Inconsciente, em sua falta de vitalidade, em sua extrema passividade. Tais sinais são os indícios de um estado grave de possessão e de fraqueza do Complexo do Ego e, ao constatarmos sua presença de maneira habitual, não podemos trabalhar utilmente no plano do Inconsciente. A saúde mental de base pode igualmente ser reconhecida pelo fato de que o sujeito, apesar de arrasado por suas dificuldades, deseja progredir, não se apraz em

3. Mircea Eliade, *Le Chamanisme et les Techniques Archäiques de l'Extase*, éd. Payot, Paris, 1951, 2a. ed., 1968. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

imagens e procura humildemente aplicar em sua vida o que compreende que lhe está sendo pedido.

No início de sua Análise, uma mulher teve o seguinte sonho: *Estava assistindo ao casamento ou à coroação da rainha Elizabeth. O evento ocorria numa cidade medieval desconhecida, onde grandes tribunas haviam sido erguidas e uma multidão entusiasta enchia as ruas. Um longo cortejo avançou, tendo à frente 4 cavalos negros e 4 alazões, de peitorais e caudas semelhantes aos de galos. Vinham depois o Deus Sol e a Rainha, que parecia uma Deusa. Seguiam-se manadas de elefantes, leões e outros animais. Procurando um lugar de onde pudesse ver o cortejo, a mulher percebeu que seus sapatos estavam sujos e que precisava limpá-los. Mas neste momento uma menina bastante pueril e um tanto retardada interveio e distraiu sua atenção.* Este foi o fim do sonho. Essas imagens demonstram que havia uma enorme atividade no Inconsciente dessa pessoa, o que poderia ter sido um sinal de saúde: um casamento (uma união dos opostos) é esboçado no nível mitológico entre o Deus solar masculino e a Rainha deusa. O fato de buscar seu lugar individual na multidão, face a esse acontecimento interior, é uma reação justa porque, se o encontrar, estará salva. Não encontrá-lo imediatamente denota uma certa fraqueza, mas isso não seria necessariamente fatal. Em seguida, toma consciência de que precisa limpar os sapatos, pôr ordem em sua vida pessoal, o que é igualmente justo. O que verdadeiramente importa é que ela deveria ser capaz de limpar sua próproa atitude diante da vida, sem trapacear, levando sua Análise a sério e acolhendo o que a vida lhe desse; ora, revelou-se que era uma grande mentirosa. A personagem infantil, a menina retardada distrai sua atenção do fato de que deve limpar os sapatos, e o sonho desaparece sem propor nenhuma solução. As coisas tomarão outro rumo, diz o sonho, em razão de uma puerilidade que a sonhadora parece incapaz de ultrapassar.

Dado que o elemento malsão ou perigoso só aparecia num único ponto do sonho, decidi tentar uma Análise que, durante algumas semanas, progrediu, ainda que em chonava o tempo todo, se deixava levar pelos acontecimentos e que permanente com esse infantilismo. A mulher recriminestava sempre dependente dos outros. Tendo alugado um quarto, queixava-se sem parar da proprietária, mas nem por isso deixava de sofrer sua influência. Tínhamos aí sintomas

Digitalizado com CamScanner

característicos de falta de maturidade. Foi então que a terapeuta precedente voltou do exterior para retomar seu tratamento. A paciente lhe havia escrito que estava satisfeita comigo, o que picou a vaidade da outra, levando-a a dizer à sua antiga paciente que eu era uma pessoa perigosa que a levaria ao desastre: isto pôs fim à sua Análise. Mais tarde essa pessoa estudou a Antroposofia, depois foi vítima da fobia do câncer e, em seu esforço para escapar dessa ameaça imaginária, acabou tornando-se hipocondríaca. Escreveu-me então que se dera conta de que havia agido estupidamente, jogando a culpa na outra terapeuta como se não tivesse podido opor-se à sua intervenção – e dizendo-me que desejava retomar o trabalho comigo. Entretanto, nunca mais a vi. Não foi realmente culpa sua, ela simplesmente não tinha forças para reagir. Diante da intervenção de sua primeira terapeuta, sentiu-se como uma criança a quem a mãe proíbe alguma coisa – e cedeu.

O elemento perigoso aparece com freqüência no último detalhe de um sonho, mas também pode aparecer no seu decurso ou numa ínfima alusão, e a beleza do conjunto das imagens não garante contra ele. O sonho que acabamos de citar é um sonho clássico de iniciação, mas ele acaba mal, assim como o conto, por causa da fraqueza da personalidade consciente do sujeito. A mulher era uma camponesa primitiva e astuciosa que não possuía a necessária substância, o que, bem entendido, não significa que uma pessoa de origem primitiva não possa ter essa envergadura. A Natureza é "aristocrática", mas sua aristocracia não tem nada a ver com nossas distinções sociais e se estende por todas as camadas da sociedade. Não se deve absolutamente engajar as pessoas num processo que as ultrapassa. O caso dessa mulher, que conheci há muito tempo, fez-me compreender que tinha dado provas de uma certa leviandade. Hoje, provavelmente não aceitaria tratar de uma pessoa assim; mas não posso ter certeza, pois se tratava de um caso limite em que é difícil saber para que lado penderá a balança.

Jung, em seu seminário sobre sonhos de crianças, citou o sonho de uma menina que via o "Bonhomme Hiver" aproximar-se e tocar seu ventre. Jung chamava a atenção para o fato de que o elemento patológico devia-se a que o sonho não suscitava nenhuma reação por parte da criança. Entretanto o "Bonhomme Hiver", demônio do frio e da

Digitalizado com CamScanner

morte, deveria inspirar terror. Se ela tivesse acordado assustada, ou se tivesse simplesmente falado: "Então eu acordei", teria tido uma reação. As pessoas experimentam às vezes uma reação emotiva que é uma espécie de desenlace: o sonho produz um efeito de choque. No caso dessa menina, entretanto, não houve nem mesmo isso. É característico dos esquizofrênicos contar sonhos pavorosos sem a menor emoção; falam sobre esses sonhos como se tratasse dos croissants e do café servidos no desjejum. Temos aí um sintoma sério. No caso de psicose latente, também encontramos com freqüência um racionalismo particularmente limitado que rejeita inteiramente qualquer interpretação simbólica. Observei que quando uma extrema estreiteza de espírito (que pode ser encontrada mesmo em intelectuais brilhantes) persiste, ela pode constituir um grave sintoma. Muitas vezes é devida ao medo e à angústia diante de um nó psicótico escondido nas profundezas. Neste caso o concretismo é um mecanismo de defesa: diante de uma coisa irracional ou simbólica, o sujeito tem a impressão de qualquer situação pode ocorrer e se entrincheira na prisão rígida de suas idéias e obsessões.

Conheci o caso de uma mulher psicótica que prendia todos os seus papéis. Ao lhe perguntar o motivo, respondeu-me que "um dia" a janela poderia se abrir e o vento poria tudo em desordem. Essa obsessão era altamente simbólica: o vento representa, tradicionalmente, o espírito do Inconsciente, o sopro divino. Esse espírito poderia um dia irromper em sua vida, e ela tinha medo de não mais poder sair do estado de confusão mental que disso resultaria. Era prisioneira de uma minúcia e de uma estreiteza de espírito extremas em todos os campos, o que constituía um puro mecanismo de defesa. Pessoas assim carecem totalmente de espírito de aventura, têm medo e são prisioneiras de um racionalismo muito significativo. A mesquinharia exprime a mesma coisa. Não podemos deixar que as coisas corram normalmente, nem assumimos riscos; é preciso que tudo esteja em ordem, porque a conformação mental demasiado rígida pode saltar a qualquer momento. Por isso é importante que o analista observe tanto as reações do sujeito quanto o simbolismo dos conteúdos do Inconsciente. A ausência de reação é o sinal de uma disposição mórbida ou, como em nosso conto, de uma natureza por demais rude e fraca para poder entrar num processo de tomada de cons-

Digitalizado com CamScanner

ciência. Neste caso, simples conselhos de bom senso produzem mais efeito do que a exploração do Inconsciente, perigosa para essas pessoas. Se o Consciente é pouco ordenado, pô-lo em presença do Inconsciente de maneira imprudente pode vir a desestruturá-lo ainda mais; devemos, ao contrário, tentar consolidar a Consciência do Ego.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO VII

OS SEIS CISNES

Nas narrativas que acabamos de comentar, o périplo ou a busca da mulher contrariamente à do herói, não consistia em combater um dragão ou realizar algum grande efeito, mas assumia a forma mais passiva e interiorizada do afastamento da vida ativa e da procura da atitude justa através de um período de incubação.

Proponho-me agora a estudar o conto de Grimm nº 49 intitulado: *Os Seis Cisnes (Die sechs Schwäne)*, bem como o de nº 25, que tem por título: *Os Sete Corvos (Die sieben Raben)*, pois ambos tratam desse aspecto do Animus que, por algum tempo, pode apartar uma mullher da vida ativa. Deixando de lado os detalhes, farei uma abordagem simultânea dos dois contos, visto que seu tema principal é idêntico: a irmã que decide resgatar seus irmãos transformados em pássaros.

Lembrarei brevemente as duas narrativas:

OS SEIS CISNES

Um rei que se perdera na floresta durante uma caçada encontrou uma velha mulher cuja cabeça oscilava sem parar; ela prometeu que indicaria o caminho com a condição de que ele desposasse a sua filha. Apesar de sua desconfiança em

Digitalizado com CamScanner

relação à jovem mulher, o rei aceitou. Mas, por precaução, escondeu os filhos – 6 meninos e 1 menina do primeiro casamento – num castelo solitário situado numa floresta. Para não se perder quando ia visitá-los, se servia de um novelo de linha de algodão que lhe havia sido presenteado por uma sábia mulher. O novelo, rolando na sua frente, lhe indicava o caminho. A rainha, intrigada com suas constantes ausências, começou a ficar desconfiada e acabou por descobrir para onde ia o rei. Como havia aprendido magia com a mãe, confeccionou 6 finas camisas de seda e costurou um feitiço em cada uma. Segurou em seguida o novelo de algodão, seguiu-o, como fazia o rei, e foi ter no castelo. A menina permaneceu no seu interior, mas os meninos que tinham visto de longe que alguém estava se aproximando, saíram correndo alegremente ao seu encontro, pensando que fosse o rei, seu pai. Assim que chegaram a uma distância em que a rainha podia alcançá-los, esta lançou sobre eles as 6 camisas, que os transformaram imediatamente em cisnes; logo alçaram vôo por entre as árvores e sobrevoaram a floresta.

No dia seguinte o rei foi visitar as crianças e, ao encontrar apenas a menina, ficou muito inquieto em relação ao destino dos filhos. Ela contou-lhe então que estava olhando pela janela e portanto vira como eles tinham sido transformados em cisnes. Temendo que a menina tivesse a mesma sorte, o rei quis levá-la para casa; como tinha medo da madrasta, ela suplicou-lhe que a deixasse passar mais uma noite ali. Ao alvorecer, partiu à procura dos irmãos. Depois de ter caminhado por muito tempo através da floresta, chegou a uma cabana miserável onde havia 6 caminhas. Deitou-se numa delas e, na hora em que o sol se pôs, 6 cisnes brancos entraram voando pela janela e começaram a soprar uns sobre os outros até que suas penas e penugens caíssem como se fossem camisas. A menina e seus irmãos se reencontraram, cheios de alegria. Mas logo os irmãos a advertiram de que a casinha era um esconderijo de ladrões e disseram que se eles voltassem e a encontrassem ali certamente a matariam. Explicaram-lhe ainda que só podiam livrar-se de suas penas de cisne durante 1 quarto de hora a cada noite. Quando a irmã lhes perguntou o que poderia fazer para libertá-los, responderam que devia ficar sem falar ou rir durante os próximos 6 anos e que também precisava

Digitalizado com CamScanner

confeccionar 6 camisas feitas de flores de estrelas que, passados os 6 anos, deveria atirar sobre eles.

A menina deixou a cabana e penetrou na floresta para colher flores de estrelas, instalando-se depois no alto de uma árvore, onde começou a costurar as camisas. Depois de ter passado algum tempo trabalhando na árvore, sem poder falar com ninguém e sem ter vontade de rir, chegou o dia em que um rei foi caçar na floresta. Seus caçadores a descobriram ao passarem debaixo da árvore e perguntaram quem era ela. Sem responder, a menina atirou-lhes a corrente de ouro que trazia no pescoço, esperando acalmar assim a sua curiosidade. Como continuassem insistindo, jogou o cinto, as ligas e, pouco a pouco, todas as suas roupas, ficando apenas com uma camisa. Mas isso de nada adiantou e os caçadores a obrigaram a descer da árvore e a conduziram até o rei. Quando este lhe perguntou quem era e o que fazia empoleirada na árvore, permaneceu muda como um peixe. Mas sua grande beleza tocou o coração do rei, que sentiu amor por ela; envolvendo-a em seu manto, levou-a para seu castelo. Fez com que vestisse as mais belas roupas, viveu durante alguns dias em sua companhia e, encantado com sua modéstia e suas maneiras doces, desposou-a.

Quando a jovem rainha pôs no mundo o seu primeiro filho, a sogra o escondeu, acusando a rainha de tê-lo matado. O mesmo ocorreu quando do nascimento do segundo e, depois, do terceiro filho. Desta vez o rei foi obrigado a aceitar que sua esposa fosse julgada, e ela foi condenada ao suplício do fogo como feiticeira. Mas no exato momento em que a fogueira seria acesa, os 6 anos chegaram a seu termo e os 6 cisnes surgiram voando rapidamente. Como havia levado as 6 camisas de flores de estrelas para a fogueira, a jovem rainha as arremessou imediatamente sobre os 6 pássaros. Logo que as camisas tocaram seus corpos, as plumas caíram e os seis irmãos apareceram diante dela, e eram belos e vigorosos jovens. Somente o mais novo tinha conservado uma asa de cisne em lugar do braço esquerdo porque a irmã não pudera terminar a manga esquerda de sua camisa. A partir desse momento a rainha pôde enfim falar e defender-se das acusações que lhe haviam sido imputadas. Seus 3 filhos, provas de sua inocência, foram trazidos e a malévola sogra foi condenada a ser queimada viva na fogueira.

Digitalizado com CamScanner

OS SETE CORVOS

Um homem que tivera 7 filhos desejava de todo o seu coração uma filha. Quando seu desejo foi enfim realizado, a criança era tão pequenina e frágil que o pai achou que deveria ser batizada imediatamente para que pudesse ir para o Céu, caso viesse a morrer. Pediu então a um de seus filhos que fosse depressa até a fonte buscar água para o batismo. Mas todos os meninos se precipitaram para a fonte e, como cada um queria ser o primeiro a encher o cântaro, acabaram por quebrá-lo. O pai, que esperava com impaciência, pensou que os filhos não serviam para nada, que deveriam estar se divertindo no caminho, descuidando-se de pegar a água. Por temer que a filha morresse antes de ter sido batizada, exclamou, irado: "Gostaria que eles se transformassem em corvos!" Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, ouviu um farfalhar de asas acima de sua cabeça e, levantando os olhos, viu 7 corvos negros como carvão voando por sobre a casa.

Como a maldição não podia ser anulada, os pais choraram a perda dos filhos; encontraram porém algum consolo ao ver que a filha querida estava ficando a cada dia mais forte e mais bonita. Um dia, entretanto, a menina ouviu algumas pessoas falando a seu respeito; diziam que certamente ela era muito bonita, mas que fora a causa do triste destino de seus 7 irmãos. Muito triste, foi perguntar aos pais o que havia ocorrido com seus irmãos. Ao saber da verdade, decidiu ir até o fim do mundo, se necessário fosse, para livrá-los. Levou consigo apenas um anel, lembrança dos pais, um pedaço de pão para aplacar a sua fome, um cântaro com água para mitigar a sua sede e um tamborete no qual poderia descansar um pouco. Primeiro aproximou-se do Sol, mas ele queimava, era terrificante e devorava as crianças. Fugiu dele, correndo para perto da Lua. Mas esta estava gelada, horrível; com um ar maldoso, disse-lhe: "Eu sinto, eu sinto cheiro de carne humana!" A menina fugiu novamente, aproximando-se das estrelas, que foram amáveis e gentis com ela. Deixaram que ficasse e descansasse em sua companhia. Cada estrela estava sentada num pequeno tamborete, com exceção da estrela da manhã (Vênus) que, mantendo-se de pé, deu-lhe um pequeno osso torto, dizendo-lhe: "Sem este pequeno osso você não poderá abrir a montanha de vidro, e é na montanha de vidro que estão seus 7 irmãos." A menina

Digitalizado com CamScanner

envolveu cuidadosamente o osso em seu lenço e pôs-se de novo a caminho. Mas quando chegou diante da montanha de vidro e quis pegar o ossinho, percebeu, apavorada, que o tinha perdido. Depois de alguma hesitação, decidiu cortar o seu dedinho para poder abrir a porta da montanha de vidro.

Dentro da montanha, um anão veio ao seu encontro e ela lhe explicou que estava procurando seus 7 irmãos. Ele respondeu que eles tinham saído e a convidou a entrar e descansar enquanto esperava a sua volta. Depois preparou uma refeição, que serviu em 7 pratos, e também uma bebida, que colocou em 7 copos. A menina comeu uma porção de cada prato e bebeu um gole de cada copo; no último, deixou cair o anel que havia trazido.

Os corvos voltaram e se puseram à mesa; compreenderam que um ser humano tinha passado por ali, pois alguém havia comido em cada um dos pratos e bebido em todos os copos. Quando o sétimo irmão esvaziou o copo até o fim, o anel caiu e ele logo o reconheceu como pertencente a seus pais. Disse então: "Deus faça com que nossa irmã esteja aqui para nos livrar!" Quando a menina, que estava escondida atrás da porta, ouviu essas palavras, saiu de seu esconderijo e os 7 corvos retomaram imediatamente a forma humana. Abraçaram a irmã e, muito felizes, tomaram o caminho de volta à casa paterna.

Observemos inicialmente uma interessante variação, no que concerne os números: há 6 cisnes e 7 corvos, mas, no final dos dois contos, 8 pessoas estão presentes. No primeiro, o rei, a rainha e os 6 irmãos cisnes que foram salvos; no outro, como a irmã não se casa, eles são igualmente 8. Estamos assim diante do problema conhecido da relação entre o 7 e o 8, variante da relação entre o 3 e o 4, que tem um papel muito importante no simbolismo dos números[1]. Nos comentários de sonhos que formam a primeira parte de Psychologie et Alchimie[2], Jung compara a passagem do 3 ao 4 à estrutura da Psique e à integração da quarta Função,

1. Cf. M.-L. von Franz, *Nombre et Temps. Psychologie des Profondeus et Psyque Moderne*. Préface et trad. fr. d'Etienne Perrot, La Fontaine de Pierre, 2e édition, 1983, p. 136 e seg. (N.T. ed. franc.)

2. Cf. C.G. Jung, *Psychologie et Alchimie*, trad. fr. d'Henry Pernet et Roland Cahen, éd. Buchet-Chastel, Paris, 1970. (N. T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

que representa uma etapa muito delicada da evolução psíquica[3]. A passagem do 7 ao 8 é uma variante do mesmo problema, mas, como o passo perigoso está dividido, a passagem é mais fácil. Os números 7 e 8 simbolizam por conseguinte uma abordagem mais diferenciada da Função inferior e do problema do Mal ou daquilo que está recalcado. No simbolismo dos números, o 7 é habitualmente considerado o número do processo de evolução. É também o número dos 7 planetas da Astrologia clássica, que são os elementos de base do horóscopo e que representam os elementos arquetípicos fundamentais que constituem toda personalidade humana. A idéia é a de que em cada pessoa, Saturno, Marte, a Lua, etc. se combinam numa configuração específica. Toda pessoa deverá, num dado momento, viver e realizar esses elementos fundamentais, ainda que, segundo a conformação do horóscopo, a maneira como isso se produz seja sempre diferente. Existem os 7 dias da semana, as 7 notas da oitava, etc. Algumas vezes é o 7 o número da totalidade, outras vezes o 8, como retorno ao 1, à unidade tomada em nível superior, como no caso da oitava musical. O número 7 compreende uma certa parte de tensão interna porque se subdivide em 3 e 4. Assim Jacob Böhme, o místico que tanto estudou o simbolismo dos números[4], afirma que o 7 é a tensão entre o alto e o baixo, a trindade espiritual e os 4 elementos terrestres, enquanto que o 8 é o relâmpago que liga os dois, pois o 7 clama o 8. Por sua vez, Santo Agostinho recorda que, segundo a Gênese, os 6 dias da semana correspondem ao trabalho da criação, ao passo que no sétimo dia Deus descansou. Mas ele não parou aí; acrescentou que se os 7 primeiros números dizem respeito ao que se desenrola no tempo, o 8 corresponde à eternidade. Devemos pois levar em conta o oitavo elemento que estaria "fora do tempo". O 8, como o 4, representa a totalidade, o Self; com o 8 saímos do processo de evolução para entrarmos na condição eterna estável. Os dois contos colocam, portanto, o problema da passagem do 3 ao 4, ou do 7 ao 8, o que vem a dar no mesmo. Como no primeiro o problema é mais diferenciado, só nos serviremos

3. Cf. C.G. Jung, *Types Psychologiques*, préface et trad. fr. d'Yves Le Lay, éd. Buchet-Chastel, Paris, 1950. (N.T. ed. franc.)

4. Ver o volume consagrado a *Jacob Böhme*, em Cahiers de l'Hermétisme, éd. Albin Michel, Paris.

Digitalizado com CamScanner

do segundo para apoiar e enriquecer nosso desenvolvimento.

Na história dos *Seis Cisnes*, o rei, que se perdeu, é forçado a prometer que se casará com a filha da velha má em troca de sua libertação. Vimos que nos Contos de Fadas, o Rei, que representa o princípio dominante da Consciência coletiva, está quase sempre doente ou numa situação difícil. É o que ocorre com o rei do Graal. O conto apresenta pois uma condição clássica, aquela em que o princípio da Consciência coletiva, chegando a um impasse, não é mais capaz de dirigir ou funcionar corretamente; está perdido na floresta, ou seja, nas profundezas do Inconsciente. O rei, o Ego consciente, não pode sair dali sozinho. A presença da velha mulher de cabeça oscilante pode levar à suposição de que ele foi vítima de um encantamento para que se perdesse. A velha se revela como sendo um aspecto maléfico da Grande Mãe, pois é a instigadora da sorte infligida aos cisnes. O balançar mecânico da cabeça é freqüentemente um atributo das personagens diabólicas. Existem Contos de Fadas em que a heroína penetra no quarto proibido, onde descobre um esqueleto balançando a cabeça. Em *Etudes sur la Psychologie Analytique de C. G. Jung*[5], comentei uma versão desse tema, na qual a heroína, ao penetrar o quarto proibido, ali encontra uma representação da Grande Mãe, chamada Maria a Maldita, sentada num balanço de fogo. A idéia arquetípica segundo a qual os demônios são animados por um movimento de balanceio mecânico, representação de sua condição de não-resgatados, se encontra enunciada em numerosas descrições dos Infernos: Sísifo deve rolar eternamente a mesma pedra até o alto da montanha, as Danaides estão condenadas a encher um tonel furado, enquanto que Tântalo se esforça incessantemente para atingir os frutos e a água que apaziguariam sua fome e sua sede. Existe um ritmo eterno do absurdo, um carrossel incessante do *non-sens* que leva até a proximidade do objetivo, mas não permite que ele seja atingido, o que é a essência mesma da tortura moral. Também a Mitologia o atribui aos demônios e aos seres malditos.

Em Psicologia, esse tema aparece nos casos de obsessão e de psicose, bem como nos materiais oníricos. A tortura

5. *Studien zur Analytischen Psychologie C.G. Jungs*, op. cit.

Digitalizado com CamScanner

que ele comporta é uma prova, mesmo para a testemunha exterior: repetição de fases positivas, em que aparecem elementos construtivos, em que o sujeito aparenta estar melhorando, em que temos a impressão de que o movimento está indo em direção à vida – um principiante ingênuo poderia acreditar que seu paciente está curado. Mas, no momento decisivo, tudo desmorona porque o Ego é demasiadamente fraco para assimilar esse movimento; fluxo e refluxo, fase construtiva e decomposição se sucedem. Pode ocorrer que mesmo essa alternância cesse e o paciente se torne mudo e como estúpido, se petrifique; parece então que nenhum processo está em andamento, que nada poderá emergir. Na Mitologia, esse estado é imputado ao lado obscuro da divindade: é o castigo, a estada no Inferno, infligida pelos Deuses às almas perdidas. A própria Deusa mãe é às vezes assim representada. O movimento absurdo confere à velha mulher do conto seu caráter diabólico. É também freqüente que as feiticeiras tenham filhas muito belas, ainda que no plano moral sejam exatamente como suas mães.

O rei do conto desposa a jovem da floresta. Mas como teme que ela maltrate seus filhos do primeiro casamento, tenta protegê-los, o que é excepcional nesse gênero de histórias em que geralmente o rei, prisioneiro de um casamento maléfico, tem os filhos perseguidos diretamente pela madrasta. Aqui ele consegue afastá-los e os visita, guiado pelo novelo mágico que representa o papel do fio de Ariadne; nada disso, entretanto, os resguarda do perigo. Como o princípio dominante da Consciência coletiva está gasto, as crianças representam as promessas de renovação. O princípio de nova Consciência que elas encarnam é momentaneamente afastado pelo rei em pessoa. No plano individual, quando o princípio da Consciência não é mais válido, uma transformação torna-se necessária. É um momento crítico: a pessoa teme a depressão, que é absolutamente indispensável à renovação, tem medo de se abandonar e ficar por um tempo face a uma impressão de vazio. Além disso, a covardia ou o interesse conscientes a levam freqüentemente a agarrar-se ao passado e entravar o processo de evolução; é então que o Mal entra no jogo.

O que pode significar o fato de que as crianças sejam psicologicamente afastadas? Ele reflete um comportamento que é freqüente nos indivíduos que atingem esse momento

Digitalizado com CamScanner

de mudança crucial: eles constroem para si uma vida dupla; sem reprimir inteiramente a transformação que se anuncia, permitem que ela se exprima numa espécie de existência paralela. Pode tratar-se de um homem de negócios de uma certa idade, esgotado, sofrendo dos males do chefe de empresa que, para evitar uma depressão, torna-se cada vez mais neurótico; tentará talvez dar lugar em sua vida ao lado irracional, preparando uma pequena zona tranqüila e limitada onde possa deixar que se exprimam os sentimentos insensatos e a Função inferior que lhes é própria. Ele deseja a cabra e o repolho: quer "organizar" as coisas a fim de evitar o conflito que consistiria em, por exemplo, precisar renunciar a um negócio importante que lhe traria grandes lucros em pouco tempo. Na manhã de sábado passeia no campo, pesca, ou então vai à igreja no domingo, esperando que assim escapará da tensão que está sentindo. Esses homens tornam-se sentimentais nos fins de semana, continuando a ser os mesmos tubarões aventureiros nos outros cinco dias. Fazem uma concessão à outra parte de si mesmos, mas se ela não é suficiente ou integrada de maneira justa, não surtirá nenhum efeito. Se o seu destino é o de precisar passar pela depressão para chegar a uma completa mudança de atitude, faz-se necessária uma generosidade total; um compromisso mesquinho não terá nenhuma valia. A madrasta do conto se apodera finalmente das crianças, como se o pai não tivesse tentado salvá-las.

Aplicada à atitude coletiva, a curva perigosa é o momento em que o princípio feminino recalcado, e por isso mesmo maléfico, reaparece na Consciência. Toda a nossa tradição histórica apresenta o feminino como negativo, pois o princípio da Natureza não é reconhecido; a Consciência é masculina e racional demais, o que provoca a reação negativa do mundo inferior. Por isso a única mulher do conto, a heroína deixada de parte, é uma espécie de Deusa mãe cruel.

Em *Os Sete Corvos*, é o próprio pai que, num momento de cólera, pronuncia a maldição. Não é o seu Consciente que está se exprimindo através dessas palavras, mas sim um movimento afetivo incontrolado, ou seja, sua Anima negativa: as palavras ultrapassam o seu pensamento, sendo a situação portanto análoga à dos 6 cisnes. O pai, como o rei, representa a atitude consciente habitual, a norma coletiva, a lei; esta, porém, é sustentada por um segundo

Digitalizado com CamScanner

plano obscuro que se exprime através desses movimentos afetivos incontroláveis que trazem destruição.

Na segunda história é posto em causa o problema cristão da urgência em batizar a menina logo que possível. Seus irmãos, entretanto, quebram o cântaro que deveriam encher com a água batismal. O pai, presa de uma "cólera santa", amaldiçoa os filhos por terem feito com que suas boas intenções fracassassem. Segundo o ensinamento cristão, o batismo apaga o pecado original, assegurando para a criança a salvação de sua alma e, após a morte, a felicidade eterna, a *visio beatifica*. Quando uma criança está doente, costuma-se proceder a um batismo de urgência. Se considerarmos esse elemento como simbólico em relação ao destino da menina, é admissível afirmar que a criança terá dificuldades em se inserir na tradição cristã. O pai tenta forçar o destino, mas assim agindo provoca o acidente. O paralelo psicológico para esse fato seria a situação provocada por um Consciente que se agarra aos antigos princípios e tradições. O conto nos mostra que surge então o lado obscuro do pai, cuja maldição involuntária cai sobre os meninos.

Num dos contos os meninos são transformados em cisnes, e no outro, em corvos. Esses pássaros têm, em muitos aspectos, um simbolismo análogo; assim, ambos eram pássaros de Apolo. O cisne tem uma história mítica apaixonante. Todos conhecem a historia de Leda. O *Lexique de la Superstition Allemande (Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens)* nos ensina que a palavra *Schwan* tem a mesma raiz que a palavra latina *sonare*, que significa ressoar ou soar, o que faz alusão ao famoso "canto do cisne". Ainda que o fato tenha sido desmentido pela maioria dos naturalistas, atribuía-se a esse pássaro o fato de emitir um belo canto na hora da morte. O zoólogo Brehm observa que os cisnes, ao envelhecerem, não conseguem mais mergulhar com suficiente vivacidade em busca do alimento; enfraquecidos pelo jejum e não tendo forças para alcançar as zonas mais temperadas onde passariam o inverno, acabam prisioneiros do gelo; são então devorados pelos outros animais ou morrem lentamente de fome. Em seus últimos instantes, lançam um lamento amargo. É esse grito estranho lançado pelos velhos cisnes morrendo no gelo que provavelmente deu lugar à lenda sobre o canto do cisne. A beleza do pássaro, a atração de sua plumagem imaculada,

Digitalizado com CamScanner

sugeriram a idéia de que se tratava de um animal sobrenatural. Diz-se que conhece a hora de sua morte e, assim como outros pássaros, é considerado capaz de prever o futuro e o tempo que fará. A frase alemã: *mir schwant* significa ter um vago pressentimento, ou uma intuição, uma idéia concernente ao futuro.

Porque conhece o futuro, o cisne é o pássaro sagrado de Apolo na Mitologia grega, e de Njödr na Mitologia nórdica. Ele representa um papel importante no célebre tema mitológico da jovem-cisne, que tem muitas variantes. Uma delas é a seguinte:

Um caçador encontra 3 belas jovens que, tendo-se despido de suas roupas de penas, estão se banhando. Segura uma das roupas, impossibilitando que uma delas retome a forma de pássaro. Ele então a rapta e se casa com ela. Mais tarde, porém, comete um erro ou se comporta mal e a jovem, retomando sua plumagem, alça vôo, desaparecendo para sempre; mas ele também pode vir a reencontrá-la após uma longa e penosa viagem e múltiplas aventuras. Se, ao passear sozinho nos bosques, você encontrar uma criatura estranha e não souber se trata de uma alucinação ou de um ser real, olhe para seus pés – é o que recomendam a Mitologia e o folclore – porque os seres demoníacos têm pés de cisnes, prova de que não são seres humanos, mas Espíritos. Na antiga Inglaterra jurava-se em nome do cisne, o que demonstra que esse palmípede era ali revestido de um valor sagrado. Em todas as épocas associou-se ao cisne, assim como aos voadores em geral, certas qualidades demoníacas que, psicologicamente, correspondem às intuições, aos pressentimentos, idéias e sentimentos que surgem bruscamente, vindos de parte alguma, e da mesma forma desaparecem[6].

Quando se trata do tema da jovem-cisne, resgatar a alma da sua condição volátil significaria para o homem que ele aceita concentrar-se em seus estados de espírito e seus pensamentos semiconscientes, perguntando a si mesmo a razão porque eles surgem. Simbolicamente, captura a fêmea cisne para impedir que se transforme num simples

6. Cf. M.-L. von Franz, *La Voie de l'Individuation dans les Contes de Fées*, trad. cit., em particular a conclusão: "Le Symbolisme de l'Oiseau". (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

estado de espírito e saia voando pela janela antes que ele tenha podido reter o valor humano que esse pássaro representa. Deve primeiramente apossar-se da roupa de plumas para devolver ao pássaro sua qualidade humana. Mas fazê-lo uma só vez não chega. Mesmo aquele que compreende o que é a Anima pode muito bem deixar que um dia ela retome sua vestimenta de plumas e saia voando pela janela! Da mesma forma, se uma mulher não vigia cotidianamente o seu Animus, ele logo retoma sua antiga forma volátil. Um constante esforço consciente faz-se necessário para que essas entidades interiores se humanizem, permanecendo ligadas à Consciência, pois as esposas-cisnes e os irmãos-pássaros-amantes tenderão sempre a retomar suas vestimentas de plumas e alçar vôo. Por isso, tomado negativamente, o cisne representa a qualidade inconstante e desumana da Anima. Em seu aspecto positivo, representa a possibilidade de conhecimento e de grandes realizações interiores. A partir daí, podemos compreender a importância dada pelos antigos alquimistas à "fixação do volátil".

Em relação à consciência cristã, o cisne representa um conteúdo pré-cristão. Em seu livro *Wotan und Germanischer Schicksalsglaube*, Martin Ninck afirma que o cisne é o companheiro natural de Wotan. Quando um aspecto ligado à Consciência humana é forçado a retomar seu aspecto de pássaro, ele sofre uma regressão. Dito de outra maneira: os conteúdos do inconsciente parcialmente integrados podem, em razão de uma deterioração da conduta humana consciente, ser novamente recalcados no Inconsciente.

Historicamente, toda uma série de eventos pertencentes à nossa cultura têm aí sua origem. Nos séculos XII e XIII, os países de cultura germânica viram os cavaleiros cristãos se colocarem ao serviço de suas damas, enquanto que na região occitana, trovadores e *fedeli d'amore* desenvolviam o culto da mulher e do Eros. O simbolismo do Inconsciente era aceito e tinha seu lugar na vida. A isso, acrescia-se um certo reconhecimento da Natureza, do corpo e da matéria. Não foi por acaso que nesta época a Alquimia e seu simbolismo foram tão florescentes. Mas, sob a influência da Reforma e da extroversão nefasta da Renascença, esses movimentos desapareceram. Se por um lado a Alquimia ainda sobreviveu algum tempo, por outro ficaram esquecidos os ensinamentos de um Mestre Eckhart, ou de um poeta como Walther von der Vogelweide, e o *Minnedienst*, o serviço

Digitalizado com CamScanner

de amor, mais uma vez desapareceu. Foi assim que uma atitude psicológica plena de promessas, que comportava o reconhecimento do princípio feminino, viu-se repentinamente reprimida pelo endurecimento da atitude cristã consciente, endurecimento devido em parte à fissura provocada pela Reforma e pela Contra-Reforma, bem como ao desenvolvimento do progresso técnico racional que surgiu então[7]. Certos aspectos do serviço de amor não pareciam mais admissíveis para a consciência cristã. Na época medieval, o espírito era mais aberto e a moral menos estreita. O desenvolvimento histórico racional teve, evidentemente, muitos aspectos positivos, mas, no que concerne a anima, deu-se uma regressão. Os contos das princesas-pássaros mostram que ela foi forçada a fugir, depois de ter-se revestido, ainda uma vez, de sua plumagem de cisne.

Como o que nos interessa especialmente aqui é a Psicologia feminina, retornaremos ao conto dos 6 irmãos cisnes, à nossa heroína e a seu destino, para examinar o que lhe era preciso fazer para devolver a condição humana a seus irmãos enfeitiçados.

Curiosamente, a Mitologia sempre considerou que o corvo era branco na sua origem. Assim, na Mitologia da América do Norte e na Mitologia circumpolar, ele é uma figura prometéica: ficou negro por ter-se queimado ao trazer o fogo e a luz para a humanidade. Lendas germânicas também afirmam que os corvos eram originariamente brancos, e a Mitologia grega conta que se tornaram negros sob o efeito da maldição da Apolo, por terem cometido um pecado. No folclore, a gralha é considerada como sendo a mulher do corvo, assim como o cavalo é o marido da vaca. O corvo é um pássaro ambíguo: quando Noé o enviou em missão, ele deixou a arca e, como encontrou a terra seca, ali ficou a saciar-se com os cadáveres, não mais retornando. Noé o esperou em vão, enviando depois a pomba, que lhe trouxe o ramo de oliveira; a partir de então o corvo ficou mal cotado na Bíblia. Em seu artigo sobre os Espíritos celeste e terrestre, o Padre Hugo Rahner atribui à pomba o espírito celeste, e ao corvo o espírito do diabo e das feiticeiras. Mas,

7. Cf. Etienne Perrot, *Coran Teint. Le livre Rouge*, La Fontaine de Pierre, 1979: Sourlate VII: "Roma-Amor"; sourlate VIII: "Zoroastre"; sourlate XV: "Thélème". Cf. também no mesmo autor *La Consolation d'Isäie*, La Fontaine de Pierre, 1982, *passim*. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

como os opostos contêm sempre a semente de seu próprio contrário, os corvos também foram considerados pássaros sagrados, pois levaram alimento a São João na ilha de Patmos, e a Elias no deserto. Na tradição cristã, o corvo é também um mensageiro de Deus que traz a ajuda divina aos santos e, particularmente, aos eremitas. É estranho constatar que sempre houve duas maneiras simultâneas e aparentemente contraditórias de considerar o simbolismo do branco e do negro. O qualificativo francês *blanc* e o alemão *blank* têm a mesma raiz, que significa "brilhante", e pode ser aplicado a toda superfície polida, seja ela branca ou preta. Psicologicamente isso é fácil de compreender, pois corresponde à identidade secreta dos contrários. Logo que um oposto atinge seu ponto extremo, ele já contém seu inverso. Desse ponto de vista, podemos dizer que o corvo representa ao mesmo tempo os pensamentos sombrios e a luz que deles pode surgir e transpassá-los. Na Suíça alemã diz-se: "Temos aí um pásssaro." O pássaro figura os conceitos e as intuições involuntárias que aparecem em nós de súbito. Acreditamos que esses pensamentos nos pertencem, quando, na verdade, eles pousam em nossas cabeças como pássaros. Trata-se de conteúdos autônomos. A idéia que me vem naquele momento não é minha, eu ainda não a "pensei", senão já a teria agarrado e colocado numa gaiola; ela simplesmente veio até mim. No estágio em que ainda não decidi verdadeiramente se a faço ou não minha, ela tem a forma de pássaro. Representa um despertar pré-consciente. Agarrar o pássaro seria tomar posse dele com o auxílio da reflexão crítica.

Nos sonhos, os corvos são geralmente a representação de pensamentos tristes, melancólicos. Quase todos nós tivemos a ocasião de ver quadros pintados por pessoas deprimidas, onde, acima de um bosque sombrio, de um deserto, de um mar agitado, uma multidão de pássaros negros traduz os pensamentos desolados, depressivos que se tem numa hora destas, tais como: "Sou uma nulidade, nunca estarei melhor, não chegarei a parte alguma..." O corvo é então um pássaro de infelicidade. Mas é também um mensageiro de Deus porque uma depressão pode ser fecunda, criadora, se acolhemos de maneira justa os negros pensamentos que ela secreta, se dissermos a nós mesmos: "Com efeito, talvez eu seja uma nulidade, mas em que sentido?" O melhor meio de acabar com uma depressão não é o de combatê-la – o rádio e o *Reader's Digest* só agravam

Digitalizado com CamScanner

as coisas – mas o de nela penetrar. É muito melhor deixar que os pensamentos sombrios subam e encontrem acolhida, não para que sejam ruminados, mas para que possamos questionar sobre o que nos faz pensar assim. Muitas vezes pode acontecer que esses pensamentos negros, que eram prisioneiros das profundezas da alma, tragam o pão de que necessitamos. O real objetivo de uma depressão é o de pôr-nos novamente em contacto com o Inconsciente, com o princípio divino. Os ascetas e os eremitas entravam voluntariamente em depressão e a ela se abandonavam até não saberem de mais nada, até o esgotamento de suas forças. A Consciência racional necessita ser periodicamente obscurecida para que a nova luz possa jorrar e, com ela, novas possibilidades criadoras; por isso o cisne e o corvo traduzem realidades bem próximas. A mesma situação é manifesta pela Alquimia, em que o corvo figura a *nigredo*, esse negro que é o primeiro arcano, a matéria prima da Grande Obra: é preciso aceitar a confrontação com a Sombra e com a obscuridade do Inconsciente na morte do Ego, para que se produza a "transmutação".

Num homem, a heroína desse conto representaria o aspecto de sua Anima ligado aos pensamentos inconscientes, não aceitos pela mentalidade tradicional. Numa mulher, significaria que seus pensamentos seguem caminhos oficialmente rejeitados. Em nossa civilização em particular, o espírito feminino está habitualmente próximo da Natureza, tanto em suas formas positivas quanto negativas. No mundo usual da imprensa e da ciência, as mulheres gostam de tratar de assuntos originais, rejeitados pela totalidade do pensamento oficial científico e religioso. Como elas concebem bem o trabalho do espírito de maneira menos absoluta, têm a grande vantagem de poderem mostrar-se mais livres e mais flexíveis a seu respeito, visto que se alguma coisa não tem uma importância vital, não há porque não tratá-la com audácia.

O que se segue sempre me surpreendeu como um exemplo clássico das diferentes formas de funcionamento do espírito do homem e da mulher. Tive a ocasião de relatar a um professor de Eletrônica um fenômeno parapsicológico: por três vezes seguidas um copo se quebrava um pouco antes da morte de alguém. O professor deu um salto e me disse que isso era apenas uma coincidência. Como continuei insistindo, ele me olhou e disse de repente que se o que eu estava expondo era verdade, só lhe restaria dar um tiro

Digitalizado com CamScanner

na cabeça! Fiquei surpresa por ele ter dado provas de tamanha estreiteza de espírito e perguntei se não poderíamos examinar a questão objetivamente, assegurando-lhe que compreenderia a sua opinião, caso ele não viesse a participar de meu ponto de vista. Confessou-me então que havia ensinado a tantas gerações como se passavam os fatos, e que tudo que não podia ser comprovado cientificamente era absurdo, que não poderia sobreviver a um desmentido. Tratava-se de uma reação honorável, ainda que não criadora: aquele homem assumia a responsabilidade pelo que ensinava, e pessoas assim se alinham entre os melhores professores. Era um profissional sério, mas carecia de idéias pessoais; para ele, a verdade e o erro eram claramente definidos. Na mulher, esse atitude teria correspondido a uma estúpida rigidez do Animus. As convicções últimas da mulher se situam no domínio do amor e dos problemas que lhe são concernentes. Na esfera intelectual ela é mais livre. Uma transformação de suas idéias científicas não é uma questão de vida ou morte, ela aceita examinar o problema verificá-lo e, se o exame é concludente, adotar a nova conclusão. Isso explica porque as mulheres são as primeiras a se engajarem nos movimentos nascentes, enquanto que os homens precisam de mais tempo para adotarem os novos elementos e as novas idéias. Como a mulher pensa de maneira menos tensa, pode exercer sobre o homem uma influência bastante positiva, levando-o a uma atitude mais flexível. Neste caso ela é criadora porque produz sobre o homem um efeito fecundante, graças à sua atitude fantasiosa, livre e verificadora. O perigo ligado a essa tendência feminina positiva seria o de se deixar escravizar pelo movimento que ela adota ou pelo homem do qual é a inspiradora. Hitler era seguido por uma horda de Fúrias que haviam perdido todo senso crítico. É mitologicamente justo dizer que as mulheres estão mais em harmonia com as idéias em seu estado nascente do que os homens. Nelas encontram mais liberdade, podendo ainda comunicar-se com os conteúdos reprimidos do Inconsciente que começam a emergir. Muitas civilizações conhecem a mulher sacerdotisa, vidente, médium que sabe "farejar o evento" e predizer como será o tempo ou quais serão os acontecimentos futuros.

No conto, a tarefa da mulher é a de trazer de volta ao campo da relação humana um conteúdo que ali se encontrava anteriormente, os cisnes ou os corvos. Para isso, ela

Digitalizado com CamScanner

não poderá falar ou rir durante 6 anos, e deve confeccionar camisas estelares. É opondo essas camisas às camisas da feiticeira que poderá resgatar os irmãos. O encantamento e sua anulação são freqüentemente praticados nos Contos de Fadas por meio de uma vestimenta ou de uma pele de animal, uma pele de lobo ou de urso por exemplo, com a qual se cobre a pessoa concernida. Em muitos contos, é preciso apoderar-se rapidamente da roupa mágica ou da pele de animal. A pele ou a roupa representam a forma pela qual uma pessoa se conduz, ou então são a máscara, a *Persona* sob as quais alguém se esconde. Quero ter uma aparência diferente do que sou; neste caso a roupa torna-se um disfarce, a personagem que quero mostrar aos outros. As numerosas cerimônias místicas em que os participantes aparecem completamente despidos são aquelas em que se revela a verdade nua. Por outro lado, a roupa pode ser a representação fiel daquilo que se é, a manifestação autêntica da pessoa. Parece que a maioria das pessoas tem a impressão de ser apenas uma massa informe e vaga de pensamentos e ações, é difícil para elas exprimir-se e permitir que os outros as situem. Se somos presas de uma emoção, devemos exprimi-la; as pessoas muito introvertidas, entretanto, pensam que o outro deveria ser suficientemente perspicaz para adivinhar seu estado de espírito: ficam escondidas debaixo da pele de animal e não conseguem mostrar ao outro o que temem, o que lhes desagrada ou o que pensam dele. Quando, invadidos pela emoção, somos incapazes de exprimir e dizer o que a está provocando, nos transformamos em animais. É preciso que o afeto seja diferenciado e integrado para que possa ser exprimido.

Existem muitas formas de despir-se da pele de animal e voltar a ser humano. Pode ser de importância vital para alguém o ato de comunicar uma emoção ou uma resistência. Os filhos devem poder expressar as resistências que experimentam em relação aos pais, assim como os pacientes em relação ao analista. A questão é a de saber se lhes é possível alcançar uma expressão que possa ser humanamente aceita. A emoção é então parcialmente descarregada de seu conteúdo de agressividade, mordacidade e veneno. Se a formulação encontra uma forma humana, só uma pessoa desumana a repudiará. Mas pode ocorrer que nos deixemos levar pela emoção agressiva e que a expressemos de forma por demais brutal. Alguns pacientes desconfiam

Digitalizado com CamScanner

tanto de sua agressividade, que exprimem por escrito sua resistência, o que é ineficaz, pois enquanto estão lendo seus textos de maneira bastante gentil, não podem impedir que suas vozes se modifiquem ou que qualquer outra coisa suceda, traindo sua agressividade. Como no nível do sentimento o problema não foi resolvido, o analista se sente atacado de maneira injusta e desumana. Convém então olhar de frente as resistências do paciente e procurar estabelecer com ele o que, em nós mesmos, pôde eventualmente provocá-las, ou ainda o que faz parte de seus próprios problemas e de uma fase negativa da transferência. A despeito das aparências, a emoção não foi dominada. Numa relação, a dificuldade está na necessidade de humanizar-se até o nível mais profundo da vibração física; não chega dissimular-se por detrás de uma aparência cortês. Ainda que afirmemos que nos mostramos muito polidos e desprovidos de agressiviade, a carga afetiva estragou a atmosfera; como as duas pessoas em presença também são animais, uma e outra recebem as descargas psíquicas. A humanização de tais dinamismos arquetípicos é um dos aspectos da Individuação, pois ela supõe a dificuldade na tomada de consciência e na integração. Mitologicamente, essa humanização dos conteúdos inconscientes tem por correspondente a grande tarefa que consiste em devolver à vida humana uma pessoa enfeitiçada. É o tema da redenção que figura em todas as Mitologias. O que caracteriza a redenção religiosa é o retorno do ser humano à plenitude de sua condição. Tocamos aí no profundo mistério da evolução interior.

A confecção das camisas estelares figura um trabalho assíduo que se estendeu por muitos anos e se efetuou no nível interior mais profundo, com o máximo de concentração. Psicologicamente, essa tarefa consiste em descobrir o meio que permita a inserção na vida, de maneira humana, dos conteúdos inconscientes irracionais, representados pelos cisnes, de uma forma que não perturbe ou desintegre o universo consciente. No processo de integração, dar um modo de representação adequado aos conteúdos inconscientes significa realizar uma obra artística e criadora. A arte do poeta ou do pintor consiste em representar um conteúdo do Inconsciente de maneira a poder manifestá-lo aos olhos da sociedade. Os artistas, assaltados por cargas afetivas demoníacas, as traduzem em formas que possam

Digitalizado com CamScanner

ser humanamente aceitas: a obra resultante é a afirmação razoável de uma diferença. Se, algumas vezes, isso é apenas o resultado de uma possessão pelo Animus ou pela Anima, o que funda a crítica ou a resistência pode ser, igualmente, uma afirmação verdadeira de si mesmo. Resguardar-se da *participation mystique* e do instinto gregário representa um aspecto da Individuação.

Podemos então nos iludir aos tentarmos vencer uma resistência. Vi muitos pacientes cairem nessa armadilha: eles lutam contra seus Animus ou suas Animas, reagem contra suas emoções e julgam que é inútil mencioná-las durante as sesseõs. Isso, entretanto, é uma ilusão! Mesmo que acreditemos que as emoções foram superadas, seria bom que disséssemos: "Na semana passada senti uma resistência terrível, estava furioso com você e não queria mais voltar: finalmente compreendi que isso não era objetivo." Se estamos em contacto com alguém e sentimos ódio por essa pessoa durante semanas antes de podermos ultrapassar esse sentimento, por que não falar sobre isso? Não fazê-lo é desumano. Ainda que a resistência comporte geralmente uma boa dose de projeção, o analista também tem a sua parcela de responsabilidade; sendo assim, é importante que conheça a origem do drama. Se o paciente exprime sua passada emoção, o analista saberá em que sentido deverá modificar a sua atitude; além disso, poderá trabalhar o problema do paciente e procurar a causa de suas projeções negativas. Pretendendo que uma vez vencida a resistência é inútil voltar a ela, colocamos um espécie de barreira na relação.

Penso que uma atitude cristã de bondade pode mascarar as dificuldades e eliminar a possibilidade de uma relação verdadeira. O amor de São Paulo, que "tudo suporta", se transforma em pessimismo cego se o compreendemos como o ato de suportar passivamente e em silêncio o sofrimento de nossas próprias resistências, quando o destino nos oferece a oportunidade de compartilhá-lo.

Gostaria de acrescentar algumas palavras a respeito dos feitos que as jovens dos contos *Seis Cisnes e Sete Corvos* devem realizar para libertarem seus irmãos. Evocamos anteriormente o tema das camisas feitas de flores estreladas que permitem que os pássaros recuperem sua forma humana. A fabricação destas roupas está relacionada ao ato de

Digitalizado com CamScanner

dar um modo de representação humana aos conteúdos do Inconsciente, permitindo sua integração nesse nível. Esses conteúdos são de natureza emocional e, sobretudo, espiritual: idéias que sobem do Inconsciente. Procedem geralmente tanto do emocional como do espiritual porque a emoção vem freqüentemente acompanhada do pensamento e, reciprocamente, uma idéia vinda do Inconsciente contém em geral uma dose importante de emoção. O tecido das camisas é composto de flores estreladas que crescem nos bosques ao pé das árvores, no musgo, lá onde existe um raio de sol; essas pequenas flores bem simples de caules quase sem folhas, as anêmonas, são chamadas em alemão "*Sternblume*", flor de estrela. São de um branco esverdeado e parecem estrelas caídas no musgo silvestre; estrelas que crescem na terra em lugar de brilhar no Céu.

O tema de estrela que vem de baixo é arquetípico e tem uma grande importância no pensamento alquímico. Paracelso, o médico e grande alquimista suíço, e um de seus alunos, Gérard Dorn, freqüentemente citados por Jung em suas obras sobre a Alquimia, levantaram a hipótese de uma correspondência entre as estrelas e as plantas. Essa idéia tem sua origem nas concepções aristotélicas e árabes medievais, segundo as quais toda planta ou flor, por ser a imagem terrestre de uma constelação, tem uma correspondência astrológica. Encontramos no segundo plano dessa concepção a teoria das *signaturae rerum*[8]. Dorn elaborou uma obra alquímica na qual podemos ver a Imaginação Ativa. O autor não utiliza a pintura ou a escritura, mas mesclas de substâncias, nas quais projeta o simbolismo do Processo de Individuação. Segundo ele, é essencial, numa determinada etapa do trabalho, "elaborar os céus inferiores". Para esse fim, recomenda a extração da lia do vinho velho e do tártaro (depósito salino que o vinho deixa nas paredes dos tonéis) seguida de sua destilação até que produzam um líquido de cor azul: os céus inferiores terão sido assim engendrados. É preciso então acrescentar estrelas, o que se pode fazer acrescentando ao líquido, entre outras coisas, flores amarelas, as *Cheyri*. Cozinha-se tudo e o resultado corresponde ao último estágio da confecção da

8. Cf. C.G. Jung, *Psychologie et Alchimie*, trad. cit., *passim*, assim como *Paracelsica*, em *Synchronicité et Paracelsica*. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

Pedra Filosofal, ou seja, a união última com a totalidade da natureza cósmica. Uma vez estabelecidos os céus inferiores, estamos com efeito unidos ao *unus mundus*[9], a natureza cósmica divina.

Na medida em que podemos penetrar o pensamento de Dorn, sua idéia teria sido a seguinte: antes de criar o mundo, Deus o concebeu em Seu espírito; tal era a doutrina universal. Como o bom arquiteto que elabora uma planta antes de empreender uma construção, Deus concebeu uma imagem mental do mundo e de seu conteúdo antes de desenvolver as suas múltiplas realizações na matéria. Essa soma de conceitos é identificada na teoria escolástica à figura feminina arquetípica da Sabedoria de Deus, que foi chamada a soma dos *typi* ou das *idéias arquetípicas*. Dorn qualifica esse mundo conceitual divino de *unus mundus*; a harmonia do Cosmos é devida ao fato de que a multiplicidade dos objetos só passa a existir através da realização desse plano único. Antes que esse modelo do mundo se materializasse não havia objetos distintos como no mundo que conhecemos, e sim uma espécie de acumulação de germes num líquido, ou qualquer coisa parecida. É assim que a unidade do divino se refletia na matéria. Esse mundo uno que se dissimula por detrás das aparências de nosso mundo concreto é o Cosmos ao qual o Alquimista se une, e com o qual forma uma unidade. Isso não se realiza entretanto à maneira dos panteístas, cuja idéia era a de tornar-se uno com o mundo físico presente; para Dorn, trata-se da união com o germe da unidade que se esconde por detrás da multiplicidade da existência presente[10].

O Taoísmo chinês contém uma noção similar. Quando o homem iluminado, o mestre taoísta, está em Tao, ele vive não no nível da própria realidade, mas de seus germes. No hexagrama 16 do *I Ching*, é dito: "Firme como uma pedra". A Pedra Filosofal, o sábio, "reconhece os germes e age com presteza". Pode ocorrer que uma forma de Mal só exista ainda no nível arquetípico, que esteja "no ar", só vindo a

9. Cf. C. G. Jung, *Mysterium Conjunctionis*, trad. cit., vol. 2, VII[e] parte, e M.-L. von Franz, *Nombre et Temps*, trad. cit., *passim*. (N.T. ed. franc.)

10. Ver M.-L von Franz, *Nombre et Temps*, trad. cit., cap. XIII e XIV e *Aurora Consurgens*, trad. fr., La Fontaine de Pierre, 1982, III[e] parte, cap. I (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

encontrar ulteriormente sua representação num crime individual ou numa agressão coletiva. Quando o fato se produz, é tarde demais, já não se pode voltar atrás, como se poderia ter feito quando o Mal estava em estado de germe. Quando ele está inconscientemente constelado e não iniciou sua realização, ainda é possível agir sobre ele. Nesse estágio, podemos influenciar o destino se o compreendermos e nos dermos conta do que está se preparando. O homem sábio é aquele que reconhece os germes; ele está em condições de perceber o que se desenrola no Inconsciente, por trás da tela das aparências; pode, portanto, exercer sua ação sobre os acontecimentos e levá-los a uma melhor direção ou uma condição criadora. Estando em relação com o mundo invisível que está na base da manifestação, pode agir a tempo. Encontramos essa mesma idéia no alquimista que se une ao *unus mundus*, à totalidade das constelações arquetípicas escondidas por detrás da realidade. Ele as conhece, está em relação imediata com elas: ali se encontra a fonte de energia que lhe confere uma influência criadora sobre o desenrolar do devir.

O termo "constelação" originou-se de *stella*, estrela. Da mesma forma que uma constelação é um conjunto de estrelas dispostas numa certa ordem, uma constelação psicológica é um conjunto de conteúdos psíquicos. Quando um elemento X, totalmente desconhecido, se nos apresenta sob uma forma complexa, falamos: "Tal problema, tal situação é constelada". Queremos dizer com isso que quando esse conjunto de conteúdos inconscientes está ativado, atinge o limiar da Consciência; ele surge interiormente sob a forma de sonhos, visões, fantasmas, mas também pode surgir exteriormente sob a forma de acontecimentos sincronísticos. Imaginemos uma paciente que sonha, de maneira excepcional e inesperada, que está ameaçada pelas ondas do mar, por um leão, ou qualquer outro perigo, quando, conscientemente, sofre apenas da monotonia da vida e de suas dores de cabeça. O Inconsciente anuncia uma constelação emocional arquetípica, um X que ainda não se manifestou exteriormente. Ele é registrado mentalmente, a Análise prossegue e os meses passam; temos, entretanto, a sensação de que esse terrível ataque de Libido, corresponde às ondas e ao leão, permanece latente. Eis que um dia um homem charmoso aparece e convida essa mulher para um aperitivo. Suas dores de cabeça desaparecem, mas o marido

Digitalizado com CamScanner

sonha com um acidente de trânsito, e ela, com ladrões: podemos dizer que o problema, escondido até então, está agora constelado.

Anteriormente ela passava o seu tempo a olhar pela janela, alguma coisa dentro dela a sufocava, procurava suscitar calor, um conflito, uma aventura, vida. Compreender esses sonhos de vaga sísmica ou de leão seis meses antes, teria significado conhecer os germes. No momento de seu encontro com o homem, a situação se constela e faz sua aparição no mundo exterior. Uma certa ordem preexiste numa constelação desse gênero. Um Arquétipo implica ordem, organização: podemos distinguir nele uma direção, uma raiz, e também, de certa forma, imaginar qual será o seu rumo. A elevação do mar é a imagem da escalada dos conteúdos inconscientes profundos daquela mulher, e sabemos que o simbolismo do leão pode ter diversos sentidos. Dependendo da maneira como o Consciente do sujeito acolhe esses conteúdos psíquicos, a situação poderá levar a uma banal história de amor, um divórcio, ou então à perturbação psicótica, à tentativa de suicídio ou a um transbordamento de emoção com o sofrimento e a abertura de consciência que o acompanham – é impossível prever. O único motivo que podemos pressupor é que a vida nos anos por vir não decorrerá sem abalos: vimos que, por detrás do termo "constelação" se esconde todo um mistério.

Verificamos que etimológicamente "constelação" tem sua origem na Astrologia. Como observa Jung, a Astrologia é uma tentativa medieval de descrever o sincronismo de maneira científica, por meio da observação de acontecimentos celestes sincrônicos. As estrelas apresentam uma maravilhosa combinação de ordem e desordem na coexistência de acontecimentos regulares e irregulares, como os meteoros.

Costurar uma roupa para livrar seres humanos da forma animal da qual são prisioneiros seria fornecer-lhes um modo de manifestação humano, mas para isso utilizar uma constelação arquetípica, estrelas, é no mínimo paradoxal: com efeito, é de certa forma por meio da confecção de uma constelação arquetípica que ajudamos os conteúdos inconscientes a encontrarem uma expressão humana. Quando interpretamos corretamente um sonho ou um mito, o que fazemos senão amplificar os materiais oníricos e as associações do sujeito do sonho enriquecendo-os com outros temas arquetípicos pertencentes à mesma constelação?

Digitalizado com CamScanner

Utilizamos os temas arquetípicos como flores de estrelas para permitir a integração do conteúdo onírico. Estudamos a Mitologia visando um conhecimento suficiente das constelações arquetípicas para podermos costurar as camisas destinadas aos conteúdos de nosso próprio Inconsciente e o de nossos pacientes. É assim que trazemos à Consciência os conteúdos psíquicos, e os humanizamos.

Em regra geral, as flores também têm relação com os sentimentos. Um homem oferece flores a uma mulher para exprimir-lhe seu amor; as levamos para os amigos que nos convidam às suas casas, exprimindo através delas o nosso reconhecimento. Elas marcam nascimentos, casamentos, enterros, etc. É conhecido de todos que a rosa simboliza o amor e o Eros. Em vez de recorrer a essas flores-estrelas para salvar os irmãos, a jovem teria podido igualmente fabricar um objeto com o auxílio de pedras ou qualquer outro material. O fato de utilizar flores ressalta a necessidade feminina de realização de uma constelação arquetípica no plano do sentimento; na mulher, com efeito, a realização interior se faz pelo sentimento; é neste domínio que lhe vem a iluminação. Ela faz o seu trabalho instalada numa árvore, sem dúvida para proteger-se dos animais selvagens, como ainda se faria na África por exemplo. Nossos primos os macacos, preocupados com sua segurança, passam as suas noites nas árvores. Como se elevam acima do solo, nelas se está relativamente ao abrigo da maioria das espécies de serpentes ou de outros animais perigosos. Em Religião Comparada, entretanto, a árvore e o ato de nela subir significam aproximar-se do Céu, na mesma forma que subimos ao cimo de uma montanha para conversar com os Deuses e os espíritos celestes. Mircea Eliade em *Le Chamanisme*,livro aqui citado, descreve como, no momento da iniciação, o Xamã siberiano sobe uma bétula, de onde fala com os Espíritos. Num estado de êxtase, no decurso de um "vôo" ou de uma viagem mística, ele entra em relação com o outro mundo e recebe a iluminação. É assim que ele é iniciado. O instrutor Xamã sobe numa bétula alta, o discípulo numa outra menos alta, e uma corda é estendida entre as duas árvores, ao longo da qual o mestre envia ao novo iniciado todos os objetos que necessita para sua atividade: o tambor, o cinto, os amuletos, etc., enquanto que as forças celestes lhe transmitem os poderes que lhe serão posteriormente necessários para o cumprimento de sua missão de

Digitalizado com CamScanner

Xamã. Os Xamãs, os Homens-medicina, assim como outras pessoas do gênero, são os únicos ligados ao outro mundo, e seu laço mágico com ele é simbolizado pela corda que o novo Xamã recebe na árvore de sua iniciação. Quando ele desce da árvore, uma grande festa é celebrada. O êxtase e a relação com o outro mundo significam que está ligado e "encordoado" ao seu próprio crescimento psicológico; dito de outra forma, ao seu próprio Processo de Individuação.

A história verídica que se segue ilustra a maneira como esse Arquétipo pode manifestar-se ainda em nossos dias. O fato se passou nos Estados Unidos. Um jovem de cerca de 16 ou 17 anos estava à beira da esquizofrenia. Os pais, assustados com seu estado, o confiaram a um tio, fazendeiro nas planícies do Middle West, na esperança de que um trabalho duro o curaria. Lá chegando, em vez de começar a trabalhar o garoto preparou uma reserva de alimentos e subiu numa árvore, onde construiu uma espécie de ninho. Em lugar de chamar um psiquiatra ou de insistir sobre a necessidade do trabalho, o fazendeiro exclamou: "Que o Diabo o carregue! Se ele quer se instalar numa árvore que o faça!" – e o deixou em paz. Ninguém foi incomodá-lo, senão para levar-lhe comida. Após 3 ou 4 semanas sentado em seu ninho na árvore desceu em plena posse de sua razão: a crise tinha acabado e ele estava em boas condições. Saíra-se muito bem. O que havia acontecido? Tinha desposado o impulso arquetípico e tivera a sorte extraordinária de que pessoas bem intencionadas não o tivessem impedido de fazê-lo. Em sua árvore pôde sem dúvida entrar em intenso contacto com o Inconsciente Coletivo e viver uma experiência excepcional, equivalente a uma iniciação xamânica. Se o tivessem impedido, provavelmente teria sido preciso interná-lo. Esse menino teve instinto suficiente para se preservar da loucura, entregando-se à sua experiência interior. Permanecer sentado numa árvore significa afastar-se da realidade, retirando-se ao interior mesmo do que é ameaçador. É como se, em lugar de evitar o que constitui uma ameaça, justo ali refugiássemos, confiantes. O que impede que nos entreguemos a esse gênero de experiência é o temor de perder todo contacto com a realidade; quando porém o fazemos voluntariamente, o conteúdo ameaçador torna-se uma segunda matriz na qual um renascimento pode ocorrer. A árvore tem, com efeito, um aspecto maternal. Em muitos países acredita-se que as crianças nascem

Digitalizado com CamScanner

das árvores; também subir numa árvore e dela descer simboliza o processo de renascimento espiritual. Dizemos a respeito das pessoas que se encontram momentaneamente numa situação difícil, que estão "empoleiradas numa árvore". Vemos igualmente crianças perfeitamente sadias construindo um ninho e brincando de viver numa árvore. Isso faz parte de seu mundo de magia e imaginação, e pode auxiliá-las a atravessar uma difícil mutação.

Durante todo o tempo em que a jovem do conto fica empoleirada em sua árvore não deve falar ou rir, o que freqüentemente é de regra nos períodos de incubação. Nos ritos primitivos correspondentes, os meninos ficam em geral fechados numa cabana, numa gruta, ou isolados na floresta, onde são forçados ao silêncio. A palavra "místico" vem de *myo*, conservar a boca fechada, guardar segredo. A criança divina dos Mistérios de Elêusis era representada com um dedo sobre a boca. Colocar o dedo nos lábios significa respeitar o mistério sobre o qual devemos guardar silêncio. O silêncio consciente do místico difere do silêncio que se impõe de maneira involuntária e inconsciente. Quando um conteúdo emocional latente é constalado e submerge o Consciente, deixa o sujeito mudo. Todos vivemos esses estados de emoção durante os quais não se consegue falar. Quando um analisando entra em contacto com um Complexo emocional que lhe rouba a palavra, não é por falta de boa vontade que não fala sobre ele, e sim porque isso lhe é completamente impossível. Pode suceder que os elementos em causa não se revelem senão muito tempo depois. O estado catatônico não é senão a manifestação extrema desse estado. Mas se decidimos conscientemente calar qualquer coisa a fim de guardá-la em nosso interior, permitindo assim que cresça sem que seja perturbada ou contaminada pela opinião corrente da Consciência coletiva, o silêncio torna-se a qualidade graças à qual um mistério é conscientemente preservado, e se transforma numa atividade religiosa consciente. O silêncio protege os conteúdos do Inconsciente contra a incompreensão coletiva, tanto interior quanto exterior. Todos possuímos em nós mesmos a intepretação banalizante, a reação do "é apenas..." pela qual corremos o risco de paralisar importantes conteúdos interiores. O ponto de vista atual, que tende a ver em toda experiência psíquica intensa ou em todo comportamento que saia do comum uma perturbação mental, é o sintoma

Digitalizado com CamScanner

mais corrente desse estado de espírito. Acontece o mesmo no que concerne a inspiração criadora: quem realizou uma obra sabe que não se deve discutir uma idéia criadora *in statu nascendi*, ou seja, em seu estágio de gestação. Um escritor não deveria submeter o que está escrevendo a pessoas de senso crítico por demais aguçado. Habitualmente ele sabe reconhecer o momento em que a obra está nesse estado delicado de crescimento, em que deve permanecer escondida. Se alguém emite essa simples apreciação: "Ah, sim ... está muito bom", essa única e breve hesitação pode ser suficiente para quebrar o élan e interromper a obra,que exige uma extrema delicadeza enquanto não está terminada. Nada impede o próprio olhar crítico em relação à criança depois de seu nascimento, ou sua apresentação aos outros, pois então já existe uma certa distância: quando entretanto, ela está apenas parcialmente formada não se deve expô-la, da mesma forma que não se expõe uma criança que ainda se encontra no ventre materno.

É nesse retiro que o rei descobre a jovem; ele a conduz ao seu palácio e a desposa. Mas ela mantém o silêncio, mesmo após o nascimento de seus filhos. Rainha, ela mantém em segredo essa segunda ocupação que todos ignoram e continua a trabalhar para a libertação dos irmãos; essa vida dupla acarreta mal-entendidos e falsas interpretações da parte dos que a cercam. A sogra má tira-lhe os filhos e a acusa de tê-los matado. Esse tema aparece por volta da metade do século XIII e pode ser encontrado em muitas variantes de Contos de Fadas, bem como em histórias folclóricas de diferentes países. É portanto indubitavelmente fundamental e característico, ou, dito de outra maneira, arquetípico. De qualquer forma os diversos Contos mostram que essa situação dramática não resulta de uma única causa ou constelação. Ela pode ser provocada por um Complexo pai ou um Complexo mãe negativos, ou por diferentes outros Complexos ou constelações arquetípicos, mas seu desenlace é relativamente constante. O problema aqui está de alguma forma relacionado ao rei, a dominante do Consciente Coletivo, pois a heroína do conto é rainha. Embora esta seja fecunda e tenha preenchido normalmente sua vida de mulher, alguma coisa continua se desenrolando nos bastidores: um processo interior paralelo que leva a dificuldades exteriores. Algumas vezes a sogra consegue afastar o rei de sua esposa, que fica então reduzida a um

Digitalizado com CamScanner

completo isolamento; sua tarefa consiste em guardar um silêncio heróico: a tensão da situação não a decide a revelar seu segredo, apesar da ameaça que pesa sobre a sua vida. Suporta a incompreensão de seu círculo e consagra todos os seus esforços a preservar sua vida religiosa. Sua situação é comparável à de Job que, na hora de sua depressão mais profunda e de seu sofrimento mais intenso, estava cercado de amigos indubitavelmente cheios de solicitude, mas que procuravam impor-lhe uma interpretação coletiva errônea da situação. Em nossos dias as pessoas dirão que o sujeito se agarra às suas idéias imaginárias e mórbidas, quando para ele (ou ela) é uma questão de lealdade religiosa em relação a Deus e a si mesmo. Em linguagem psicológica, nos perguntaríamos se tudo isso não seria fantasma ou possessão pelo Animus (ou pela Anima). É extremamente difícil confiar na certeza interior instintiva que confirma a veracidade do que sentimos quando estamos dilacerados pela dúvida e não sabemos verdadeiramente se é a Natureza autêntica que está falando. Suponhamos, por exemplo, o caso de uma mulher que está amando um homem e este a decepciona num dado aspecto de seu relacionamento. Uma voz interior censura a sua loucura e fraqueza, pretendendo que deveria parar de vê-lo, ao passo que uma outra lhe assegura que nesse momento é ali que se encarna o seu Animus, que a vida passa por essa relação, ainda que ela seja insatisfatória, se encarada sob o ângulo racional. Depois, uma terceira voz lhe sopra que está se prendendo a um falso problema. Em geral, o Processo de Individuação de uma mulher passa por essas fases. Quem pode então dizer o que é justo? Os sonhos trazem um auxílio eficaz, mas nem sempre são evidentes; como Job, coberto de pústulas em meio às cinzas, nos encontramos sozinhos e sem conselho. É nesse estado de sofrimento, de dúvida e de busca da verdade interior que um ser tem a oportunidade de descobrir uma relação imediata e pessoal com a divindade, até então estrangeira.

Manter o segredo do diálogo interior, impedindo que forças profanas o violem e destruam, é um dos derradeiros combates vitais no Processo de Individuação. Em nosso conto esse combate vai tão longe que a heroína é condenada a ser queimada como feiticeira, permanecendo todavia fiel à exigência interior. A solução surge de maneira clássica, "por acaso", ou, poderíamos melhor dizer, por Sincronicida-

Digitalizado com CamScanner

de. Decorridos os 6 anos os cisnes retornam: ela lança as camisas sobre eles, libertando-os, o que a deixa também livre para agir em conformidade com a situação. Entretanto, como não tinha podido terminar a última manga da camisa, o irmão mais novo conserva o braço esquerdo em forma de asa de cisne. Poderíamos dizer com Goethe:

"*Uns bleibt ein Erdenrest, zu tragen peinlich*" – Algo terrestre, difícil de carregar, em nós permanece – mas poderíamos igualmente dizer: "*Uns bleibt ein Himmelrest, zu tragen peinlich*" – Algo celeste, difícil de carregar, em nós permanece.

Na Índia, o Atman, o espírito divino, em particular sob a forma que permanece distinta da criação exterior e que se opõe ao Brahman, ainda que ambos sejam um mesmo espírito, é freqüentemente simbolizado pelo cisne. Diz-se que ele é semelhante a um cisne planando na superfície do mar com uma das patas mergulhadas na água e a outra suspensa no ar; afirma-se ainda que se retirasse as duas patas da água o mundo cessaria de existir. Maya, a ilusão do mundo, só prossegue porque o Atman não tira a sua segunda pata da água. No conto dos cisnes, poderíamos dizer que se onze doze avos do Atman estão neste mundo, através de uma asa uma pequena parte dele ainda se encontra no outro. Se essa asa esquerda tivesse se transformado em braço, não restariam mais em suspenso nem problemas nem questões. Trata-se de algo semelhante às interrogações religiosas, espirituais ou filosóficas que nunca poderão ser totalmente compreendidas e integradas, e que talvez não devam sê-lo porque de outro modo tudo se tornaria por demais claro e definitivo. Teríamos todas as respostas, o que equivaleria à fixidez, à morte. Quando, para interpretá-los, nos debruçamos sobre materiais inconscientes, temos uma espécie de intuição desse problema. Se a interpretação é demasiadamente superficial, temos a sensação de não termos alcançado a profundidade ou a essência do símbolo, ao passo que se ela vai fundo, chegamos a um ponto em que sentimos que já chega, mesmo que a explicação completa ainda não tenha sido alcançada. Nesse campo, o melhor nunca é o exame exaustivo do sentimento, e sim a percepção relativamente satisfatória. O fundamento arquetípico permanece um mistério inesgotável, que a melhor interpretação não pode resolver: uma asa continua no outro mundo e nunca poderá ser trazida por inteiro para o nosso. O Catolicismo ensina que todo dogma comporta

Digitalizado com CamScanner

simultaneamente um aspecto claro, compreensível, passível de ser debatido pelos teólogos, e um mistério que jamais poderá ser plenamente explicado. Uma questão espiritual permanece viva, ainda que tenha havido uma tentativa séria e satisfatória para trazer o conteúdo secreto do símbolo para a Consciência. Se considerarmos aqui os 6 cisnes como aspectos do Animus da mulher, isso significará que também o Animus sempre comporta um elemento de mistério, alguma coisa inexplicável, divina, que é o segredo tanto de sua beleza como de sua inépcia. O último irmão é um mutilado, portando uma estúpida asa de cisne, e uma só mão para agir. "Algo divino, difícil de carregar, em nós permanece." Ser inacabado é uma característica do fato de ser humano.

Irmãos e irmã se abraçam, a perseguição da sogra é desmascarada e ela é queimada como feiticeira: descoberta e dissipada a manifestação maligna da mãe negativa, o rei, a rainha e os 6 irmãos podem, a partir de então, viver unidos em paz, formando um grupo de 8 personagens, símbolo da totalidade.

A história dos corvos é ligeiramente diferente pelo fato da jovem empreender uma longa viagem em lugar de simplesmente subir numa árvore. Visita o Sol, a Lua, as estrelas, recebendo a ajuda da estrela da manhã: temos aí uma variante do tema arquetípico da viagem celeste, que é igualmente encontrado na Antiguidade, entre os Xamãs ou no livro de Enoch, da tradição judaica. A iniciação se faz no decurso de uma longa viagem, e é somente a partir do retorno à terra que se é profeta e Xamã, pois adquiriu-se no curso dessas experiências o conhecimento das coisas do outro mundo. Também os Alquimistas falam de uma peregrinação na qual são guiados por um Anjo até o firmamento, onde os poderes estelares os iniciam ao conhecimento e aos segredos da Grande Obra. Observaremos que nos contos relativos à Psicologia feminina, quando da busca da Heroína sob a forma de uma viagem celeste desse gênero produz-se com freqüência uma reviravolta dos valores habituais: o Sol é o poder mais maléfico, enquanto que a Lua é apenas relativamente nefasta, e a noite, com suas estrelas cintilantes, benéfica: isso é contrário à interpretação corrente, segundo a qual o Sol é a fonte da iluminação, e a noite o domínio dos poderes tenebrosos que devemos evitar.

Esse tema aparece sob essa forma na maioria das viagens iniciáticas relativas ao problema do Eros, do amor:

Digitalizado com CamScanner

quando se trata de procurar a iluminação espiritual e mental no outro plano, é o Sol que representa o mais alto valor. A águia e o leão, animais solares, aparecem nos Mistérios persas de Mitra, que datam da época de Cristo, assim como nos Padres da Igreja; na Alquimia temos a *solificatio*, herdada dos antigos Mistérios egípcios de Osíris[11], e que consiste na transformação do Alquimista, no decurso de sua iniciação, em Deus solar. O Sol é o símbolo da iluminação, do acesso à totalidade da divindade e do Self, o termo da iniciação e o símbolo mais positivo do Mistério. Mas aqui, como em muitos outros contos, o motivo é invertido, como na *Flauta Mágica* de Mozart, em que o príncipe diz à esposa: "Não confie muito no Sol ou na Lua; desça comigo para a obscuridade da noite." A obscuridade do Mistério é portanto, em alguns casos, o objetivo, sendo o Sol o poder que queima e destrói.

Recordamos que no conto *A Jovem sem Mãos* o rei devia cobrir o rosto com um lenço. Evoquei a esse propósito o tema do aspecto destruidor da Consciência em relação a certos processos da Psique. O poder mais benéfico para a jovem no decurso de seu périplo é a estrela da manhã, Vênus, deusa do Amor, com todo o simbolismo que acompanha essa divindade. É ela, Princípio de Eros por excelência, que lhe dá auxílio. Certos problemas não se resolvem quando levados à Consciência, mas somente quando aderimos inteiramente a nosso próprio sentimento. Essa adesão é muitas vezes fundamental no Processo de Individuação da mulher. Vênus dá à menina o osso curvo, com o qual poderá abrir o castelo de vidro onde se encontram prisioneiros os 7 corvos. O símbolo é importante. Podemos estabelecer um paralelo com o osso de frango, puxado em direções opostas por duas pessoas que, cada uma, formula um desejo que deverá ser mantido em segredo; quando o osso se parte, aquela que ficou com a maior parte terá seu desejo realizado. Existem muitas superstições relativas ao osso curvo. Na Idade Média havia o costume de introduzir uma coxa de rã num formigueiro; depois que toda a carne havia sido devorada pelas formigas, era utilizada

11. Cf. M.-L. von Franz, *L'Ane d'Or, Interprétation d'un Conte*, trad. cit., cap. XI e XII, A iniciação de Lucius aos Mistérios de Ísis e Osíris. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

para os encantamentos de amor. O osso curvo que Vênus dá à jovem tem, provavelmente, um sentido similar. Mal ousamos nos perguntar que relação pode haver entre um osso curvo e o amor! Ela certamente não é estranha ao fato de tentar agarrar o parceiro. Não dizemos a respeito da projeção positiva sobre o parceiro não cessará, mas permanecerá solidamente fixada no outro, que explica a persistência na utilização de um talismã como esse. A menina coloca em seu lenço o osso curvo que lhe fora dado por Vênus, mas o perde em seguida; após uma breve hesitação, corta o dedo mínimo e o utiliza à guisa de chave para abrir o castelo de vidro.

O fato de cortar o dedo implica um enorme sacrifício, o dom de um pedaço de sua própria carne, com toda a dor que o acompanha; a tarefa teria sido demasiadamente fácil na presença de Vênus. A magia não é suficiente, a jovem deve aceitar o sofrimento concreto e pagar com sua pessoa se deseja desenvolver-se e completar sua própria personalidade. Esta passagem apresenta ainda aspectos interessante: nos servimos dos dedos como ganchos; cortar um deles significa perder um gancho. Esse sacrifício situa-se portanto no nível dos desejos do Ego. O que é necessário sacrificar para encontrar verdadeiramente o amor é a tendência a intrigas que a mulher arrisca-se a mesclar a seus sinceros arrebatamentos amorosos. Faz parte de sua natureza "fiar" sonhos em que combina acontecimentos de maneira a que satisfaçam seus desejos. Isso começa pelo passeio no local onde ela espera que o encontrará, assim como pelo susto manifestado ao vê-lo, quando, de fato, tudo havia sido planejado desde a manhã.

Seccionar o dedo significaria renunciar radicalmente às projeções do Ego e aos seus ardis, aos seus complôs e às tentativas egoístas em vista de prender no anzol a criatura desejada. É legítimo desejar que o gancho seja forte, e que uma relação durável venha a ocorrer depois, mas manipular e forçar voluntariamente os acontecimentos não o é. O ponto crucial é saber se a busca do outro é indicada pelo Self; do contrário deve ser sacrificada. O dedo mínimo está relacionado a Mercúrio, à intuição: "meu dedinho me contou" é a frase utilizada para manipular o parceiro e levá-lo exatamente até onde desejamos. Não devemos esquecer que Mercúrio, o mensageiro dos Deuses, é também o Deus do comércio, do regateio e dos ladrões. O sacrifício do dedo

Digitalizado com CamScanner

seria o fim de toda maquinação ou projeto mercuriano, ou melhor, do mau uso que o Ego faz dele; seria cessar de se servir da inteligência da feiticeira para fins egoístas, pois a mulher que se utiliza desses ardis acredita que prendeu o homem no anzol quando, na realidade, ela própria o mordeu. Cai em sua própria armadilha e perde sua liberdade, de onde os muitos casos trágicos que encontramos nesse domínio. Algumas vezes uma mulher inicia uma Análise por motivos puramente egotistas: está interessada num homem que procurou reter sem sucesso, por ser extremamente neurótica. No entanto, um Diabo interior lhe sopra que se fosse inteiramente ela própria conseguiria o que deseja. Apresenta-se então com a intenção hábil e mercuriana de ter um sucesso imediato em pescar mais eficazmente esse homem; se seu projeto aborta, abandona a Análise, assim confessando que sua intenção era interessada. Temos aí uma guinada crucial e perigosa no Processo de Individuação da mulher. Amar alguém é sem dúvida inteiramente legítimo, mas seria preciso acrescentar "se Deus assim o quer", além de sacrificar os projetos de Ego e entregar-se por inteiro ao Self. Assim também quando um homem em Análise entra na confrontação com o Inconsciente, a Anima pode impor-lhe conceitos e uma representação do mundo que o repugnarão. Mesmo quando tem o sentimento íntimo de que o conhecimento que vai assim adquirir lhe é essencial, a questão é saber se deseja realmente, definitivamente, tornar-se objetivo. Na mulher, o passo importante é o sacrifício do Ego no amor, enquanto que no homem ele é freqüentemente relacionado às suas concepções do mundo ou sua posição social. A história demonstra que a jovem cumpre esse sacrifício seccionando o dedo para abrir o castelo de vidro.

O vidro ilustra um estado de isolamento parcial. Num castelo de madeira ou de pedra estamos presos por todos os lados. Num castelo de vidro vemos através e estamos mentalmente livres, ainda que emocional e fisicamente separados do exterior. O vidro, usado nas janelas sob a forma de vidraças, não é condutor: o calor, o frio ou a eletricidade não são capazes de atravessá-lo – é um bom isolante. Algumas vezes ouvimos pacientes dizerem: "Estou vendo o problema com muita clareza, mas não consigo senti-lo". Isso significa que nos sentimos em parte separados dos outros e da realidade exterior, não intelectual, mas

Digitalizado com CamScanner

emocionalmente; estamos como prisioneiros de uma parede de vidro: o espírito também pode ser uma prisão negativa. Suponhamos um caso concreto: um intelectual introvertido se apaixona por uma mulher. O Inconsciente deseja, por meio dessa experiência, confrontá-lo com a sua Anima, com o sentimento, com a vida. Mas o homem reage, dizendo: "Ela não é a mulher para mim, não é intelectual, é apenas ..." ou, se integrou mal Jung: "A Psicologia Junguiana qualifica isso de projeção. Vou portanto voltar para casa e realizar uma Imaginação Ativa com minha Anima." O que ele diz poderia ser inteiramente justo, está no espírito da Psicologia Junguiana, mas não está especificado que é preciso pô-lo em prática nessa circunstância específica. Assim agindo, o intelecto se transforma em prisão e obstáculo à vida. É paradoxal que o espírito libere aquele que está implicado de maneira demasiadamente emocional e aprisione o outro que não vive suficientemente. Mas ele também pode fazer um péssimo uso da Psicologia Junguiana!

O castelo de vidro permite ver a situação sem que saibamos o que fazer ou como agir. Assim, examinamos uma situação com o analista, a discutimos até chegar a um acordo, mas, o que mais pode ser feito além disso? Algumas vezes o analista procura quebrar o vidro, tentanto uma ofensiva no plano emocional; na maioria das vezes, porém, falta a inspiração necessária e nos vemos na contingência de confiar tudo ao destino, de esperar com paciência. Só o sacrifício é eficaz. No que diz respeito à mulher, nada a corta mais da vida, tanto interior quanto exterior, do que os projetos do Ego, pois neles existe uma espécie de mecanismo sem alma que pára a vida e interrompe o seu processo de desenvolvimento. Uma mulher que inicia uma Análise com o só propósito de tornar-se mais atraente e capacitada a prender um homem na sua rede, abusa com premeditação do espírito e fecha a porta a toda espontaneidade. Seus cálculos afastam de sua vida os acontecimentos irracionais e bloqueiam toda evolução.

No castelo, a jovem descobre os 7 corvos e o anão que os guarda. Este é ao mesmo tempo um serviçal e o proprietário do castelo onde eles vivem. Vimos que o anão é geralmente um símbolo do poder criador do Inconsciente e que, nas Mitologias grega e germânica, ele é um grande artesão. Sabemos que na Grécia certos anões que escoltavam a Deusa mãe eram chamados *Dáctilos* (dedos): são os dedos,

Digitalizado com CamScanner

fálicos, da Terra mãe. Aquilo que ligado ao Ego se exprime sob a forma de maquinações egotistas, se transforma, quando distinto do Ego e ligado ao Inconsciente, em energia criadora. A criatividade é a contrapartida positiva da intriga. Se a mulher se abandona ao espírito de planos e ardis, ela perde seus verdadeiros dons criativos; por isso precisa sacrificar o caráter predatório dos desejos do Ego nesse campo. Isso nos dá a chave da maldição dos irmãos da jovem, que representam os diferentes aspectos de seu Animus; compreendemos agora onde eles estão escondidos: escapando à dominação do Ego, retornaram ao Inconsciente e aguardam sua libertação perto de uma força criadora simbolizada pelo anão. Quando a heroína tiver sacrificado sua avidez e provado sua paciência e fidelidade a seu ser interior até as fronteiras da morte, suas forças criadoras retornarão num vôo rápido, e se humanizarão. Toda a Libido e a vitalidade mental que a heroína havia perdido reaparecem na sua Consciência. Por meio do anel, símbolo de totalidade e de união[12], os corvos estão novamente a ela ligados, retomam sua forma humana e, a partir de então, vivem felizes ao lado do rei e da rainha.

Das duas histórias, a segunda é a menos satisfatória: a jovem limita-se a voltar para casa com os irmãos; trata-se de um retorno à situação infantil precedente, e o anão é deixado para trás. No conto dos *Seis Cisnes*, a única marca infantil que permanece é a asa esquerda do irmão mais novo. Considerado desse ponto de vista, podemos afirmar que também na vida o Processo de Individuação nem sempre chega ao seu termo. Quando se trata apenas do "tratamento" de sintomas, quando o sujeito vai embora logo que eles desaparecem, ainda que os sonhos indiquem que outros desenvolvimentos estão em preparação no Inconsciente, tudo não passou de um incidente sem importância e nenhuma transformação essencial se produz. No entanto, podemos imaginar que mais tarde o sujeito será impelido do interior a prosseguir no Processo. Considerada de um ângulo mais positivo, essa asa que continua inalterada é aquilo que, no ser humano, permanece sempre em devir e o liga ao Inconsciente. É a abertura através da qual as

12. Cf. M.-L. von Franz, *L'Interprétation des Contes de Fées*, trad. cit., p. 100 e seg. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

sugestões do Inconsciente podem subir à Consciência e continuar a irrigá-la, levando-a à transformação. Sem essa asa de pássaro, o Consciente, após ter integrado um certo números de elementos inconscientes, correria o risco de imobilizar-se novamente nas posições adquiridas, de permanecer estático e de não mais progredir.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO VIII

A BELA WASSILISSA

Num reino distante vivia um mercador com a mulher e a filha única, uma bela menina chamada Wassilissa. Quando a criança estava com 8 anos, a mãe adoeceu gravemente. Chamou então Wassilissa e deu-lhe uma boneca, dizendo: "Minha filha querida, preste atenção às minhas últimas palavras e não as esqueça. Antes de morrer eu lhe dou a minha benção e essa boneca. Conserve-a sempre perto de você e não a mostre a ninguém; se algum dia estiver em dificuldades dê-lhe de comer e peça-lhe que a aconselhe." Beijou a filha pela última vez e morreu.

O mercador chorou a mulher durante algum tempo, mas depois decidiu casar-se novamente e escolheu uma viúva que tinha duas filhas. A nova esposa revelou-se uma verdadeira madrasta para Wassilissa: mandava que fizesse os trabalhos mais duros, esperando que o Sol e o vento lhe escurecessem a pele e a fizessem perder o viço. Mas Wassilissa suportava tudo sem se queixar e ficava dia a dia mais bonita, ao passo que a madrasta e as meias-irmãs, mesmo permanecendo sentadas o dia inteiro sem fazer nada, ficavam cada vez mais magras e amareladas por causa de seu ciúme. Enquanto isso, a boneca consolava Wassilissa e fazia o seu trabalho.

O tempo foi passando, Wassilissa cresceu, ficou ainda mais bonita, e era muito cortejada; foi, entretanto, proibida

Digitalizado com CamScanner

de casar-se antes das meias-irmãs, que não tinham nenhum pretendente. O mercador precisou então viajar para um outro país. Na sua ausência, a madrasta foi instalar-se numa casa que ficava na orla da floresta. Nesta floresta habitava Baba Yaga, que não permitia que ninguém se aproximasse de sua casa e devorava os imprudentes como se fossem frangos. A madrasta costumava enviar Wassilissa à floresta, mas, graças à boneca, ela sempre conseguia voltar sem problemas.

Numa noite de outono, a madrasta distribuiu trabalho entre as três adolescentes. Deu tricô para uma das filhas, bordado para a outra, e ordenou a Wassilissa que fiasse. Deixando apenas uma vela acesa para que as meninas pudessem trabalhar, foi para a cama. Quando a chama ficou fraca, uma das irmãs, fingindo que estava tentando avivá-la, a apagou de propósito; disse então que podia passar sem luz, pois suas agulhas de tricô lhe davam claridade suficiente, e a irmã a mesma coisa em relação à sua agulha de bordar; mesmo assim empurraram Wassilissa para fora, mandando que fosse buscar fogo na casa de Baba Yaga. A menina foi até seu quarto, deu de comer à boneca, como sempre fazia, e contou-lhe tudo. A boneca respondeu-lhe que não precisava ter medo, e que deveria levá-la consigo para que nada de mal lhe acontecesse.

Assustada, Wassilissa pôs a boneca no bolso, fez o sinal da cruz ao sair da casa, e entrou na floresta. Depois de algum tempo, encontrou um homem vestido de branco, montado num cavalo branco, e o Céu clareou. Surgiu então um Cavaleiro vermelho, e o Sol nasceu. Wassilissa caminhou o dia inteiro. À noitinha, chegou a uma barreira que cercava uma cabana feita de ossos humanos, com o telhado decorado de caveiras. As portas eram feitas de tíbias, e a tranca, de um braço humano; à guisa de fechadura, um maxilar zombeteiro. Wassilissa estacou, paralisada de terror. Surgiu então um outro Cavaleiro todo vestido de preto, montado num cavalo negro como a noite. Saltando de sua montaria, abriu a porta e desapareceu, como se tivesse sido tragado pelo chão; logo anoiteceu. Os olhos das caveiras se puseram então a cintilar e iluminaram tudo, como se fosse dia. Wassilissa, trêmula de medo, não ousava se mexer.

Pouco depois, as árvores começaram a balançar e Baba Yaga chegou, sentada num almofariz voador, remando com

Digitalizado com CamScanner

a ajuda de um pilão e apagando seus rastros com uma vassoura. Diante da porta, farejou o ar e exclamou que estava sentindo cheiro de carne fresca. "Estou aqui, avó – disse Wassilissa –, minhas metas-irmãs mandaram que eu viesse pedir-lhe fogo". "Muito bem – respondeu Baba Yaga –, eu conheço você. Fique, sirva-me bem e terá o fogo; caso contrário, a comerei."

Entraram unidas na cabana; Baba Yaga se jogou num banco e mandou que Wassilissa lhe trouxesse tudo o que havia no forno. Embora houvesse comida suficiente para 10 pessoas, a feiticeira devorou tudo, deixando para a menina apenas um pouco de sopa, toucinho e um pedaço de pão. Disse-lhe em seguida: "Amanhã, depois que eu sair, você vai varrer o quintal e a cabana, fazer a comida e lavar a roupa; depois vá ao celeiro e faça a triagem do trigo, grão por grão, separando os bons dos ruins. Que tudo esteja pronto até a minha volta, senão devoro você."

Quando Wassilissa ouviu Baba Yaga roncando na cama, ofereceu à boneca as sobras do seu jantar e, chorando, contou-lhe os seus problemas. A boneca respondeu: "Não tenha medo e vá dormir; à noite tudo parece negro, mas pela manhã as coisas ficam mais serenas."

No instante em que Wassilissa acordou no dia seguinte, os olhos das caveiras estavam se apagando; o Cavaleiro branco passou e o Sol surgiu. Ao ver-se sozinha, a menina se perguntou por onde iria começar, mas o trabalho já estava feito, e a boneca estava justamente acabando de separar os últimos grãos de trigo. Wassilissa agradeceu à boneca por tê-la salvo; esta respondeu-lhe que só estava faltando preparar o jantar, e que depois poderia descansar.

Ao anoitecer, o Cavaleiro negro passou e as caveiras se acenderam; Wassilissa pôs a mesa. Quando Baba Yaga chegou, perguntou se tudo estava pronto. "Veja com seus próprios olhos, avó", disse Wassilissa. Baba Yaga inspecionou tudo e ficou aborrecida por não encontrar nenhum motivo de reclamação. Então murmurou: "Está bom!" Depois chamou seus fiéis servidores e logo surgiram três pares de mãos, a quem ordenou que moessem o trigo. Baba Yaga comeu tanto quanto na véspera. Em seguida, ordenou a Wassilissa que repetisse o mesmo trabalho do dia seguinte, acrescentando que deveria ainda tirar as sementes de papoula do sótão e limpá-las.

Digitalizado com CamScanner

Mais uma vez Wassilissa foi pedir conselho à boneca e esta lhe respondeu que deveria agir como na véspera. Ao voltar à noite, Baba Yaga verificou que todo o trabalho tinha sido feito e chamou seus fiéis servidores para que extraíssem o óleo dos grãos de papoula.

Enquanto Baba Yaga jantava, Wassilissa a servia modestamente, em silêncio. "Por que não diz nada? – perguntou Baba Yaga – você é muda?" "É porque eu não ousava – respondeu a menina –, mas com sua permissão gostaria de fazer algumas perguntas". "Faça – respondeu Baba Yaga –, mas lembre-se de que as perguntas não são sábias: saber demais envelhece". Wassilissa indagou sobre os Cavaleiros e Baba Yaga respondeu: "O branco é o meu dia, o vermelho, o meu Sol, e o negro, minha noite". A menina estava intrigada com os três pares de mãos, mas não ousou questionar a ogra a esse respeito, permanecendo calada. "Por que não me pergunta mais nada?," disse Baba Yaga. "É o suficiente para mim – respondeu Wassilissa –, a senhora mesma disse, avó, que saber demais envelhece". "Está bem assim – concordou a feiticeira –, você questiona sobre o que viu do lado de fora, mas não sobre o que viu aqui dentro. Agora é a minha vez de fazer perguntas: como conseguiu cumprir as tarefas que lhe ordenei?" Wassilissa explicou: "A bênção da minha mãe me auxiliou." "Ah, se é assim – disse Baba Yaga –, vá embora, não quero ninguém que seja abençoado na minha casa!" Empurrou a jovem para fora da cabana e, colocando uma caveira com olhos de brasa na ponta de um bastão, deu-a à menina, falando: "Aqui está o fogo para as filhas de sua madrasta. Foi para isso que mandaram que viesse aqui!".

Wassilissa partiu apressadamente, chegando à casa da madrasta ao anoitecer do dia seguinte. De início pensou em se livrar da caveira, mas, ao ouvir uma voz, vinda de seu interior, dizendo que deveria ser levada para a madrasta, obedeceu, ainda mais que não via nenhuma luz dentro da casa.

Para sua grande surpresa, a madrasta e as meias-irmãs vieram amavelmente ao seu encontro. Explicando-lhe que haviam ficado sem fogo desde que havia partido: não tinham conseguido acender nenhum, e o que haviam trazido dos vizinhos se apagara. "Talvez – disse a madrasta –, o seu fogo não se apagará". Wassilissa entrou na sala com a caveira,

Digitalizado com CamScanner

e eis que seu olhar ardente mergulhou nos olhos da madrasta, como também nos de suas filhas; por mais que tentassem se esconder, o olhar as seguia por toda a parte e as consumia. Pela manhã, tinham sido queimadas até ficarem reduzidas a cinzas.

Ainda de manhã, Wassilissa enterrou o crânio, fechou a casa e retornou à cidade; ali, uma velha mulher a recolheu até a volta do pai. Um dia, a jovem disse à sua hospedeira que estava entediada por não ter o que fazer, e pediu-lhe que comprasse fibra de linho para fiar. Mas o fio que ela fiou era tão liso e fino que nenhum tear era adequado para tecê-lo. Wassilissa pediu ajuda à sua boneca e esta forneceu-lhe um tear tão preciso, que nele se poderia fiar até mesmo fios de aranha. No final do inverno, quando a peça de tecido estava pronta, a jovem a deu à velha mulher para que a vendesse e guardasse o dinheiro. A mulher levou o tecido ao Czar, que o achou admirável e perguntou o seu preço. A visitante respondeu que a obra era inestimável e que a trouxera para presenteá-lo. O Czar agradeceu-lhe, deu-lhe muitos presentes e a dispensou. Mas o tecido era tão fino que nenhum alfinete ou costureira foi capaz de utilizá-lo. O Czar mandou buscar a velha, e lhe disse: "Visto que você soube tecer esse tecido, deve ser igualmente capaz de costurá-lo". Ela confessou então que o tecido tinha sido obra de uma jovem que havia recolhido em sua casa. "Muito bem – disse o Czar –, que ela confeccione também as camisas." Wassilissa fez uma dúzia de camisas magníficas, e a velha as levou para o Czar. Enquanto isso, a jovem, que era perceptiva, banhou-se, penteou-se, vestiu suas melhores roupas e foi esperar na janela.

Pouco depois, apareceu um serviçal anunciando que o Czar desejava ver aquela que havia feito suas camisas, para recompensá-la pessoalmente. Wassilissa o seguiu até o palácio. Logo que Czar a viu, apaixonou-se e pediu que fosse sua mulher. Segurou sua mão, fez com que se sentasse ao seu lado e, no mesmo dia, se casaram. Não passou muito tempo e o pai de Wassilissa retornou da viagem; ficou muito contente com o feliz destino da filha e viveu para sempre ao seu lado. Também a velha mulher ficou com eles. Quanto à Czarina, manteve a boneca no bolso por toda a vida.

Este conto russo é bem mais rico que a maioria das variantes do tema da *Gata Borralheira*. Foi escolhido em

Digitalizado com CamScanner

virtude de oferecer uma boa descrição do problema-mãe, e ainda pelo tema da boneca. Aqui, as personagens do drama são o mercador, sua mulher e sua filha única. A mãe morre quando a menina está com 8 anos. Enquanto que, muitas vezes, a idade importante nos Contos de Fadas se situa por volta dos 15 ou 16 anos, época da passagem da infância para a adolescência, aqui a mãe morre quando a menina ainda é pequena e é substituída pela madrasta. Vimos que em geral as personagens que detêm o poder representam, nos Contos, as dominantes do Consciente Coletivo, ao passo que os Heróis são, quase sempre, príncipes ou pobres camponeses. Aqui, trata-se de um meio burguês; o pai é pois o símbolo de uma atitude coletiva média. Seu papel não tem nenhum relevo particular: não é nem bom nem mau, e só aparece no início e no fim da história, nos momentos em que a ação dramática é pouco intensa. Tudo se passa no domínio feminino. A primeira mulher do mercador morre subitamente. O fato de não ter nome, significa que representa o modo de vida feminino médio, o estilo habitual de comportamento que pode ser encontrado em todas as épocas e lugares. Produz-se, entretanto, uma peripécia, a partir da qual a vida não pode mais continuar seguindo as mesmas normas. A antiga forma consciente, a mãe, desaparece para ser substituída por forças mágicas opostas: a benção materna e a boneca protetora do lado positivo, e, do lado negativo, a madrasta e Baba Yaga.

Nas versões alemãs da *Gata Borralheira*, a mãe morre, é enterrada, e sobre seu túmulo cresce uma árvore de onde vem uma voz, ou sobre a qual mora um pássaro que aconselha a menina. A ajuda lhe vem da árvore. Numa versão irlandesa, ela encontra um gato mosqueado que lhe dá o que necessita. O tema central desses contos é que alguma coisa sobrenatural e numinosa sobrevive à morte da figura materna positiva e a substitui; uma espécie de fetiche, no qual se encarna o espírito da mãe. Entre os povos arcaicos, os espíritos dos ancestrais são freqüentemente assimilados a tais fetiches, através dos quais continuam a distribuir sua influência benéfica.

O que significa o fato da substituição de um ser humano por un gato, um fantasma ou um objeto mágico? Os conteúdos arquetípicos podem aparecer tanto sob uma forma humana, quanto sob a forma de outros seres, ou mesmo de objetos inanimados. Quando um conteúdo do Inconsciente

Digitalizado com CamScanner

se manifesta sob uma forma humana, isto significa que ele pode ser integrado num nível humano. Se o Animus aparece assim num sonho, podemos deduzir que ele está próximo da Consciência, e que é possível estabelecer uma relação com ele. A partir daí, podemos considerar como hipótese de trabalho que o sujeito tem uma idéia, pelo menos geral do que ele representa. Mas se uma mulher sonha com uma voz destrutiva, vinda do interior de um túmulo, ou de um objeto, o que também é da ordem do Animus negativo, podemos concluir que ela ainda não tem possibilidade de entrar em contacto com o que a voz exprime. Trata-se de um conteúdo relativamente autônomo, e conseqüentemente dotado de um poder que o mantém afastado do campo da Consciência.

A morte de uma figura arquetípica significa a sua despersonificação; os Arquétipos não podem morrer, visto que correspondem a disposições instintivas hereditárias; podem, no entanto, perder sua forma para adquirir outra. Quando se despojam de sua aparência humana, estão significando que não mais funcionam de forma a poderem ser facilmente integrados nesse nível. Aqui, o Arquétipo da mãe positiva morre na menina, mas resta a boneca que, ainda que não humana, simboliza a mais profunda essência da figura materna. A maioria das crianças vive numa certa relação de identidade arcaica com a mãe, sobretudo se seu relacionamento é bom. Na primeira infância, a menina fala com a boneca da mesma forma que a mãe fala com ela, chegando a imitar a sua voz e suas palavras. Muitas mulheres que têm um Complexo mãe positivo, cuidam da roupa, da cozinha, decoram a árvore de Natal, ou criam os filhos "como mamãe fazia", o que traduz o sentimento de que a vida decorre em paz e sem conflitos. O inconveniente é que isso constitui um obstáculo à Individuação da menina que se tornou adulta: ela adota o comportamento feminino positivo como um modelo típico, e não como indivíduo; fica assim incapaz de tornar real sua diferença específica em relação à mãe.

A morte da mãe significa pois, simbolicamente, que a menina toma consciência de que não pode mais identificar-se a ela, ainda que a relação positiva essencial e afetiva permaneça. A morte da mãe é portanto o início do Processo de Individuação. A menina deseja tornar-se um ser feminino positivo, mas à sua maneira pessoal, o que implica a necessidade de passar por muitas provas até atingir seu

Digitalizado com CamScanner

objetivo. A identidade arcaica mãe-filha é quebrada e o ser feminino toma consciência de seus limites. Aí está o problema crucial da Psicologia feminina: as mulheres, mais do que os homens, tendem a identificar-se com os modelos de seu próprio sexo, e a permanecer nessa identidade arcaica. nas escolas para meninas, por exemplo, as alunas imitam o novo penteado de uma delas, ou então sua maneira de falar, o que as transforma num rebanho de ovelhas, todas iguais. Processos análogos ocorrem em pequenas cidades, ainda assaz primitivas. Essa *participation mystique* arcaica exerce uma grande influência sobre as mulheres que, em geral, se interessam mais do que os homens pelos Eros e pelas relações humanas. O fato de terem dificuldades em se diferenciarem de outrem explica em grande parte, creio eu, sua "língua viperina": inconscientes de sua própria personalidade no que ela tem de único, gostam de falar mal das outras mulheres pelas costas, e de pregar peças maldosas para marcar a diferença!

As regiões montanhosas da Suíça conhecem a relação entre a boneca e a aparição, na personagem do duende *Doggeli* ou *Toggeli*. Essa espécie de fantoche, feito de raiz ou de pano acolchoado com palha, se anima e pode se voltar contra seu criador. O *Tunscheli* é uma marionete feminina que, tornando-se autônoma, acaba matando e escorchando aquele que entra no seu jogo. O homem solitário, que vive sem mulher, é assaltado pelo *Toggeli*, que entra pelo buraco da fechadura, o atormenta e, sentando-se sobre o seu peito, acaba por asfixiá-lo; ele é acordado pelo ruído de algo que arranha, por um pesadelo, por suas pulsões sexuais reprimidas. A boneca representa, neste caso, uma Anima primitiva, bem como os desejos e fantasmas que a acompanham. Penso que a idéia arquetípica de base que ela representa é igual à do fetiche, que pode ser encontrado em todo o mundo.

A boneca é, em geral, considerada um suporte para a projeção dos fantasmas de maternidade da menina; com efeito, se observarmos as suas brincadeiras, veremos que elas imitam a relação mãe-filha. Mas este não parece ser o único aspecto da boneca, pois, nos primeiros anos, ela tem sobretudo um valor de objeto divino. Muitas crianças com idade entre 2 e 4 anos, não conseguem adormecer sem uma fralda, um urso de pelúcia ou qualquer outro fetiche colocado ao lado de seu travesseiro, ou em qualquer outro lugar; se ele não estiver ali, a criança se sente exposta aos perigos

Digitalizado com CamScanner

da noite e não pode dormir. Nesse estágio, a boneca ainda não é a filha da menina, mas seu Deus, como as pedras-espíritos da Pré-história. Em épocas muito antigas havia o que denominamos esconderijos – muitos deles foram encontrados na Suíça. Cavava-se um buraco no solo, onde se colocava pedras de uma certa forma, como numa espécie de ninho; o local era mantido em segredo, e o todo simbolizava o poder escondido de seu possuidor. Os aborígenes australianos têm esconderijos como esses.

Heyerdahl, em seu livro *Aku-Aku*, relata que, depois de ganhar a confiança da população da Ilha de Páscoa, descobriu que certas famílias mantinham escondida sob uma pedra uma chave que abria um alçapão no solo. Um único membro da família conhecia a existência desse buraco que servia de esconderijo, e onde objetos de pedra de características variadas eram colocados; alguns eram recentes e pouco elaborados, mas outros construíam soberbas esculturas importadas das Índias; havia ainda pedras de diferentes países, bem como numerosas estatuetas de animais. Assim, os pescadores de lagostas possuíam magníficas lagostas de pedra que, tratadas com o devido cuidado, proporcionavam ao seu dono uma boa pesca desses crustáceos – tratava-se de uma variante dos ritos mágicos de caça. Quatro vezes por ano, o dono das pedras, na hora em que estava sozinho, ia pegá-las e, depois de tê-las lavado e escovado, as punha para secar na areia, antes de recolocá-las em seu esconderijo. Quando o detentor do segredo morria, outro membro da família era iniciado; este não tinha de ser forçosamente o filho mais velho, poderia ser, por exemplo, um sobrinho. Podemos perceber perfeitamente o sentido original do objeto mágico, portador do poder divino, que assegura a sobrevivência do clã. Poder-se-ia dizer que, no nível do clã, ele simboliza o Processo de Individuação: as pedras são uma imagem do Self, porque representam o segredo da eternidade e da unidade, o segredo da essência da vida do ser humano.

Penso que a relação da criança pequena com uma boneca, seu urso, ou qualquer outro objeto privilegiado, contém a primeira projeção do Self[1]. É o objeto mágico do qual depende a vida da criança, com o qual ela dialoga, e graças

1. Cf. Frances Wickes, *The Inner World of Childhood*, op. cit., *passim*. Trad. franc. em preparação. Ver nota. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

ao qual pode conservar sua própria essência; por isso, se o perde essa perda constitui para ela uma terrível tragédia. Trata-se de uma relação essencial. Mais tarde, no caso da menina, essa relação evoluirá e passará a simbolizar a relação mãe-filha.

Essa questão da fusão mãe-filha está na base de um problema freqüentemente encontrado na prática. Tive em meu consultório mães que não podiam afastar-se das filhas, e filhas que não podiam deixar as mães. Eram incapazes de se desligarem uma da outra, ainda que discutissem todo o tempo. O casamento da filha ou o fato de sair de casa não solucionava em absoluto a situação, que podia prolongar-se durante anos. Muitas vezes acontece que, ao chegar à metade de sua vida, uma mãe não consiga assumir a sua personalidade, produzir um trabalho pessoal ou ser criativa, sem que saiba o que a está detendo. A filha foi embora, ela dispõe de tempo, mas há um problema em algum lugar. Uma mãe nessa situação teve o seguinte sonho: *Via no solo uma grande batata, à qual estava presa uma outra, pequena. No local onde os dois tubérculos se uniam, estava plantado um bastão, sobre o qual havia uma serpente alada; esta tinha uma coroa, de onde irradiava luz.* Tratava-se de um símbolo bem impressionante da Árvore da vida, mas na base se encontravam as duas batatas. Ora, essa mãe se atormentava a propósito da filha que, na sua opinião, estava seguindo um mau caminho; incenssantemente procurava convencê-la disso. Elas falavam, choravam juntas, mas sem resultado, pois, dizia o sonho, ainda estavam no seio da terra, ligadas uma à outra como os tubérculos. Entretanto, a Árvore da vida crescia. O processo de Individuação se desenvolvia justo até o ponto sensível, até o lugar de onde provinha o mal, o lugar onde alguma coisa estava atada e obscura. O sonho também dizia que uma identidade arcaica como essa não pode ser quebrada senão por um esforço sobrenatural, para que cada uma se torne verdadeiramente consciente de sua própria personalidade.

A mãe deve retomar todas as projeções que faz sobre a filha para tornar-se ela mesma um indivíduo inteiro, o que não é fácil, em particular para a mulher. Embora se fale muito em mães que devoram os filhos, geralmente elas são bem mais ligadas às filhas. Trata-se de um fenômeno natural, de um problema tipicamente feminino. Nesses casos, sempre se descobre que a mãe projetou um símbolo do Self

Digitalizado com CamScanner

na filha: porque para ela a filha representa o Self, não consegue desligar-se da projeção. Na Psicologia da mulher, o Arquétipo do Self pode se apresentar sob os traços de uma mulher mais velha, ou então mais jovem (Deméter e Coré), da mesma forma que para o homem existem o velho e o jovem, o pai e o filho, o *Senex* e o *Puer*, Deus Pai e Deus Filho. Essas imagens da mulher eternamente jovem ou da mulher eternamente velha estão provavelmente relacionadas ao caráter intemporal do Self. Se, nos materiais simbólicos de uma mulher, o Self aparece sob a forma de uma criatura jovem, esta figura designa o Self recentemente descoberto pela Consciência: o Self é então de certa forma, "a filha" dessa pessoa. Mas porque o Self sempre esteve nela, bem antes de sua Consciência do Ego, ele é também sua mãe. Eu nasci do Self. Minha Consciência feminina do Ego repousa sobre as fundações do Self, que sempre existiu em mim, e que é a mãe eterna. Mas, à medida em que o descubro em mim, ele entra de maneira natural e completa em minha vida, como minha filha. Assim o Self é o pai e o filho na Psicologia masculina, a mãe e a filha na Psicologia feminina. No caso das mulheres que não podem se separar de suas filhas, a figura divina do Self é nelas projetadas e não consegue se libertar. Na segunda parte da vida, quando a filha se torna adulta, a situação representa um problema tanto para a mãe como para a filha.

Muitas vezes o Processo de Individuação só se torna consciente na segunda parte da vida. Ele pode, entretanto, começar bem mais cedo se o desenvolvimento normal do indivíduo foi perturbado, ou ainda em virtude de qualquer outra razão individual que depende do destino de cada um. Não podemos portanto estabelecer uma regra geral e dizer aos jovens: "As questões sobre o sentido da vida, sobre o seu destino individual não são próprias para a sua idade; você deve viver!". Se, em todas as épocas, a juventude se aprouve em filosofar e refazer o mundo, em nossos dias um número cada vez maior de jovens encontra dificuldade em simplesmente se lançar na vida, só conseguindo fazê-lo depois que encontram seu núcleo e o fio de seu destino. Estranhos são os caminhos de Deus; muitas vezes pessoas jovens precisam assimilar um certo grau de consciência do Processo de Individuação. Conheci crianças, adolescentes, rapazes e moças de 19 ou 20 anos que, sem esse procedimento, não teriam podido continuar normalmente sua exis-

Digitalizado com CamScanner

tência. O Processo não tem, evidentemente, a mesma forma numa pessoa na força da idade, embora existam exceções. Mesmo interpretando os símbolos em toda a sua verdade, é na maneira de assimilar à vida os conteúdos do Inconsciente que os fatores diferem, pois os jovens normalmente têm mais necessidade de se engajar na vida exterior: precisam estudar, ganhar a vida, casar-se, criar os filhos, garantir seu lugar ao Sol, ao passo que mais tarde dá-se a tendência para um certo afastamento em relação às atividades exteriores, em direção a um aprofundamento interior. O problema da filha que precisa libertar-se da imagem materna corresponde evidentemente à primeira parte da vida, enquanto que o da mãe que deve desligar-se da filha, pertence à segunda metade da existência, quando a filha se tornou adulta.

No momento em que Wassilissa recebe a boneca mágica das mãos da mãe agonizante, não se torna em conseqüência arcaicamente idêntica à mãe; ao contrário, ela ali colhe o primeiro germe de sua própria personalidade. Esse traço corresponde ao primeiro pressentimento do Self, que experimentamos por volta dos 8 anos: a Consciência de ser uma pessoa, ainda que não possamos adivinhar a forma que terá na vida.

O mercador desposa pois a mulher má, mãe de duas meninas, e um trio de feiticeiras ciumentas perseguem Wassilissa. Temos aí um tema arquetípico: lá onde se encontra a pérola, está também o dragão, e inversamente; nunca se encontra um sem o outro. Assim, é freqüente que, logo após a primeira experiência instintiva do Self, assistamos a uma irrupção das forças de desolação e obscuridade. Uma terrível hecatombe sempre coincide com o nascimento do Herói. É esse o sentido do massacre dos Inocentes, ordenado por Herodes quando do nascimento de Cristo. Um poder persecutório começa a combater a realização interior desde seu aparecimento. Visto de fora, o gérmen mais íntimo da realidade do ser humano suscita muitas vezes a irritação do seu meio. Em seu estado nascente, a realização do Self torna a pessoa inadaptada e difícil para os seus, porque perturba a ordem instintiva inconsciente; Jung dizia que é como se um rebanho de carneiros percebesse que um de seus membros deseja seguir seu próprio caminho.

Através de experiências de Psicologia de grupo realizadas com galinhas e outras aves, observou-se que as gali-

Digitalizado com CamScanner

nhas e os corvos, por exemplo, respeitam certa hierarquia; existe um chefe que exerce prerrogativas com sua favorita. Os outros têm, cada um, seu lugar, que convencionou-se designar pelas letras *alfa*, *beta*, etc., e um papel a desempenhar no que diz respeito à alimentação e à construção dos ninhos. Essa organização pode ser encontrada entre os macacos, assim como na maioria dos animais que vivem em sociedade. Um psicólogo alemão observou que em um grupo humano, ou uma multidão, também as pessoas se dão bicadas. De acordo com suas observações, a galinha dominante *alfa* é a mais repulsiva e brutal; as que têm os melhores QI são as de nível *gama* e *delta*. É evidente que a cada vez que se forma um grupo tem lugar essa busca inconsciente de poder, até que se obtenha um equilíbrio. Quando uma pessoa se individua, deixa de ser um carneiro do rebanho e o equilíbrio do grupo deve ser restabelecido. No momento em que um dos fatores se retira, os outros sentem como uma ameaça a lacuna assim criada; tornam-se então agressivos e tentam forçar o infiel a retornar ao nível inconsciente anterior. Por isso, quando alguém empreende uma Análise, a família inteira fica geralmente agitada e irritada. Na medida em que somos animais ao mesmo tempo gregários e conscientes, trazemos em nós o conflito essencial entre a inércia, que nos induz a permanecer no seio do rebanho, e a realidade perturbadora que é a intuição da possibilidade de uma realização individual. A mulher que sente o primeiro apelo do Self é logo atacada, não apenas pela madrasta exterior, como no conto, mas também por aquela que traz em si: a inércia dos velhos modelos coletivos da feminilidade que nos puxa para trás e nos incita a agir segundo caminhos já traçados e menos penosos. Como nas demais versões da *Gata Borralheira*, as meias-irmãs são aqui descritas como sendo preguiçosas, e Wassilissa deve cumprir tarefas irrealizáveis, tais como a de fazer a triagem de uma grande quantidade de grãos. A oposição entre essas figuras descreve o conflito entre o desejo de seguir o comportamento ancestral, e o que impele a criatura a um esforço sobre-humano de Consciência.

Logo que o mercador deixa o país, a madrasta e as filhas vão morar na orla do bosque: retornam do nível da sociedade humana à fronteira do Inconsciente vegetativo. Mais do que os homens, as mulheres, sobretudo as que não têm um Animus forte, têm uma extraordinária aptidão para vegetar.

Digitalizado com CamScanner

São capazes de viver durante 10 ou 20 anos à maneira das plantas, sem que lhes aconteça uma única aventura positiva ou negativa, contentando-se em existir. Essa forma típica de inconsciência e regressão corresponde a um mergulho na passividade: fazemos as coisas da maneira mais fácil e vivemos o dia-a-dia. É o que costumamos ouvir quando se fala do conservadorismo das mulheres. Não há conflito, mas de qualquer forma a vida está ausente. Aqui, a madrasta visa a perda de Wassilissa, embora contente-se em se instalar perto da floresta, esperando que seu desejo se realize sozinho e que Wassilissa acabe sendo devorada por Baba Yaga. Esta é mostrada de início como sendo quase inteiramente má, mas ao saber que Wassilissa é uma "criança abençoada", diz que não quer nenhuma benção em sua casa e a manda embora, em lugar de devorá-la. Dá-lhe inclusive o crânio contendo o fogo que a livrará de suas perseguidoras. Ela não é, portanto, inteiramente má e, de maneira indireta, se revela até mesmo compassiva: Baba Yaga encarna o duplo aspecto da Grande Mãe.

Segundo outro contro russo intitulado *O Jovem Czar*: *Baba Yaga vive numa pequena casa redonda apoiada sobre patas de frango, cuja porta só se abre para permitir que o visitante entre, quando ele pronuncia algumas palavras mágicas. O filho do Czar consegue entrar e encontra a feiticeira revolvendo as cinzas da lareira com seu longo nariz. Penteando-se com o auxílio de suas enormes unhas aguçadas, enquanto observa os seus gansos, ela fala ao herói: "Meu caro menino, você empreendeu essa busca voluntária ou involuntáriamente?" O jovem respondeu: "Avó, não se deve fazer uma pergunta como essa a um herói! Dê-me de comer; se negar, tome cuidado comigo!" Baba Yaga preparou-lhe então uma ótima refeição e deu-lhe conselhos judiciosos. Ele conseguiu o que queria.*

Vemos que, no homem, um dos principais estratagemas do Complexo mãe é o de insuflar-lhe a dúvida no espírito, sugerindo que talvez fosse melhor agir de outra forma, fazendo com que o homem se torne indeciso, fraco. A velha mulher testa a sua decisão tentando fazer com que renuncie, com que se torne infantilizado, mas quando percebe que ele está à altura da situação e que é capaz de enfrentá-la, o auxilia. Tudo depende portanto da atitude do rapaz.

Assim, Baba Yaga pode mostrar-se maléfica ou benéfica. Da mesma forma que a imagem masculina da divindade tem

Digitalizado com CamScanner

um lado sombrio figurado pelo Diabo, a sua imagem feminina tem um aspecto obscuro. As antigas deusas (Ísis, Deméter...) possuíam esses dois aspectos. Observamos que, pelo menos nos países católicos, o aspecto claro da Grande Mãe, da Anima e da mulher foi projetado sobre a Virgem Maria, ao passo que seu recalcado aspecto ctoniano se transformava em feiticeira. Baba Yaga remete a uma figura da Grande Mãe de molde arcaico, na qual o positivo e o negativo ainda estão misturados. Ela tem um grande poder de destruição, é plena de desolação e caos, mas, ao mesmo tempo, é capaz de ser compassiva. A qualidade divina e cósmica dessa figura é claramente indicada pelo fato de ter os três Cavaleiros "Meu Dia", "Minha Noite" e "Meu Sol" à sua disposição. Por outro lado, tem a seu serviço os três pares de mãos, segredo terrível, inqualificável, sobre o qual é proibido falar. Essa situação provavelmente remete ao mistério da destruição, da morte e da transformação, porque, ao matar e esmagar o grão, ela produz a farinha e o óleo. Mais adiante voltaremos a esses temas. Baba Yaga viaja sentada num almofariz, rema com o auxílio de um pilão e, na sua qualidade de feiticeira, possui uma vassoura, com a qual apaga todos os traços de sua passagem. Sabemos que as feiticeiras humanas agem da mesma forma, graças à técnica do "psiu, psiu": "Pelo amor de Deus não mencione o meu nome, não diga que fui eu que lhe contei...!" - Mãe Natureza gosta de se esconder, como era do conhecimento da Filosofia grega.

O almofariz e o pilão são muito importantes nessa história. É um motivo que raramente encontrei em outros contos que não os de Baba Yaga. Como todo vaso, o almofariz é um símbolo feminino. Assim, a Virgem Maria é o receptáculo de graça, e a ela foi atribuído por símbolo, entre outros, o do cálice do santo Graal. Baba Yaga possui pois um recipiente redondo, comparável ao cadinho dos alquimistas, onde as substâncias são esmagadas e reduzidas a pó. Ela se senta nele, e o utiliza como veículo. Uma das idéias fundamentais da literatura alquímica era a de que existe um único elemento de base, a partir do qual se formaram todas as coisas. É ainda a hipótese de trabalho de muitos físicos que buscam o "tijolo" elmentar, a partir do qual edificou-se o Universo, e o nível fundamental onde tudo se unificaria, e onde se atingiria a raiz dos fenômenos. Essa

Digitalizado com CamScanner

busca do material de base do Universo sempre esteve presente no espírito do homem, particularmente no dos pesquisadores de Ciências Naturais. De certa forma, ele alcança o mistério mesmo de Deus, sendo o material com o qual Ele construiu a realidade; por isso, ele próprio é divino e contém o segredo último, o que explica a fascinação que sempre exerceu. No passado, antes da fissão do átomo, o modo mais simples de obter o que se pensava ser um material parecido era queimar os corpos até as cinzas ou pulverizá-los ao máximo no almofariz; projetava-se aí a idéia de *prima materia*. Através desse procedimento, esperava-se chegar ao âmago do segredo. *Tero* significa "moer"; dessa palavra deriva uma outra, utilizada na linguagem religiosa, que apresenta um grande interesse: *contritio* – contrição. Quando tomamos consciência de nossos pecados, ficamos arrependidos e aflitos. Quando esgotamos esses sentimentos e nos sentimos aniquilados por nossas faltas, ficamos como que reduzidos a cinzas, pulverizados; a contrição é a forma mais profunda e eficaz do remorso: ela cura, dizem, de todos os pecados. Trata-se da tomada de consciência da Sombra, que se dá de uma forma tão profunda que se torna inexprimível. Como toda situação penosa, tem a vantagem de nos colocar no fundo do poço, de onde não se pode ir mais além. Por isso é um momento crucial, uma guinada: o Ego, em seu aspecto negativo, foi reduzido a pó; chegou ao limite de sua vontade egoísta e deve ceder aos poderes que o excedem e que preparam a sua renovação.

Baba Yaga possui esses instrumentos de penitência e contrição, que são o almofariz, o pilão e o moinho. Ela simboliza o poder da vida que, em sua realidade última, conduz o ser humano à sua própria verdade, de onde seu liame arcaico com o Princípio de morte. A maioria das pessoas fica um pouco acima desse abismo e só atinge o estágio da completa contrição e de sua verdade (o conhecimento de sua Sombra) quando está diante da morte. Nós somos como as rolhas: assim que Deus ou a vida cessam de nos submergir, voltamos à superfície. Mas com a aproximação da morte nos calamos repentinamente e mergulhamos em alguma coisa que é mais substancial; no leito de morte, o semblante das pessoas se transforma; de repente sentimos que, pela primeira vez, elas encontraram a paz e se tornaram verdadeiramente elas mesmas, e ainda que todas as incertezas do Ego chegaram ao fim. É por isso que

Digitalizado com CamScanner

Baba Yaga é também o Demônio da morte: ela traz essa contrição última. Como Ísis, por exemplo, ela é a grande maga e alquimista que destrói tudo que é desnecessário e conduz as criaturas de volta à sua essência. Lembremos o que mencionei anteriormente sobre o aspecto vingador da natureza: a deusa Têmis, como espírito objetivo de verdade e justiça, à sua maneira também reduz os seres à sua pura essência.

Baba Yaga vai dormir e deixa a menina fazendo a triagem dos grãos. Essa tema é encontrado em muitos contos do tipo *Gata Borralheira*, assim como em *Amor e Psique*, anteriormente mencionado. Trata-se de uma das tarefas mitológicas características da Heroína, uma prova de paciência, na qual se deve evitar toda precipitação, e que não se pode sabotar. A palavra grega relativa a "triagem", *Krino*, significa distinguir, separar A de B. É um trabalho de discriminação que exige paciência e cuidado, e que se exerce de forma diferente daquele do Logos masculino. Defrontado ao Caos, seu procedimento é o de estabelecer leis e critérios que poderiam ser comparados aos fios cruzados colocados sobre a lente do telescópio. O Logos, tanto no homem como no Animus da mulher, trabalha de maneira direta, considerando as coisas de cima.

Também o princípio feminino possui a sua maneira de estabelecer uma ordem clara, mas o faz através de um processo psicológico diferente: seleciona um número infinito de fatos que demonstram que isto é isto e aquilo, aquilo, atividade que compensa a identidade arcaica. Para as mulheres, é importante entrar nos detalhes, ver, por exemplo, quando um mal-entendido começou, porque geralmente ele se deve a uma falta de clareza. Esclarecer uma situação em seus detalhes é comparável à triagem dos grãos. Trata-se de uma atitude necessária face a um problema de relacionamento entre pessoas. Por mais aborrecido e inútil que possa parecer, um problema psicológico não pode ser resolvido sem que seja estudado detalhada e exaustivamente em todos os seus aspectos.

Constatamos que as mulheres geralmente apreciam muito uma certa imprecisão, que leva a soberbos imbróglios de feiticeiras, a partir dos quais ninguém mais consegue saber qual é a situação. Assim, ao marcar um encontro, uma mulher poderá acrescentar: "Se eu não for, me telefone

Digitalizado com CamScanner

a tal ou tal hora", e certamente fará uma cena se as coisas não correrem segundo os seus desejos. É assim que as mulheres sucumbem à sua Sombra; esta não pode agir da mesma forma quando somos precisos. Mas os homens fazem o mesmo, ainda que de maneira um pouco diferente: ao cortejar uma mulher que lhe agrada, um homem poderá manter-se vago em relação às suas intenções, e, sem que jamais o diga explicitamente, deixar que ela pense que está pretendendo casar-se, quando, na realidade, não tem a menor intenção de fazê-lo. Ou então, poderá estabelecer o orçamento da casa no papel, dando à mulher uma certa quantia destinada às despesas com a casa, a alimentação e os filhos, sustentando que é o suficiente. Mas nunca fará as compras ele próprio, ou, se tiver de fazê-lo, omitirá um certo número de produtos que, embora caros, são indispensáveis; também não levará em conta as roupas dos filhos, suas saídas, etc. Inconscientemente, prefere não fazer a experiência, ou então tenta desvirtuá-la, por medo de ter que reconhecer que a mulher faz milagres e que ele gastaria bem mais do que ela.

Recordo-me de um exemplo de imprecisão feminina: a neta deu à avó os seus sapatos de ski, que não lhe serviam mais. Esta propôs à nora que os experimentasse, mas estavam grandes demais para ela. A sogra sugeriu então que colocasse as meias grossas, mas mesmo assim continuaram grandes. Então a sogra, pensando que ela não os queria, disse a uma de suas filhas que os pegasse, mas ninguém conseguiu encontrá-los porque a nora os havia levado! O filho tomou a defesa da mulher e seguiu-se uma discussão generalizada, simplesmente porque essas senhoras não tinham se dado ao trabalho de manifestar claramente as suas intenções: a nora, depois de demonstrar que não queria os sapatos, os havia levado para casa! Por trás de tudo isso, se escondia uma "*participation mystique*" entre essas mulheres. Algumas mulheres fazem o mesmo a propósito de dinheiro, provocando muitas complicações – em todos os casos, trata-se da Sombra feiticeira. Numa mulher, o processo da passagem para a Consciência supõe que, em seu interior, ela possa distinguir claramente suas reações positivas e negativas. Evidentemente o homem deve fazer o mesmo, se não quiser tornar-se presa das astúcias de sua Anima.

Digitalizado com CamScanner

Quando Baba Yaga impõe à jovem a tarefa de selecionar os grãos, é como se dissesse que, sendo capaz de realizá-la, não cairia em seu poder. A cada vez que se produz uma situação confusa, devemos nos perguntar *por que* ela foi deixada nessa imprecisão. Descobriremos geralmente que estávamos desejando tudo ao mesmo tempo: a nora queria os sapatos, mas não gostaria de devê-los à sogra; declara então que não estão bons para ela, o que não impede que os leve. É assim que a Sombra consegue se introduzir numa situação, complicando as coisas mais simples. Por detrás de um incidente fútil como esse, se esconde um mal-estar profundo. A situação confusa tinha, na realidade, sua fonte no fato de que a sogra não tinha conseguido se colocar, ela mesma, em bons termos com o Arquétipo da mãe: prometer os sapatos à nora, depois à filha, para em seguida deixar tudo em suspenso, é dar prova de preguiça, tanto na relação com essas pessoas, quanto na busca de uma solução. Como essa mulher não mantinha uma relação justa com o Arquétipo da mãe dentro de si, havia, em decorrência, uma certa incerteza de sua parte no nível do instinto: não havia quem deveria cercar de cuidados maternos, a que necessidades deveria ou não responder e, além disso, não estava muito certa quanto à necessidade de manter a família unida. Uma mulher assim geralmente sacrificou demasiadamente sua própria existência e suas próprias necessidades à família, o que a faz, inconscientemente, detestá-la amargamente; no presente caso, a situação se manifestava através de sintomas físicos e de um comportamento que provocava a discórdia entre os seus. Os sonhos dessa mulher revelaram com clareza que estava farta dessa situação, mas o único meio que conhecia de se libertar era cair doente e ir para uma casa de repouso. Sempre fazia isso no pior momento, justo quando a família estava precisando dela, e sua presença teria sido útil (o que faz parte do mecanismo desses afetos inconscientes). Assim, se cavarmos em profundidade, descobriremos que, debaixo da imprecisão, um problema importante se encontra constelado.

Retomaremos agora o texto do conto, para amplificar alguns de seus aspectos. Os grãos de trigo estão estreitamente ligados à Deusa mãe em seu aspecto subterrâneo; são, entre outras coisas, o símbolo das almas dos mortos, dos espíritos dos ancestrais. Na Grécia antiga, colocava-se na casa, ao lado do átrio, potes cheios de uma mistura de grãos de trigo, figos, e outros ingredientes. Esses recipientes

Digitalizado com CamScanner

representavam simbolicamente as entranhas da terra, o mundo subterrâneo onde repousam os mortos à espera do renascimento. Os espíritos dos mortos eram chamados os "Demétrios", os que pertencem a Deméter e descansam em seu seio, como o trigo que ressuscita na primavera. No decurso de uma festa, que tinha lugar mais ou menos na época da festa cristã de Todos-os-Santos, os potes eram descobertos para significar que se estava reabrindo o acesso ao mundo subterrâneo. Em seus textos, Karl Kerényi retoma a qualificação latina *mundus patet*: o mundo está aberto. Durante três dias, os espíritos dos mortos voltavam e permaneciam entre os vivos: vagavam pela casa e participavam das refeições, durante as quais um lugar e uma porção de alimento lhes eram reservados. Passados os três dias, eram expulsos da casa, com a ajuda de ramos de oliveira e água benta, sendo-lhes ordenado que retornassem a seu próprio mundo e que não viessem assombrar ou perturbar os vivos; as tampas dos potes eram então recolocadas em seus lugares. O trigo está portanto ligado, num nível simbólico muito profundo, ao mistério da vida, da morte e da transformação, como na metáfora bíblica em que Jesus fala do grão de trigo que, ao cair na terra e morrer, porta muitos frutos.

Os grãos de papoula fazem igualmente alusão ao mundo dos mortos e dos espíritos. São alimentícios, tendo também um efeito soporífero e alucinatório (sem bem que esse efeito seja fraco nas espécies existentes em nossos climas). Nos textos alquímicos, os grãos, a semente, representam, por analogia, a "multiplicação" da pedra ou do ouro. Os alquimistas afirmam que, realizada a Pedra Filosofal, o vaso deve ser aberto para permitir que a pedra irradie sua força transformante, sua "semente", de sorte que todo metal por ela tocado seja transmutado em ouro. "Ouro filosófico e não vulgar", acrescentam eles, precisando bem o seu caráter espiritual e desinteressado. Com efeito, a Pedra Filosofal é fabricada no interior de um vaso hermeticamente fechado, ou dentro de uma retorta, onde sofre uma dissolução nas trevas, antes de ressuscitar; somente depois que a operação está terminada, o vaso pode ser aberto.

A analogia psicológica com os processos alquímicos e mitológicos é evidente: quando conseguimos, consciente e positivamente, nos ligar a uma constelação arquetípica, nos centralizar, o efeito se faz sentir de maneira ampla e irradia

Digitalizado com CamScanner

ao redor. Se o "fazedor de chuva", ou o Homem-medicina, entra em contacto de maneira adequada com o Self e, através dele, com as energias do Outro-lado, tudo pode ocorrer, mesmo algo inacreditável como a precipitação de chuva ou neve em toda a região[2]. Confúcio afirma que quando o homem nobre, sentado em seu quarto, tem pensamentos justos, ou escreve coisas justas, pode ser ouvido à milhas de distância. O filósofo taoísta Tchuang-Tseu insiste nesse ponto; ele declara que enquanto o governante de um país se propuser a decidir sobre o que é desejável, o império irá de mal a pior, quaisquer que sejam as leis que promulgue, boas ou más. Mas se ele se retirar em si mesmo, e, interiormente, tomar a atitude justa, os problemas do império se resolverão como que por conta própria. A história do governador da Terra Amarela é uma variante desse tema: *Chegando na casa de Bruma Original, a bruma dos primeiros dias, ele declarou que queria fazer a coisa justa, e ser interiormente justo, para que seu povo fosse fiel, e cada um tivesse o que comer. Bruma Original respondeu simplesmente: "Não tenho a menor idéia de como poderá realizar isso." Então o governador da Terra Amarela deixou o seu império e, durante 3 meses, permaneceu sentado sobre a palha, numa cabana. Foi depois visitar novamente Bruma Original, e lhe disse: "Posso humildemente lhe perguntar como poderia me pôr em ordem?" Bruma Original replicou que não deveria se esforçar para mudar os acontecimentos, mas sim permanecer na realidade interior, sem se ocupar do exterior - continuar lá onde estava. O governador perguntou então: "E o que ocorre com a Natureza?" Ao que Bruma Original respondeu: "Você sempre pensa que a Natureza está próxima ao fim, mas ela está apenas começando; pensa que a Natureza conhece os seus objetivos, mas ela vai muito mais além; pensa que a Natureza já deu tudo, mas ela tem ainda muitas coisas em reserva." Em seguida, acrescentou: "Não desejo falar aos mortais; os seres enfraquecem e morrem. Sou sozinha, sou eterna." E afastou-se do governador da Terra Amarela.*

2. A história verídica do fazedor de chuva de Kiao-Tchou foi contada a C.G. Jung por Richard Wilhelm. Cf. C.G. Jung, *Mysterium Conjunctionis*, trad. cit., vol. 2, p. 203, nota A, e Barbara Hannah: "L'Imagination active", in: *C.G. Jung et la Vie des Profondeurs*, op. cit., p. 165. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

Essas idéias se referem ao fato de que alcançamos, em último lugar, um mistério no qual aparecem a universalidade e a unicidade do mundo material; a sabedoria consiste em unir-se a esses ritmos cósmicos. Essa unicidade da Natureza, tanto material como psíquica, manifesta-se geralmente no que Jung denominou eventos sincronísticos[3]. Todos nós tivemos provavelmente a ocasião de observar que quando alguém consegue se situar de maneira justa face a um problema, "milagres" começam a se produzir, e mesmo os acontecimentos externos se organizam de uma forma que não seríamos capazes nem de imaginar nem de realizar racionalmente. Nesse aspecto, não devemos pensar em termos de causa e efeito, porque, na verdade, não "causamos" a justa organização dos acontecimentos. Vimos que o *I Ching* diz que o homem superior é aquele que reconhece os germens e age em conseqüência, pondo assim o mundo em ordem. Fazer a triagem dos grãos é fazer a triagem dos germens, dos símbolos, das imagens arquetípicas, das situações nascentes, e clarificá-los. Se, pacientemente, conseguimos fazê-lo, vivemos melhor até mesmo as situações impossíveis que, freqüentemente, se deslindam, surgindo soluções imprevisíveis.

É difícil dizer até que profundezas penetram essas intuições, mas acredito que estejam intimamente ligadas ao Inconsciente feminino. As mulheres têm, em larga medida, um poder de vida ou morte sobre os seres que as cercam, e isso não apenas no plano psicológico, mas às vezes até mesmo no físico. É bom que a mulher tenha Consciência desse poder de criar um clima ao seu redor, porque, se não a tiver, este clima corre o risco de se degradar. Seria, no entanto, uma inflação destrutiva cair no excesso inverso e pensar que é individualmente responsável por tudo o que ocorre à sua volta, pois estaria então se considerando a Deusa mãe em pessoa! Como indivíduo, ela não é evidentemente responsável senão por suas ações voluntárias ou por sua recusa em tomar consciência de seus afetos negativos. Assumir uma responsabilidade sobre-humana é perigoso:

3. Ver C.G. Jung, *Syncronicité et Paracelsica*, trad. franc. Albin Michel, 1927; M.-L. von Franz, 261. *Nombre et Temps*, trad. franc. La Fontaine de Pierre, 2. ed. 1981. Étienne Perrot; Le Jardin de la Reine, La Fontaine de Pierre, 1985. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

conheci casos limites que se tornaram psicóticos sob a influência de um sentimento de culpa desproporcional.

Recordo-me do caso de uma mãe que, na hora de despedir-se do filho que estava partindo para a guerra, teve o espírito atravessado pela idéia de que lhe seria quase indiferente que ele não voltasse – e ele não voltou; a infeliz convenceu-se de que era a responsável por isso. Trata-se, no fundo, de pura inflação e do pensamento mágico arcaico, pois é inteiramente natural que as pessoas que vivem juntas desejam de vez em quando a morte uma da outra. Nunca analisei um ser humano, homem ou mulher, sem nele observar tais desejos semi-conscientes, semi-inconscientes. É a Natureza, e é preferível aceitá-la. Também nunca analisei uma mãe que, uma vez ou outra, não tenha desejado ver os filhos no fundo do mar (não literalmente, é claro), ao exclamar: "Pelo amor de Deus, que me livrem dessa criançada!" Quando, entretanto, o Ego se identifica a esses sentimentos, o Demônio está solto. Em toda mulher, a parte escura do Self detém o poder de desejar a vida ou a morte. Se não utilizarmos esse poder erroneamente, numa espécie de magia branca ou negra, se dele temos consciência, e se o Ego permanece dentro dos limites de suas funções, seu efeito pode ser enorme: as pessoas viscejam ao contacto de uma mulher que está em consonância com si mesma, porque então está próxima do aspecto positivo da Deusa mãe, daquela que faz com que o trigo cresça. Mas quando ela está em desacordo com a vida interior, dela emanam os efeitos de Hécate, a Deusa da morte, e um vento de destruição soprará sobre os que estão ao seu lado. Na realidade devemos dar mais atenção aos efeitos que provocamos do que às ações que realizamos. Podemos observar que muitas crianças cuja mãe está sempre gritando e as mandando para o inferno estão muitíssimo bem e se desenvolvem sem problemas. Por quê? Porque, à sua maneira, ela é justa e está em "Tao": seu Instinto face aos filhos comporta alguma coisa vital e verdadeira, que lhes dá uma sensação de segurança, mesmo quando ela as atormenta um pouco. A tarefa da jovem nesses contos deveria ser a de toda mulher; ela consiste em penetrar nas profundezas secretas de fatos aparentemente insignificantes, fazendo uso de consciência, discriminação e seleção, para não mais ser tomada de surpresa por seus afetos e suas motivações inconscientes. Penetrar nesse reino, e nele separar o Bem do Mal, corres-

Digitalizado com CamScanner

ponde, para a Heroína, às ações do Herói que mata o dragão, constrói uma nova cidade ou livra as pessoas do terror.

Vejamos agora um exemplo de fracasso nesse processo. Uma mulher da África do Sul foi pescar num rio com o marido e os dois filhos. O barco virou. Os dois meninos não sabiam nadar e o pai conseguiu levá-los até a margem; ali chegando, caiu fulminado por um ataque cardíaco e morreu instantaneamente. A mulher não sabia dirigir, ou estava por demais abalada para fazê-lo. Eles permaneceram sentados naquele lugar durante 1 dia e meio até que alguém os encontrou e os levou embora, com o corpo do marido. Pouco tempo depois, o filho mais novo, que estava com 7 anos, começou a se comportar de maneira inteiramente psicótica: durante dois meses, ia à escola, mas se recusava a fazer o que quer que seja; depois não quis mais frequentá-la e passou a subir nos telhados das casas, onde ficava divagando e jogando facas sobre os passantes. Não dormia mais, chorava e delirava a noite inteira. A mãe consultou médicos no mundo inteiro, e todos (inclusive eu, quando ela veio me consultar) pensaram que seu comportamento estava ligado ao traumatismo sofrido por ocasião do terrível acidente, à morte do pai e à espera, no escuro, perto do cadáver. Não sabendo mais do que os outros como apreender a situação, interroguei a mãe sobre os sonhos do menino. Ela contou-me, entre outros, o seguinte: *O menino fechado num quarto onde havia uma televisão* – o que era raro naquele país na época em que esses fatos se desenrolaram, constituindo, portanto, um detalhe interessante. *A porta do quarto estava fechada, e uma voz dizia: "Você terá de ficar aqui para sempre, porque a sua vida é um fracasso"*. Afirma-se aqui um início de estado psicótico: o menino está preso com as imagens de seu próprio Inconsciente, se encontra cortado da vida, sua existência é sentida como um fracasso – e isso aos 7 anos! O quadro externo confirmava essa afirmação, o que levava a um prognóstico pouco encorajador. Entretanto, algo dentro de mim se revoltava, eu não podia aceitar isso e pensava que o sonho poderia talvez ter uma significação prospectiva, pois, segundo certos indícios, ele não parecia indicar uma psicose; era simples, claro e bem construído, o que é sinal de saúde. Era como uma bofetada no rosto, e muito bem dada! Perguntei-me então a *quem* seria útil a situação do sonho e pensei imediatamente num sujeito sofrendo de uma ambição demente e mórbida. Para

Digitalizado com CamScanner

alguém que seja doentiamente ambicioso, enxergar a vida como um fracasso, considerar que não lhe resta mais nada senão sentar-se num quarto, julgando que está tudo acabado, é uma forma de sentir-se excepcional. Perguntei à mãe se o menino procurava sempre estar entre os primeiros colocados na escola, por exemplo. Respondeu-me que não, que ele estava na média e não se importava que outros fossem melhores do que ele. Ocorreu-se então que talvez ela fosse ambiciosa em relação ao filho. Arrisquei pois, e lhe disse que a a situação não tinha nada a ver com o acidente do marido, mas com ela própria; que era desmesuradamente ambiciosa em relação à criança, o que a estava destruindo. Ela desmoronou: gritou, chorou torrentes de lágrimas e reconheceu que o que eu disse era verdade. Sempre cultivara fantasmas de heróis, que projetou, inicialmente, sobre o marido, uma criatura infeliz, sensível, introvertida e indefesa que, evidentemente, a decepcionou. Não abordei com ela a questão de sua provável responsabilidade inconsciente na morte do marido, que não devia estar suportando mais a situação: não estava à altura, não conseguia satisfazer às expectativas da mulher. Fiz com que percebesse que, após a morte do marido, todo o peso de suas ambiciosas expectativas tinha recaído sobre os filhos; como o mais novo era o preferido, havia sofrido mais. Depois do acidente, ela lera livros de Psicologia, onde havia encontrado descrições do que pode ocorrer com um menino sem pai, do Complexo de Édipo, etc. Havia tomado a justa decisão de que o seu filho não seria um "filhinho da mamãe", mas, por ambição pessoal inconsciente, tinha ido longe demais, mostrando-se muito dura para com ele, ao pretender forçá-lo a tornar-se um herói.

Imaginemos a situação de um menino que, ao sofrer o choque terrível da perda do pai, não encontra apoio na mãe; esta, em lugar de reconfortá-lo, o trata com frieza, impondo-lhe exigências acima de suas forças. Como se tratava de uma mulher dura, mas plena de vitalidade e muito inteligente, pude anunciar-lhes as minhas conclusões. Retornou no dia seguinte para dizer-me que o menino havia dormido normalmente por 8 horas seguidas e que, pela manhã, tinha ido para a escola. O Arquétipo do Herói estava nela constelado, mas como tinha sido preguiçosa demais para tentar viver ela própria no nível mais elevado que lhe era exigido, e que suas próprias possibilidades permitiam, descarregara

Digitalizado com CamScanner

tudo sobre o marido e, depois, sobre o filho. Vivermos nós mesmos uma vida "heróica", ou seja, no máximo de nossas capacidades, é uma difícil tarefa. Seus fantasmas de herói eram os grãos, ou germens dos quais deveria ter feito a triagem; se tivesse compreendido o que havia neles, teria cultivado essas exigências heróicas em si mesma, em lugar de projetá-las sobre o marido e o filho; além disso, teria provavelmente descoberto que ela própria tinha algo de interessante para viver. Uma energia positiva no fundo de sua alma tivera esses efeitos negativos porque nunca havia olhado para dentro de si para clarificá-la. As pessoas estão sempre tentando projetar seus fantasmas sobre os outros; uma pessoa saudável sacode esses fantasmas e, instintivamente, se livra deles, ao passo que uma pessoa fraca ou excessivamente sensível sofre as suas conseqüências. Se eu tivesse analisado o marido, não teria colocado a culpa na mulher, e sim observado o que nele mesmo não estava bem e atraía essas projeções.

Quando àquela mulher, tinha um Animus poderoso que era preciso utilizar da melhor forma. A experiência demonstra, com efeito, que só somos possuídos pelo Animus quando ele se encontra reprimido e não utilizamos as energias e as possibilidades positivas e criadoras que ele representa. Enterrar o marido, ler em diagonal os textos de Freud, e depois decidir que o filho seria um herói, tudo isso significa um Animus mal integrado! Quando a mulher dá lugar em sua vida a um Animus poderoso, afirmando sua personalidade de maneira criadora e justa, dá-se o equilíbrio com seu lado feminino: quando trabalhamos como um homem, estamos pronta a considerar muito agradável voltar a ser "feminina"! As energias femininas, ou, como diria a filosofia chinesa, o *yang* e o *yin*, se completam e se casam então, dando nascimento, segundo a linguagem alquímica, ao Hermafrodita, fruto do casamento do Rei e da Rainha, do Sol e da Lua.

Num caso como o aqui relatado, também podemos afirmar que o homem escolheu uma mulher assim porque tinha tendências suicidas. Nesse gênero de situação, há sempre duas pessoas implicadas; a atitude a assumir é sempre individual, e depende das circunstâncias e dos sonhos do sujeito. Devemos mostrar a uma pessoa aniquilada pela culpa que os sentimentos hostis que traz em si não são voluntários, que não é verdadeiramente responsável por

Digitalizado com CamScanner

eles; por outro lado, devemos auxiliar aquele que não reconhece seus sentimentos a descobrir em si o que é negativo.

Fazer a triagem do grão é, portanto, tentar tomar plenamente consciência de uma situação, para discernir o que significa tal ou tal afeto; é ser tão humildemente consciencioso quanto possível, evitando a inflação e os julgamentos categóricos. Na prática, isso exige uma grande disciplina pessoal e uma absoluta retidão. Perserverar nesse caminho é, segundo os Contos, uma das tarefas heróicas da mulher. Essa atitude fortifica a Consciência e o sentimento de responsabilidade; o Diabo sempre nos diz que ainda faltam muitos grãos para selecionar, ou então que não há mais nenhum grão escuro – e estamos perdidos!

Retornando ao conto *Wassilissa*, a que corrspondeu os três pares de mãos, e o que significa o ato de que a menina não deve fazer nenhuma pergunta a esse respeito? Como a partir dessa única versão o tema não é muito claro, devemos amplificá-lo. Dentre as suas muitas variantes, todas muito reveladoras, escolhemos o conto de Grimm nº 43, intitulado "Frau Trude", *Senhora Trude*.

A SENHORA TRUDE

Era uma vez uma menina teimosa e insolente. Sempre que os pais lhe diziam alguma coisa, ela desobedecia; como então os fatos poderiam correr bem para ela? Um dia, disse aos pais: "Ouvi falar tanto sobre a Senhora Trude, que quero ir visitá-la. As pessoas dizem que na sua casa tudo é surpreendente e que lá se pode ver coisas muito estranhas! Isso me fez ficar curiosa." Os pais a proibiram severamente de ir até lá, e disseram: "A Senhora Trude é uma mulher má, sem Deus, que faz coisas terríveis; se você for na sua casa, não será mais nossa filha!" Mas a menina ignorou a interdição dos pais e foi à casa da Senhora Trude. Lá chegando, esta lhe perguntou: "Por que você está tão pálida?"

– Ah – respondeu ela, toda trêmula –, tive muito medo do que vi.

– E o que você viu?

– Vi, em sua escada, um homem negro.

– Era um carvoeiro.

– Depois, vi um homem verde.

Digitalizado com CamScanner

– Era um caçador.

– Em seguida, vi um homem vermelho-sangue.

– Era um açougueiro.

– Ah, Senhora Trude, eu tremi de pavor; olhando através da janela, não a vi, mas vi o Diabo com a cabeça em fogo.

– Oh, oh! – disse ela –, sendo assim, você viu a feiticeira com seus verdadeiros atributos; faz muito tempo que eu a estava esperando e cobiçando; agora você vai me clarear!

A feiticeira transformou então a menina numa acha e a atirou no fogo. Quando a acha estava em brasa, sentou-se ao seu lado e se aqueceu, dizendo: "Como ela clareia bem!".

Como no conto de *Wassilissa*, 3 homens passam diante da menina. O Diabo aparece freqüentemente nos Contos não só com os traços de um homem negro, mas também sob a aparência do caçador verde ou do homem vermelho. São os 3 espíritos familiares da Senhora Trude, 3 aspectos demoníacos. A Senhora Trude, imagem da grande Deusa mãe, vive em estreita relação com as divindades do mundo inferior. Encontramos com freqüência essa representação triádica que, em nossa civilização, compensa a trindade superior. Da mesma forma que a Virgem Maria é uma figura feminina da Sofhia, associada à trindade superior: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo (estando a Virgem Maria um pouco à parte), também no mundo inferior existe uma quaternidade composta aqui da Senhora Trude e seus 3 aspectos satânicos. Essa totalidade divina do mundo infernal compensa e equilibra a totalidade divina luminosa do mundo celeste. Os três pares de mãos amputadas remetem ao liame secreto existente entre a Deusa mãe e o princípio último do Mal, que projetamos na figura do Diabo. Trata-se do espírito de morte, de destruição, escondido no fundo do abismo de toda criatura humana.

Se considerarmos Baba Yaga não só como uma simples figura do conteúdo pessoal do Inconsciente, mas também como uma personificação da própria Natureza, uma Deusa Natureza, poderemos dizer que os pares de mãos se referem à sua inacreditável crueldade, ao seu espírito sanguinário. Qualquer pessoa que tenha sentimentos humanos normais, em algum momento da vida ficará chocada com essa

Digitalizado com CamScanner

crueldade. Sabemos como os animais (inclusive nós mesmos) se alimentam uns dos outros, e temos vontade de render graças a Deus quando não precisamos testemunhá-lo – preferimos velar o rosto. Ficamos todos chocados em descobrir como a Natureza se comporta com seus filhos, como quando vemos um ser humano sendo lenta e cruelmente corroído por um câncer, ou qualquer outra doença fatal que o consome lentamente. Às vezes encontramos na montanha um cabrito doente e esgotado que tenta avançar penosamente por sobre o gelo; os outros o empurram, ele cai, luta, torna a se levantar, avança alguns passos; ele se arrastará durante semanas até o dia em que, graças a Deus, não mais se levantará. Ou então uma raposa ataca um cisne preso no gelo, e o deixa agonizar durante horas, com uma das asas devorada pela metade, a menos que um ser humano passe casualmente por ali e lhe dê o "coup de grâce". Segundo esses Contos de Fadas, para agirmos de maneira sã e sábia, não devemos nos imiscuir nas coisas que estão para além de um determinado limiar, e precisamos evitar as questões insolúveis. Podemos levantar o punho contra a Deusa Natureza, isso nada modificará. É a Sombra abissal que se encontra por detrás de Baba Yaga, e que só podemos olhar com terror, antes de lhe darmos as costas. Parece ser este o segredo da Natureza: ela mata cruelmente e dá nascimento às mais belas coisas. Tem suas próprias leis e seus próprios limites.

Um outro conto, intitulado *Waldminchen* (A Mulherzinha da Floresta), desenvolve o mesmo tema de *Senhora Trude*, mas sob uma forma mais positiva, permitindo que compreendamos melhor o papel desempenhado por essas feiticeiras. Eis um resumo do conto:

Os pais de uma menininha obstinada, lhe dizem que a Waldminchen virá pegá-la se ela não obedecer. A menina, com efeito, atormenta cruelmente seus colegas de escola. Um dia, uma velha mulher verde sai da floresta, prende a menina e a leva para perto de um grupo de crianças muito boazinhas que se divertem colhendo margaridas. A Waldminchen a aconselha a se comportar bem com as crianças e a brincar com elas; diz que deseja educá-la e que deve ficar ao seu lado. No primeiro dia, assustada, a criança se comporta bem, brinca com as outras, e passa um excelente dia.

Digitalizado com CamScanner

A Waldminchen cuida delas, e lhe serve uma boa refeição. Na manhã do dia seguinte, entretanto, a menina recomeça a fazer suas maldades e as crianças se queixam. "Muito bem", diz a Waldminchen; segura então a menina e a entrega a alguns homens – os príncipes consortes da grande Deusa – que a atiram no moinho, onde fica reduzida a pedacinhos, e de onde sai, do outro lado, transformada numa velha mulher corcunda. A Waldminchen lhe diz: "O que é velho se tornará jovem, e o que é jovem se tornará velho." Quando a criança se vê num espelho, fica aterrorizada e completamente desesperada. É deixada assim por algum tempo, até que aprenda a lição; depois a passam no moinho outra vez, mas em sentido inverso, e ela reencontra sua juventude. Mais tarde, chega o pai: a perda da filha lhe causara tanto sofrimento que tinha ficado muito velho; passam-no também no moinho da juventude, depois do que os dois voltam para casa; a partir de então, a menina passa a se comportar bem e torna-se uma mulher perfeita.

Encontramos nesse conto o tema da transformação através das operações de triagem e moedura. A juventude e a velhice são formas simbólicas atenuadas da vida e da morte. O moinho da juventude, pertencente à mulher verde (cor da vegetação que morre a cada inverno para renascer na primavera), lembra a moenda de farinha e de papoula de Baba Yaga, assim como seu almofariz e seu pilão. Temos aí uma alusão evidente a um tema alquímico clássico. Vimos que a "trituração" e a "redução a pó" correspondiam, psicologicamente, à aniquilação das durezas egoístas e voluntaristas do Ego, preparando a transmutação. Quanto à "calcinação", à qual a Senhora Trude submete a menina caprichosa, também ela se assemelha a uma operação alquímica.

Vemos portanto que essas figuras dissimulam sob seu aspecto assustador de feiticeiras, um sentido bem mais profundo, pois presidem, na realidade, às operações da Grande Obra interior. Esses contos pretendem assim sugerir que existe uma finalidade interior para os sofrimentos da Natureza e da vida.

As cores atribuídas aos serviçais da feiticeira fazem igualmente alusão aos diferentes estágios da confecção da

Digitalizado com CamScanner

pedra Filosofal. Da mesma forma, o *Dia*, a *Noite* e o *Sol* figuram a passagem pela morte e o nascimento do "Sol interior". O Sol nascente é um símbolo do Self[4].

Em *Senhora Trude*, temos uma precisão suplementar: a feiticeira procura aparentemente reduzir, por meio de uma racionalização, o papel dos 3 homens vistos pela menina. A racionalização é uma armadilha, uma prova que lhe é proposta. Ela corresponde à nossa propensão a pensar, quando nos encontramos face a uma experiência interior, que "isso não passa de ...", fugindo assim à possibilidade de sermos por ela atingidos e transformados. O homem negro, diz a Senhora Trude, é o limpador de chaminés (aquele que, ao limpar o condutor que liga o interior da casa aos Céus, permite que o fogo flameje. Essa limpeza corresponderia à integração da Sombra). O homem verde é o caçador (aquele que, depois da busca, atinge o alvo). O homem vermelho é o açougueiro (o sacrificador, nas visões de Zósimo de Panópolis[5]. Os alquimistas conhecem as cores da Obra: o negro (*nigredo*), o branco (*albedo*), o verde (*veriditas*), o amarelo (*atrinitas*), o vermelho (*rubedo*), etc.

A mulher verde da floresta tem portanto poderes divinos. Como Ísis, é uma alquimista e uma maga que está fora, ou além do tempo, que concede juventude ou velhice segundo o seu desejo. Tornada feiticeira pela rejeição que nossa civilização lhe opõe, a Deusa Natureza, que é a própria vida, e que os sonhos nomeiam às vezes "Mãe-Alquimia", continua a presidir aos mistérios das transmutações. Se compararmos o que acontece com as três jovens (*Wassilissa*, as menininhas de *Senhora Trude* e de *Waldminchen*), constataremos que a face que a Deusa Natureza apresenta depende inteiramente da atitude da visitante. Em *Senhora Trude*, a menina é uma criaturinha infantil e maldosa que, destruída pelo fogo, se transforma em calor e luz. É como se o conto

4. Cf. M.-L. von Franz, *L'Ane d'Or. Interprétation d'un Conte*, trad. cit., p. 267 e seg.: Horus, incarnation du soleil levant et image de la naissance intérieure du Soi. (N. da T. franc.)

5. As visões do alquimista egípcio são relatadas por Marcelin Berthelot, in: *Les Alchimistes Grecs*. Jung as comenta no livro IV de *Racines de la Conscience*, trad. cit. Ver igualmente M.-L. von Franz, *L'Ane d'Or*, op. cit. "A Deusa Ísis e as cores da Obra", p. 224 e seg.; e também Etienne Perrot, *La Voie de la Transformation*, op. cit., parte II, cap. V: "Les visions de Zosime" (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

parasse no estágio do "cozimento" da matéria prima. Em *Waldmínchen*, a menina é apenas aparentemente punida, pois vem a ser transformada: o processo é engajado. *Wassilissa*, que age corretamente, é posta à prova antes de ser auxiliada. Ela atravessará o processo completo e desposará o rei.

É interessante observar que a curiosidade das crianças é apresentada nesses contos como sendo extremamente destrutiva. A curiosidade, tanto quanto pude observar, é raramente punida nos Mitos dos heróis, ao passo que provoca a quase sempre a morte da heroína. *Wassilissa* não pergunta nada sobre as mãos, e tem a vida salva. A criança de *Senhora Trude*, ao contrário, se imiscui nos segredos que deveria ignorar, perdendo assim a vida. O fato faz alusão ao que os alquimistas denominaram: "Os perigos da Obra". Só pode penetrar nos mistérios da Natureza e no processo de transformação aquele que não se contenta com uma curiosidade gratuita, mas nela se engaja. É perigoso brincar com as verdades interiores sem suficiente seriedade, temor reverencial e honestidade em relação a si mesmo. Tornar-se consciente exige, afinal, uma atitude ética.

Do ponto de vista psicológico, a curiosidade da menina corresponde ao despertar de seu Animus. Ela está na idade dos "por quês". Esse espírito inquidor, positivo em sua essência, só se torna negativo quando se obstina em dar respostas clichês aos mistérios da vida, e os racionalizar, acreditando explicá-los. De fato, a curiosidade das mulheres é geralmente dirigida de maneira indiscreta para o que está acontecendo na casa do vizinho, para as maledicências; elas se interessam, por exemplo, por brigas, divórcios. Se observarmos mais de perto, perceberemos que esse interesse esconde o germen de um pensamento filosófico, como: "Por que os homens e as mulheres brigam?" Mas geralmente não vão mais além. Se, nessa ocasião, a mulher dissesse a si mesma: "Em que isso me concerne? Por que a questão dos desentendimentos entre homens e mulheres me fascina?" seria levada a uma reflexão real, em lugar de permanecer no nível de uma operação mental mal desenvolvida, por não ser nem desinteressada nem objetiva. Essa é uma atitude característica de um Animus não exercido. A falta de cultura, na qual as mulheres ficaram por tanto tempo confinadas nas sociedades de dominação masculina, é em grande parte, responsável por essa situação. Por isso,

Digitalizado com CamScanner

tantas mulheres têm necessidade de desenvolver e diferenciar sua Função pensamento, e, se pararam seus estudos cedo demais, procuram retomá-los por elas mesmas. Um dos papéis do analista consiste algumas vezes em auxiliar uma mulher a precisar o seu pensamento, a encontrar a representação justa e a desenvolver seu senso crítico nesse campo, ao passo que devemos freqüentemente ajudar o homem a precisar seus sentimentos e seus "estados de espírito". Algumas mulheres deixam que se exprima o que poderíamos denominar a Filosofia natural, falando incessantemente do que as fascina; depois, percebendo que não estão despertando nenhum interesse, podem acrescentar: "Não é na realidade o que me interessa, mas isso me faz pensar na vida, no que pode ser o amor, no que poderia ser uma relação verdadeira", etc., depois do que enunciam, num tom banal, alguma sábia sentença estereotipada, e mudam de assunto. Em que medida há nessa atitude um esforço de reflexão, ou simplesmente a mesquinha curiosidade da Sombra? Geralmente há os dois: um interesse filosófico em germen *e* uma curiosidade devida à Sombra, que se identifica à má sorte dos outros, com ela se alegra, e sobre ela projeta suas próprias decepções e seus próprios defeitos. Eis aqui alguém, penso, que tem parte com a inquirição destrutiva expressa os contos. O Diabo, como encarnação do Poder (sobre si e sobre os outros), tem muito a ver com a situação!

A função do Mal na natureza é um mistério tão ambíguo e perturbador que muitas vezes só conseguimos nos comportar como a menina do conto. O Mal, em seus aspectos mais destrutivos e escandalosos, tais como as guerras, as torturas ou os campos de deportação, não é ligado diretamente à Deusa mãe; ele resulta, ao contrário, do princípio masculino, na medida em que este exclui o princípio feminino em favor de seu pensamento puro, de um mundo dominado pela técnica e pelo poder, além de um materialismo desprovido de alma. O princípio feminino, renegado, ressurge então, por "vingança", sob a forma fria e destrutiva da Anima negativa. Mesmo na Sociologia, podemos observar que alguns cientistas adotam esse modo de pensar. Assim, em sua obra *The Biology of War*, Nicolaï se pergunta friamente se, de um ponto de vista biológico e genético, a guerra seria uma coisa boa ou má, se os bons ou os maus elementos são nela destruídos, e assim por diante. Sabemos

Digitalizado com CamScanner

a que excessos podem levar atitudes como essa. Os cientistas atômicos, que encaram calmamente as destruições em massa e inventam todo um vocabulário técnico e "neutro" para designá-las, estão possuídos pelas "mãos" privadas de corpo e de alma.

O destino pode, no entanto, levar uma pessoa a considerar essas questões. Um médico, por exemplo, pode ser forçado a adquirir um pouco desse desprendimento para suportar o contacto contínuo com o sofrimento e a morte. No decurso do primeiro semestre, nas aulas de dissecção, ou o estudante abandona o curso, ou então adquire um pouco da indiferença da Natureza. Mas se não sabemos o que estamos fazendo, e se essa situação vai longe demais, nos tornamos frios e diabólicos, o que ocasiona uma dissociação. O médico que pode observar objetivamente uma doença grave no paciente do leito número tal, reagirá de maneira bem diversa se um dia sua mulher ou sua filha for atingida pelo mesmo mal. Produzir-se-á então um conflito ou uma falha entre o homem médico, que observa a doença e a maneira como ela se desenvolve e termina, e que nela vê simplesmente um processo natural, e o ser humano individual, para quem se trata de um fato único, uma catástrofe profundamente sofrida. Temos aí a contradição entre dois princípios que se excluem mútuamente. Face a este espírito masculino e abstrato, cabe particularmente à mulher preservar o aspecto pessoal e afetivo dos eventos. Ela deve lembrar o seu aspecto humano, a reação emocional única que não pode ser descrita fria e estatisticamente. Ao defender os direitos da relação afetiva, ela compensa o espírito masculino e impede que o homem perca todo sentimento. Por outro lado, uma mulher que começa a pensar dessa maneira fria, está possuída pelo Animus, e a consequência é sempre destrutiva. A tarefa insubstituível da mulher é a de obrar para conservar a atmosfera pessoal que liga entre si os seres humanos, ou seja, o Eros.

Nem mesmo uma boa discriminação e uma atitude justa e consciente podem impedir completamente o sofrimento e o mal. Daí, como dizem os contos, a necessidade de evitar o exame excessivo, ou exclusivo, desse aspecto da vida. Podemos trabalhar em nossos afetos inconscientes e seus efeitos, dar alívio a nós mesmos e aos que nos cercam, exercer uma ação parcial sobre nosso meio, mas nunca conseguiremos fazer desaparecer do mundo a doença e a

Digitalizado com CamScanner

morte. Existem limites para as possibilidades humanas, e há um momento em que a Natureza é a mais forte. Ela jamais fará parar seus moinhos de velhice e de juventude, de morte e de vida.

Parece que os antigos chineses consideraram esse problema do Bem e do Mal com um desprendimento próximo ao da Natureza, sem que com isso tenham perdido o calor do sentimento. Fiquei surpresa com o que disse Tchuang-Tseu a esse respeito: o homem sábio é como a leoa; contenta-se em olhar para a Natureza, e se torna semelhante a ela. À primeira vista, poderíamos pensar numa certa indiferença despreocupada: o sábio taoísta, tal como é apresentado por Tchuang-Tseu, não deve, com efeito, se afligir demais se sua mulher, seu melhor amigo, seu discípulo preferido ou seu mestre venham a morrer. Ele se encarregará da cerimônia fúnebre, sem se demorar na tristeza. Numa outra passagem, ele acrescenta que todo mestre taoísta esclarecido não se esforça para ser caridoso, para salvar outrem, ou para fazer uma boa ação: ele deixa acontecer. Aparentemente age como a Natureza seguindo o seu curso, mas, acrescenta Tchuang-Tseu, o sábio ama todos os seres a partir de seu próprio núcleo (o Self), e pela irradiação da bondade espontânea que nele reside. Aquilo que, aos olhos do taoísta, é contra a Natureza, e portanto suspeito, é o agir em nome de princípios morais e éticos, pois isso produz efeitos contrários escondidos. Assim, Lao-Tseu afirma que a Bondade e o Amor declinaram a partir do momento em que foram nomeados, isto é, em que foram erigidos em princípios, em ideais. É preciso ressaltar que Tchuang-Tseu fala aqui unicamente do *Sábio*, ou seja, daquele que, tendo estabelecido a ordem e o desprendimento em si mesmo, está em ordem com os outros, com os acontecimentos e com os ritmos da vida e do universo. Como assinalam os alquimistas, a *materia prima*, a Natureza, deve, inicialmente, ser "retificada". Dito de outra forma, o indivíduo que procura viver de maneira justa e generosa deve primeiramente trabalhar para clarificar suas próprias motivações e se pôr em estado de disponibilidade: "Busquem o reino de Deus e sua justiça, e o resto vos será dado em acréscimo".

O sábio, diz Tchuang-Tseu, levado pelo entusiasmo natural do ser ligado a seu núcleo, poderá cuidar do amigo quando ele estiver doente, ser útil à cidade e ir para onde se fizer necessário, mas tudo isso sem abandonar o Tao, o

Digitalizado com CamScanner

sentido interior. Como ele age de maneira justa, não haverá sentimento de obrigação por parte do outro ou espera de gratidão de sua parte. Trata-se de maneira mais sutil de transcender o ético, de aproximar-se da bondade absoluta e desinteressada. É o que pensava Pascal, quando escreveu: "A verdadeira moral zomba da moral", ou então Santo Agostinho, com seu famoso: "Ame, e faça o que desejar!" Não podemos, com efeito, descrever essa atitude senão sob a forma de paradoxos. Para nós, um posicionamento assim é muito mais difícil do que para um oriental, pois sempre nos foi ensinado que devemos agir e lutar para sermos bons e cumprirmos o nosso dever. Por essa atitude demasiadamente unilateral e voluntarista, acumulamos, por recalque, um tal abismo de terror "do outro lado", tanto no plano individual como no coletivo, que o problema tornou-se praticamente insolúvel. Jung nos propõe uma aproximação mais adaptada ao Ocidente dessa forma de sabedoria. O caminho que a ela conduz é o desenvolvimento da Consciência e as retificações e transformações a que somos levados pela escuta lúcida de nosso ser interior, em particular com a ajuda dos sonhos; é o caminho da realização da totalidade do indivíduo e do Self.

Os dois contos que proponho agora descrevem uma outra atitude da heroína em presença do segredo; eles apresentam uma variante muito interessante do tema. O primeiro é uma história austríaca:

Uma mulher negra, que possui um castelo, proíbe a uma menina de entrar num determinado quarto. Evidentemente a criança desobedece e descobre que a mulher negra, graças a um trabalho que realiza em si própria, muda de cor, tornando-se branca. A menina sai do quarto imediatamente, mas, a partir desse instante, passa a ser perseguida pela mulher negra, que quer saber se ela entrou ali. Ela nega e, no instante crucial em que vai ser queimada como feiticeira, a mulher negra a salva, explicando: "Se você tivesse dito uma única vez que tinha entrado no quarto, eu a teria reduzido a pó e cinzas, mas agora você me libertou e será recompensada."

Numa variante alemã:

A menina penetra no segredo aterrador da feiticeira, que lhe pergunta em seguida: "Minha filha, você me viu sofrendo?" A menina finge que nada viu e, também ela, é recom-

Digitalizado com CamScanner

pensada. O tema da mentira benéfica é apaixonante. O não penetrar nos segredos da Mãe Natureza, ou o mentir, pretendendo nada ter visto, constitui, segundo essas histórias, a grande arte. A Deusa aparece como uma criatura indigente, sofredora e infeliz, que não deseja que seres humanos o testemunhem. Se se tratasse de um ser humano, essa reação seria compreensível: ele estaria desejando dissimular a sua Sombra, seus defeitos ou seu sofrimento. Esta é uma reação com que nos deparamos a cada vez que tentamos alcançar a Sombra de um analisando: ele se revolta e nos incrimina. Ao analisarmos um paciente que tenha uma forte Sombra, pode suceder que a detectemos desde o primeiro momento, sem que possamos abordar o assunto com ele senão bem mais tarde, quando seus sonhos e o trabalho interior já lhe permitem aproximar-se do Inconsciente. O choque de uma verdade pode ter um efeito destruidor, e a relação paciente-terapeuta estará perdida. Pelo amor de Deus, não caiam nessa armadilha!

Sem dúvida, trata-se apenas de uma analogia, é uma Deusa feiticeira que protege cuidadosamente o seu segredo. Penso que essa reação está ligada a uma atitude religiosa primitiva, profundamente enraizada no ser humano. Ainda encontramos esse gênero de reação por exemplo entre os montanheses dos Alpes. Acima de Seelisberg há um lugar soberbo de onde se pode ver todo o lago dos Quatro-Cantões. No momento em que nos dirigimos para o outro lado, descobrimos de repente o lago sob um ângulo inteiramente inesperado. Se o Sol está brilhando, a água não mais é verde, mas transparente, e a vista abarca os Alpes inteiros. Se somos sensíveis à beleza da Natureza, vivemos ali uma experiência de tirar o fôlego. Os próprios vaqueiros, ainda que pessoas assaz rudes, se deixam tocar pelo espetáculo. Dizem que é comum vacas desaparecerem de repente nesse lugar (estão assim projetando sobre elas seu próprio eclipse de Consciência). Quando se passa por ali, dizem eles, deve-se estar atento para não se deixar dominar pelo pânico. É preciso bater com o chicote e continuar falando com as vacas como se ainda estivessem ali, fingir que nada ocorreu; assim, depois de alguns minutos as veremos novamente caminhando à nossa frente. Se agirmos de outra maneira, haverá o risco de um acidente, e uma vaca, ou o seu guardião, poderá cair no precipício. Dessa forma, o homem realiza uma espécie de gesto religioso. Se ele se deixasse

Digitalizado com CamScanner

submergir pela emoção, correria o risco de ter uma reação de pânico animal, que repercutiria imediatamente nas vacas que, muito sensíveis ao humor do vaqueiro, seriam então capazes de fazer qualquer coisa. Quando somos presas do pânico, de nada serve racionalizar. Por isso o vaqueiro pretende que as vacas foram embora e finge que não viu. Mente para si mesmo, salvando assim a sua pele e a de seus animais.

Observamos a mesma reação nas pessoas submetidas a um choque emocional, quer se trate de uma grande dor ou uma alegria extrema: produz-se um tempo morto. Assim, quando anunciamos a uma pessoa o falecimento de um parente próximo, pode acontecer que ela aja como se nada tivesse ocorrido, até que o pior do choque tenha passado; geralmente só então fica aniquilada, chora e demonstra uma reação normal. Esse processo natural protege os seres muito sensíveis, que de outra forma ficariam prostrados sob o efeito do choque. Fingir que nada aconteceu é, neste caso, um instinto salutar, profundamente ancorado no homem; por isso se encontra na base de muitos ritos religiosos. Está, com efeito, relacionado com o temor reverencial sagrado, com o respeito pelo que é numinoso, e ainda com todos os "guardiões do limiar". O mistério mais interior, ao mesmo tempo admirável e terrível, o da experiência do numinoso e da transmutação, se esconde no segredo mais profundo da alma. É bom reconhecer o aspecto positivo do silêncio diante do mistério.

A necessidade humana de calar a experiência numinosa é compreensível; mas podemos nos perguntar por que a própria Mãe Natureza não quer ser vista em todo o seu esplendor ou sua abominação. Ignoramos evidentemente o que ela é em si; porém, dado que se conduz exatamente como um ser humano que teria vergonha de si mesmo, parece que podemos discernir na Natureza uma espécie de aspiração na direção de uma maior humanização do ser humano. Não podemos dizer que isso seja verdadeiro no absoluto, mas apenas que os documentos fornecidos pelo Inconsciente parecem afirmá-lo. Se for verdadeiro, significa que há chances de que, apesar dos acontecimentos catastróficos e das ameaças com as quais a humanidade é defrontada, a Natureza tem a intenção de prosseguir na experiência "Homem" que somos, e de que a espécie humana sobreviva ainda por muito tempo.

Digitalizado com CamScanner

Isso nos leva a abordar outra questão importante: os Mitos devem ser considerados como criações puramente humanas, ou revelam objetivamente a face escondida da Natureza? São eles uma simples projeção, ou correspondem a uma verdade mais vasta do que o homem? Não se pode resolver com facilidade uma questão como esta, pois ela faz parte do domínio metafísico. Por essa razão, Jung sempre insiste no fato de que, quando fala da divindade, não está afirmando, no sentido metafísico, que Deus, a realidade última, seja isto ou aquilo, mas que *a imagem de Deus* se reflete no homem de tal ou tal maneira, ou que a Psique inconsciente do homem lhe remete tal ou tal imagem de Deus. No entanto, como em relação à Deusa mãe, Natureza e face feminina da divindade, estamos no direito de pensar que não se trata de uma pura projeção, porque o Inconsciente *é* a Natureza no ser humano. É portanto a Natureza, como Psique inconsciente do homem, que descreve a si própria como desejosa de tornar-se mais humana, e de aceder a uma maior Consciência. Afirmar ou negar que as coisas se passam assim no absoluto, foge aos limites de nossa investigação objetiva e empírica.

Tudo o que podemos dizer e concluir a partir dos materiais fornecidos pelo Inconsciente Coletivo é que, já que a Psique natural do ser humano descreve a Natureza como tendo essa aspiração, é normal, natural, e portanto salutar, confiarmos, empiricamente, no que ela revela de si mesma em nós.

Resumindo, diremos que a Natureza aparece no Inconsciente como uma realidade ao mesmo tempo sublime e aterradora, isto é, que ela produz o "terror sagrado" que o ser humano sente diante do numinoso. Como no mundo exterior, seu reflexo interior a mostra simultaneamente bela e terrível, mas tudo se passa como se aspirasse secretamente a uma evolução, um sentido. Ora, o meio privilegiado para desposar essa evolução e esse sentido consiste em nos submetermos à prova, ao mesmo tempo dolorosa e maravilhosa, da transmutação, da qual, nos dizem os Contos, ela é a Senhora.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO IX

A BELA WASSILISSA (Fim)

Observamos que segundo muitos Contos e Mitos, a imperfeição da Natureza resulta do declínio de uma Deusa, ou do fato de ter ela sido decepcionada ou enganada. Constatamos igualmente que esses temas não são próprios de nossas regiões, podendo também ser encontrados em outras culturas, como a dos esquimós, onde apresentam algumas variantes, de acordo com as diferentes tribos. Assim, vimos que Sedna, Deusa mãe e Deusa da Natureza, vive no fundo do mar, onde é a Senhora das baleias, das focas, dos peixes e de todos os outros animais aquáticos. A população, que vive unicamente dessas presas, oferece sacrifícios à Deusa, rogando-lhe que conceda boa sorte e sucesso aos caçadores. Examinemos mais detalhadamente este mito: Segundo algumas versões,

Sedna era uma jovem estranha, que se recusava a casar-se com um homem comum. Um dia, um pretendente vindo de muito longe se apresentou a ela (seja sob a forma humana, seja sob a forma de uma gaivota), e Sedna seguiu até a sua morada. Lá constatou que ele não lhe dava atenção, a negligenciava e não lhe trazia o que comer. Enviou um mensageiro ao seu pai pai, para que viesse buscá-la. O pai matou então o amante ou o marido insatisfatório. Por vingança, as gaivotas, ou o fantasma do marido morto, provocaram uma tempestade que os surpreendeu no cami-

Digitalizado com CamScanner

nho de volta. Para salvar a própria vida, o pai jogou a filha no mar: quando esta se agarrou na borda do barco, cortou-lhe os dedos com uma faca e ela afundou nos abismos marinhos. Desejando vingar-se, Sedna, através de encantações mágicas, persuadiu os seus cães a atacar o pai. Eles devoraram o seu nariz, ou as mãos e os pés, ou nariz, mãos e pés.

Pai e filha, depois de se terem mutilado, passaram a viver unidos no fundo do mar, onde Sedna tornou-se a grande Deusa da Natureza; benfazeja para os humanos, também era a Senhora da morte: as almas dos esquimós iam juntar-se a ela em seu domínio submarino, onde compartilhavam da sua existência; se haviam sido bons em vida, usufruiam de condições agradáveis; caso contrário, eram torturados pelos animais. Periodicamente, quando a caça e a pesca escasseavam, um Xamã ia livrar Sedna dos piolhos que havia em sua cabeça, e a prosperidade voltava à terra dos vivos. Assim, todas as vezes que as baleias e as focas desapareciam, o Homem medicina devia ocupar-se da cabeça da Deusa.

Sedna é o espírito secreto da Natureza que detém o poder de vida ou morte. Seu terrível segredo está ligado a uma dupla decepção: tanto o pai quanto o marido a traíram, de forma que nunca pôde instaurar uma justa relação com o princípio masculino, o que se traduz por seu lado negativo e perigoso.

Conhecemos ainda a versão bíblica, segundo a qual a morte e a corrupção surgiram no mundo pela falta de Eva, e sabemos que na Cabala desenvolveu-se uma doutrina que afirma que essa situação insatisfatória é o resultado da separação havida entre a Shekhina e Deus: se o princípio feminino fosse reabilitado e se unisse à divindade, o mundo reencontraria a harmonia. Se transpusermos o sentido desses contos e mitos para o plano psicológico, diremos que esses exemplos ilustram o dano e o empobrecimento psíquicos decorrentes do recalque e do desprezo em que, na maioria das vezes, é mantido o princípio feminino.[1] Por isso o ser humano que é sábio e religioso, bem como todos os

1. M.-L. von Franz, *L'Ane d'Or*, trad. cit., cf. capítulo VI e *passim*. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

que se esforçam em fazer progredir a Consciência, trabalham para a sua restauração e para a restauração da Hierogamia, ou casamento sagrado dos princípios masculino e feminino.

Em tempos normais, é relativamente raro encontrar o Mal em estado puro num indivíduo. Em geral as atitudes e os pensamentos maus, e ainda os afetos destrutivos resultam, como em Sedna, de uma vida infeliz, de um medo fundamental da vida, ou de uma decepção. Quase sempre o Mal e o Bem se encontram confundidos em nós. Todavia o prazer no Mal, o Mal pelo Mal, existe, e se trata, sem dúvida, de uma coisa terrível que se nos apresenta como sendo contra a Natureza. É suficiente pensar em alguns criminosos ou, no nível coletivo, os pavores que se desencadeiam por ocasião de perseguições, guerras, etc.

A própria existência do Mal e do sofrimento no mundo e, particularmente, no ser humano, é um mistério diante do qual só nos resta o silêncio. Quanto à interdição da Deusa mãe, que não permite que sua Sombra seja vista, podemos acrescentar que se observarmos o Mal muito de perto, sem a necessária maturidade, pode suceder que nos tornemos cínicos. A que conclusão podemos chegar após uma visita ao museu de Auschwitz? Schopenhauer afirmava que o homem só serve para engraxar as botas do homem. Se adotarmos essa Filosofia, só nos restará dizer a nós mesmos: "Vou pegar um revólver porque quero sobreviver e pouco me importam os outros! De qualquer forma estão querendo me matar; então que eu seja o primeiro a atirar!" É essa a única conseqüência lógica, quando nos desligamos do sentimento. Quando, ao contrário, desejamos permanecer humanos, precisamos, de alguma forma, velar a nossa face. Assistir a filmes de guerra e de violência, em lugar de ser dissuasivo, constitui uma incitação a essa mesma violência. Os antigos sabiam disso; em respeito aos Deuses ctonianos, desviavam o olhar e cobriam o rosto; quando rogavam os favores de Hécate, usavam um véu negro para que *não* pudessem vê-la, por medo de se tornarem semelhantes a ela. Se, entretanto, a vida nos forçar a descer aos Infernos para contemplar de perto o rosto negro de Hécate, e até mesmo para abraçá-la, disso poderá resultar uma luz – a ressurreição que surge da paixão, o Mal transformado em Bem maior, o que nos remete à transmutação alquímica. Cabe a cada um descobrir o quanto pode assumir do peso

Digitalizado com CamScanner

comum, e proporcioná-lo às suas forças: suportar as próprias provas da melhor maneira possível, e, modestamente, ajudar os outros a fazer o mesmo, sempre segundo as suas possibilidades e os dons que possui, já significa muito.

Isso se traduz na prática pelo fato de que se nos deixamos invadir pela avalanche de calamidades e desgraças, coletivas e privadas, que nos chegam diariamente através dos meios de Comunicação, pode ocorrer que nos tornemos indiferentes, ou que fiquemos aniquilados e incapazes de fazer até mesmo o pouco de Bem que seria de nossa competência. É por isso que um certo afastamento em relação ao Mal é legítimo e mesmo necessário. Atitude que não tem nada a ver com a torre de marfim egoísta daquele que não quer tomar conhecimento dos problemas sociais ou das dificuldades de sua antiga vizinha de andar. A autodisciplina a que me refiro nos permite poupar as energias a fim de podermos afrontar o Mal com eficácia ao nos depararmos com ele. Com efeito, a experiência comprova que suportamos melhor o espetáculo de um sofrimento que podemos socorrer, face ao qual não estamos passivos. Uma pessoa muito sensível contou-me que embora tivesse socorrido feridos durante a guerra sem sentir muita emoção (a preocupação com a eficácia tendo momentaneamente polarizado toda a suas capacidade de atenção), quase desmaiou alguns meses depois ao assistir a uma cena sangrenta num filme policial, que lhe lembrou as cenas que havia vivido. Na situação real, ela havia se tornado útil e não tivera tempo para náuseas ou problemas metafísicos na hora de colocar um garrote! Olhar de frente o Mal para o qual podemos direta ou indiretamente trazer algum remédio, e nos mantermos à distância, sem nos atardarmos mais do que o necessário, em relação àqueles contra o qual nada podemos, constitui sabedoria e instinto de conservação, enquanto que a atitude inversa significa morbidez.

Esta é uma verdade psicológica profunda que transcende o que costumamos considerar uma simples manifestação de sabedoria e bom senso. O Antigo Testamento recomendava o temor de Deus: mergulhar o olhar nas profundezas do abismo de maldade e dor que existe no mundo é uma forma de presunção. Se eu julgar essas coisas de maneira irrefletida, estarei me colocando no nível da divindade. Ora, a sabedoria de Deus não é a minha sabedoria; ao esquecer disso, não percebo a diferença de nível.

Digitalizado com CamScanner

Quando ordena ao homem que o tema, Deus está lhe pedindo que permaneça dentro de determinados limites, que reconheça que Ele não pode ser julgado segundo os critérios humanos, como bem ilustra a história de Job. Achando que Deus lhe tinha feito uma injustiça, foi queixar-se a Ele. Sem ceder aos amigos, que tentavam convencê-lo de que era Deus que estava com a razão, e não ele, permaneceu fiel a seus próprios critérios. O próprio Yahvé veio lhe mostrar a distância entre a Sua ordem e a do homem. Job compreendeu a lição; era suficientemente respeitoso e realista para se dar conta de que não podia se permitir acusar Deus. Disse então: "Colocarei a mão sobre a minha boca. Falei uma vez, não repetirei; duas vezes, nada acrescentarei[2]." Nesse aspecto permanecia humano, ao tomar consciência de que era uma criatura limitada e dotada de uma visão antropomórfica da realidade. O Divino foi sempre vivido como uma experiência que transcende o humano, tanto por sua luz como por sua obscuridade. O homem não pode impunemente se erigir em juiz da realidade última. Somos uma parte do Todo. Possuímos certos critérios de valor e instintos que nos permitem viver, mas não compreender e julgar o Todo desconhecível, a menos que ele próprio nos faça penetrar em seu mistério; uma experiência como essa, contudo, nos deixa mudos como Job.

Um outro aspecto do problema está no fato de que a maioria de nós tem uma terrível dificuldade em aproximar-se do Mal, pois hoje não dispomos mais nem de conceitos nem de ritos que nos protejam. De fato, não temos mais nenhuma atitude religiosa face ao Mal. Não que careçamos de conhecimentos a seu respeito, porquanto o Mal é facilmente reconhecível e, se somos honestos, discernimos com facilidade em nós mesmos, nos outros e na Natureza a desonestidade, a cólera, o crime e todas as outras tendências destrutivas; todavia nos falta a conduta psicológica face a esses males, uma conduta religiosa específica. Na história de Wassilissa, a menina vai procurar Baba Yaga protegida pela boneca. O conto nos indica a atitude religiosa a ser mantida e demonstra que não podemos abordar essas coisas de maneira puramente intelectual nem nos contentarmos em seguir apenas as reações de nosso Ego humano.

2. Job, XL, 3. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

Acredito termos aí uma grande problema prático, que pode ser encontrado tanto na psicoterapia como em toda relação humana. Qualquer pessoa que já tenha tentado ter uma explicação séria com alguém sabe que às vezes atingimos um ponto de resistência que é impossível ultrapassar. Pode ocorrer que um dos protagonistas fique completamente "possuído" tornando-se incapaz de discutir de maneira razoável e humana: logo que tocamos num assunto delicado, ele se coloca na tangente ou entra num estado passional; nos vemos então diante de alguma coisa com a qual não sabemos lidar, e que é análoga a uma situação arquetípica caótica. Se não perdermos a calma, compreendemos que se trata de um impasse, e não insistimos. Essa situação é freqüente na Análise, pois, ao tocar num problema profundo do paciente, num dado momento atingimos um ponto que não pode ser ultrapassado. Tudo fica completamente bloqueado e o analisando não pode mais associar ou aceitar nada do que lhe é falado.

Quando essa situação se prolonga e se revela sem saída, podemos ficar tentados a insistir e tentar uma explicação, em lugar de calar e considerar a situação com um total respeito. Mesmo nos casos em que somos levados a interromper o tratamento ou a aconselhar o paciente a mudar de terapeuta (outra pessoa não constelará exatamente a mesma resistência), devemos evitar o raciocínio em termos de julgamento, ainda que psicológico, como: "Este paciente está possuído por seu Animus ou sua Anima, ou por tal Complexo!" Possivelmente ficaremos tentados a abandonar tudo. Se, ao contrário, nos esforçamos em ter uma extrema paciência, o tratamento corre o risco de se prolongar indevidamente, enquanto o sujeito permanece estacionado (durante um período que pode durar anos) sem conseguir ir mais além. Neste caso é preciso aceitar o bloqueio ocorrido e respeitar plenamente o destino e o mistério de cada um; o mais sábio seria propor a interrupção do trabalho. Quanto mais palavras, esforço e emoção, mais avançamos na direção errada. É preciso compreender que os problemas do paciente e sua resistência não são criados de propósito deliberado. Mesmo quando alguém parece estar se recusando a progredir, é muito raro que seja totalmente responsável por isso, pois ninguém é voluntariamente possuído por um Complexo; talvez ainda não esteja maduro e se desenvolverá com o tempo. Trata-se de um destino trágico que deveria

Digitalizado com CamScanner

ser respeitado em silêncio. É evidente que se não posso mais ajudar o analisando, estou perdendo o meu tempo, o analisando está perdendo seu tempo e dinheiro e, sendo assim, é preferível separar-se em paz.

As mulheres para quem as relações humanas têm mais interesse vital que para os homens, apresentam uma maior tendência a cometer o erro de manter tais constelações emotivas; assim agindo, elas as agravam. Penosas experiências me ensinaram que em tais casos deve-se adotar a atitude dos Antigos – velar a face em silêncio e deixar que as situações retomem o seu curso, porquanto ainda que tudo o que se diga seja verdadeiro, se o outro não pode recebê-lo só estaremos cavando ainda mais o abismo, sem obter nenhuma melhora. Nestes casos, não estamos afrontando apenas o Mal humano, mas o Mal da Natureza, presente na Psique do indivíduo. O destino dessa criatura seguirá o seu curso e podemos esperar que ela evoluirá, e mais tarde, ultrapassar os seus limites.

Acredito que as palavras do Cristo: "Não resistam ao mal" têm esse sentido e são verdadeiras no mais alto grau no plano prático. Elas advertem contra a tendência demasiadamente humana, inflacionista, de correr atrás da Sombra do outro, e não atrás de sua própria Sombra. Podemos dizer a nós mesmos: "Fiz o melhor que pude mas não consegui; mesmo assim serviu para que eu pudesse ter consciência de meus próprios limites." É preferível nem mesmo nomear (diagnosticar) o mal do outro, pois se trata de uma pessoa, um indivíduo cujo mistério não pode ser definido ou qualificado com um termo geral. Na civilização da Grécia Antiga, como na Idade Média, evitava-se nomear os Espíritos do mal; da mesma forma, na maioria das sociedades primitivas chamar os fantasmas e os Espíritos obscuros pelos nomes constitui um tabu: "Se falamos do Diabo, logo vemos os seus chifres". Mencionar o nome constela imediatamente o objeto; não mencioná-lo corresponde a uma atitude religiosa de respeito: nos retiramos para o nosso próprio terreno, dentro dos limites do humano. A maioria dos sistemas religiosos em que o Mal é ainda reconhecido como uma entidade recomenda essa atitude. O místico alemão Jacob Böhme[3] morreu justo no momento em que estava trabalhando no problema do Mal; estava

3. Cf. *Jacob Böhme*, Cahiers de l'Hermétisme, op. cit. (N.T. ed. franc.)

Digitalizado com CamScanner

abordando um assunto que talvez devesse ter mantido em segredo. São Tomás, por sua vez, morreu quando escrevia um artigo sobre a penitência que, evidentemente, está ligada ao pecado, e portanto ao Mal. É muito perigoso abordar um assunto como esse com o otimismo ingênuo ensinado pelo Cristianismo, ainda que o próprio Cristo não o tenha pregado. Esta atitude racional e leviana é uma herança das Filosofias platônica, neo-platônica e estóica, e não um influxo que emana de um ensinamento autenticamente evangélico.

O grande perigo da doutrina cristã da *privatio boni*, da não existência do Mal, decorre, em minha opinião, do fato de que provoca uma superstimação do Bem e um otimismo inflacionista e de má qualidade. Ela é em parte responsável por nosso hábito de considerar que a harmonia dos fatos e a felicidade humana ocorrem naturalmente, constituindo alguma dádiva que o Destino, Deus ou a "Sociedade" têm por obrigação nos oferecer. Essa atitude que cultiva a passividade do indivíduo, o mantém no infantilismo. Devemos-lhe também, contrariamente aos povos primitivos, a ausência de ritos que garantam essa harmonia; ela engendra igualmente a idéia de que está em nosso poder aclarar a impenetrabilidade da Natureza e do divino. Se essa visão conferiu à civilização cristã entusiasmo e otimismo, por outro lado ela se encontra na base de uma falsa apreensão da realidade. Estamos aqui face a um problema muito delicado: se não acreditamos na possibilidade de clarificar as zonas obscuras e nauseabundas da alma e de melhorar a situação do ser humano, não podemos nem trabalhar em nós mesmos nem sermos analistas; mas que esse otimismo vá um pouco mais além e estaremos em plena inflação. Mais uma vez, o único caminho é a confrontação pessoal com a Sombra, pois só aquele que conhece os seus próprios abismos pode ajudar outrem a descer em si próprio.

Outro aspecto dessa atitude de respeito religioso nos é revelada pela advertência de Baba Yaga, que diz a Wassilissa que conhecimento demais envelhece. Podemos tomar essa afirmação ao pé da letra. Quando somos jovens, nos imiscuímos em tudo por otimismo juvenil, recebendo por isso bons golpes na cabeça. À medida em que ficamos mais velhos, nos interiorizamos mais e nos tornamos mais prudentes. Contudo essa atitude pode ir longe demais e as pessoas mais velhas podem cair no cepticismo e, pretextan-

Digitalizado com CamScanner

do experiência e sabedoria, esfriar o ardor dos outros em empreender o que quer que seja; podem desencorajá-los dizendo que seus projetos não irão adiante, que não vale a pena nem mesmo tentar. Faz-se necessário encontrar um equilíbrio entre esses extremos. Se a menina tivesse procurado saber sobre as mãos, teria vivido uma experiência terrível que lhe faria perder todo o entusiasmo vital. É preciso indagar: que grau de Mal posso me permitir olhar sem perder meu apetite de viver? Quando o destino impulsiona alguém a se debruçar particularmente sobre o sofrimento e o Mal, ele não pode deixar de fazê-lo, mas, por favor, não carreguem seus barcos com uma carga que não lhes está sendo pedida – trata-se de uma imprudência, sobretudo se estiverem cedendo a uma curiosidade mórbida. Retornamos sempre à atitude do sábio taoísta que deixa ao seu Self o cuidado de decidir quando e em que medida deve agir. Não se trata de egoísmo, pois o Self pode exigir sacrifícios e devotamento verdadeiramente heróicos. Temos de aceitar nosso destino (porquanto aí está nossa matéria prima para a Obra), mas não antecipá-lo ou tentar nós mesmos forjar um; estaríamos nos impondo uma carga ilegítima que o Self não nos ajudaria a carregar. É por isso que a maioria dos Homens ou Mulheres-medicina primitivos não faz propaganda. Não têm "entusiasmo terapêutico", não se imiscuem no Mal mais do que o necessário (traduzindo: não encorajam estouvadamente as pessoas não preparadas a empreenderem uma Análise). Quando alguém que se sente perseguido por maus espíritos vai procurá-los e solicita a sua ajuda, só então consentem, mas não sem reticências, o que demonstra que são muito mais conscientes do que nós da realidade perigosa e bem viva do Mal. Pode suceder que quando amamos alguém nos vejamos impelidos a partilhar o seu destino e afrontar o seu mal; mas, de outro modo, é preferível não despertar o gato que dorme, pois se trata freqüentemente de um Diabo, que é imprudente e tolo provocar.

O problema ético de ser a causa do mal ou do sofrimento de outrem é evocado pela imagem da caveira de olhos ardentes que Baba Yaga dá a Wassilissa. A caveira pede para ser levada para a casa da madrasta e lá chegando seu olhar permanece cravado sobre ela, e também sobre as duas filhas, até que se tenham consumido e reduzido a cinzas.

Ter a sensação de estar sendo incessantemente observado sem poder se esconder, significa estar com a Consciên-

Digitalizado com CamScanner

cia pesada. Lembremos o belo poema de Victor Hugo: depois do assassinato de Abel, Caim sofre de alucinações – vê um olho que não cessa de observá-lo. Foge para o fim do mundo, mas o olho o persegue. Finalmente entra num túmulo, fecha de novo a lápide e fica escondido no escuro. No entanto, ao erguer os olhos, "O Olho estava no túmulo e olhava para Caim". Podemos dizer, nos termos de Jung, que a alma humana contém um "saber absoluto" que conhece o Bem e o Mal, ao qual não se pode escapar. Não é por acaso que "consciência" significa ao mesmo tempo "ter consciência de" e estar com a Consciência "leve" ou "pesada", pois, com freqüência, a falta consiste em não querer ter consciência de alguma coisa. Ninguém pode escapar às censuras de sua Consciência, nem mesmo quando a polícia não o prende e todo o mundo ignora o seu crime!

Tendo ela própria, numa certa medida, tomado consciência do mistério do Mal, Wassilissa constela essa Consciência igualmente nos outros. Ao viver perto de Baba Yaga, ao contemplar suas profundezas obscuras, suscita uma proteção para si; trata-se do fruto, assaz penoso aliás, da Obra, que consiste em mergulhar em sua própria Sombra e lançar um olhar sobre a Natureza. Descer em sua própria Sombra é, antes de mais nada, fortemente desagradável, em absoluto divertido, e os resultados também não o são. No entanto, essa confrontação com a Sombra é a única entrada e a chave de toda evolução e de todo trabalho interior. Além disso, quanto mais conhecemos nossa própria iniqüidade, mais nos tornamos capazes de nos proteger contra a dos outros: o Mal em nosso interior reconhece o Mal no exterior. Se me mostro ingênuo quanto às minhas más intenções, serei vítima das dos outros. Todo o mundo poderá mentir para mim, me pregar peças, cairei sempre na armadilha, serei uma pobre criança perdida, um inocente cheio de boas intenções, para quem o mundo é cruel. As pessoas que a todo propósito se deixam maltratar pelos outros, ou são muito jovens ou demasiadamente cândidas, e são indiretamente responsáveis pelo que lhes acontece por não terem suficiente Consciência do Mal que há nelas próprias. Se a tivessem, adquiririam uma espécie de percepção intuitiva do Mal nos outros, tornando-se capazes de suspeitar. Quanto mais contemplamos nosso rosto em nosso espelho interior, quanto mais olhamos de frente nossa propensão ao ódio, à avidez, ao ciúme, à insatisfação, etc., mais capa-

Digitalizado com CamScanner

citados estamos para ler esses sentimentos no rosto de outrem e, neste caso, de nos mostrarmos bastante sábios para nos afastarmos de seu caminho. Essa percepção imediata e instintiva das intenções do outro, também os animais a possuem. Um animal "sente" se gostamos dele, se estamos ali intencionados, ou se o tememos. Não é através da piedade que podemos ajudar o louco idealista que se deixa enganar por todo o mundo e cai em todas as armadilhas, e sim tentando conduzi-lo em direção à sua Sombra.

O analista, cuja principal tarefa é a de ajudar o paciente a encontrar a sua Sombra, acompanhando-o até chegar a ela, deve aprender a se proteger contra as influências psíquicas destrutivas, tanto quanto um médico que trabalha num serviço de doenças infecciosas. Com efeito, a integração da Sombra confere uma espécie de autoridade e de peso invisíveis que as pessoas não ousam enfrentar, porque sentem obscuramente que estão correndo o risco de estar se medindo a alguém mais forte do que elas. Assim, certos professores não têm nenhuma necessidade de se impor dando socos na mesa ou distribuindo punições. As crianças os respeitam instintivamente. Sentem que sua Sombra crocodilo está próxima e à sua disposição e que, se forem muito longe, esse crocodilo as morderá ou atingirá com a cauda. Ao analisar alguns professores, observei muitas vezes que quanto mais eles adquiriam discernimento, penetração, conhecimento de si mesmos e de suas Sombras, mais ganhavam em maturidade, e mais o problema da autoridade se esvanecia. O autoconhecimento e a integração da Sombra tornam um ser concentrado e inviolável. Seu conhecimento do obscuro é seu escudo.

Retornando ao conto, devemos ressaltar que inicialmente Wassilissa deseja livrar-se da caveira, mesmo sem cogitar o que ela implica para a madrasta. De mais, ignora suas intenções assassinas, não age por vingança. O ressentimento por ter sido maltratada seria uma reação natural e compreensível; significaria, entretanto, que o Ego e a Sombra estariam implicados. Se tivesse pago o Mal com o Mal, ele se espalharia como um rastilho de pólvora. Ela ganha a caveira, o objeto destrutivo, mas não age por conta própria. É a caveira que age, como se a vingança estivesse seguindo seu curso natural, sem a participação de Wassilissa. Em linguagem concreta, é o que compreendemos na frase: "dar a alguém uma corda para se enforcar". Podemos, por exem-

Digitalizado com CamScanner

plo, lutar por uma posição que alguém muito ambicioso nos disputa. Combater essa pessoa só levaria a uma rivalidade de ambição a ambição; se porém renunciarmos à nossa própria sede de Poder, se nos retirarmos e deixarmos que o outro obtenha o posto, ou então se defendermos nossa posição sem paixão, a outra pessoa poderá cair em sua própria armadilha e, presa de sua avidez, vir a ficar embriagada por seu sucesso. Mas quando se trata de um amigo, nossa lealdade para com ele deve fazer com que tentemos mostrar-lhe o seu erro. Não sendo este o caso, o melhor é não fazer nada.

Levado pelo curso natural, o Mal acaba sempre se autodestruindo; é preciso deixar que a Natureza siga o seu curso. A Sombra do ser humano está geralmente ligada a uma certa cupidez no plano do sexo, do poder, ou de qualquer outra coisa. Uma Libido ávida assemelha-se ao fogo que se consome e autodestrói. Assim, no caso de Wassilissa, as meias-irmãs, que a haviam enviado à casa de Baba Yaga para que lá se fizesse devorar, sofrem o destino mesmo que haviam desejado à sua vítima. A caveira não figura a Sombra de Wassilissa, e sim a da madrasta e das meias-irmãs e, no final das contas, a de Baba Yaga, que delas se apodera, deixando Wassilissa sã e salva. Numa terça-feira de Carnaval, Jung compôs um belo poema sobre o dragão venenoso, cuja moral consiste em que não devemos nos inquietar demasiadamente com o aparecimento de um dragão, pois chega recordar-lhe o seu destino natural, que é o de se autodevorar. Ele dirá então: "Ah, é verdade!" e começará por morder a própria cauda, como o Ourobouros dos alquimistas... Mas para isso é preciso lembrar-lhe os seus deveres, isto é, dar-lhe um pouco de consciência. Não se trata portanto de deixar que a situação prossiga passivamente, mas de inocular-lhe um germen de Consciência, e depois retirar-se. Esclareça um pouco a situação e ela seguirá seu curso: o Mal destruirá o Mal.

O grão de vida consciente nas trevas é mais forte que todas as trevas reunidas, como afirma São João em seu prólogo sobre a luta entre a Luz e as Trevas. A realização do Mal pode apresentar um aspecto positivo e reforçar o desejo de viver. Se alguns sofrem de uma autêntica falta de vontade de viver devida a uma perda de vitalidade, à idade ou à doença, ou ainda se uma necessidade objetiva de retirar-se da vida a eles se impõe, em outros essa apatia, esse desgosto

Digitalizado com CamScanner

de viver é o resultado de estarem afastados das profundezas obscuras, e delas não terem consciência. Algumas vezes é como se esforçassem em ser demasiadamente bons e alimentassem ilusões sobre si mesmos. Se penetrarmos nas trevas destruidoras de nossa própria Natureza, se aceitarmos considerar esse desejo de morte, e o atravessarmos, após um certo tempo se seguirá uma reação contrária, e a vontade de viver renascerá: o intuito positivo irrompe da realização dos contrários. Viver exige o matar desde a manhã até a noite – comemos plantas e animais, e esse processo também faz parte do todo da Natureza. Descobriu-se que as plantas sofrem e reagem aos nossos afetos. Somos assassinos, não podemos viver sem matar, e mesmo quando somos vegetarianos não podemos mais conservar a ilusão de não termos parte na roda da destruição. Toda a vida natural está baseada no crime; trata-se, sem dúvida, de um pensamento terrível, mas, a não ser que tenhamos uma natureza excessivamente sensível, ele levará, paradoxalmente, à vontade de viver. O ter consciência da destruição está estreitamente ligado a esse desejo. O crime é viver e viver é um crime.

Posso ilustrar esse paradoxo através do sonho de uma paciente. A sonhadora tinha uma atitude religiosa por demais idealista, e sua Sombra se manifesta nela de maneira autônoma, sob a forma de bruscas explosões de afeto, ou, mais particularmente, sob a forma de idéias paranóicas. Via o mal em tudo e por toda a parte, emprestava a todos *arrière-pensées*; em geral as acusações não se baseavam em nada; além disso, era uma consumada mentirosa. *Sonhou que estava fazendo uma peregrinação. De repente, viu, numa casa à sua esquerda, uma velha mulher decrépita e um gato doente, e ouviu uma voz que falava: "É o medo existencial" (Seinsangst). Apavorada, perguntou a uma outra mulher, em idade madura: "Seria verdade que são sobretudo as pessoas que sofrem de medo existencial e nervosismo que gostam de gatos?" A mulher madura, símbolo da sabedoria da Natureza, respondeu: "Sim". Depois a senhora brigou por uma soma ínfima com uma figura que encarnava a sua Sombra emotiva. Esta ficou encolerizada, o que deixou a sonhadora absolutamente aterrorizada, sem saber o que fazer. As duas foram então à casa da mulher madura, que olhou para uma e outra e disse que as duas tinham razão.*

Por detrás da atitude espiritualista da sonhadora, simbolizada pelo local de peregrinação, essa mulher sofria

Digitalizado com CamScanner

efetivamente de medo existencial – o que é provavelmente um dos problemas fundamentais nos casos de privação de amor materno durante a infância. Esse medo corresponde a um profundo sentimento de insegurança e a um nervosismo face à vida que, num certo sentido, seriam compensados pelo gato, animal muito autônomo que sabe procurar o seu conforto, adaptar-se e cuidar de si mesmo. Podemos pensar no simbolismo da Deusa gata egípcia Bastet para ver que, na Mitologia, o gato simboliza a alegria de viver, o contentamento; o contrário, portanto, do medo existencial. Um gato entra em nosso quarto quando está com fome ou deseja receber e fazer carícias; mia e obtém o que deseja. O cão reage à nossa maneira: demonstra gratidão e submissão, enquanto que o gato se conduz como um Príncipe que nos honra ao nos conceder o privilégio de servi-lo, de dar-lhe leite para beber, após o que se esfrega em nossas pernas, concedendo-nos o privilégio de acariciá-lo. E isto de maneira tão sugestiva que, naturalmente, nos abaixamos e, com humildade, obedecemos, sentindo-nos muito lisonjeados. Quando está satisfeito, vai embora cuidar de suas próprias ocupações. O cão nos serve, enquanto que o gato, se não tomarmos cuidado, nos faz servi-lo ... Por isso é um excelente educador: não permite intimidade estúpida ou poder em relação a ele, reagindo com as unhas ou com a fuga a toda tentativa de posse de nossa parte. É esta a razão de ser um animal divino e a justa compensação ao medo existencial. Os que sofrem deste medo deveriam pensar que estão honrando os outros com sua simples entrada num cômodo! Deviam tomar o gato como modelo para sentir-se em segurança e aprender o que toda pessoa que tem um Complexo materno negativo deve saber: cuidar de si mesmo com a despreocupação da Natureza. Um animal não fica a se lamentar sobre tudo de maneira infantil, mas considera as situações exatamente como lhe convém. Se servem do homem, dos animais e de tudo o mais para satisfazer às suas necessidades: é esta a solução para esse medo. A senhora está enfeitiçada pelo medo; deveria portanto amar os gatos e meditar sobre seu comportamento e sua significação.

Quando uma pessoa é demasiadamente sensível, fica assustada com muita facilidade e diz, por exemplo: "Não posso suportar que os outros se aborreçam e gritem comi-

Digitalizado com CamScanner

go", podemos estar certos de que, do lado da Sombra, ela mesma é terrivelmente agressiva. E vice-versa: as pessoas que explodem e atacam por um nada, freqüentemente não passam de covardes que reagem assim por medo. Quando se sentir agressivo, verifique em você mesmo: verá que, na realidade, está com medo. Os animais atacam também quando estão com medo; nunca se deveria tocar bruscamente num cão que está assustado e inquieto. Os guardiões dos zoológicos que cuidam das feras conhecem a arte de não assustar os animais. Nós reagimos da mesma forma. Alguém que sofre de medo existencial num grau mórbido, se revelará perigoso, agressivo e emotivo; aí está a raiz dos estados paranóicos.

A sábia mulher do sonho dava razão às duas atitudes encarnadas pela sonhadora e sua Sombra. Seu julgamento indica a solução. Essa mulher madura representa o Self, que une os opostos, equilibrando entre si o medo e a agressividade. Mostra também que o problema não pode ser resolvido pela razão pura, mas deve ser amadurecido e ultrapassado. É um desses problemas que devemos deixar que evolua lentamente, emocionalmente, sem procurar assimilá-lo intelectualmente. É necessário um longo treinamento para aprender a ser menos amedrontado por um lado, menos agressivo por outro, para examinar seu próprio medo, procurando readquirir confiança e segurança, tentando pôr um freio na agressividade até que, lentamente, esses elementos venham a se contrabalançar e transcender o conflito. Entre as mulheres em particular, o Complexo mãe negativo engendra com freqüência a falta de segurança, sentimento no entanto fundamental e vital. Esta é a base da inadaptação à vida, e de todo tipo de poderes destrutivos. Ao integrarmos esse problema emocional, adquirimos calma e autoridade.

Esse tema é largamente amplificado na obra de Eliade, já citada, sobre o Xamanismo. Numa passagem do livro, ele qualifica certos Xamãs de "quentes". Sabemos que em todo o mundo os ferreiros são considerados os primeiros Homens-medicina e mágicos, porque o Homem-medicina é aquele que integrou seus próprios elementos demoníacos e perigosos – o que constitui o segredo de seu saber. O Mal integrado lhe confere autoridade sobre a sua tribo, bem como sobre suas compulsões.

Digitalizado com CamScanner

O problema inteiro é maravilhosamente ilustrado por um conto irlandês, que trata principalmente (mas não unicamente) de Psicologia masculina:

Num país do outro mundo, o rei mata todos os pretendentes de sua filha, provocando-os para uma competição mágica. Ele diz: "Você deve se esconder 3 vezes, e eu devo encontrá-lo. Depois serei eu que me esconderei 3 vezes e você deverá me encontrar. Aquele que nas 3 vezes encontrar o outro, o decapitará". A filha do rei ficou pois solteira por muito tempo. Um herói chega enfim ao país, montado num cavalo dotado de fala, que lhe aconselha a participar da competição porque terá a sua ajuda. O rei consulta seu mágico negro, que lhe diz onde se dissimular, mas todas as vezes o cavalinho revela ao herói o esconderijo do rei. Cabe depois ao rei encontrá-lo. Aconselhado pelo cavalo, o herói se esconde num dente furado deste, entre os pelos de sua cauda, e depois no seu casco. O rei interroga o mágico negro, que em vão consulta todos os seus livros. Então o herói decapita o rei e desposa a princesa.

O fator decisivo é que o animal (o Instinto) se revela mais forte que a magia negra e que o livro do conhecimento. O mágico possui o conhecimento absoluto, mas ele lhe vem de um livro, é codificado, ao passo que o herói beneficia da sabedoria viva do cavalo. É essa a diferença entre esses dois poderes rivais. Jung chegou a afirmar que a bondade que vai além, e de encontro ao Instinto não é boa, e que a iniquidade anti-instintiva não pode ter sucesso. Quando tentamos ser melhores do que nossos instintos permitem e os violentamos demais, perdemos nosso equilíbrio interior e deixados de ser bons. Só podemos nos limitar ao mal necessário à sobrevivência quando seguimos nosso instintos. Praticar mais mal do que o admitido pelos instintos significa autodestruição. Se o Instinto, o animal em mim, for são, será o juiz de última instância, dosando minhas boas e más intenções. Os nazistas pensavam que pelo Mal podiam ganhar a guerra, mas como este era absolutamente contra a Natureza, não podia durar nem construir nada de durável. Está fora de dúvida que, ao transgredirem a medida do Instinto, perderam o controle do Mal que haviam posto em movimento *contra naturam*, e não puderam mais fazê-lo parar até que eles próprios foram destruídos. É a lei do dragão que devora a si próprio. O mesmo ocorre com a bondade que, baseada no programa consciente de um saber

Digitalizado com CamScanner

livresco ou espiritualista, se exaspera e se afasta da natureza interior e do Instinto, tornando-se assim destrutiva.

Tchuang-Tseu conta a célebre parábola intitulada "Quebrar e abrir as Caixas":

Para impedir que as caixas – estojos de jóias, arcas com roupas de seda, tesouros – sejam abertas, o bom senso exige que se ponha cordas em torno dos cofres, e ainda um grande número de fechaduras. Mas se aparecer um ladrão muito forte, ele sairá com o cofre nas costas, esperando que fechaduras e cordas aguentem bem, e que o conteúdo não se espalhe pelo chão. Tchuang-Tseu descreve em seguida uma região onde os camponeses viviam harmoniosamente, e tudo estava em ordem. (As cordas e as fechaduras simbolizam aqui a moralidade, a boa conduta). *O país prosperava. Ora, um bandido tomou posse do país e ordenou que todo o mundo continuasse a trabalhar e a se comportar corretamente. Foi, a partir de então, um bandido que impôs a moral, porque era de seu interesse que o país continuasse a prosperar. Os países vizinhos, grandes ou pequenos, não ousavam atacá-lo e assim, durante doze gerações, o país ficou nas mãos de seus descendentes.* (Vemos que bandidos e ladrões podem se mostrar muito interessados pela boa conduta!) Outra passagem vai mais além: *Quando alguém perguntou a Tchuang-Tseu se os bandidos tinham um senso moral, ele respondeu: "Sim, naturalmente, de outra forma não poderiam ser bandidos. Um bandido precisa saber intuitivamente onde buscar os tesouros – é a sua grandeza; precisa ser o primeiro a avançar – é a sua coragem; precisa saber se um golpe é ou não possível – é a sua sabedoria; enfim, deve proceder à justa partilha do despojo, o que prova a sua justiça. É portanto absolutamente impossível ser um bom bandido sem ter grandes qualidades morais. Vocês estão vendo que, da mesma forma que os outros seres humanos, os bandidos necessitam de uma ética para sobreviverem. Existem poucos seres humanos bons na terra, e muitos são os maus, de sorte que os moralistas trazem mais problemas ao mundo do que o auxiliam*[4]."

4. Cf. B. Watson, *Chuang-Tsi*, ed. completa, Columbia University Press, 1968, Livro X.

Digitalizado com CamScanner

De fato o sábio taoísta tenta demonstrar que a bondade que necessita de um esforço artificial não é bondade, e pode muito bem servir aos desígnios de um bandido. Além disso, um bandido pode mostrar-se, por natureza, bem intencionado e ser um bom traste. Ser verdadeiro, autêntico e fiel à sua natureza é mais importante do que ser moral ou imoral artificialmente. Seremos mais prejudiciais se formos artificiais, de uma forma ou de outra, do que se formos simplesmente, instintivamente, de maneira sã nós mesmos. Neste caso, também causamos alguns danos – viver é matar –, mas o prejuízo causado é relativamente pequeno. Por isso Tchuang-Tseu censura os moralistas por afastarem o homem de sua bondade natural, essa bondade que significa simplesmente ser e sobreviver causando o mínimo de prejuízo.

Retornaremos agora à boneca que simboliza essa justeza interior, sendo ainda um fetiche de poderes sobrenaturais. Outros contos fornecem símbolos de redenção similares. Citarei brevemente um conto austríaco intitulado *Os Gatinhos Brancos:*

Uma menina está sob a tutela de uma madrasta má que enfeitiçou o rei do país e o transformou em um corvo negro, aprisionando-o em uma montanha situada além de um lago gelado. A menina salva de afogamento 4 gatinhos, cuida deles e, um dia, eles reaparecem numa carruagem dourada; levando a menina, atravessam o lago gelado na direção do corvo, que ela abraça e resgata, tornando-se rainha.

Neste caso, a ajuda não é dada por uma boneca, mas por uma carruagem dourada dirigida por 4 gatinhos brancos. Podemos, entretanto, estabelecer um paralelo entre a carruagem e a boneca. Trata-se de um símbolo fraterno que transporta a heroína até o fim, conduzindo-a até a sua vida verdadeira, fazendo dela uma rainha. Vemos aqui a que ponto a atitude justa está ligada ao Instinto, e como o gato, ainda que muitas vezes considerado imoral, é apresentado como absolutamente positivo. A carruagem conduzida pelos 4 gatos simboliza naturalmente a totalidade, a conformação quaternária da Consciência. O Instinto do qual somos conscientes é inteiramente oposto ao Instinto que nos conduz inconscientemente. Assim, uma atitude equilibrada se restabelece, compensando a atitude consciente habitual do Ego.

Digitalizado com CamScanner

Abordando mais uma vez a história de *Wassilissa*, depois que ela se livra da madrasta e das duas meias-irmãs, vai para a cidade, encontra uma velha mulher solitária e vai morar com ela. Em sua casa fia o magnífico tecido que chama a atenção do rei. Por intermédio da velha mulher, o rei lhe pede que faça algumas camisas. Logo depois apaixona-se pela jovem, que se torna rainha. Por fim ela faz com que a velha mulher e o pai venham para a corte e, a partir de então, os 4 passam a viver unidos: o pai, a mulher (que, evidentemente, é uma mãe positiva, substituta da que faleceu no início da história), o rei e ela mesma, tornada rainha. Tudo termina por uma quaternidade característica, um símbolo quaternário de totalidade. Do ponto de vista simbólico, trata-se de uma das variantes mais completas. O conto opera por muitos vai-e-vem: de início, a menina tem uma mãe; esta falece e a criança cai nas mãos de uma madrasta completamente destrutiva. Vai depois para a casa de Baba Yaga que, ainda que destrutiva, não o é em relação a ela. Essa figura arquetípica já contém pois, de certa forma, um equilíbrio de branco e negro: Baba Yaga só é destrutiva em relação ao Mal, e não ao Bem, e respeita Wassilissa. Em seguida a história se direciona novamente para uma figura materna benfazeja – a velha mulher solitária da cidade – que representa, a partir de então, o papel de mãe positiva. O que distingue esta mulher são suas qualidades humanas. Nada nos é dito a seu respeito, ela nem mesmo possui um nome ou dons mágicos, como a mãe biológica. A mãe verdadeira não devia ser uma pessoa comum, pois possuía uma boneca mágica. A madrasta era totalmente humana, mas destrutiva. Baba Yaga, com todas as características de uma Deusa, tem suas qualidades ambivalentes. O último estágio de transformação restabelece uma humanidade simples e positiva.

Um elemento primordial do Processo de Individuação da mulher é a integração do Animus. Vimos que a mulher traída e abandonada, como a Deusa esquimó Sedna, torna-se geralmente amarga e negativa. Os Árabes acrescentam: "Nunca se aproxime de uma mulher que vive sozinha nos confins do deserto, esta mulher está possuída pelos Djinns". Com efeito, quando as mulheres vivem por muito tempo sozinhas, sem contacto com os homens, geralmente caem nas mãos do Animus. É muito complexo suportar a solidão sem se deixar submergir pelo Inconsciente e,

Digitalizado com CamScanner

seqüentemente, em se tratando de uma mulher, pelo Animus. Se no conto de Wassilissa a mulher da cidade consegue viver sozinha sem sucumbir ao seu Animus, deve possuir grandes qualidades humanas e ter atingido um alto grau de Consciência.

A necessidade de criar laços com os outros é da mais alta importância, pois corresponde à essência da natureza feminina. Mas a necessidade, levada muito longe, se torna negativa, transforma-se numa necessidade de dependência, de se agarrar aos outros, situação que os homens mais temem numa mulher. É um grande mal que pode destruir o laço que elas conseguem tão bem criar. Quando o Eros da mulher, que constitui um autêntico interesse pelo outro, um desejo de estabelecer a relação, uma disponibilidade, torna-se demasiadamente dependente e tem necessidade do outro, está descendo um degrau na direção de seu aspecto devorador. Quando temos interesse pelas relações humanas, também sentimos muita dificuldade em encontrar um justo equilíbrio. Quando alguém que apreciamos fica doente, nossa primeira reação é a de lhe telefonar para saber como está; se, entretanto, o fazemos insistentemente, o amigo terá a impressão de que estamos querendo cercá-lo de cuidados maternos, tornando-o dependente. Quando não fazemos nada, nos afastamos dos outros; quando fazemos alguma coisa, corremos o risco de que o outro pense que o estamos dominando; sendo assim, muito tato se faz necessário. Aí está a diferença entre uma solidão positiva, isto é, independente, e a solidão da mulher ou da mãe devoradora. Essa mulher solitária tem um papel positivo, representando a arte de viver de forma independente, qualidade que as mulheres têm muita dificuldade em adquirir, pois implica a atenção em relação a si mesmo, ligada à observação dos impulsos da Sombra. É o símbolo dessa mulher solitária que, numa total ausência de egoísmo, torna-se agora o intermediário entre Wassilissa e o rei, ao chamar a sua atenção para a jovem que tece tão belos tecidos.

Gostaria ainda de estudar brevemente o simbolismo das belas camisas de seda. Podemos compará-las às camisas do conto dos *Seis Cisnes*, em que a jovem confecciona camisas de flores estreladas para resgatar os irmãos. Aqui o rei não precisa ser resgatado, mas por intermédio das camisas a jovem entra em contacto com ele e conquista seu

Digitalizado com CamScanner

amor. O conto diz que o fio é tão maravilhosamente fino e o tecido tão delicado que as camisas só podem ser feitas por aquela que produziu esses materiais. Transposto para o domínio da Psicologia e da prática, qual a significação do fato de que o Princípio consciente regulador, graças ao trabalho da heroína, use, a partir de então, as camisas mais macias e finas do reino? Direi que elas lhe conferem uma certa delicadeza; sua atitude, de grosseira e rude, torna-se sutil e nuançada. Costuma-se falar que "a camisa está mais próxima da pele do que o casaco". Um rei assim não reinará na base de regulamentos. Não fará discursos indigestos, preparados por seu primeiro ministro, mas se revelará capaz de captar, muito sutilmente, o caráter particular de uma situação. É o que a Anima diferenciada concede ao homem, e o Sentimento consciente à mulher – a possibilidade de viver de forma perfeitamente adequada os momentos da vida, o que constitui algo muito misterioso e sutil. A atitude íntima que permite considerar as coisas exatamente como elas são, em lugar de julgá-las categoricamente, a justeza do sentimento. Aqui, o papel positivo do Princípio feminino não consiste em dominar, e sim em dar ao Princípio regulador toda a sutileza necessária. Eis no que a mulher pode trabalhar; ela não precisa nem se impulsionar artificialmente para a frente nem usar maravilhosas vestimentas; só as confeccione para o rei que, ao usá-las, será um bom rei. Considerado simbolicamente, será um rei que pode se adaptar a uma situação, vê-la do interior e senti-la para além de toda reação coletiva e geral.

Se a heroína do conto simboliza mais a mulher do que a Anima, isso significa que ela confere uma certa sutileza a seu Animus. Este costuma estar freqüentemente um pouco afastado do sujeito porque lhe faltam nuanças, o que é bastante irritante para outrem. Ele tende a emitir julgamentos estereotipados sem preocupar-se com o contexto. Suponhamos que um marido esteja flertando com outra mulher; a esposa, em lugar de escutar seus próprios sentimentos, se vangloriará de com ele formar um casal moderno, em que ambos reivindicam liberdade – fechará portanto os olhos para o que está ocorrendo. Ora, ela pode estar se enganando completamente ao recalcar sua reação emotiva. Pode também ocorrer – encontrei casos assim – que o marido espere que faça uma cena de ciúmes para mostrar que o ama. Ou, inversamente, o Animus pode lhe soprar que uma mulher

Digitalizado com CamScanner

deve defender os seus direitos, e ela armará uma cena. Tanto em caso como em outro, estará certamente se enganando se estiver seguindo uma receita, pois ambas as possibilidades só são justas pela metade. Além disso, se estiver dominada pela sua Sombra, o Animus sempre encontrará argumentos que justifiquem tudo o que tiver vontade de fazer. Assim, a mulher despeitada justificará sua cena dizendo a si mesma que uma mulher precisa saber se defender, quando de fato está simplesmente com ciúmes; já a "liberal", talvez se recuse a reconhecer seus verdadeiros sentimentos e certamente acumulará o rancor que não se permite manifestar. O Animus da mulher se expõe a grandes riscos agindo dessa forma, porque assim estará desposando a Sombra. A Sombra quer "fazer alguma coisa", "possuir", e o Animus se apressará em fornecer a justificativa racionalizante dessa atitude; Animus e Sombra se aliam num casamento conhecido, sendo os desejos da Sombra sustentados pelas opiniões coletivas estereotipadas que o Animus sopra no ouvido da mulher em todas as circunstâncias, e aí tudo vai mal!

Inversamente, dar sutileza ao Animus significa torná-lo capaz de encontrar uma solução adaptada a cada situação, e de saber instintivamente o que é justo *em determinado caso particular*. Estar casada com um rei que usa tão belas camisas fiadas, tecidas e confeccionadas pelo hábil trabalho de suas próprias mãos, indicaria que se possui um julgamento pleno de discernimento e sabedoria. Adquiri-lo é uma das mais altas e importantes tarefas no Processo de Individuação da mulher. Essa sabedoria sutil e justa, esse discernimento em relação às situações e nos seres é uma das mais preciosas qualidades da mulher realizada.

Digitalizado com CamScanner

CONCLUSÃO

Estas páginas procuraram ilustrar a forma como o Princípio feminino se reflete nos Contos de Fadas. Elas não pretendem trazer uma resposta às múltiplas questões que se impõem às mulheres de hoje, mas, através de um melhor conhecimento de seus fundamentos psicológicos, auxiliá-las em seus posicionamentos.

Vimos que o papel preponderante atribuído às feiticeiras nos Contos traduz a recusa, em nossas sociedades, do Princípio feminino, tornado assim negativo. Guardiã do limiar, a feiticeira encarna o medo da vida e de seu mistério, o temor do Inconsciente, que é preciso consentir em afrontar para poder entrar na aventura interior.

O objetivo último proposto pelos Contos corresponde ao que Jung denominou Individuação, a realização da totalidade psíquica, união de dois princípios, o Masculino e o Feminino. Essa união aparece, entre outras, na imagem da união do Rei e da Rainha que conclui muitos contos, e mesmo no casamento quaternário esboçado em *Wassilissa* pela presença na corte do pai e da velha e sábia mulher. Sabemos que, para Jung, o caminho para o Inconsciente e a realização passa, no homem, pela Anima/mulher e, na mulher, pelo Animus/homem, para chegar à realização do Self, que se situa para além dos pares de opostos, no Uno, representado entre os alquimistas pelo casamento do rei Sol e da rainha Lua, com seu fruto, o Hermafrodita.

Digitalizado com CamScanner

Nessa perspectiva, a luta de Poder entre os sexos não tem mais sentido, visto que os Princípios masculino e feminino estão ambos presentes em cada indivíduo, que deve trabalhar inicialmente para harmonizá-los em si mesmo. Esse fato tem ainda maior importância na hora atual em que, com os modelos tradicionais de virilidade e feminilidade em dissolução, podemos observar em muitos jovens uma profunda perturbação. Esta atinge tanto os rapazes quanto as moças: a recente evolução das mulheres e sua auto-afirmação tornam muitas vezes difícil para os homens situar-se em relação a elas e à vida. Homens e mulheres não poderão reencontrar sua natureza profunda senão no reconhecimento e no respeito de sua complementaridade.

Germens de mudança na atitude coletiva aparecem na forma do crescente interesse em relação ao irracional, ao Inconsciente, ao aspecto Eros próprio ao Princípio feminino. Os temas que vemos se desenvolverem nesse sentido são, entre outros, os da Ecologia e do retorno à Natureza, mas, sobretudo o da experiência imediata vivida sem referências às grades de avaliação preexistentes. Evidentemente constituem apenas indícios, esboços de transformação. Seu valor e alcance dependerão da circunstância de virem a ser ou não integrados, de não serem mantidos no estágio de veleidades, de reações inconscientes, que seriam então, por sua vez, unilaterais. Todo indivíduo – homem e mulher – que trabalha para produzir em si mesmo a união do Princípio feminino com o Princípio masculino, contribui com a sua pedra para a construção de uma Nova Ordem.

Digitalizado com CamScanner

MARIE-LOUISE VON FRANZ

O FEMININO NOS CONTOS DE FADAS

COLEÇÃO PSICOLOGIA ANALÍTICA

"A luta de Poder entre os sexos não tem mais sentido, visto que os Princípios masculino e feminino estão ambos presentes em cada indivíduo, que deve trabalhar inicialmente para harmonizá-los em si mesmo. Esse fato tem ainda maior importância na hora atual em que, com os modelos tradicionais de virilidade e feminilidade em dissolução, podemos observar em muitos jovens uma profunda perturbação. Esta atinge tanto os rapazes quanto as moças: a recente evolução das mulheres e sua auto-afirmação tornam muitas vezes difícil para os homens situar-se em relação a elas e à vida. Homens e mulheres não poderão reencontrar sua natureza profunda senão no reconhecimento e no respeito de sua complementaridade".

COLEÇÃO PSICOLOGIA ANALÍTICA

www.vozes.com.br

VOZES
Uma vida pelo bom livro

ISBN 85.326.1425-6
9 788532 614254

Digitalizado com CamScanner